

OBRAS COMPLETAS DE

OSWALDO DE ANDRADE

OS  
CONDENADOS



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA



3ª EDIÇÃO

## RE-VISÃO DE OSWALD DE ANDRADE

Com a trilogia *Os Condenados* — integrada pelos romances *Alma*, *A Estrela de Absinto* e *A Escada* — inicia esta Editora a publicação das Obras Completas de Oswald de Andrade. Este é, sem dúvida, o mais controvertido escritor brasileiro do Modernismo aos nossos dias: de um lado encontra críticos até veementes de suas realizações artísticas, e, de outro, alinham-se os que o admiram com entusiasmo, notadamente pelas inovações estéticas que instaurou em nossa literatura.

O fato é que, depois de atravessar largo tempo esquecido e mesmo negado, Oswald de Andrade, aos poucos, foi sendo redescoberto pelos nossos estudiosos, que ressaltaram sua atuação decisiva no processo do movimento modernista, que propuseram a revisão dos seus roteiros estéticos e de suas criativas pesquisas formais, que acentuaram aspectos pioneiros e inventivos de sua vasta produção como romancista, poeta, teatrólogo, polemista, estudioso de temas filosóficos, memorialista e crítico literário e de arte.

É justo recordar-se a esse propósito o papel revalorativo da obra e presença oswaldianas desempenhado pelos trabalhos de Antônio Cândido, Mário da Silva Brito, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, entre outros, e, ainda, a encenação da peça *O Rei da Vela*, pelo Grupo *Oficina*, que o pôs em plena evidência, tornando-o autor *up-to-date*.

Agora objeto de abordagens exegeticas de moderna técnica e informação, Oswald de Andrade deixou a crítica perplexa quando, em 1922, publicou o seu primeiro romance. Mas intelectuais da estirpe de Tristão de Athayde, Nestor Victor, Monteiro Lobato, Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, para citar alguns, souberam distinguir logo os méritos e os defeitos do estreante. Maiores, todavia, eram as virtudes do que os equívocos do romancista da década de vinte: des-



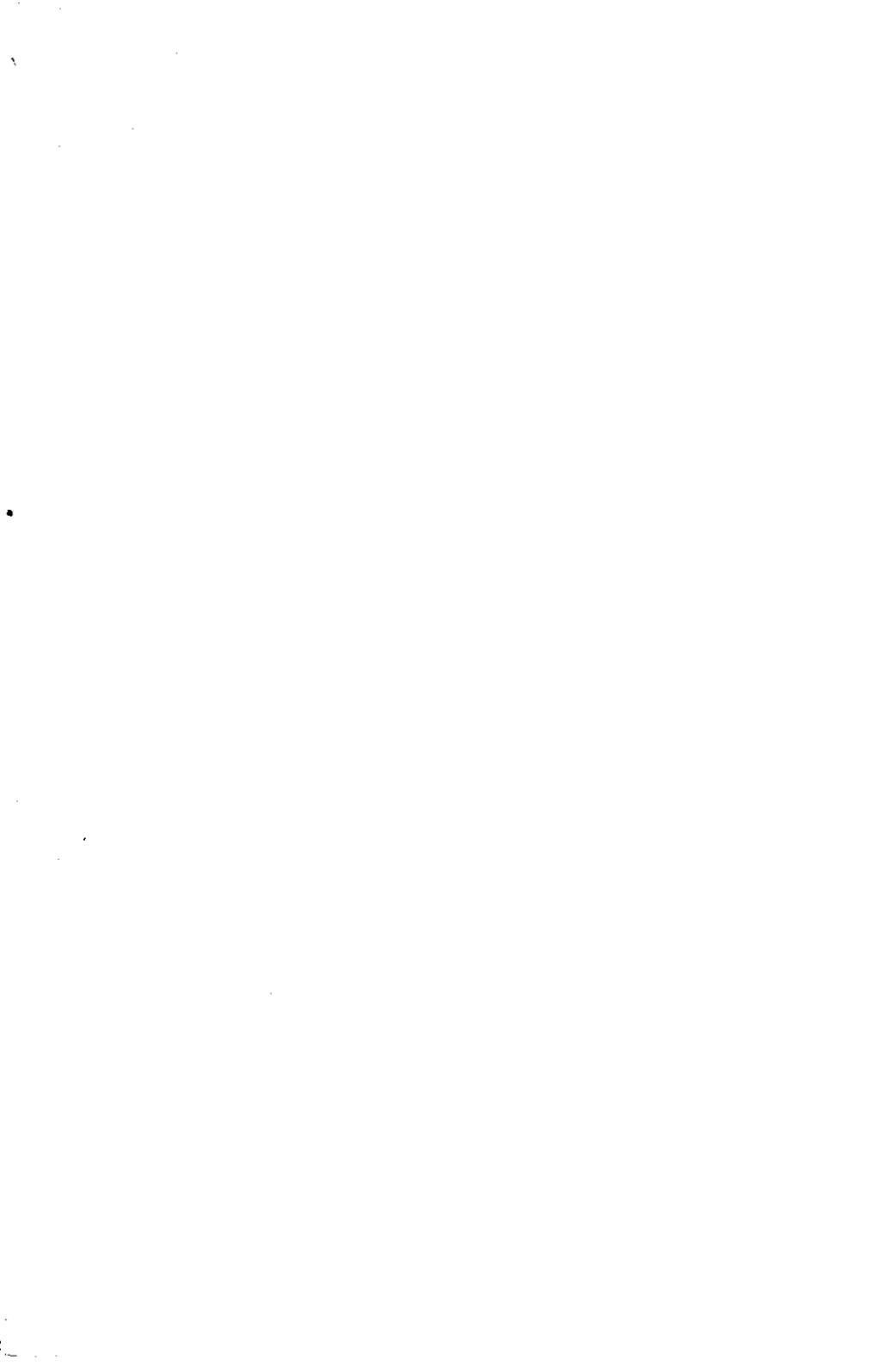
# Os Condenados

Coleção  
VERA CRUZ  
(*Literatura Brasileira*)  
Volume 147



## Obras Completas de Oswald de Andrade

1. OS CONDENADOS (*Alma / A Estréla de Absinto / A Escada.*) — Romances.
2. MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR / SERAFIM PONTE GRANDE — Romances.
3. MARCO ZERO: I — *A Revolução Melancólica* — Romance.
4. MARCO ZERO: II — *Chão* — Romance.
5. PONTA DE LANÇA — Polêmica.
6. DO PAU-BRASIL À ANTROPOFAGIA E ÀS UTOPIAS (*Manifesto da Poesia Pau-Brasil/. Manifesto Antropófago /. Meu Testamento/ A Arcádia e a Inconfidência/. A Crise da Filosofia Messiânica/. Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial/. A Marcha das Utopias*) — Manifestos, teses de concursos e ensaios.
7. POESIAS REUNIDAS: O. ANDRADE (*Pau-Brasil/. Caderno do Aluno de Poesia/. O Santeiro do Manguê e outras*) — Poesias.
8. TEATRO (*A Morta / O Rei da Vela / O Homem e o Cavalo*) — Teatro.
9. UM HOMEM SEM PROFISSÃO: *Sob as Ordens de Mamãe* — Memórias e Confissões.
10. TELEFONEMAS — Crônicas e polêmica.
11. ESPARSOS



A memória de meus pais  
consagro.



**Aos olhos que choram, às esperanças  
castigadas, aos lutos obscuros.**



# Sumário

O aluno de romance Oswald de Andrade — <i>Mário da Silva Brito</i>		XV
I — Alma		1
II — A estréla de absinto		105
III — A escada		221



O Aluno de Romance  
Oswald de Andrade

MÁRIO DA SILVA BRITO

## CIRANDA DE DATAS

Realizada a Semana de Arte Moderna como coroamento de longo processo polêmico para a instauração do Modernismo entre nós, dois livros perturbadores aparecem em 1922: um, *Paulicéia Desvairada*, poesias de Mário de Andrade; outro, *Os Condenados*, prosa de Oswald de Andrade. Este romance é o primeiro volume da *Trilogia do Exílio*, a ser completada pelos tomos *A Estrêla de Absinto* e *A Escada de Jacó*. Publicando *A Estrêla de Absinto*, em 1927, o autor dá nova denominação ao tríptico. Chama-o agora *Os Romances do Exílio*, e *A Escada de Jacó* é anunciada simplesmente como *A Escada*, obra que edita, no entanto, em 1934, sob o nome de *A Escada Vermelha*. Nessa data, Oswald já era marxista e o colorido adjetivo vale como uma tomada de posição ideológica.

Em 1941, Oswald relança êsses três livros num só volume, com o título genérico de *Os Condenados*, e ao que tinha primitivamente essa denominação, passa a chamar agora de *Alma*, mantendo o nome de *A Estrêla de Absinto* e retirando de *A Escada* o qualificativo da primeira edição. Em nota final, faz uma advertência: a de que tôda a obra fôra escrita de 1917 a 1921, "e publicada em três volumes, espaçadamente, sob o título *A Trilogia do Exílio*. Reedita-se hoje na sua forma literária

primitiva”, sem esclarecer, porém, que fizera algumas breves modificações no texto, retirara citações e dedicatórias apostas nas edições anteriores. Idêntico aviso fizera em *A Estrêla de Absinto*, quando informa, na página de rosto, que o livro “foi escrito em São Paulo, de 1917 a 1921. Refundido várias vèzes é dado à publicação em 1927, mas na forma primitiva”. Tanto a primeira edição de *Os Condenados* quanto a de *A Estrêla de Absinto*, trazem em suas últimas páginas a invocação *Lavs Deo*, indicativa do espírito religioso do escritor àquele tempo, invocação suprimida na edição de 1941, lançada pela *Livraria do Globo*, de Pôrto Alegre.

O presente lançamento da *Civilização Brasileira* é calcado na edição de 1941, feita em vida do autor e por êle revista, tendo admitido as normas de editoração mais modernas seguidas por aquela emprêsa sulina: por exemplo, as palavras ou frases em língua estrangeira estão grifadas, coisa que não ocorria nas tiragens *princeps*, feitas quando a indústria editorial entre nós ainda dava seus primeiros e heróicos passos, época em que os originais dos escritores eram encaminhados às gráficas sem o devido preparo técnico. Oswald submeteu-se às regras seguidas pelos editôres gaúchos, e assim o fêz também com outros trabalhos seus, aparecidos posteriormente, por intermédio de outras emprêsas, em etapas mais recentes, aceitando a metodização editorial por elas adotadas.

#### UMA COEXISTÊNCIA DE RUMOS

No espaço que vai de 1922 a 1934, ou seja, da estrêia de Oswald com *Os Condenados* — a *Alma* de agora — até o aparecimento de *A Escada Vermelha*, outros livros dêle surgiram, mas cujo roteiro estético discrepa da *Trilogia do Exílio*, pois revolucionam a concepção de romance e poesia até então em vigor, radicalizam as conquistas da “liberdade de criação artística” propugnadas pelo Modernismo. São êles: *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924), *Pau-Brasil* (1925), *Primeiro*

*Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade* (1927) e *Serafim Ponte-Grande* (1933).

Assim, no conjunto da obra oswaldiana, aparecida nesses doze anos, há duas direções, dois rumos, dúplice inventiva: a que caracteriza os recursos estilísticos e estéticos da *Trilogia do Exílio*, e a que, em prosa e em poesia, marca a sua visão de extremada *avant-garde* e lhe confere lugar à parte no quadro das letras nacionais e mesmo do Modernismo. São diretrizes que coexistem no espaço e no tempo, mas brigam entre si, se opõem uma à outra, contradizem-se em vários pontos e aspectos. Mas, saindo da mesma pena, da mesma inteligência inquieta e criativa, guardam entre si, no fundo, um parentesco subterrâneo, se assim se pode dizer, uma área comum de crítica e análise da vida e do mundo. Já se disse que o grande escritor escreve sempre o mesmo livro sob forma e tessitura diferentes, pois sendo sua temática fruto de uma dada cosmovisão, difere na aparência para assemelhar-se na essência. A Oswald de Andrade essa afirmativa pode ser pertinentemente aplicada, pela constância com que aborda determinados assuntos, fixa situações, retrata caracteres, surpreende, apreende e compreende o universo e os homens.

A intermitência na publicação da *Trilogia do Exílio* — essa demora de cerca de um decênio para a sua entrega total ao público — decorre de vários fatores, uns exteriores, outros mais profundos, tais como, sua ausência do Brasil e conseqüente estágio europeu, em Paris principalmente, quando descortina outros meridianos artísticos que vão informar e enformar-lhe a obra de vanguarda; sua atribulada vida sentimental; seus negócios quase sempre difíceis e atabalhoados; sua preocupação em rever e refundir o texto do que redigia — (“um romance não se faz sem um longo recolhimento ou sem uma vocação excepcional e irrevogável”, pensava êle); — a atividade polêmica que exerceu; as reviravoltas econômicas por que passou; a militância política que empreendeu; o seu temperamento perdulário e dispersivo, e o gosto de viver o próprio romance de sua vida.

## SENTIMENTO DO NÓVO

A *Trilogia do Exílio* hoje já está devidamente situada no panorama da literatura brasileira e sobre ela há juízo de valor fixado por modernos exegetas. Mas quando do aparecimento do seu primeiro volume, a crítica tradicional — ou os que emitiam opiniões sobre livros pelos jornais e revistas — ficou perplexa, aturdida mesmo. Praticamente só a compreenderam os companheiros de geração e uns poucos espíritos mais abertos, entre os representantes da intelectualidade detentora do poder literário e cultural.

Uma preocupação inicial dela foi assinalar as influências estrangeiras exercidas sobre Oswald — prática habitual na época. Assim, a êsse propósito, são lembrados destrambelhada e contraditoriamente os nomes de Zola, Mirbeau, Abel Botelho, Dostoiévski, Romain Rolland, Wilde, Poe, Paulo Barreto, d'Annunzio, Charles Louis Philippe, Tolstói, Tchekov e Bounin, para citar alguns.

Outro ponto que a impressiona é o do estilo e da estrutura do romance. Sente que está diante de algo nôvo, que destrilha da literatura em curso. Há quem o veja como expressão de ultrafuturismo ou o distinga por aplicar “todos os processos estéticos modernos”. Carlos Drummond de Andrade, num jornal de Minas Gerais, encara-o como “um romance atual, muito quente, muito febril, que destoa das obras até aqui aparecidas, em vista do estilo e da emoção, dois contingentes pessoais”, reparando, ainda, que “livre das imperfeições que o maculam” . . . “é um grito de novidade que devemos escutar”. Um cronista destaca-lhe as “qualidades curiosas de estilo, um estilo pessoal e nôvo”, e na *Gazeta de Notícias* um colunista exalta a novela por estar “moldada em roupagens completamente diferentes daquelas em que vemos vestir-se a idéia”, observando que nela “há maneiras novas de dizer, linhas ainda não utilizadas na arte de arquitetar o enredo”. Para Cândido Motta Filho, Oswald é um “criador de estilo, portanto, de uma arte própria”. Monteiro Lobato realça-lhe o processo cinematográfico e aponta-lhe uma “série de quadros à Griffith”, coincidindo com A. Couto de Barros, que escreve: “o livro inaugura em nosso meio técnica absolutamente nova, imprevista, cinematográfica”. Mário de

Andrade salienta que o processo dos capítulos, simultâneo, seguia “a beneficiação do cinematógrafo”. A *América Brasileira*, importante revista de cultura que Elísio de Carvalho dirigia, chama-o de “livro nôvo e desnorteante”, assinalando que nêlo “tudo é escandaloso”, o tema e o próprio estilo, “pelo seu caráter inédito e imprevisito”. Nestor Victor louva-o pelo seu “originalíssimo processo artístico”. Finalmente, o juízo de Tristão de Athayde, o principal crítico do tempo, que recebeu *Os Condenados* com entusiasmo: “o que há de nôvo, sobretudo, é o estilo, é a expressão pessoal dessa comunhão com a vida, em sua verdade essencial, em sua sombra inexorável”. Ou, como diz, mais além: “neste livro suprimiu o Sr. Oswald de Andrade a capituloção convencional e consegue comunicar à narrativa uma vivacidade que de outra forma perderia. Procura a simultaneidade das ações de forma a conservar à vida e ao ritmo do pensamento a sua marcha original. A ordem da exposição lógica está muitas vêzes em contradição com a desordem aparente dos acontecimentos e das idéias. Sente-se nesta reação contra a ordem artificial, a influência do cinema como a proclamou Epstein ou como a ensaiou também Jules Romains”.

#### MORAL OU IMORAL?

Um terceiro aspecto dessa obra perturbadora eriça alguns comentaristas literários: é o seu lado ético. Não poucos ficam chocados com o seu verismo. Leopoldo de Freitas prevê que “realismo tão comburento pode agradar a limitado número de apreciadores”. Para Francisco Lagreca “a cena de *delivrance* é, de fato, uma extravagância lamentável no entrecho do livro”.

Mas o mais exacerbado de todos é Paulo de Freitas, creio que pseudônimo de Moacyr Chagas, jornalista de muita notoriedade na São Paulo de 1922 e inimigo declarado dos “futuristas”. No seu entender, Oswald “foi metucioso na tecnologia de lupanar, e mestre, mestre consumado, na propriedade do calão da meia-noite”. Mais ainda: afirma que seria “injustiça clamorosa, prevenção de zoilo seria negar-lhe talento no manejar da

gria dos lugares escusos, com que os garatujadores da rua cobrem as paredes das cloacas". E cita algumas palavras e expressões de *argot* que tem na conta de indecências: cáften, caftina, *rendez-vous*, bom macho, burrada, gigolô, gado, *cabaretier*, rachar a despesa, trouxa, rabicho, fêmea, femeação, sai azar, entre outras que achava indignas de figurarem na *urbs* literária. Assim, continua a deblaterar em linguagem irada e hoje pitoresca, linguagem que dá a medida do jornalismo panfleatório da época e de sua dicção arcaica, paupérrima parente da de Camilo — linguagem da qual Oswald zombaria, por meio do humor irreverente nos seus hoje chamados *romances-invenção*: "as cenas mais torpes da licenciosidade noturna, verdades que traçadas à fancaria, encontraram em sua pena adestrada, expressões que lhe iam à fiveleta"; "esvurma a cancerosidade das torpezas humanas, e de prazer se regala no borbotear purulento do veio da prostituição"; "se nisto é que reside a arte, abram-se de par em par as portas do meretrício, e sejam às claras as torpezas que lá se fazem, para que se apurem na estética das sentinas os prosélitos da *arte nova*". O articulista, porém, não se contenta com essa diatribe. Quer punições para o romancista e para os jovens inovadores que começavam a difundir as suas letras. Daí protestar: "E não haver um censo que cosba tais desmandos! E não haver quem se oponha à marcha dêsses vândalos do mau gôsto e da depravação literária e social! Não! Para trás, cabotinos cínicos, deslavados cabotinos, cabotinos detratores da moralidade; para trás, que nós, ciosos do brio dos nossos maiores; nós, os passadistas; nós, os retrógrados em arte, aqui estaremos, em defesa da sociedade paulista, que ainda não se identificou à do patriciado romano, e como guardas do tesouro de nossas letras, que não tresandam a imundície, nem se andrajam de trapos velhos, buscados em guarda-roupa alheio".

Nem todos os críticos, entretanto, comungam dessa irritada posição. Cândido Motta Filho ressalta que "o livro apanha a imoralidade sem ser imoral, apanha o lado mais vil da humanidade e guarda uma superioridade rara. O realismo de Oswald é um realismo de evocação sentimental, é um réalismo dentro da mais perfeita compreensão estética". Carlos Drummond de Andrade afirma que a concepção da *Trilogia* "indica, mesmo, intuítos moralistas". René Thiollier sente *Os Condenados* como

“um livro profundamente humano” e “impassível na rudeza da sinceridade que o caracteriza”. E o velho Nestor Victor, crítico acatado do simbolismo, afiança por fim, e com acêrto: “o senhor não é um amoralista; sente, pelo contrário, indominável revolta contra o meio social que produz *Os Condenados*”.

## OS CHINESES DA LÍNGUA

A linguagem de Oswald, suas liberdades gramaticais, sua sintaxe insólita, o ritmo voluptuoso de sua frase, o por vêzes estranho casamento que faz das palavras, certa luxúria verbal, o seu “delírio imagístico”, que Antônio Cândido apontou, também causam espécie aos exegetas do tempo. Monteiro Lobato, que resenhou o livro com simpatia na *Revista do Brasil*, declara que “quanto à forma” lhe é impossível eximir-se “de várias restrições”. Já Cândido Motta Filho não partilha dos mesmos preconceitos e previne o leitor que “Oswald de Andrade atira um desafio aos gramáticos”, para, em seguida, proclamar: “aquelas expressões de gíria popular, aquela construção nova, vão forçosamente irritar os chineses da língua. Entanto, Oswald presta à nossa língua o serviço que prestaram à francesa Laforgue e Verlaine, buscando uma terminologia na própria fonte popular”.

Essas transcrições — umas poucas entre tantas outras que constituem a “fortuna crítica” de *Os Condenados* — valem como testemunho do impacto que a obra produziu sobre a mentalidade da época, são “o depoimento contemporâneo” — como o próprio Oswald as avaliou — que põe em relêvo não só a celeuma que provocou mas também o seu significado no panorama da literatura nacional no ano em que se festejava o Centenário da Independência do Brasil; são o sismógrafo dos valôres em choque, do conflito entre o nôvo e o arcaico, signo conflitual que irá marcar tôda a obra e tôda a vida de Oswald de Andrade.

Aos olhos de hoje, êsses romances — *Alma*, *A Estrêla de Absinto* e *A Escada* — representam os anos de aprendizagem

do escritor — é preciso não esquecer que foram concebidos e basicamente redigidos entre 1917 e 1921. Assim, as objeções a eles outrora levantadas soam ingênuas, tacanhas e obsoletas, retratam bem o atraso cultural e intelectual do Brasil de então. O próprio Oswald se incumbiria de levar às últimas conseqüências as ainda tímidas inovações que introduzira no estilo, na linguagem, na estrutura e na técnica da ficção brasileira com o volume inaugural da *Trilogia do Exílio*. “A revolução modernista eu a fiz mais contra mim mesmo” — afirmaria Oswald. E explicando-se: “Eu temia era escrever bonito demais”; “se eu não destroçasse todo o velho material lingüístico que utilizava, amassasse-o de novo nas formas agrestes do modernismo, minha literatura aguava e eu ficaria parecido com d’Annunzio”. Foi o que fez. O aluno de romance parte de *Os Condenados* — aluno já rebelde e arrelento — para as aventuras posteriores bem mais ousadas e surpreendentes.

#### PESQUISA DE ESTILO E DE TÉCNICA ROMANESCA

Os romances que compõem a *Trilogia do Exílio* estão impregnados das experiências pessoais de Oswald de Andrade, refletem aspectos de sua autobiografia e decorrem também da sua observação do ambiente social paulistano às vésperas da Semana de Arte Moderna: em *Alma* surgem intelectuais — poetas, escritores e jornalistas — representativos da inteligência mais tradicional, se bem que alguns já cultuem e até venerem Anatole France e Baudelaire; em *A Estrêla de Absinto* e *A Escada*, os modelos são principalmente os seus companheiros de geração, personagens que lembram Di Cavalcanti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, entre outros, ou uma mistura dessas personalidades; Jorge D’Alvelos é, externamente, o escultor Victor Brecheret, e, em profundidade, o próprio Oswald, que também se encarna em Carlos Bairão, possuidor de um Cadillac: como se sabe, o romancista tinha um automóvel dessa marca, de cor verde, que ficou famosa, e na qual o poeta de *Paulicéia Desvairada* o via “mariscando gênios na multidão”.

O meio intelectual, que trata com ironia e alguma piedade, notadamente em *Alma*, irá reaparecer, sob ângulo joco-satírico, nas *Memórias Sentimentais de João Miramar* e em *Serafim Ponte Grande*, sendo que neste configura rude e criticamente todo o conjunto cultural brasileiro, seja passadista ou modernista. O livro busca realizar o processo da “estupidez letrada”, da “sociedade feudal que pressentia”, dos boêmios antíteses dos proletários, da classe dominante, e de si mesmo, como componente da burguesia, “de que mais que aliado, fui índice cretino; sentimental e poético” — conforme suas próprias palavras no prefácio autocrítico de *Serafim Ponte Grande*. Mas esse mundo — de que é expoente e que agora revive em termos de sátira candente — está esboçado, esfumadamente entrevisto, no tríptico de *Os Condenados*. É o seu rascunho feito a capricho.

Artisticamente elaborado, tem como preocupação dominante “o culto da forma e o cuidado pela estrutura do livro”, para usar palavras de Antônio Cândido no ensaio “Estouro e Libertação”, incluído no volume *Brigada Ligeira*, até hoje valioso estudo sobre a ficção oswaldiana. “Nota-se n’*Os Condenados*, antes do mais — escreve o ensaísta — uma técnica original de narrativa e uma procura constante de estilo. Um esforço de fazer estilo”. Aliás, Oswald, em depoimento pessoal ao autor desta introdução e também em declarações à imprensa, revelou que buscava, nos seus primeiros livros, a escrita artística, laboriosa, dos irmãos Goncourt — autores que os críticos empenhados em descobrir influências jamais citaram em relação ao romancista de São Paulo. Pesquisa de estilo e de técnica original na composição romanesca — e que pesquisa! — são igualmente *João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*.

As coordenadas estilísticas e de estruturação de *Os Condenados* foram os pontos que deram singularidade a essa obra, que lhe conferiram lugar de destaque quando do seu aparecimento. Eram uma novidade, um rompimento com as normas de concepção e realização rotineiramente aceitas — coisa que logo saltou aos olhos dos exegetas do tempo, que o louvaram ou censuraram precisamente pelas tentativas inovadoras.

Na verdade, Oswald, inaugurando o método cinematográfico na ficção brasileira, trazia para ela a síntese narrativa, des-cortinava “processos rápidos de desenvolvimento do enredo, a abolição das “passagens” de tão parco sentido literário”, con-

forme ensina Sérgio Milliet. Oswald orgulhava-se mesmo de haver introduzido, entre nós, a técnica de contraponto, de Huxley, praticando-a antes até do que o famoso escritor inglês, fato êste registrado pelo ensaísta de *Sal da Heresia*.

Ao assim proceder — ou seja, ao valer-se de recursos sugeridos pela gramática e pela sintaxe do cinema, ao expor de modo contrapontístico a trama, ao recorrer à simultaneidade de cenas e situações — Oswald abria caminho para o romance fragmentário, de que irá ser o pioneiro e o mais notório cultor, sendo seus marcos *João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*. Também sob êste aspecto, *Os Condenados* são o gérmen dos aludidos livros, que levam às últimas conseqüências a invenção anunciada no romance de estréia.

#### A ORAÇÃO FÚNEBRE DE UMA ÉPOCA

Se em 1922, Cândido Motta Filho afirmava que Oswald em *Os Condenados* focalizava “o lodaçal da existência, os privilegiados da desgraça, os conciliábulos do vício” — o romance gira em tórno da prostituída Alma, do cáften Mauro Glade e do apaixonado e suicida João do Carmo; se Carlos Drummond de Andrade, no mesmo ano, lá na sua Minas Gerais, sentia que o “romancista sabe torturar e sabe emocionar como os russos”, observando que “há nêle uma dor positiva, flagrante, uma dor nua”; se, em 1939, Prudente de Moraes Netto supunha que *Os Condenados* e *A Estrêla de Absinto* “eram portadores de pronunciados vestígios de d’annunzianismos” e os definia como “qualquer coisa como um romance russo adaptado pelo cinema italiano”, Roger Bastide, professor francês que tanto se interessou por nossas letras, propõe outro entendimento da obra de Oswald à leitura da reedição de 1941. Depois de comparar *Os Condenados* a *Madame Bovary*, salienta que nesse livro está “o fim de uma certa concepção do amor”, erigindo o romancista como “o ponto final de uma época que começou em Machado de Assis”. Machado, no entender daquele sociólogo, “é a intro-

dução do amor romântico no interior da família burguesa, e Oswald é a decomposição desse romantismo amoroso”.

Sérgio Milliet, relendo a *Trilogia* em setembro de 1941, ao anúncio de sua nova publicação, conclui que “tanto pela data da primeira edição como pela técnica do romance, a síntese psicológica, a preocupação realística, o valor da documentação sociológica e o estilo, o livro de Oswald de Andrade classifica-se como obra precursora”. Depois de apreciar o aspecto técnico do romance — a que já se aludiu neste estudo — o crítico paulista detém-se no exame da síntese psicológica; e consigna que o autor “abandona a introspecção fastidiosa . . . em benefício do gesto expressivo, daquilo a que os sociólogos norte-americanos chamam *attitudes reveladoras*”. Ressalta, depois, que a preocupação realista em Oswald é “antes de mais nada a coragem de olhar, de olhar para ver”, é o culto “da vida, com suas contradições”, banindo assim “o preconceito das personagens heróicas, criadas de *toutes pièces* para defesa de uma tese, e apoiando o seu realismo “em sólida documentação sociológica”. Daí acrescentar: “A obra de Oswald é, até certo ponto, uma análise literária de processos sociais. É uma análise baseada em pesquisas, em *trabalho de campo* demorado e paciente. Aliás quem lhe conhece os cadernos de anotações bem sabe a que ponto sua observação é cuidadosa e objetiva”. Quanto ao estilo destaca “o valor de inovação de sua frase curta, incisiva, de um colorido intenso” e mostra que êle como que pratica “o expressionismo trágico”. Por fim, logo após observar que o escritor “é brilhante com sentimentalismo e *inteligência do coração*”, afirma não ignorar que o trípico “tem defeitos, e graves”. “Uma crítica severa — finaliza — que não levasse em conta sua precedência na história do moderno romance brasileiro, os anotaria facilmente. Mas com tôdas as suas falhas é uma obra que ficará e que merecia a reedição prometida. Oswald foi um precursor e seu livro permanece, vinte anos após o seu aparecimento, digno de leitura e de discussão”.

Mais recentemente — com a reavaliação da obra oswaldiana — Haroldo de Campos louva na *Trilogia* “certas transposições felizes da linguagem da mente (num estado de delírio ou narcose), certos momentos colimados de imagística visual, além da procura de expressão para o conflito entre a formação religiosa e o engajamento político, patente no sincretismo emocional

e ideológico que assinala passagens como a do delírio de Jorge, interpelado pelo “camarada Deus” (êste conflito, de resto, sobreviverá no “sentimento órfico”, no “ateísmo com Deus” das cogitações do último Oswald)”.

Essas observações importantes, seguem-se à classificação dos três primeiros romances de Oswald como expressivos de uma *prosa crepuscular*. É uma classificação correta, pois que a obra, em linguagem adequada, crepuscular, reconstitui um momento de ocaso, o entardecer de uma época, um instante de transição entre um Brasil que morre, e outro que nasce, um Brasil passadista e decadente em conflito com o que estava ingressando no século XX. Em *Alma* evoca-se a agonia de uma concepção de mundo, “o entulho *art nouveau*”, que Haroldo de Campos nêle detecta, não marcava somente as letras inaugurais do escritor, mas tôda a sociedade brasileira de então, todo um estilo de viver. A derrubada de velhos mitos começaria com a Semana de Arte Moderna, e com as revoluções políticas iniciadas em 1922. *Os Condenados* são a lápide tumular dêsse tempo. Oswald fêz a burlada, estilizada, oração fúnebre dessa hora histórica na primeira fase de sua ficção. Mais tarde, em *Serafim Ponte Grande*, fará o epitáfio da burguesia.

## OS CONDENADOS — ARQUIVO DE VIVÊNCIAS PESSOAIS

O conjunto que ora compõe *Os Condenados* arquiva algumas fases da vida pessoal de Oswald de Andrade. Muito mais do que um *roman à clef*, em que surpreende, dentro de largo tempo, alguns vultos que o rodearam, — e quando o faz os desloca para plano secundário, — concentra-se na reconstituição, transfigurada, de episódios por êle vividos sofridamente, alguns atingindo o paroxismo do desespero.

Esquemáticamente pode-se dizer que em *Alma* predomina o Oswald “índice cretino, sentimental e poético” de uma dada forma de comportamento, que êle mesmo apregoou ter sido: é o homem e seus desastres de amor, as suas enroscadas paixões, recém-saído de infortunadas experiências amorosas. *Alma*

é a Deisi que freqüentava sua *garçonnière* da Rua Líbero Badaró e com quem se casou *in extremis*, a Deisi que o fez provar, suspeito, o gosto amargo do ciúme e por cuja morte, conseqüente de um abôrto, terá se sentido consciente ou inconscientemente responsável.

Seus casos passionais, que reelabora em termos de ficção, transferindo-os aos malogrados heróis, criaturas minadas pelos dramas que sobre eles abatem, ressurgem em *A Estrêla de Absinto* nas pessoas de Alma e Mary Beatriz, esta provavelmente inspirada na bailarina Carmen Lídia — a Landa Kosbach das *Memórias* — ou em Kamiá, jovem que conhecera em Paris, ex-rainha dos estudantes de Montmartre, trazida por êle para o Brasil e com quem teve um filho — ambas tempestuosos momentos de suas vivências afetivas. Uma reminiscência de seu *affaire* com a dançarina adolescente pode ser facilmente notada no romance. É quando apoda de “arara vermelha” ao sedutor de Alma, modo pelo qual Oswald era chamado, com visos de insulto, pela avó da menina-môça por quem se apaixonara.

O romancista povoava seu universo de ficção de personagens arrancadas da vida ao seu redor, fundindo numa só, muitas vêzes, modelos diversos. O telegrafista João do Carmo e o escultor Jorge d’Alvelos são porta-vozes do escritor nessas revivescências de suas frustrações sentimentais.

Mas neste livro Oswald já se afastou dos literatos e jornalistas sonhadores, um tanto ridículos e *râtés* do primeiro romance: agora está do lado daqueles que, com êle, lutam por modos novos de expressão artística e buscam um contato mais próximo com as realidades da vida. Mas mesmo estas figuras, embora de maneira *flou*, esfumada, já perambulam pelo cenário boêmio de *Alma*.

*A Escada* avança mais: fixa a conversão política de Oswald-Jorge d’Alvelos ao marxismo, ocasião em que passa a comungar, com entusiasmo mais místico do que racional, dos ideais comunistas, espalhados por tôda a parte, ideais que se assentam “no mundo do sofrimento”, como está dito ao final do romance. Não são mais os dramas do indivíduo que o irão instigar, mas os da coletividade, o mundo dos humilhados e ofendidos. Partem da percepção individualista — e também de suas experiências de homem de negócios, de fruto da bur-

guesia e do capitalismo — para atingirem o plano mais vasto das reivindicações proletárias.

É quando evoca, autobiograficamente, por intermédio do *alter-ego* Jorge, que “longos anos atrás descera aquela serra, ao lado de Alma, individualista, ciumento, odioso; numa roda de meninos bonitos e inúteis. Depois fugira sem compreender como devia lutar contra o capitalismo que o perseguia, sem saber que a vida era um choque de classes. Era outro homem o que procurava agora comunidades ilegais, prêso para sempre às cordas humanas da revolução social”.

É quando, ainda, pressente que “irmãs, irmãos, família afinal, a família humana, feita do mesmo esperma, jorrada nos mesmos anseios, êle a encontraria longe das trágicas convenções e das diferenças infames mantidas pela burguesia”.

Aí está também o Oswald carente de afetividade, a grande criança que foi a vida tôda, a buscar sempre ternura e compreensão, coisas de que se sentiu privado com a morte da mãe, ocorrida quando se encontrava na Europa, morte que o feriu profundamente e que o marcou para sempre como um exilado do amor. Não sem motivo suas *Memórias e Confissões*, publicadas poucos meses antes do seu falecimento, trazem o significativo subtítulo *Sob as Ordens de Mamãe*. Não à-toa João do Carmo “tinha um velho retrato da mãe morta sôbre a mesa desordenada”.

A Mongol, personagem feminina de *A Escada*, é a encarnação fictícia de outra mulher de sua vida — Pagu, a Passionária nacional dos momentos primeiros e heróicos da luta ideológica no Brasil.

A fatura literária dêsses três romances evolui de volume a volume, progride à medida em que o autor se distancia do clima crepuscular, cinzento e às vêzes até nefelibata do livro de estréia. É que outro ambiente, outra atmosfera, impõem outro tratamento, pouco a pouco o vão encaminhando para o domínio mais seguro dos seus recursos estilísticos. Essa evolução formal é diagnosticada por Antônio Cândido. No seu entendimento, o estilo, falho em *Os Condenados* — ou *Alma* — beneficia-se de grande progresso em *A Estrêla de Absinto*. “A escrita perde muito do delírio imagístico, quase grotesco, — registra — e sobe um pouco de nível”. E afirma que *A Escada*

“redime o seu estilo, libertando-se quase por completo do verbalismo”. Faz mais, porém: destaca todo o episódio da ilha — a ilha em que Jorge está foragido — como “extraordinariamente belo, onde se vêem as qualidades de poesia e expressão do eu que fizeram do Sr. Oswald de Andrade, na fase porventura mais significativa da sua carreira, um teórico do primitivismo”.

### O DIÁRIO DA GARÇONNIÈRE

Se em *Os Condenados* é possível perceber em gérmen ou fermentação, os assuntos, personagens e clima que serão constantes na obra do romancista, é preciso acentuar que, tanto o primeiro volume da *Trilogia do Exílio* quanto o par *Memórias Sentimentais de João Miramar* — *Serafim Ponte Grande*, foram primitivamente gerados em *O Perfeito Cozinheiro das Almas Dêste Mundo*. É o diário da *garçonnière* do ficcionista. Dêlé vários trechos foram reproduzidos em suas *Memórias*. Aí se narra a história de seus amôres com Deisi — apelidada *Miss Ciclone*, com acento no *i* — cujo comportamento livre e alguns vagos indícios, agigantados pelo ciúme, o levam a supor mantenha misterioso romance com “um sujeito esquisito do Braz” e freqüente “pensão de rapazes” na Rua Anhangabaú. Conta-se ainda os desentendimentos familiares da môça, a prática de um abôrto, sua doença e morte.

Nesse caderno de formato grande, Oswald e seus amigos redigem, ora a lápis ora a tinta de várias côres, pensamentos, comentários, trocadilhos, paradoxos, impressões sôbre diversos fatos — há até um poema pré-concreto do futuro autor de *Pau-Brasil*, feito com tipos de carimbos, e diversas caricaturas de Ignacio da Costa Ferreira — assinando-os com pitorescos e estranhos pseudônimos, tais como *Viviano*, *Garoa*, *Ventania*, *Guy*, *Viruta*, *Bengala*, *Ferrignac* e *Jorely*, entre outros. Oswald dava-se os nomes de *Miramar*, *Mirabismo* e *Garoa*. Completam o diário, que é um livro-objeto, colados, grampinhos de cabelo, pentes, *charges* da imprensa do tempo, cartões de vi-

sita, cartas, envelopes, recortes de jornal, e outras coisas inesperadas. É um *journal* a um tempo pessoal e coletivo, estilhaçado em fragmentos de variada autoria.

Mais do que um diário, *O Perfeito Cozinheiro* constitui um caótico, desencontrado ou desordenado romance, por onde se desenvolve uma história de amor, com seu *pathos* e sofrimento desencontrados de uma realidade intensamente vivida. Um romance de nova estrutura, de técnica inusitada, desconhecida, de um surrealismo natural e espontâneo, em que estão o clima e os personagens que vão gerar e povoar *Os Condenados*, as *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*. Do ângulo da estrutura, do caricato das personagens, estes dois livros derivam do diário, nêle se enraízam, ali começam inconscientemente. Todo o processo fragmentário de Oswald nasce dessa experiência pessoal de diarista. Machado Penumbra, de *João Miramar*, é certamente um dos freqüentadores da *garçonnière*. A visão de crimes e traições, de *bás-fond* e desagregação de *Os Condenados*, decorre dos mistérios que cercavam *Miss Cíclone*. Os nomes grotescos ou humorísticos — e por isso mesmo críticos de *Miramar* e *Serafim* — em nada diferem, como espírito ou essência, dos pseudônimos e apelidos usados no *Perfeito Cozinheiro*. O gosto pelo trocadilho, cultivado abusivamente no diário, o amor pelas situações insólitas e imprevistas, com tons de sátira, zombaria e caçoada, característicos da obra de Oswald, têm a mesma fonte.

O diário, por outro lado, apresenta ainda específico valor — é, em si mesmo, com suas tintas de diversas côres, suas colagens, trechos a carimbo, caricaturas, *charges* e caligrafias diversificadas, um objeto criativo, uma invenção como livro, peça rara em sua aparência e organização. É precursor de várias obras que, grãficamente, tentam inovar as formas de comunicação. Texto e contexto, aspecto interior e exterior, forma e fundo, estão indissolúvelmente ligados nesse precioso documento de uma época e de uma cultura.

## OUTROS ASPECTOS AUTOBIOGRÁFICOS

A publicação das *Memórias e Confissões* de Oswald de Andrade permite que hoje se lastreie, na sua literatura, notadamente a da *Trilogia do Exílio*, inúmeros aspectos biográficos que compõem, por assim dizer, o solo — e tantas vêzes o subsolo — dêsse microcosmo brasileiro. Dos muitos elementos dessa natureza, alguns reclamam destaque.

Um deles é a identificação entre Alma e a mãe do escritor (Oswald era um edipiano confesso): uma — a amante; e a outra — a grande amada de sua vida, cuja ausência o desarvorou. Aquela personagem nuclear, em parte retrata Deisi, e em parte, a sua progenitora.

Basta cotejar o texto de *Os Condenados* e o das *Memórias* para confirmar a aludida identificação. No romance o autor descreve a jovem, vinda da Amazônia para São Paulo, a crescer ali “numa seminuez de pequena Ariel propícia, pelas matas imóveis e incendiadas” e a nadar “nas madrugadas diluvianas do rio solitário”, enquanto “jacarés lodosos e sucuris tentaculares vinham no rôlo amarelo das águas”. Em *Um Homem Sem Profissão* retrata a mãe a falar-lhe do longínquo Amazonas, “onde nascera no pequeno pôrto de Óbidos” e “em cujo rio aprendera a nadar criança” com “jacarés à vista”, e a contar-lhe, ainda, “aventuras de sucuris que esmagavam homens bêbados”

De raízes autobiográficas é também a seqüência de cenas que filmam a infância de Luquinhas, filho de Alma — a série de quadros à Griffith a que alude Monteiro Lobato. Nas *Memórias* o autor dedica várias páginas evocativas de sua meninice que autorizam estabelecer o paralelo ora sugerido. Oswald e Luquinhas tiveram a mesma vida infantil mimada. Todo o trecho relativo à doença do pequenino personagem, e no qual avulta o desesperado sofrimento de Alma, pode ser aproximado dos momentos de angústia por que passou Oswald ante a misteriosa enfermidade que, em tenra idade, acometeu seu filho com Kamiá, momentos que relembra, emocionadamente, nas suas confissões.

Há mais porém: a atmosfera de religiosidade, ou de difuso misticismo, que se respira em várias passagens do tomo inicial da *Trilogia*, são a transposição do ambiente familiar oswaldiano quando criança e jovem. “A presença de Deus era um fato, na vida dos meus pais”; “o totemismo órfico presidiu e explicou o mundo ante meus olhos infantes”; “a religião de casa era a católica”; “mamãe me fizera comungar no fim do curso ginásial”; “acendi uma vela diante de um quadro de Nossa Senhora Aparecida que minha mãe me dera” — são frases do memorialista, que também alude a outras práticas religiosas do seu lar: abstinência de carne, terços inteiros rezados de joelho, guardas do Santíssimo, festas do Divino, natais de ceia, presépios e lapinhas. No romance fotografa cenas de procissões: a da Semana Santa, em que Luquinhas sai de querubim, e a do Encontro, onde uma mulher alta “fazia de Verônica”; descreve rezas diante de oratórios, de que são expressivos passos as transcrições a seguir levantadas. Nas *Memórias* o pai “magro, ósseo, ora de joelhos diante do oratório onde fulge a Custódia de prata”. Em *Alma*: “no escuro inútilmente místico, entre êxtases, braços abertos, iluminações, resplendores”, o avô da prostituída, o velho Lucas, posta-se diante do “Senhor Jesus de capa roxa, amarrado pelos pulsos”. O *reveillon* religioso paterno é semelhante ao do antepassado de Alma, que aguardava “a entrada do Ano Novo em casa, diante das imagens antigas, acompanhando o têrço”. No romance: “São José, de dentro do velho oratório, olhava impassível, tendo o menino ao colo — o mundo simplificado em azul nas mãos polpudas, com uma cruz em cima”. Na memorialística conta que em seu quarto de criança “entre os santos enquadrados floria a figura cretina e conjugal de São José”

#### A PROSTITUIÇÃO RICA E A PROLETÁRIA

Um dos nódulos na trama de *Alma* é o tema da prostituição. A personagem principal anda por lupanares de luxo e é explorada por Mauro Glade, o cáften frio e calculista. Esse

aspecto do romance foi aliás o responsável maior pelas acusações de imoralidade que os críticos medíocres e obtusos levantaram contra o autor e a obra. Doera-lhes o retrato feito por Oswald dêsse lado da São Paulo urbana e já cosmopolita.

Em *Os Condenados* — ou *Alma* — é a carne negociada nas pensões chiques, nos *rendez-vous* caros, por onde transita “o repulsivo gozador das migalhas da existência e das sobras do amor, o burguês do dinheiro, sem educação e sem vergonha, pôsto de balandrau na procissão trágica dos gozos da terra”. Diante da dilacerada protagonista — acusa o Oswald então católico — “havia-se desabotoado, numa confissão de torpezas, professores da cidade, chefes de confrarias, zeladores de hospitais, grandes nomes representativos da moral cidadina, da educação, da finança e da família”, além dos “arrivistas comerciais” — gente em nome da qual, seus farisaicos defensores vão erguer o protesto hipócrita, ululante e retórico, megafones que são da “gente de sua classe bem posta”.

A' êsse assunto-problema, sempre incômodo, Oswald retornará em 1950, no livro inédito *O Santeiro do Mangue*, poema dramático e escatológico, duro e ríspido. Agora, porém, a perspectiva de tratamento é outra. Sua denúncia apóia-se numa visão ideológica nítida, definida, configurada, e não apenas presentida como antigamente: os dramas não são individuais, mas focalizados globalmente. Seu cenário é largo trecho de cidade — o Mangue — transformado numa espécie de bordel coletivo, vasta zona em que se exerce o amor vendido, barato, humilhado e humilhante, palco de prostitutas proletárias a serviço de uma clientela também proletária ou proletarizada, em busca de uma ternura, mesmo falsa e comercial, que lhes foi subtraída no mundo da miséria:

*É o navio humano quente  
Negreiro do Mangue*

Poema libelo, com breves trechos em prosa, ateu e irreverente, acusa a organização social, comprometida com sistemas econômicos internacionais, pela degradação da mulher comprada

e pela degradação do homem consumidor de carinhos — ambos termos da mesma equação de desamor.

## TEMA E VARIAÇÕES

Essa ficção do estrepante Oswald de Andrade — ainda enxergando o mundo pelas balizas extremas do Bem e do Mal, e trabalhado por ainda fortes sentimentos religiosos, ou órficos, como diria muitos anos depois — do Oswald que “perambulava confusamente por estéticas e religiões” como o atordoado João do Carmo, não focaliza somente o amor mercenário, problemas passionais dos indivíduos, frustrações de criaturas apáticas e falhadas, ressentimentos nascidos de suas experiências ou percebidos por meio da observação do grupo social circundante e circunstante.

Já registra, em anotações esparsas e diluídas, a revolta do seu espírito diante do comportamento de uma classe, entrevê a problemática humana fecundada pelas contradições do capitalismo, pesquisa vícios sociais que correm paralelos aos dramas e tragédias dos que comem, no seu dizer, “a lama da vida”.

Em *Os Condenados* estão, clara ou insinuatamente, — como causas de situações que vão dar outro rumo aos seus personagens, ou até decidir dos seus destinos, porque os atingem vitalmente, — a usura e as traficâncias do mercado imobiliário; as hipotecas maliciosas e de astutas cláusulas; os desesperados que empenham objetos no Monte de Socorro; a voraz absorção pelo grande capital das pequenas economias; a decadência econômica da pequena burguesia; os pobres protegidos que a polícia não vem defender, precisamente porque nada significam no corpo da sociedade, e os desvalidos em geral que só conhecem “o desprezo dos diabos felizes da terra”.

Oswald de Andrade, como o músico que compõe peças em torno de um tema e em seguida o entretece de variações, retomará inúmeras, senão todas, dessas questões nos romances futuros, em peças de teatro e em poemas, aprofundando-as ou

compreendendo-as sob ângulos novos que lhe alargaram o conhecimento de processos sociais. É o que fará em *Marco Zero*, *O Rei da Vela* e em *O Santeiro do Mangue*, para indicar, exemplificativamente, três casos marcantes. As intuições de Oswald — que informariam fecundamente sua obra posterior — começaram a se manifestar nos livros com que iniciou sua carreira de ficcionista.

### BALANÇO FINAL

Muitos outros ângulos da novelística oswaldiana dessa fase ainda poderiam ser abordados. Por exemplo, o caráter urbano e cosmopolita da *Trilogia*, a topografia paulista e paulistana em que se desenvolve, o censo e o recenseamento de sua população fictícia, a constituição social dos personagens que nela habitam — em linhas gerais integrada pela burguesia, uma ascensional e outra em declínio; pequenos funcionários, públicos ou particulares; os representantes dos diferentes meios artísticos; modestos trabalhadores autônomos, que vivem de biscates; capitalistas e defensores da ordem pública; profissionais liberais; mais o *lumpen-proletariat* do que o proletariado propriamente dito. Esses grupos todos, acrescidos do campesinato e de outras categorias sócio-profissionais vão aparecer, de novo, em livros mais tarde publicados.

O que já se disse nesta incompleta introdução, é suficiente, no entanto, para salientar alguns valores e complexidades de obra que marcou uma época na literatura brasileira e abriu caminhos, não só para a atividade intelectual do próprio autor, mas também para escritores que, depois dele, viriam enriquecer e ampliar os quadros de nossa novelística.

Estes apontamentos visaram, antes de mais nada, compreender — didaticamente até — a produção literária inaugural do escritor, situá-la no tempo e, inclusive, na biografia do romancista, encará-la em sua condição de conjunto precursor a partir do qual nossa ficção percorreria outros caminhos, quer quanto às suas possibilidades de fatura literária, de pesquisas

estéticas, quer quanto ao conteúdo, estruturação, sentido humano, mensagem social e apreensão das realidades nacionais — caminhos que vão encontrar no próprio Oswald um valor renovado, um crítico vigilante de si mesmo e dos outros, um exegeta atilado e imprevisito, nem sempre justo, mas sempre útil, instigante e polêmico.

*Os Condenados* constituem um *roman fleuve* — processo de composição que ao longo dos anos seduziu Oswald, ansioso por captar todo o complexo sócio-econômico-cultural sugerido pela diversificação da vida paulista e paulistana. Mas o escritor, por seu temperamento amante da síntese e pela instantaneidade de sua inteligência, melhor se realizaria no romance fragmentário. Neste, suas invenções estilísticas, sua percepção rápida, seus cintilantes e ofuscadores *flashes*, se impõem de imediato, são diretos e incisivos, iluminam-lhe num relance as páginas inventivas e criativas.

Romance triste, pessimista mesmo — em que somente em *A Escada* resplende a esperança, ao anúncio de lutas por um mundo melhor — *Os Condenados* revolvem sem piedade dramas existenciais que são transposições artísticas de acidentada autobiografia, auto-análise de padecimentos que marcaram indelêvelmente um espírito sensível e comovido, *transferts* psicológicos de um ser tumultuoso e tumultuário. Acima do retrato verista, estilizado, — e às vezes transbordante na linguagem, — de uma hora histórica, de uma época rica em sua problemática, de uma sociedade desarrumada e ainda sem perspectivas críticas quanto ao seu destino, uma sociedade escapistista e acomodada, ciosa do seu injusto *status quo* — *Os Condenados* são um romance confessional, catártico, um incontrollável vomitório das confusões interiores de Oswald e do que aprendera fôsse o mundo. Nesse tríptico o romancista expulsa todos os seus fantasmas. É o Oswald que se utiliza do romance “como forma de explicar a vida e portanto de orientá-la”, como, certa vez, definiu ao gênero.

## PRINCIPAIS FONTES CONSULTADAS

Para a elaboração destes apontamentos, além de pesquisas em jornais e revistas, como *Gazeta de Notícias*, *Fôlha da Noite*, *Jornal do Comércio* (edição de São Paulo), *Correio Paulistano*, *Diário de Minas*, *América Brasileira*, *Klaxon*, *Revista do Brasil* e *Planalto*, entre outras publicações; da leitura da obra de Oswald de Andrade, especialmente dos romances que integram a *Trilogia do Exílio*, de suas *Memórias e Confissões*, de originais inéditos, de *Ponta de Lança* e das transcrições opinativas que abrem o volume *A Estrêla de Absinto* sob o título de "O depoimento contemporâneo", o autor valeu-se da seguinte bibliografia:

ALCEU AMOROSO LIMA — *Estudos Literários* — Volume I — Companhia Aguillar Editôra — Rio de Janeiro — 1966.

NESTOR VICTOR — *Cartas à Gente Nova* — Edição do Anuário do Brasil — Rio de Janeiro — 1924.

ANDRADE MURICY — *A Nova Literatura Brasileira* (Crítica e Antologia) — Edição da Livraria do Globo — Pôrto Alegre — 1926.

ANTONIO CÂNDIDO — *Brigada Ligeira* — Livraria Martins Editôra — São Paulo — S.d.

HAROLDO DE CAMPOS — *Oswald de Andrade* (Trechos escolhidos) — Nossos Clássicos — Livraria Agir Editôra — Rio de Janeiro — 1967.

MÁRIO DA SILVA BRITO — *Ângulo e Horizonte* (de Oswald de Andrade à Ficção Científica) — Livraria Martins Editôra — São Paulo — 1969.

MÁRIO DE SILVA BRITO — *Diário Intemporal* — Editôra Civilização Brasileira — Rio de Janeiro — 1970.

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1970.

# Os Condenados

## I

Alma



Expulsou Adão. E colocou ante o paraíso das delícias um Anjo com uma espada de fogo, para que guardasse o caminho da árvore da vida.

*Gênese. C. 3.*



**O** VELHO e o cãozinho foram andando na sombra enjoadada da tarde. Tinham passeado muito. Dobraram a esquina da Rua dos Clérigos. Os vizinhos saudavam-nos. Eram ambos antigos no bairro e na cidade.

Alma havia regressado naquele instante. Retirou a blusa, mostrando ao espelho do seu quarto guindado os alvos seios manchados de apertos.

Pensava: por que será que quando uma porta me machuca, me faz sofrer; quando bato a cabeça numa janela, choro de dor; e êle pode me cortar a navalha, não dói: é delicioso!

Mas lembrou-se da Odete, que estivera com Mauro no teatro, êle contara. E ficou dizendo sufocadamente no quarto:

— Canalha! Bandido! Miserável! Miserável!

Transformava-se numa desencantada revelação. Ela fôra apenas, até ali, a criança fulva de olhos glaucos, pondo a silhueta destacada e a longa sombra nas corcovas áridas de Oblivion, ao sol, com Jorge, o primo de sorrisos sisudos; e depois da casa de louças fechada, a adolescente imprecisa, a netinha

que preparava o banho morno do velho e fazia comer no melhor prato, na cozinha de terra, o cachorro peludo e antigo. Era agora, nos músculos de Mauro a extravasante mulher, deflagrada num embate de complicações e de rodeios.

Chegou-se à janela. Seriam cinco horas da tarde; o velho e o cão passeavam ainda. Olhou a rua e descobriu, parado à esquina, contrito sob o chapéu de palha, o telegrafista pálido que a amava. Não a vira decerto entrar. Se soubesse onde ela andara, o que fizera... Alma teve um arrepio incontido. Se contasse ao avô... Mas não: João do Carmo era um rapaz direito, incapaz dessas torpezas.

Ele já a percebera, decerto, no balcão. Pusera-se a caminhar, num passo medido. Cumprimentou-a. Foi-se. Queria casar-se com ela, mas nunca ousara falar-lhe.

Pela rua, ia longe uma mulher de branco. Uma carroça passou, tilintando. A tarde descorava.

E lá vinha êle de nôvo! Um súbito nojo invencível tomou conta de Alma. Teve ímpeto de gritar-lhe do balcão que passasse uma vez só, que lhe deixasse ao menos a vontade de vê-lo.

Fechou num repelão a janela tôda. E, no escuro, uma pancada fulminou-a: Mauro!

Caiu no leito.

A máscara alva cascateou um chôro desigual, com altos e baixos de animalidade lasciva.

O seu leito pequenino, o confessionário entontecedor dos seus sonhos... Ali, no roçar dos travesseiros alvos, ela aprendera a embelezar a vida... Desmanchava as tranças vermelhas pelas fronhas, alimentando a voragem íntima. Xingava-o, rolando. Era uma tristeza, no entanto, que pedia mais, êsse soluço de ternura divina que a inundava num fluido cálido. Chamava-o com as pernas. Era uma gata ruiva... E esticava-se retesada de sensações para adorá-lo. Vinha-lhe à cabeça uma tonteira gostosa e sentia as pancadas sublimes do seu amor... sim... não... sim... não...

Chegara a visioná-lo tanto, nessa louca ilusão do ser centuplicado, nas sombras benéficas do quarto, que o tinha perto afinal, vitoriosa escrava... sim... não...

Lá fora, na tarde despejada, João do Carmo, com um nó na alma, passava sempre encurtando as contramarchas.

E no desencontrado idílio, como um comentário da vida, ergueu-se, alongou-se pela rua e pelo céu, um pregão triste da cidade:

— Pi... não quente!

Na sala espaçosa, com mesas cheias e bolotas multicores de papel nos lustres anacrônicos, a desgraçada festa dos sem amor estrugia desde meia-noite.

Os enfeites ingênuos do teto eram um sarcasmo, para a rapariga canalha, vestida em vivo de *gigolette*, que dançava grudada ao seu par.

A orquestra, feita de um careca, de um muláto e de um artista, chorava no fundo de fumaça.

Um bêbedo maxixou num bôlo, com duas mulheres seminuas.

Uma canção canalha levantou gritos. A um canto, trepando uns sôbre os outros, para ver o papel pautado, fêmeas e meninos esgoelaram.

O dançarino, enroscado à mulher que espedaçava, provocou hurras histéricos.

Chamava-se Mauro Glade, e era filho confuso de confusos dramas da América.

Crescera à sombra espevitada de uma criada de servir, que dava o dinheiro do ordenado a um homem da vizinhança.

Tinha o pai, só o pai, de nome diferente, merceeiro do Braz, grosso e insensível como um cepo de açougue. E a vida por herança.

Investindo com unhas de atavismos piratas para os mundos coloridos dos *dancings*, fizera-se macho na meia-tinta embriagada dos prostíbulos. Nunca trabalhara meses a fio. E vestia-se bem.

Adunco, metálico, dançava nas ceias noturnas como um deus decaído. E bebia... acentuado o rictus heróico que o marcava, e reforçando a épica sugestão canalha dos olhos pes-

tanudos, que punham desfalecimentos no coração das asiladas dos bordéis.

João do Carmo aproximou-se, no sereno da noite, para receber a resposta de sua ousada carta. Continha a felicidade dentro do peito musculoso de nadador; segurava-a como um pássaro vivo. Ela estava ali, pálida silhueta, esperando-o. Imobilizava pupilas verdes de veludo e cristal na moldura das grandes alvas súplicas.

Ele continha a felicidade dentro do peito musculoso de nadador, segurava-a como um pássaro vivo.

Interpelou-a, entregando-se todo, passando-lhe pelas grades, numa oferta física, os olhos e o peito que badalava.

Mas uma punhalada certa alcançou-lhe o coração confiante. O moleque Bastião entrou da rua. Ela dissera-lhe que tinha outro amor. Ficara conversando. Pareceu-lhe ver o cão achegar-se latindo. Pareceu-lhe vê-la ir para dentro.

Caminhou na direção do seu quarto. Recordava o diálogo. Ela dissera que preferia o outro porque ele a amava por vício. Ele gritara estranguladamente que não. Era do fundo do coração que a queria.

Acendeu a lâmpada elétrica. Sentia-se só no seu naufrágio. Sentara-se. Depois ergueu-se com um grito apenas sufocado. Andou. Repetiu com os punhos amarrados versos de Baudelaire.

Sentiu que qualquer coisa ria horrivelmente de si, da sua situação de telegrafista, do seu crédulo romance, dos seus grossos músculos inúteis.

Chegou-se à janela num confuso palavrório mental, onde havia muito destino, muita pesquisa do eterno coração das mulheres.

Encostou a cabeça à vidraça fria. E, da rua, subiu-lhe às têmporas, pelos ouvidos, uma vaia infinita de grilos.

Saiu. Pela avenida, sob os bicos de gás e as árvores espaçadas, ia declamando todos os versos altivos que sabia. Recitava Bouilhet:

*Tu n'as jamais été, dans tes jours les plus rares  
Qu'un banal instrument sous mon archet vainqueur,  
Et, comme un air qui sonne au bois creux des guitares,  
J'ai fait chanter mon rêve au vide de ton coeur.*

Descia desencontradamente para a Ponte-Grande. Largá-la-ia. Revelara-se de uma perversão inacreditável.

Terrível, lancinante, gritava pela Avenida Tiradentes.

Chegou à ponte. Havia gente parada. O rio, grosso e noturno, rodava. E ele ficou chorando baixo, ao grande ar do parapeito, entre lâmpioes.

O velho Lucas, recolhido ante o oratório pequenino e sem vidro dos filhos falecidos, com santos nas paredes internas e uma cõrte de figuras celestes de diversos tamanhos, trazidos ainda do Amazonas, rezava por tôdas as madrugadas pálidas ou azuis. Nada queria da vida que lhe dera alguma coisa e lhe tirara mais do que lhe dera. Tinha o cão pequenino, a neta ruiva, o moleque. E sabia que Deus o esperava no fim da tarde vacilante dos seus dias.

Oh! Mas aquêles bigodes estragavam-lhe o rosto. E a vergonha daquilo tudo, sem lágrimas, sem palavras... A Odete!

Alma caminhava como uma pessoa ferida. Não via ninguém nas ruas populosas. Carregava um amargor de predestinada dentro do pequeno coração. O gôsto sufocante da vida invadira-lhe a bõca, a garganta, as narinas. Entregara-se já a três homens diferentes. E agora Mauro exigia que ela saísse de casa. Era decerto mesmo a tõla, a estúpida, que ele dizia, aos berros e aos sôcos. Não podia deixar o velho avô assim. Depois que ele morresse, sim. Iria ao fim da terra, aos trambolhões cheios de lágrimas e com beijos às vêzes. Uma deslumbrada loucura parava-lhe os olhos verdes no fundo das olheiras.

Passou por ela alguém. Era sublime a vida assim nos pulsos implacáveis de Mauro. Mais... mais... Como êle não sabia ter piedade... como era forte... como era único...

Alguém passou por ela. Tinha de sair, deixar tudo, a casa, o velho, o cãozinho com que brincava.

Desceu longamente a Rua Florêncio de Abreu. Chegou à Luz. Tomou a direção do sobrado, no beco terroso.

João do Carmo cumprimentara-a duas vèzes sem ser visto. Seguia-a de longe.

Uma surpreendente confiança voltara-lhe naquela caminhada, com o seu amor na frente.

O moleque contara-lhe que o outro tinha deixado de passar por lá.

Devia procurá-la, afrontar uma situação definitiva. Alma era o apoio poético da sua desgarrada existência. Escrever-lhe-ia outra carta. Era verdade que o avô atrapalhava-lhes os planos. Não consentiria talvez no casamento. Decerto era o único estôrvo da sua felicidade.

Na calma fôska da tarde, João do Carmo dirigiu-se para o clube álaçre nas margens do Tieté. Ia nadar na glória dos seus músculos tesos. Havia de vencer a resistência do trêmulo velho, amigo do cão.

No entanto, às vèzes, um enegrecimento baixava sôbre aquela tonteira.

Se, ao menos, Mauro a amasse. Se encontrasse nêle a correspondência dos exaltados sentidos. Sabia que o adunco cáften a traía. Ao atravessarem agora o largo claro do Paissandu, no demorado ocaso azul, vira-o sorrir para uma sacada. Tivera ímpetos de gritar ali mesmo. Mas uma vergonha absurda, cheia da sua virgindade invencida, contivera-a, dissuadira-a. Seria possível então! Tudo no mundo era traição premeditada, engano maldoso!

Mesmo os santos, de pé, no esburacado oratório, não a defendiam. Ela queria só uma coisa, só um milagre — o amor de Mauro, a fidelidade de Mauro. Ou então, pelo menos, que êle não lhe jogasse ao rosto a sua facilidade de conquistas, o seu deboche insolente.

Sonhava de nôvo no leito, depois do jantar rápido, enfatiado, rolando a vermelha cabeça nos travesseiros moles. Qual... se êle lhe quisesse bem seria por um instante, enquanto durasse a sua mocidade rendosa. Depois, ela ficaria como essas outras, que aprendera a conhecer na casa de D. Rosaura. Não havia mesmo nada de bom na vida.

O remédio estava no *champagne* loiro, fervendo às palitadas nas taças cristalinas e largas do *rendez-vous*.

A existência era isso: uma torturada quermesse... Barracas ao vento, bandeiras, muitas bandeiras e a charanga do fonógrafo de goela monstruosa na sala escura, encerada e vasta, ou o som do piano... Dançar... como êle a enlaçava, o seu querido, o seu macho recurvo de olhos de platina! Queria um beijo, um beijo só e êle lhe negava... Do fundo do seu ser maravilhado, bendizia-o pela recusa. Era preciso subir, galgar, vencer obstáculos intransponíveis para que êle lhe concedesse o beijo suplicado.

Decidiram nervosamente. Saíram, num táxi.

Na Luz, ela teve um fatalizado receio. O avô talvez já estivesse em casa. Que importava? Reagia um pouco na suave bebedeira que a tomara. Ia fugir, deixar para sempre o velho, o moleque, o cãozinho. Teve um sorriso cruel.

Pararam longe, à esquina. Mauro ficou esperando-a sem dizer nada, no fundo de couro.

Ela penetrou. O relógio antigo marcou a hora em seis badaladas metálicas, regulares, intérminas. Ela trazia consigo uma triste tenacidade. Num susto, esvaziou as gavetas da cômoda antiga, tirou duas blusas, duas camisas de dormir e as

lembranças comprometedoras de Mauro, um vidro quase vazio de perfume, um *bâton* e o *rouge*.

Estacou. Ouvira ao seu lado, no outro quarto, passadas vacilantes. Se êle viesse interrogá-la! Se êle abrisse a porta de repente!

Estava tôda gelada. Mas o velho sentara-se de nôvo.

Viu Mauro lá fora, esperando-a. Não tinha tempo de se comover, de dizer adeus aos antigos móveis... Amarroutou tudo num embrulho, desceu cautelosa.

E abalou para o táxi, fazendo que não enxergava a vizinhança.

O telegrafista morava sem ninguém, num quarto de sobrado antigo, na Avenida Tiradentes. Para entrar, subia por corredores com degraus, atravessava um cubículo que atulhavam imensas malas etiquetadas de um vizinho. O quarto tinha a cama estreita, a mesa, livros e cadeiras e uma só janela, clareando o papel desbotado das paredes.

Sôbre o leito, pendia uma gravura destacada de livro. Era Charles Baudelaire. Tinha um velho retrato da mãe morta, sôbre a mesa desordenada.

Pairava sôbre os seus dias o sonho de uma vida tranqüila com Alma, sob a guarda dos antigos deuses tutelares, numa estação ferroviária minúscula. Premeditava o acesso na sua carreira longa e honesta. Levando o sonho fulvo pelo braço musculoso, deixaria São Paulo, os *baf-baf* das manobras enfumadas na gare magnífica, a solidão literária e o esporte no rio.

A família perdera-a em Pernambuco: uma irmã louca num hospício, um irmão padre. Depois da infância livre, tivera uma educação confusa num colégio francês.

Chegara a São Paulo numa noite de garoa. Desembarcara querendo deslumbrar-se e fôra por uma rua de casas baixas e torpes, sob arcos de viaduto, até o centro enladeirado, buscando um hotel.

Um político do Norte, devedor de favores antigos ao tronco extinto, recomendava-o bem. Foi pôsto no telégrafo da Estação da Luz. Ganhou logo a confiança amável do chefe, por-

que, entrando de chapéu certa vez, tinha sido repreendido por um impertinente e estapeara-o.

Começou a nadar no Tieté, lembrando-se da meninice no Recife.

No emprêgo, considerava-se um só, em meio daqueles inexpressivos burgueses de mocidade extinta, sem banhos ao ar livre, sem namoros sonoros.

Perambulava confusamente por estéticas e religiões. Compunha versos e tinha receio de mostrá-los. Uma noite, conhecera, apresentado por um estudante de farmácia, três latagões que faziam parte berrante da jovem literatura cosmopolita da cidade. Atravessaram noites nos cafés, aborrecendo os garçons sonolentos e lendo. Aplaudiam-se incondicionalmente, despedindo-se na madrugada de *tilburies* e bêbedos.

Agora, o romance fulvo da Rua dos Clérigos absorvera-o. As vêzes, insone e trágico, saía do plantão numa urgência de repercussões. Montava à penumbra confidencial de uma água-furtada da Rua das Flôres, onde Frederico Carlos Lobão, anafado e lírico, o esperava. Expandia-se de dois de uma mudez de alto propósito. O outro, sem compreender, ajudava-o numa longa e inútil peregrinação mental pela psicologia errada das mulheres e das coisas. No quarto abafado de morrinhas, construíam e destroçavam o mundo à vontade.

Voltava mais sereno para o seu bairro, sonhando. Dormia pelo dia adentro, ia nadar nas tardes amarelas sôbre o rio tímido das enchentes.

E na gare acesa, ao tlin-tlin-toc-toc do ganha-pão, perscrutava inútilmente a janelinha de grades verticais, doiradas, onde vira pela primeira vez passar Alma d'Alvelos. Tinham-lhe dito que estava doente, não a encontrara mais, fazia já três dias.

A noite escoava-se no bocejo ruidoso dos outros e no passear intermimo do guarda da plataforma. Ele, por uma superstição sobressaltada ficava vigiando sempre, um ôlho no teclado, outro lá fora onde ela poderia passar.

O abandono da casa pela neta, a ausência inexplicada ao jantar, a demora em não voltar até dez, onze horas, com o

tica-tac apreensivo do relógio na antiga varanda, tudo ergueu pouco a pouco o velho Lucas num desmemoriado esforço.

Ele nunca pressentira, no crocitar do homem curvo que a cozinheira denunciara, a sedução da sua criança.

A netinha ruiva era o resto de tudo o que perdera. Se o deixasse, ninguém mais o tratava, ninguém mais lhe preparava o banho morno. Mas saberia buscá-la. Ainda tinha relações que não freqüentava, havia quantos anos. Mas voltaria, iria de um a um, dobrar os seus cansados joelhos... Procuraria, logo que amanhecesse, o capitão Marcelino, o Dr. Carlos Ribeiro, o velho Mascarenhas que era da polícia.

Contaria tudo. Não haviam de deixar tirar uma menina honesta da casa de seu avô. Decerto, prenderiam o miserável.

O cão sonhava a um canto. Pareceu-lhe ouvir passos. Foi ver. O antigo coração atropelou-se. Não era ninguém. Sentia agora chamar na noite. Vieram-lhe duas lágrimas aos olhos secos. Onde estaria?

Esperou o dia pardo. Fumara dois maços de cigarros. Sentia-se todo trêmulo. Parecia-lhe que tinha morrido gente na casa.

Resolveu escrever uma longa carta ao outro neto. Jorge d'Alvelos, que estudava na Europa, na cidade de Roma. Não encontrou papel. Erguera-se com câimbras finas nas canelas de esqueleto. Andava num grande paletó, remendado por ela. Ouvia um barulho. Outro. O moleque levantara-se. Enrolou-se depressa no cobertor vermelho e rasgado, para não contar a ninguém que a neta fugira.

O cachorro pequenino, eriçado de pêlos sujos, foi, num tique-taque matinal, saudar a patroazinha no quarto vazio.

Mauro juntou a vassoura rubra dos cabelos, na sombra do quarto despovoado, naquele deserto da Penha. E lá fora, passava um tilintar de chocalhos regulares.

Alma gritou:

— Perdão! Perdão!

Atirada pela mão direita que a estraçalhava, ao solo duro, caiu e ficou esperando a morte que caminhava decerto naquele êrmo indefeso.

Ele ficou rodando pelos quartos nus, cheios de frinças. E ela tinha a vista num só ponto — olhava a revelação pasmosa da vida.

Num corte de oiro sôbre o negro soalho antigo, feito pela abertura de um dedo da janela, subia a poeira da casa revolvida. E nas soleiras, nos buracos de rato das portas, andavam manchas quentes de luz.

Ela esperava, justificando-se baixinho. O homem de Campinas enganara a própria D. Rosaura. Dissera-lhe que havia esquecido a carteira no hotel, dera-lhe um cartão. Diria isso tudo a Mauro, mostraria o cartão. Ele havia de compreender. Talvez consentisse que ela o beijasse de nôvo. Levantou-se. Estava moída dos trambolhões. Chegou mansamente à porta. Ele rabiscava qualquer coisa com um lápis, à mesinha da sala. Foi indo. Ele a presentia sem se mover, decerto aceitava-a de nôvo... Foi, quis enlaçá-lo. Mas êle preparara-lhe a bofetada sonora. Preparara...

Tinha recuado, convulsa. Fôra um golpe têsso no coração, um abalo geral de todos os nervos, de tôdas as revoltas, de tôdas as maldições... E as lágrimas pularam, pularam...

Teve vontade de trepar pelas paredes de cal. Mas o corpo amoleceu-lhe nas escoras inúteis dos músculos, a cabeça ton-teou-lhe.

Fôra voltando. Parara na cozinha — negra das antigas existências calmas da casa de aluguel. Uma fita de dez côres passou pela telha-vã, bandou-lhe os olhos.

Estatelou-se voluntariamente nos tijolos frios, ficou ali... Sentia uma dor sem raiva, no entanto. Teve ânsias de vomitar: um soluço sêco escancarou-lhe a bôca de repente. Se êle viesse vê-la!

O pensamento tímido levantava-se-lhe em frases: — Que coragem! Eu morrendo aqui! Não tem um pingo de caridade...

Contorceu-se de nôvo, num outro vômito sem resultado. Ficou tossindo, descabelada, partidas as cordas tôdas do ser soluçante.

Baixou a ruiva cabeleira até o chão sujo e quebrado e a auréola de luz multicolor irisou-a.

Havia de constipar-se, entisicar... Os tijolos ásperos horrorizavam-na. Pensou em ir para a cama... Não... Sim, devia ir... Podia fazer-lhe mal aquilo. Adoeceria de verdade, ali, naquela casa abandonada.

Fêz do braço um travesseiro humilde... Que adiantava adoecer?

Um barulho levantara-se. Mauro andava lá dentro. Um arrepio começou-lhe no ventre, subiu. Foi perdendo a energia inteira. Até a fôrça dos olhos glaucos caiu... Estava sem saliva... e doía-lhe o coração de vinte anos.

Ele continuava a andar, a mexer nos móveis alugados... não iria decerto... Bom! Lindo! Em meio das lágrimas, um irreprimível sorriso confessou-se... Cão! Mesmo assim, queria-o tanto!

Ia sair, ia sim, deixá-la... Andava no tom decidido dos sapatos americanos... ia... Uma calma de nôvo na casa sonora... um arrastar de cadeira... ia... um arrepio...

Não ia... estava se demorando... que fôsse! Não... se tivesse escutado!

Calma de nôvo... Ia... pressentiu que ia mesmo... Esticou-se tôda de bruços, querendo alongar-se como uma cobra até a rua... Tapou os ouvidos depressa e escudou perfeitamente, implacavelmente, o barulho estalado da porta fechando-se.

Lá fora, sempre o tilintar de chocalhos regulares. Caca-rejos. A tarde caíra. Haviam passado, de há muito, as ânsias de vômito. O leito acolhia-a carinhoso, na penumbra nua do quarto.

E, calma, grande, desceu como uma sombra de nuvem num ocaso lilás, a saudade dêle.

— Vamos ao café, deixemos de falar do eterno feminino.

— A mulher é ainda e sempre a garantia da vida, sussurrou um magro, grisalho, de olhos verdes.

O velho baixo, de bigodes de chim, concordou num som roufenho:

— É o único amparo! o único!

— Menos para o artista, menos para nós os artistas! gritou de dentro de sua encardida mágoa o gordo Frederico Carlos Lobão.

Incompreendido e gesticulante, introduzira-se para tomar o café das três até junto da banquetta serena de João do Carmo.

E na sala do telégrafo, o toc-toc-toc de cem vozes anónimas e dispersas falou, enquanto o servente negro enchia as xícaras da bandeja.

Lobão contara-lhe, fazendo psicologia errada, que Mauro Glade a tinha deflorado. Descobrira.

E o telegrafista pretextara um serviço extraordinário para ficar dizendo na noite, sòzinho, o nome sonoro do seu humilhado amor.

Depois, súbitamente pensou que podia ser mentira, que devia ser mentira. Quis procurar de novo o confidente imprevisto e teve pavor de saber mais

Invadiu-o um definitivo estado de desastre. Dizia cheio de lógica: coração de mulher, coração de rameira!

E rememorou longamente a única vez em que conseguira vê-la depois da carta. Fôra ainda no portão. Era verdade que ela lhe falara ainda do outro, dissera que o amava. E elle tinha partido num ímpeto de jogar cenas de dramalhão moderno como vira por teatros. Fôra para o quarto com catadupas sonoras nos ouvidos e não dormira.

Agora, Lobão vinha dizer-lhe aquilo, brutal e guloso de desastres, sem contempção, sem piedade. Tinha sido deflorada num *rendez-vous*.

Se fôsse mentira, esborrachar-lhe-ia a cara empapuçada e cínica. Andava numa sufocação indizível. A suspeita enlouquecedora tomara-lhe conta do espírito inteiro, do corpo inteiro.

Caminhara horas e horas, desde a saída do emprego.

Foi para a cidade à meia-noite. Entrou no centro numa psicologia de préstito.

Gente saía aos magotes dos teatros. Parecia-lhe que todos o olhavam como se olha uma solene passeata de desgraças, com cruz na frente e processionais tocheiros.

O centro esvaziou-se, com os últimos bondes assaltados pelos últimos retardatários.

Ja sem direção, andando, os olhos presos inconscientemente nas luzes iguais das ruas.

Uma sola de botina envelhecida despregou-se, fêz-lhe o acompanhamento trôpego da marcha.

Sentia os olhos pregados nas pestanas duras, a bôca num repuxamento grave de músculos. Tinha sido deflorada, ela... o seu fulvo sonho de amor.

Desceu por uma triste alamêda, arrastando a sola irônica. Um som de piano fê-lo estacar. Havia uma grande casa iluminada, entre árvores que ramalhavam. Na rua, junto a êle, varredores varriam fôlhas mortas, como destinos.

Na sala vazia, o piano ressoava. Êle prosseguiu, profundamente atingido no seu profundo ser. Passou ao bairro longínquo. Teve um gesto na direção do beco, onde o seu amor talvez dormisse sem honra e sem sossêgo.

E ao subir as escadas, tateante na sombra, para o quarto desbotado onde vivia, molhou de lágrimas os olhos, que tinha exageradamente abertos.

Por que não agira? Por que não soubera enfrentar tudo, arrancá-la do outro e do avô? Por que?

Vieram os dias da desgraçada pesquisa do seu insolúvel inferno. Uma emoção bárbara tomou-o. As tardes foram horíveis, as noites horrendas, as madrugadas lúgubres.

Até o dia em que soube, pela vizinhança alarmada e risonha, que Alma voltara para a companhia do velho. E que passara a sair todos os dias, bem trajada, com um sujeito recurvo e galhardo, que a esperava na esquina.

O Dr. Carlos Ribeiro não quisera envolver-se no caso: havia abandonado a política municipal. O capitão Marcellino não

recebera o velho, na sua grande chácara quieta. O Mascarenhas tinha morrido.

Ele passou uma semana inteira sem banho. O moleque pulava o portão, desaparecia longas horas. A cozinheira servia-lhe o almoço e o jantar, insistindo para que ele comesse.

Vestia-se para sair, para providenciar.

O cãozinho conversava com ele aos latidos longos, expressivos, num abanar de cauda que lhe indicava corajosos caminhos.

E nessa manhã de maio, Alma aparecera no bairro, com o rosto borrado de um sôco. Vinha num vestido nôvo e claro, de sêda, sob um desconhecido chapéu. O moleque correu a avisá-lo. Ele quis esperá-la no quarto, no grande paletó azul, para estender-lhe o descarnado braço cheio de anátemas, quando ela soluçasse de joelhos.

Alma não vinha.

Um longo soluço envolveu-lhe o peito magro.

Desceu precipitadamente as escadas, para abraçá-la no portão. Ela ia entrando.

Na penumbra do velho lar, não estava nada mudado. Apareceram em silêncio, pelo corredor, o moleque e a cozinheira. O velho perguntou-lhe se tinha fome. Ela ficou chorando num pequenino lenço, precioso e perfumado.

Afastaram-se do bulício cruel do bairro que comentava.

Estavam desolados e mudos. A paisagem, renascida do outono, invadia de oiro e azul a casa morna.

O velho Lucas, sentado ao leito guinchante, ouvia-a repetir as histórias do homem adunco.

E as manhãs foram as mesmas de outrora, acordadas pelo apitar longo e sucessivo das fábricas do bairro.

O diabo sátiro contara que era casado em Buenos Aires e esperava o divórcio para legitimar aquela situação.

O velho, num desvaio, proibira-a de sair. Mas o homem forte e furioso começou a cercar a casa quieta.

O ancião fêz a retirada heróica para a sombra do seu quarto.

Deus dissera, pela bôca do profeta Jeremias, como cantava a Verônica nas procissões: *Attendite et videte si est dolor similis sicut dolor meus.*

O homem barbudo e simples que, no dia 15, veio trazer o aluguel das duas casinhas da Lapa, não aprovou aquêl estado de coisa.

O velho expandira-se muito tempo com êle no jardim.

Tudo isso acontece porque a gente é pobre. Se o velho não fôsse pobre, a policia o defenderia com os amigos alvo-rosados e os soldados luzidos, cheios de botões.

Frederico Carlos Lobão tornara-se o companheiro eleito das horas magoadas de João do Carmo. Num desperdício verborréico de análise, comentava as mulheres.

Atravessava noites ao lado do outro, mudo soterrado do amor. E lá iam aos passos, num contraste. Lobão gesticulava gordo pelas ruas e praças, onde o vento do outono abatia rajadas de fôlhas amarelas. João era todo ouvidos abertos.

— Eu incorporei a minha portugûesa à massa das Evas pèrfidas. Você precisa fazer o mesmo! Coragem!

Desceram até a Ponte Grande na tarde quieta. João do Carmo deixara de nadar, abandonara para sempre as madru-

gadas de remo na neblina. Os seus músculos decresciam. Pedira demissão do cargo de segundo secretário do clube.

Penetraram no jardim arborizado.

O sol tombante acendera os seus fogos dentro d'água. Nadadores saíam com corpos perfeitos, de animais, da toalha negra do rio. Recolhiam-se barcos esguios. No céu houve um desperdício de colorido longínquo por trás da Floresta. Depois uma última rubescência morreu e a primeira estrêla, muito alta, luziu.

E tudo engrandeceu, tristezas e águas, na noite que chegava.

No escuro inútilmente místico, entre êxtases, braços abertos, iluminações, resplendores e mágoas de patriarcas, o Senhor Jesus da capa roxa, amarrado pelos pulsos, tinha a coroa de espinhos burlescamente de banda, como na noite de Caifás, em Jerusalém.

Em sua frente, o velho Lucas, sob o desfiado algodão dos cabelos, encolhido e magro no leito guinchante, escutava passar nas horas imensas uma procissão de entêrro sem música.

E, no outro quarto, Alma, com um relógiozinho de pulso que ganhara, sentia que a vida era uma cavalgada de faunos pela terra.

Mauro recolhia todo o dinheiro arranjado em casa de D. Rosaura. Ela não ficava com coisa nenhuma.

Era uma luta estabelecida, clara, com surtidas e embates, recuos e rendições, entre o cáften branco e a covardia rica da cidade. Eles iam todos, os vadios da sociedade chique, os velhos vermelhos do São Paulo Clube, os arrivistas comerciais, levados na volúpia de possuir num leito rendado de casa suspeita, a desvirginada do bairro distante, cuja inocência a senilidade trêmula e ingênua do velho avô garantia. Era um caso raro: uma menina de família brasileira, educada para as devoções

burguesas dos lares obscuros, e que rolava num esbandalhamento de gritos e surpresas, pela rampa mirífica das prostituições sensacionais.

Os poucos que a haviam conhecido nos bons tempos, quando o avô Lucas, depois de fechar a sua casa de louças, fôra cinco anos gerente de uma grande firma, na Ladeira João Alfredo, punham um requinte que os suspendia nas trêmulas escoras sexuais, gastas pelas vidas de regulado deboche, em ter ali, no quarto de penumbra medida, consigo, no leito, as recordações honestas da família impoluta, que a vida estatelara de costas no colchão dos vencidos.

Não era ela — o corpo imperfeito de adolescente, o rosto mártir sob o capacete desfiado dos cabelos fulvos, e a inexpressiva sexualidade dos vinte anos. Não: era o caso, a neta do velho, a prima do escultor que estudava em Roma, a criança sem defesa que punha um pudor doido de punhos convulsos no ato nefando, para gôzo maior e volúpia mais cega dos impotentes do amor.

Era um estupro diário, um desvirginamento de tôdas as horas, o sacrifício diabólico dum retrátil hûmen psíquico que resistia à onda impura, criava barreiras divinas à bárbara devastação e apenas amava, amava, amava o seu alçoz inflexível.

Mauro oferecia-lhes o defloramento sem complicações, sem conseqüências, a bom preço, longe da escalada noturna às pazes tutelares de onde êle a tirara num longo soluço de iniciações.

Passado o primeiro mês de sufocação idiota entre braços alheios, Alma, no entanto, se repusera, se afirmara. Era uma fera enjaulada, na casa esquisita onde a vendiam.

Muda, sem seduções a não ser a da sua mocidade banhada de sol e a da sua tristeza banhada de lua, incapaz de agrados e de falsificações, esperava a hora do leito como um doente que esperasse a hora inadiável da morte.

O homem moreno e flácido, de bigodes bem tratados, sorria depois da gelada posse, dando-lhe a nota brilhante.

— Cuide de si. Não entregue a êle tudo que ganha!

Aquêle interêsse fazia-lhe subir um asco sêco à garganta. Olhava o interlocutor com vontade de cuspir-lhe no rosto cínico tôdas as cobras que a faziam engolir. Êle vestia-se sem pensar na filhinha de dez anos que se fantasiara de Camponeza da Holanda para o último baile do Internacional. Ia contar

ao clube ávido que possuía a menina ruiva, comentar-lhe os seios redondos e brancos que apenas entrevira sob a camiseta pudica.

Ela ficava à espera de outro, entre as demais asiladas, quieta, tétrica, na sua juventude doirada.

O cáften vinha, risonho, pálido das noitadas. Ela dava-lhe tudo — a vida e a lama: os beijos que eram seus, que guardara só para êle, inviolados aos lábios de acaso que a tinham sufocado, e o dinheiro, o dinheiro à beça que lhe punha uma auréola de super-humanidade entre os seus irmãos aduncos de seita:

— És um felizardo! És um felizardo!

Nos dias mornos da casa suspeita, entre reposteiros, Alma perdia-se às vêzes em pensar no que fariam a essas horas no sobrado antigo, o avô desonrado e o moleque e o cão. O velho Lucas não saía mais, tinha uma vergonha infantil dos vizinhos maldizentes. Uma tarde, êle chorou. Perguntou-lhe uma mulher compassiva a razão daquelas lágrimas.

— Elas vêm. É preciso pô-las para fora.

O contato diário com o nauseabundo tipo de calva integral no sorriso, no couro, na alma e na vida — o repulsivo gozador morto das migalhas da existência e das sobras do amor, o burguês do dinheiro, sem educação e sem vergonha, pôsto de balandrau na cômica procissão trágica dos gozos da terra, foi formando em Alma um desvio de dolorido cinismo. Pensavam que ela era como as outras e talvez tivessem razão. No entanto, às impenetráveis reservas da sua candura, subiam às vêzes faíscas doidas.

Aquêlle dia, entrara na casa, posando desde a porta um ôlho clínico de entendedor, um médico de crânio chato que parecia apertar chatos pensamentos.

Apresentaram-na numa apresentação humilhante — a única a que ela tinha direito. E êle disse:

— Conheço-a de fama.

Ela ficou ofegante no seu canto. Era conhecida de fama. . . O velho Lucas, o cão, o moleque, o telegrafista, todos morreriam de síncope, um atrás do outro, se ouvissem.

O homem sentou-se numa segurança de bonzo que adivinha tronos por tôdas as banquetas onde se pagam bebidas. Fêz vir *chartreuse*, fêz vir *benedictine*, fêz vir *peppermint*.

Ela era forçada a servir-se com as outras, em redor do senhor momentâneo do ambiente. Aceitou sem gestos o cálice côr-de-losna e provou.

E a mulher gorda, em quem a presença do freguês excelente acendera, entre rugas, os olhos avaros, pôs-se a repetir o elogio gravado na sua pobre cabeça de quarenta anos daquela vida bêbeda.

— Ê de fazer inveja!

— Por que? — sorriu com dois dentes na bôca trevosa o amarelo calvo.

— Porque todos a querem.

— Eu não faço questão.

Examinava-a.

Oh! as humilhações da vida, as humilhações que precipitam em vontades de chorar a circulação já doente do ser convulso e magoado. Ela sabia que não valia nada, sabia por Mauro. Mas aquêle homem também não valia nada, era um nojento bem vestido, como um cadáver.

O calvo analisava-a. Disse duas pilhérias grosseiras. As mulheres riram atenciosas. Levantou-se. Concentrara o seu exame parvo na figura ruiva, de cabeça baixada. Não teve a última coragem, a de dizer alto que a queria. Saiu para a saleta. E daí a pouco, D. Rosaura voltava para buscá-la.

— Não vou.

Houve uma estupefação na sala das vendidas. A discussão em voz alta cresceu. Numa indignação surpresa, a caftina saiu e voltou.

— Dá até quinhentos mil-réis.

— Não vou!

E nessa noite, na Luz, Mauro ressurgiu para atirar-lhe ao rosto, com tôda a sua raiva de cocaína, um sapato americano, depois de a ter garganteado nos lençóis.

O avô conduziu-a machucada e lívida até junto do oratório extático.

E ela pôs-se a pensar em Mauro: como êle era lindo, como tinha razão contra os outros!

Na sua *garçonnière* de cretone búlgaro, o médico de calva chata comentava com gente de sua classe bem posta.

— Quem a vendeu foi o avô. Tive-a ontem depois de muita fita. Agora o velho e o outro repartem os lucros.

Plou! Plou! Um pedaço de pau na torrente da vida.

João do Carmo conhecia quase tôda a verdade. E viera-lhe, num acesso de lancinante despeito, a decisão de possuí-la sem amor. Ser Don Juan por desastre sentimental era a sua escusa, o seu programa.

Pôs-se a provocar encontros com Alma, na volta habitual da cidade. Ela tivera um arrepio íntimo, ao vê-lo pela primeira vez. Voltara o rosto bruscamente, instintivamente, fugindo à fulminação daqueles pobres olhos traídos.

Êle saudara-a com a velha palhêta, amarela das garoas, num sorriso onde ia todo o seu esfacelamento.

Regressara sôbre os próprios passos para vê-la entrar: queria que ela o pressentisse ainda, o cumprimentasse ainda.

Mas Alma fugia como uma ave baleada. Bateu o portão, entrou.

Em cima, no balcão de jasmims, nem sinal de vida.

João esperou anoitecer, rondando para cá e para lá... Achava absurdo que ela tivesse passado incólume pela sua sugestão amorosa e constante.

Na rua, claudicou longamente, com moleques atrás, uma carroça de reclamo de circo.

Abordou-a afinal. E tateando a enovelada tragédia, como quem teme uma explosão sufocante, falou vagamente da verdade.

Ela se mantinha numa atitude de reserva e dissimulação, recostada, muito fulva, rescendendo a *Yvonne*, nas velhas grades do jardim. Parecia ter o rosto martirizado e maior.

Desviara-se, por uma convenção piedosa de ambos, a vida do asilo de D. Rosaura. Ela parecia sensibilizada. Pusera-se a sonhar.

E, no íntimo do telegrafista, cresceu de súbito uma mágoa profunda contra aquêle portão, em que o outro a seduzira. Disse mal, hiperbolicamente, dos varais, onde a pintura se chagara em longos anos. Passou a insultar a sombra dos canteiros mal cuidados. Alma reagiu espicaçada.

— Foi aqui que conheci a minha desgraça e o meu amor.

João correu ávido ao encontro do próprio sacrifício horrendo.

— Estavas pensando nêle?

— Estava...

— É verdade?

— É verdade.

Foram chicotadas de aço na noite.

Um môço bem vestido, com um monóculo arregalado na pupila direita, apertou a campainha do *rendez-vous*. Seriam dez horas da noite.

Uma mulher, de cabelos curtos e loiros, veio abrir e desapareceu para o interior, numa corrida de louca alegre.

Na sala encerada e escura, onde ao piano tangava um rapaz curvo, um sujeito, afundado na cadeira de couro do canto, sorria por debaixo dos bigodes. Ladeavam-no, muito perfiladas em outras cadeiras, uma inglesa que era professora de bailados e uma chilena grávida de sete meses.

A mulher de cabelos curtos e loiros fêz sentar o rapaz de monóculo, disse-lhe num tropel que D. Rosaura estava ocupada, que quem mandava aquela noite era ela e que havia outras lá dentro.

— Você sabe, a Pippermint está afl

Num afobamento de dona de casa, tirou a jaqueta azul, fêz servir *whisky* por um *garçon* grave. Da blusa saía-lhe, sob a oxigenada cabeleira, o pescoço alvo e curto. O rapaz enlaçou-a e beijou-lhe a pele branca e quente. Ela enervou-se: estava tomando conta da casa, não queria saber de ninguém. E foi para dentro aos pulos.

Ao som indisciplinado do piano, onde a chilena grávida se sentara, o rapaz curvo e a professora inglesa dançaram. A loirita voltou trazendo uma mulher estática com olhos parados, numa *toilette* pisada.

O piano claudicou.

Era a Pippermint, que tivera uma tragédia longínqua e andava bêbeda pelas ruas e praças. O Bentinho da Bôlsa de Mercadorias amava-a dedicadamente.

A alcoólica espectral parou. Da garganta saíam-lhe sons inapreciáveis. Perguntava quem a tinha chamado. A mulher loira sentou-a como um bonzo magro. Repetiram-se as bebidas.

O rapaz curvo voltou ao piano.

Uma fulva criança de vinte anos veio vindo lá de dentro com um velhote. Parecia tonta. Ensaíou no meio da sala alguns passos esbeltos, à tarantela que ressoava. Ria-se numa desigualdade de tons, roçan o pelo velho o corpo juvenil e mostrando a perfeição dos dentes. A chilena grávida, na sua poltrona, esbodegava-se de alegria expansiva. A inglesa torcia de riso o corpo franzino.

Convencido, surdo à algazarra, o pianista continuava, de costas, a sonora melodia napolitana.

A menina de vinte anos, que tinha o estranho nome de Alma, centralizava as atenções, fazia momices ao músico, jogava as pernas para o alto. O rapaz de monóculo, que se levantara, passou a boca duas vezes pelos cabelos desgrenhados e côr-de-labareda.

O homem, afundado na cadeira de couro do canto, deixou de sorrir por debaixo dos bigodes e espatifou de repente um copo no soalho. A bulha cresceu.

O rapaz perdeu o monóculo. A professôra inglêsa gritava para a bailarina improvisada que executasse a Dança das Horas. Bateram palmas. O velho quis intervir. O rapaz, que perdera o monóculo, investiu para atracar-se com êle. Houve um tumulto. O piano parou. Mas um cõro de adesões desencontradas e bêbedas estrugiu, convenceu:

— Dança! Dança!

O môço zangado desfez a tromba: compreendeu que estavam todos alegres. Só a Pippermint se conservava séria, de olhos fixos, imóvel na sua cadeira. O velho foi sentar-se rindo.

O rapaz curvo anunciou que ia tocar a Salomé, aos berros; voltou de nôvo as costas; começou uma escala no teclado.

Esganando-se de gôzo da vida, o velho disse que era São João.

Então, ante a alegria tocada de fúria sensual da disparatada assembléia, com grandes risadas de abandono, as faces em tijolo, os verdes olhos mortiços, Alma dançou a versão lasciva de Oscar Wilde.

A vizinha redonda da frente que costurava com as filhas e tinha, em letras pretas, um cartaz na janela: *Faz-se point à jour e trou-trou*, chamou-a no comêço caricioso da noite e perguntou-lhe se não precisava de um *manteau* e de um *renard*.

Num divã, Alma suplicava ao lado de Mauro. Ele permanecia impassível, fumando.

— Que bom ter um filhinho, um filhinho teu! Deixa-o viver...

— Tens certeza de que é meu?

— De quem pode ser?

Erguera-se muito séria; deitou de novo a cabeça e ficou quieta.

— Não custa nada, disse êle. Conheço uma italiana que faz isso.

— Não quero, não quero, Mauro.

— Mas eu quero.

Houve um silêncio.

— Eu morro disso — murmurou Alma num pressentimento.

E Mauro disse:

— Se morresse!

Mauro deu-lhe a mão, fê-la levantar-se, depois de um instante. No leito, ficaram coágulos quase negros de sangue.

Encostada a êle, Alma saiu cambaleante e sorrindo. Tinha um medo enorme de que o avô soubesse.

Quase morrera. Passou uma semana trágica num quarto de D. Rosaura, que a tratou.

As outras foram visitá-la. Contavam-lhe as vidas iguais e os amôres iguais. Tôdas tinham um homem adunço que as espancava e lhes tirava o dinheiro precioso. E falando de Mauro, tôdas lhe diziam, encordoando os pulsos raquíticos:

— Se fôsse comigo!

O velho avô permaneceu dias e noites na fogueira acesa dos seus nervos. Fungava no leito, pensando na desaparecida.

O cão, sôbre o tapête desfiado, sonambulava antigas caçadas de ratos.

O quarto escuro iluminou-se daquele sorriso, a casa torva também, a cidade crepuscular também, o ergástulo do mundo também.

Sòzinha, sentindo os seios doloridos, ela apertara um biquinho duro e vira, num assombro, despontar do imperceptível *manancial* uma gôta branca de maternidade.

Sentindo-se melhor saiu chorando, na madrugada. Tomou um táxi chorando, foi para casa chorando. O *chauffeur* tinha uma cara redonda e branca. A cidade neblinava indiferentemente.

Camila Maia, uma perdida elegante, veio visitá-la, com o seu pequeno sorriso, na Rua dos Clérigos. O velho Lucas não disse nada, deitado no leito guinchante.

Numa sentida raiva, lembrava o Amazonas, onde vivera, e os sobrinhos que tinham querido Alma em pequenina e depois o haviam abandonado. Antero d'Alvelos, fazendeiro rico em lacanga, havia de pagar, depois da morte, tamanha desgraça.

João do Carmo levantou-se às duas horas do dia quente. Alma, na véspera, fingira não o ver.

Foi procurar Frederico Carlos Lobão na sua água-furtada de desenhos grudados. Não o encontrou. Tornou desolado ao quarto da Avenida Tiradentes. Lobão esperava-o à porta. Trazia uma novela, cheia de psicologia, no bôlso. Leu-a, num banco calmo do Jardim Público da Luz com a voz tonitruante, acom-

panhada de gestos gordos e iguais. Esfalfou-se nos pedaços maiores. De longe em longe, aves excitadas gritavam. João distraíra-se. Com os braços cruzados, ouvindo confusamente, pensava em Alma.

Depois de lhe pedir a opinião com sinceridade, Lobão passou uma descomponenda nos governos que não protegem os artistas nem aproveitam as vocações.

O telegrafista, de folga, tinha a noite livre.

Falaram literatura. João do Carmo empolgou-se um instante, mas veio-lhe logo uma canseira mortal. Dentro d'êle havia só o coração que amava.

Lobão propôs que jantassem no Hotel Rebecchino. Rachariam a despesa. Sentaram-se ao fundo da sala pobre. Casais com crianças e homens simples do interior vieram devagar, apinharam as mesas, onde espigados vasos de vidro punham notas fanadas de flôres.

Ao calor amável de um botelhão de Chianti, Frederico Carlos foi imprevisto, foi pitoresco. Para o outro, um instante esquecido, narrou uma viagem que fizera ao sul de Minas.

Seriam oito horas quando subiram ao centro. João do Carmo teve um lancinante silêncio, pelas ruas, sem ouvir o boêmio que falava sempre.

Na esplanada do Municipal, a fanfarra da polícia tocava um trecho da *Bohème* de Puccini, em meio do povo. As saudades falhadas cresceram no peito amoroso.

Deram de cara com um amigo comum, só, parado em nervos, no Viaduto. Chamava-se Dagoberto Lessa e nunca conseguira nada da vida. Disse-lhes de chôfre, como quem tem uma velha idéia a despejar:

— A esperança é um espêto onde sempre falta o assado.

Lobão desemburrou-o à fôrça de risadas gelatinosas de todo o corpo. João despediu-se, cada vez mais vencido.

E ficou andando, sem destino, até a madrugada perfumar os jardins calados da cidade.

Alma queria ter um gatinho, passá-lo no decote do vestido, pelos seios nus.

O velho pedira-lhe que somasse o caderno da venda. E, como antigamente, ela dizia alto, na mesa, recoberta pelo desbotado pano xadrez, perto do moleque, crescido, de pé, escutando. Fubá... 400 réis; alpiste... 400 réis; cebola... 200 réis...

O alpiste era para a coleirinha bisonha que o avô comprara na porta numa ingênua festa, quando ela regressara.

Mauro reapareceu.

E ela teve dias pela casa, sentindo um apêto em cada canto; outros, uma alegria em cada porta. Interrogava as paredes, o passarinho, o cachorro idiota e peludo.

Voltava-lhe às vezes, para inundar o coração pequeno, aquela tristeza que pedia mais...

Mauro levou-a para jogar *pocker* a uma casa baixa e iluminada da Ponte Grande.

Oh! que cansaiva fulmínea da vida aos vinte anos!

Deitou-se ao leito conhecido, com um telefone à mesa da cabeceira. Tinha fechado a porta para que ninguém viesse.

Tomou o boião de éter do aparador. Ensopou dois lenços de linho.

Aquela moleza gostosa... uma vertigem fria subindo... e uma vontade indecisa de não sei que... subindo sempre... Afrouxara-se-lhe o nó da vida... O homem de preto era cõr-de-cinza... Aquela cara... Uma vertigem boa que a levava... E o passarinho ria calado... ria... cõr-de-palha... Caras... Caras... Caras... Subindo... Por que tantas caras? E a moleza amarela que a abraçava, que a levava, que a sufocava de lábios tontos... Levava-a, fazia-a rodar e subir frio... As caras desfilavam, subiam, fugiam, sem barulho, sem nenhum barulho... por impalpáveis salões... por...

Esperou o velho dormir e veio num bonde até a cidade. Estava num *tailleur* esbelto, de gola alta.

Os convites de aventuras passavam por ela, sem acõrdo.

A fanfarra da polícia concertava ao ar livre, no anfiteatro de luzes do Municipal.

Sentou-se a uma das últimas mesas. Pediu *whisky*. Achara horrível a droga, mas bebia até perder a última vigilância da lucidez.

Fazia-se tarde. Foi pelas ruas andando. Um gemido integral do espírito, com vontade de ser gritado, afogava-se dentro dela.

A madrugada surpreendeu-a, misteriosa, num jardim de chorões. Ficou parada na ponte abaulada, sôbre o lago sujo da Praça da República. De repente, gritou. Um vagabundo que bebia água na concha das mãos, entre pedras, ergueu a cabeça apreensivo. Perceberam-se num mútuo receio. E partiram em direção oposta, pela noite.

Eram sete horas. Ficara no *rendez-vous* o dia todo e não accitara ninguém. Tinha fome. No bairro distante, o velho avô havia jantado o seu pequeno jantar, dando de comer ao cachorro.

Ela agora não sonhava mais, como em criança, ter um marido, uma casa com criados, bebês de cachos e laços de fita na cintura.

Foi procurar Mauro no bordel da Yvette, para pedir-lhe cinco mil-réis.

João do Carmo tomara-se de uma suprema inquietação amorosa.

Ante o espelho quadrado que servia para a *toilette* improvisada dos seus dias, achava-se macerado como um suave peregrino. E repetia fitando Baudelaire:

*L'amoureux pantelant, incliné sur sa belle,  
A l'air d'un moribond caressant son tombeau.*

Quando percebia Alma, num procurado encontro, sentia cem trombones funerários tocarem-lhe aos ouvidos escancarados. Tinha um sincero pasmo pela coragem lendária de Otelo. Se fizesse um fim de drama como êle!

Vinha-lhe uma sensação de frio no peito. Queimavam-se-lhe as pernas. Tinha uma dor física de cicatriz aberta no coração. Lágrimas corriam à-toa e brutalidades estrangulavam-se-lhe nos punhos.

Alma trouxera um charuto havano para o velho Lucas. Mauro tomou-o.

E o telegrafista abordou-a resolutamente de nôvo, numa áurea tarde do bairro populoso.

Dagoberto Lessa, andando com João, encontrara-a de vestido ligeiro, sapatos de pelica branca, num *canotier* insolente e manifestara por ela um culto apaixonado e cínico.

De modo que não fôra difícil, para o namorado, tê-lo por conviva no festim de imaginação que se oferecia continuamente, com um possível futuro, fulvo e ridente, onde entrava resignado o necessário de pouca vergonha. O grande assunto de ambos era ela. João mentia ao outro, desviando para horizontes líricos, a história da sua perdição. Repetia-lhe os antigos diálogos. E contava-lhe como amava apesar de tudo, animando o deserto noturno dos viadutos.

O velho esperava que a neta viesse. Ela prometera assistir à entrada do Ano Nôvo, em casa, diante das imagens antigas acompanhando o têrço, como nos anos passados.

Num cortiço vizinho, haviam improvisado uma orquestra de negros.

O avô, tendo o cão deitado ali, rezou sòzinho o rosário precatório, com o moleque de olhos brancos, escutando, ante uma vela vacilante.

Na cidade extensa, as fábricas anunciaram sonoramente que a crosta velha do ano se despegava da terra juvenil. Os mil apitos cantaram, cantaram. O velho imprecava, o moleque respondia devagar, o cão adormecera da melopéia religiosa.

São José, de dentro do velho oratório, olhava impassível, tendo o menino ao colo — o mundo simplificado em azul nas mãos polpudas, com uma cruz em cima.

Lá fora, tocava a orquestra melancólica de negros.

Alma ficara tomando *champagne* na casa de D. Rosaura. Saiu à-toa pelas ruas encantadas de movimento noturno.

Na esperança do ano melhor, um bar do Triângulo atravancava-se de gente feliz. Ela sentou-se a uma mesa esquiva.

Ficou diante de um cálice, ouvindo a música emocional, na noite ruidosa.

A seu lado, em outra mesa, um mço sórdido discutia com um velho pontiagudo, de olhos canalhas. Súbito, o velho piscou para ela.

A madrugada cidadina escoava-se. Foi para casa num táxi. Encontrou tudo escuro e fechado.

— O Lobão é uma vela apagada no altar da inteligência humana.

João do Carmo desfranziu a carranca sentimental, sorriu. Estavam na confusão ruidosa da noite de janeiro de uma taverna central.

Sob as luzes espiçadas, Dagoberto Lessa parecia mais calvo no contraste dos pontudos bigodes ruivos. Valorizava-o um imperturbável ar sério.

E, de dentro de João, vinha por vèzes uma insensata vontade de acariciá-lo.

— O Lobão, o Teles Aguilar e o Pinto Pé de Anjo recusaram-se a subir ao segundo andar da inteligência humana. Têm medo de que desabe o elevador.

O *garçon* achegara-se, com o guardanapo sob o braço de alpaca, num grande aspecto afarado.

— *Cognac!* — gritou o desiludido. — E você?

— *Kirsch...* para evocar.

— Outro dia, reli o *Jardim d'Epicure* e quebrei a caneta. Prefiro escrever um volume sôbre estrumes humanos. Imagine você se eu escrevesse um livro como êsse! A res-pon-sa-bi-li-da-de! Que seria de meus filhos? Você sabe que tenho cinqüenta.

Houve um silêncio, no barulho. E o homem continuou:  
— Nasci para fazer a grande arte, mas resolvi fazer a pequena. Vou só responder a *enquêtes*.

Embarcaram cálice sôbre cálice e o palrador chegou ao caminho ensombrado das confidências.

— O triste, o trágico de tudo é que me casei por amor! Tinha vinte anos e prendi-me pelos primeiros olhos que me chamaram a atenção, sem indagar se êles diziam: “somos inteligentes”, “somos compassivos”, “somos idiotas”. A criatura era pobre como o Lobão. E quando pretendi tirar-lhe faíscas da alma, nada! Escuro como o cérebro de um tenente de cavalaria.

E depois de um tempo, consolando-se:

— Enfim essa história do meu casamento foi imbecil, mas foi de artista, de grande artista, foi que nem a história de Jean-Sébastien Bach.

Esvaziou mais um cálice de um trago e sorriu com um sorriso físico de músculos relaxados. E como recrudescesse em tôrno a balbúrdia do bar, largou da bôca um insulto grosseiro e coletivo. Depois, fitando no outro os grandes olhos sérios:

— João, aqui nesta sala há cinqüenta homens, quarenta e nove são infames! O que resta sou eu ou é você. . .

Voltou ao casamento, discutiu mulheres e, de repente, lembrou-se de Alma.

— Essa sim! É a única! Se fôsse comigo. . . Do tesouro de Crespo que tens, tiras duzentos-réis e te contentas! Eu me extremaria, me arruinaria. Porque aceito tudo, o trágico e o cômico, com dignidade. Desejo, em amor, apenas isto — o sacrifício integral do meu próprio indivíduo. Imagina, João, fazer chorar sôbre o meu desastre todos: os empregados dos bancos e das confeitarias, as senhoras caseiras e as horizontais. . .

Diante do outro que se crucificava na cadeira, o calvo prosseguiu, às braçadas, o seu sermão de lágrimas.

— Estou grávida, sim. . .

Ela estacara com o tapa têsso, as duas mãos mantendo as têmporas, chamejante e imóvel.

— Esta cabeça que já é tão dolorida!

Depois, crescendo, transfigurada:

— Estúpido! Gritarei até vir gente! Gritarei. . .

O cáften saltou, derrubou-a, quis pôr-lhe um pé no ventre importuno. Ela debatia-se. Largou-a desmantelada e foi-se.

Permaneceu até tarde naquele quarto claro de D. Rosaura. Queria ter o seu filho, fôsse como fôsse. Viu ao espelho o rosto machucado, sob a ruiva cabeleira, dispersa e mal junta, o olhar enfaixado no luto das olheiras.

Deitou-se humildemente. E de súbito, no escuro, acendeu-se a entrada luminosa da pensão da Odete. Mauro já estaria chegando lá. As outras estariam correndo para êle, como pavões, aos gritos. . .

No fundo nunca analisado de João do Carmo, uma honestidade engrossava, como o rio nas enchentes.

Por aquêle fim mórno de dia, êle tinha-a afinal ali, no seu quarto de telegrafista, abrindo a janela única para a paisagem medíocre de quintais, que o perturbava.

Ela viera com êle, num saltitar ligeiro de tacões, a gostosa nudez apenas disfarçada pela saia preta e pela blusa de sêda.

Numa sinceridade de confiança, acolhera-se na cama, ao lado dêle, a cabeça vermelha recostada ao seu largo peito atlético que fremia. E contava-lhe histórias da vida.

— Conheces Camila Maia? Estêve lá em casa hoje, outra vez. É uma criatura alegre, esperta. Mas não tem cabeça, arranjou um filho. O filho foi para Tremembé. Estêve lá em casa, desde o meio-dia.

Depois, refletindo:

— É verdade o que você me disse? Que vai para o Rio? Não, você não pode me deixar. Eu não tenho ninguém. . .

Debatia-se, num carinho pedinte. O peito do môço arfava. Êle vencera, afinal, de tanta esperança, a dolorosa partida. E num confuso labirinto de sensações e raciocínios, não sabia crer.

— Eu gosto tanto de você! — murmurava Alma, quase chorosa. — Não quero que você vá . . .

Vinham à cabeça de João madrigais inúteis. Ele não sabia tê-la ali, como um bom macho. Rimava obscuramente o seu amor triunfal. E ela, na sua cabeça tonta de ouro ruivo, ia pensando que faria com êle a burrada definitiva. Ele era bom e não a deixaria nunca mais.

Um sentimento recuado para as reservas mais longínquas do seu ser de menina, vinha enternecer-lhe os gestos leves. Ela enroscava-se tôda no homem forte e bom.

— Você conhece aquêlo?

Alma levantou a cabeça surpresa, olhou: João mostrava a fotografia arrancada do livro que se suspendia a um prego, na parede sôbre o leito.

— É Baudelaire.

— Seu amigo?

— Não. Um poeta. Um grande poeta . . .

— Parece um padre.

— Você sabe francês?

— Um pouco.

Ele ficou numa lástima vexada, certo de que um sonêto de Baudelaire, cantado pela sua voz cava, resolveria, melhor que tudo, a hora tentadora.

Ela estava ali, ela, ao seu lado, no seu quarto. E como parecia diferente dêsse mesmo ser, que o obcecava a ponto de acompanhá-lo em tôdas as silhuêtas esbeltas, que passavam nas ruas agitadas. Era ela, a que êle sonhava ter diante do clube aquático, numa incontida vaidade de noivo gigolô, por um acaso sôbre a Ponte Grande, quando o sol líquido nadasse, ao ritmo de um barco que os seus braços levariam . . .

— *Car j'eusse avec ferveur baisé ton noble corps . . .*

Ficara quieto, esperando. Ela perguntou-lhe com olhos cortantes, se estava caçoando.

— Ora essa! que idéia . . .

Uma frieza passara entre os dois corpos. Alma deu um pulo do leito, voltou-se para um canto, subiu a sêda frouxa das meias.

— Preciso ir, vamos?

Ele refizera-se todo já pronto, cavalheiresco e sólido, disposto a acompanhá-la, a obedecer-lhe, a morrer por ela.

E foram em silêncio, baudelairianamente, pelas ruas geladas.

O velho Lucas queria liquidar o seu antigo débito hipotecário da Lapa.

Os homens da Companhia de Desenvolvimento tomar-lhe-iam as duas casinhas que lhe rendiam a vida.

Tirou do guarda-roupa um velho fraque, vestiu-o. Estava com as mangas curtas, teve a impressão de que crescera. E ficou ali, sem ânimo de sair, festivamente vestido.

Pela manhã, vinha-lhe aquela aguaceira áspera, amarga e inútil à boca salivosa.

O avô não desconfiava de nada. Se pudesse dormir sempre, sempre. Mas o sono fugia-lhe num galope como a vida. Fazia imensas madrugadas nulas. E uma suave angústia tinha-se lentamente obstinado no seu antigo peito calmo.

Alma gelava-se tôda ao imaginar que êle viria, mais dia menos dia, a saber.

O pretexto de encontrar-se com Mauro a tinha salvo até aí. Mas o cáften havia de deixá-la também.

Foi numa loucura, que ela começou a autorizar o telegrafista a definitivos compromissos. Agora, tôdas as noites, era êle, como Mauro antigamente, quem passava a horas certas. Fiel, humilde, como quem nada espera e nada merece, falhava só nos dias de plantão.

O moleque, espionando do balcão, dizia à ruiva cabeça inquieta que o Carlito estava na venda da esquina.

De modo a ser um irreprimível sorriso a saudação de início, quando ela descia.

Punham-se a falar de tudo. A vizinhança não notava mais, como outrora. Forçada a todos os cinismos, Alma soubera penetrar em casa da mulher de frente, do lojista, da vizinha do sobrado. Resistia-lhe, ao lado, um funcionário magro, de

bigodes baixos que se chamava Quincas e tinha encardidas filhas curiosas.

— Sabe? Camila deixou o Matos...

— Ele não era correto?

— Corretíssimo. Não há homem como aquê! Mas a paixão dela agora são os meninos do Mackenzie. Está farta das roupas e das jóias que o Matos lhe deu...

João sentiu um vexame de não lhe poder oferecer também aquilo. Se ela quisesse compreender-lhe o tesouro de amor. Esse era seu, fôra sempre seu...

Perguntou-lhe despeitadamente por Mauro que deixara de aparecer. Se não voltasse nunca mais... se morresse...

João palpitava de profundas esperanças. Oh! Se fôsse possível tê-la afinal só para êle, mesmo assim, prostituída, desmoralizada, vendida à cidade...

Ao encontro dos seus inconfessados desejos ela veio uma noite, tímida, suave, transfigurada.

A sua vida não tinha sido como diziam: ela não era a debochada que pensavam.

Na sombra tropical, sob o pêso lascivo dos jarmins, res-cendia-lhe o corpo claro a *Yvonne*.

E o coração do homem bom badalava que sim, que ela não era a debochada que queriam: era santa, era santa, era santa!

Foi assim que João veio a saber da relação romantizada do dia a dia pobre daquela vida, que devia ter sido salva pelos seus braços musculosos.

Ele tinha acompanhado de pressentimentos inertes o demorado martírio.

E por que não intervieria antes, não gritara à polícia, aos que passavam, à vigilante inquisição terrena? Por que?

Entanto, Mauro aparecia, naquele romance, santificado. Nem uma queixa raivosa contra êle, nem uma dor magoada contra os seus processos terrificantes, nem um insulto.

Uma vez, exigiu que ela dissesse mal dêle.

E Alma recusou-se, estagnada, no jardim.

Ele partiu, gesticulante, pelas ruas do bairro. Passou, de nôvo, meia hora depois. Ela havia ficado sentada aos degraus da entrada, pensando. Quando percebeu a silhuêta longa, sob o chapéu-de-palha, correu nos tacões, gritou. Ele veio. Ela estava disposta a dizer todo o mal insincero de Mauro, para que a salvassem da final cólera do velho... Mas o passeio, o ar da noite, o tropel das reflexões e o amor o tinham dissuadido suavemente. Ele não pediu mais nada. Ficaram até tarde amorosamente se perdoando.

Alma tomou nas duas mãos, que tinha grudadas às grades, a resolução sôbre-humana de explicar-lhe tudo. E êle não compreendia, embevecido no idílio em que se lhe apodrecia benêficamente a vida.

Como ela lhe tivesse telefonado para o emprêgo, interpelou-a chegando. Alma sorria numa malícia visível e triste.

Ele ficou supondo que se tratasse de uma reaparição intempestiva de Mauro, de um retôrno amoroso ao velho par.

Mas, súbito, a um gesto largado e proposital dela, percebeu o ventre saltar, como uma cobra que morde, na roda frouxa do vestido. Uma suspeita enlouqueceu-o. Seria possível... êle andava tão longe!

Interrogou-a empalidecido como um morto que falasse. Ela permaneceu linda e quieta, de cílios baixados.

Era verdade! Alma estava grávida, agora que o amava, que era o seu futuro, quase que a sua noiva redimida! Estava grávida de outro.

Tão visível fôra a expressão de horror na máscara do môço namorado, que Alma, de alvas escancaradas, falou num salvador instinto:

— Sei que sou indigna do teu amor. Sou uma infame.

Ele partira sem dizer nada. Fôra andândo. Ela ficara prêsa ao portão, numa resignada e trêmula angústia. Sorria da sua negra sorte invencida.

Ele caminhava sôbre as ruínas do seu sonho desfeito. Todos os seus gestos eram descontraídos e pediam piedade para o alto. Oh! a idéia fixa de jogar um dramalhão definitivo — matá-la e matar-se, encher de sangue os jornais!

Recapitulou tudo pela noites aasvérica. Deitou-se às três horas raciocinando sempre, de olhos enormes. Chegara à porta infernal de um dilema: o amor perdoa tudo, resgata tudo — êle não podia perdoar.

E caiu ao leito antigo e duro, até o sol vir a espancar o pesadelo da terra.

Dagoberto Lessa fechara com êle a camaradagem diária. Andavam ao léu pela cidade, ou paravam no escuro ambiente das cervejarias do centro.

Uma noite, João do Carmo penetrou, sob a capa de borracha inundada de chuva, na casa que o outro habitava, com a família numerosa, 46 Rua Monsenhor Anacleto.

Resolvera contar-lhe tudo, pedir-lhe conselho, direção, auxílio, salvamento.

Num pijama de listras, o calvo ria-se muito de o ver assim, naquela primeira visita, vindo nervosamente a pé, sob o aguaceiro que lavava as ruas.

João atirou a capa encharcada ao chão. Sentou-se e desabafou.

Do quarto vizinho, a liturgia da casa vinha num vago trá-lá-lá de adormecer.

O apaixonado, falou, falou, até despejar a alma intumescida de segrêdo. E perguntava repetidamente, de olhos fixos, se ainda devia crer na honestidade dela.

O outro distraíra-se, pensando. De repente, abriu uma caixa que se dissimulava entre livros e tirando um caderno branco:

— Vou corresponder à tua confiança.

Tinha um aspecto de revelação. Numa cautela, abriu um maço de páginas escritas, acendeu um cigarro:

— É uma coroa de lembranças tecidas no aniversário de um primeiro beijo. . .

E, de olhos medrosos para a porta interior, leu soturnamente, evocando uma luta, uma resistência, uma cabeleira virginal e um vestido branco.

Não queria ir. Mas cedeu.

Foram passar juntos o dia 13 de Maio, em Santos. Dago-  
berto recitou versos, depois do almoço, na praia de sol.

O comboio saiu lentamente da penumbra da garê. João do Carmo fechou a vidraça e atirou-se ao lado do companheiro no sofá do carro.

Deixavam Santos pela extensa chapa de vegetação rasteira, que a circunda. Passaram o pântano tropical e a ponte de ferro sôbre a água côr-de-aço. E o trem abalou em demanda da serra, que se calafetava de neblina no fim da tarde de outono.

João tocava, no fundo de um bôlso, o lencinho rendado de Alma, em que, na véspera, ela pusera o grande beijo mudo da despedida. E apertava-o na mão segurando nêle a dádiva inteira do ser estremecido.

Tinha regressado ao portão e sentira que uma espécie de compromisso oculto, de trevosos noivado, desafiara e vencera o enxovalhamento máximo. Agora, tudo predizia a aliança imortal dos dois desgraçados destinos.

Sim, êle podia crer no amor definitivo de Alma. Ela tivera duas lágrimas silentes ao vê-lo voltar. E na véspera, naquele êrmo da rua, ao contar que ia a Santos, a sua angústia nervosa crescera de ver os belos olhos verdes e magoados dizerem a tristeza indizível das separações.

O trem parou em Piassaguera. E, mais lento manobrou para apanhar a engrenagem da rude escalada. Na noite que baixava, envolvendo a natureza, olhos claros de locomotiva focavam trechos de chão, sob os limpa-trilhos negros, de onde saíam até perder-se no escuro as fitas afiadas dos *rails*. E, de longe em longe, sucediam-se as luzes baças dos sinais.

Um barulho rascante de rodas começou, ao mesmo tempo que o trem era levantado molemente na primeira ladeira da serra.

Alma contara-lhe apreensiva que tinha notado uma acen-tuação de mau humor no velho. Que iria suceder? Era impos-sível casarem-se logo. João afastava essa idéia para um futuro longínquo, como as grandes redenções dos últimos atos. E o avô? Havia de saber mesmo a verdade inteira. Mas a pos-sibilidade de precipitar-se a catástrofe de uma expulsão era visível.

As rodas cantavam, levando o trem montanha acima. As vêzes, havia uma imprevista parada na noite avassalante. E ficavam ali os passageiros, sentindo súbitamente morta a gigan-tesca engrenagem. Mas um outro trôço de vagões iluminados passava no sentido contrário. E recomeçava a lenta viagem.

Alma amava-o, sim. A notícia da separação ligeira de um dia tivera como ilustração deliciosa a reconciliação truncada pelo sentimento do abandono. Agora, quando chegasse, ainda passaria por lá.

De nôvo o trem parou ao lado de uma usina caída sob a linha. O fôlego robusto de um respiradouro soprou, fazendo montar na treva golfadas brancas de fumaça. E, de nôvo, o comboio moveu-se.

Passaram a noite dupla dos túneis. E as primeiras luzes do Alto da Serra anunciaram-se com a mudança favorável de nível. Passageiros levantavam-se, falando em jantar. Ao lado de João, Dagoberto olhava-o, dizendo:

## Que silêncio!

Um asco voltava no entanto, fundo, avassalador, horrível. João queria ainda repeli-la, desresponsabilizar-se daquilo tudo, fugir. Mas ao vê-la nas noites prolongadas do portão, chorosa e entregue, o seu triste coração centuplicava-lhe os perdidos gestos.

O avô mudara lentamente, num prenúncio de crise tétrica. Esperava a entrada das estações num incontido nervoso.

A Companhia de Desenvolvimento anunciou-lhe, numa bela carta escrita a máquina, que não reformaria a hipoteca vencida. O cãozinho peludo quase perdera a vista.

Passou a fumar decuplicadamente, em silêncio. Se fôsse possível embriagar-se ou então morrer, acabar! Pensou uma noite em atirar-se da Ponte Grande. A neta, havia de ir buscar o seu velho cadáver, enalhado numa margem do Tieté... E os jornais falaria bem dela.

Mauro, depois de uma escandalosa briga de cabaré, fôra denunciado à polícia.

E João do Carmo ansiava pelo desenlace esperado do drama lancinante de seu sonho.

Uma noite, Alma evocou-o numa suave lembrança. Então, num despeito, João mentiu que êle fôra prêso.

Ela teve um repentino espanto. Depois, deixou as grades e um choro rebentou-lhe pelos olhos, pela boca, pelo nariz. Buscou um lenço nervosamente na abertura clara dos seios. E ficou soluçando baixo entre os canteiros.

João estacara numa surpresa desolada e muda. Conversaram ainda, quase hostis, numa ternura que soava falso e vazio.

E o telegrafista foi visitar de nôvo os cem caminhos doloridos da cidade.

O velho ficou à espera da neta, no paletó remendado, até dez e meia daquela noite, sem se deitar.

Pressentia lá fora o idílio. Não iria desmanchá-lo, recordando um insulto, que levara no rosto, do outro: o maldito, o casado, o aranha vermelha.

Aquela casa que ainda palpitava das recordações da espôsa santificada pela morte, aquela casa fôra o teatro da sua revoltante desonra. Alma era indigna do seu obstinado amor. Antes a tivesse abandonado à gula ricaça de Antero d'Alvelos.

A porta da entrada rangeu. Alma penetrara num vento sutil. Percebeu, surpreendida, que estavam acesas as luzes. Ouvira um arrastar precipitado de chinelas. Estagnara geladamente na passadeira do corredor. O espectro doméstico apareceu. Chamou-a sem voz. A cabeça tremia-lhe incontinentemente. Aparentava um cigarro apagado na mão.

Alma tinha os olhos redondos, a bôca imóvel. Uma inexprimível tortura sufocava-a, no vestido humilde e antigo.

O velho descobrira decerto tudo. E ia falar-lhe, dizer-lhe o crime horrendo, o crime de ter um filhinho. Porque o seu passado torpe desaparecera: a prostituição, o abôrto, a vida canalha entre braços desconhecidos que pagavam. O crime era ser solteira e deixar viver no seu âmago a centelha humana, e defendê-la, e amá-la.

— Vá para a rua! Procure caminho! Esta casa é minha, sempre foi minha. Faça a sua mala e desapareça! A casa é minha!

Então, do peito que se oprimira espedaçado, saltou a inocência de tanta miséria. Ela era uma coitada que ninguém soubera defender. O que lhe acontecera era o resultado do seu desamparo. As filhas que não têm mãe nem pai são assim mesmo.

O velho quis discutir, gritar. Mas como ela continuasse, ficou escutando. Baixou a cabeça ante a eloquência imprevista que pulava aos golfões da bôca trêmula e rubra. Terminara.

Houve um silêncio. E ela disse ainda que não sabia, porque não tinha dinheiro e não tinha onde dormir.

Do ser convulso as lágrimas saltaram naquela confissão de desgraça. O velho desnorteara-se choroso. Talvez devesse perdoar. Ficou andando para cá e para lá, envenenando-se de fumo e de lágrimas grossas, enquanto ela foi sentidamente se deitar

Saíra pelas ruas, obedecendo o anátema da véspera. A manhã era tôda cinza no ar, no céu, na gente.

Chegou à estação da Luz. Teve uma vaga repulsa em pensar que podia encontrar a figura importuna do telegrafista. Queria estar só, com a sua tragédia estalada.

No Jardim Público aberto, a natureza, despenteada e matinal, arfava ao vento. Atravessou-o em reta; saiu. Encaminhou-se por esquinas populosas e pobres. Estava no Bom Retiro. Desceria até lá embaixo, até as várzeas finais da cidade. Levava, no seu bôjo crescido, o filhinho que vivia, que seria seu amigo.

Bondes passavam pejados de populares, garotos brincavam em bandos maltrapilhos, carroças iam lentamente.

Chegara a uma rua sem calçamento que se perdia no campo. Penetrou numa estrada terrosa aberta na relva pisada. Em sua frente, desenhou-se a sinuosidade do terreno onde corria o Tieté. Num pôrto quieto, carroças recolhiam areia. E o rio apareceu de vidro, à flor das margens calvas.

Vacas paravam, na distância. Um cãozinho ladrou.

A cidade mudara de silhuêta. Um vento ríspido agrediu-a. O grande Jesus da tôrre tutelar do Sagrado Coração dava-lhe as costas. Pensou vagamente em se matar, por vingança, em aparecer boiando nas águas glaciais, como uma Ofélia de gravura.

As carroças enchiam-se lentamente de areia peneirada. O quadro simples de rude trabalho atraiu-a. Teve uma vontade de viver assim, entre animais soltos e gente descalça.

Um cheiro malsão, vindo da embocadura dos esgotos citadinos, persistia.

Voitou. Refez o caminho andado. Não iria mais para casa. Uma mão persuasiva afastava-a do refúgio antigo, como uma condenação, pelos ombros. Não tornaria mais. Alcançou as ruas populosas. Estava perto do Jardim.

E, de repente, sôbre um imenso muro vermelho, desenhouse, na palidez do dia, uma silhueta lépida de soldado. Trazia uma carabina a tiracolo e andava para cá e para lá. Logo, além, na continuidade intermínua do muro, outro soldado apareceu como o primeiro, caminhando também, vigilante e sólido. Eram os fundos da cadeia da Luz.

Aquêles dois soldados renovavam-se ali, dia e noite, para atirar, implacavelmente, sôbre os condenados que quisessem fugir

Tomou depressa um bonde que passava para a cidade. E partiu à procura do bordel onde Mauro decerto estaria dormindo com aquela viciada da Marguerite.

Ele fê-la entrar no quarto elegante em que morava, sôbre o tumulto de um restaurante noturno na rua Conselheiro Crispiniano.

À claridade fechada, ela viu sôbre o leito exíguo, recoberto por uma colcha felpuda e multicolor, um cãozinho cinzento e enorme, estirado nas duas patas tranqüilas. O animal, sem erguer a cabeça, balançou a cauda contente.

Mauro foi acariciar-lhe a pele luzida e grossa.

Ela examinou retratos seminus de mulheres, em leque, sobre o leito. Sentada a um canto, os seus olhos esfomeados pediam. Ele deu-lhe duas pratas para ir almoçar.

Passaram o dia juntos, fazendo malas. Ele partia na manhã vindoura para a casa de um tio materno em Guaratinguetá. E, para dormirem, tomou um outro quarto da casa de cômodos mobilados.

Havia apenas uma lâmpada perdida num desmesurado *abat-jour*. O quarto atufava-se de estofos, de móveis, de pequenos nadas sutis e amáveis. Sobre o penteador de três espelhos, fazia parada todo um arsenal de mistificações da beleza. Ela apreciou, num vago deslumbramento, as escovinhas para maquilagens, de diversos tamanhos, os pentes recurvos, os cosméticos de tôdas as côres, os boiões de perfume de todos os estilos, os cremes, os aparadores complicados das unhas.

— Nada disso presta — comentou Mauro deitado, em cuecas de sêda. — Só há de bom artigo alemão. E, durante a guerra, não vem.

Ele conservava o seu prestígio integral de belo macho, feito na intimidade das prostituições.

E Alma, vendo-o tranqüilo, forte, como se nenhuma sombra pesasse sobre os seus dias, ficou acordada, pensando.

Um pêndulozinho oculto palpitava na sombra. Os seus olhos haviam-se habituado ao escuro. Ela percebia a dobra longa das cortinas, as portas talvez. Claridades estilizavam-se pouco a pouco.

Vinham do interior da casa risos macabros. Eram os fregueses que chegavam e partiam. O relógiozinho pulsava, regular, impressionante, como uma voz de outro mundo. A noite andava lá fora de muletas.

Um braço ficara prêso sob a cabeça pesada de Mauro e doía-lhe. Que bom correrem as horas! A terra andava levando o entêrro dos vivos. O entêrro começava no dia do nascimento de cada um. Um dia vencido era um passo para a morte, para a libertação.

Entravam num tropel, lá dentro, os retardatários.  
E a noite andava de muletas e olhos fechados.

Acompanhou-o, risonhamente, até a gare, pelas ruas. Um carregador seguia-os. O trem partiu, levando-o num sobretudo cintado de esporte.

Rodava agora, feliz e sem destino. Penetrou no Jardim Público. Nos canteiros matinais, florescia tóda uma natureza postiça e nova: rosas de bazar, margaridas de pano.

Uma noite mal dormida descabelava as árvores. Havia lampiões altos, semi-acesos. Uma fonte de inexpressivos tritões pingava água, rústicamente.

Sentou-se a um banco e ficou pensando no telegrafista, no filho que pulava lá dentro, e em Camila que pusera para fora, num hospital, a sua última asneira.

João do Carmo, num velho pijama descorado, pensou que era sonho. Fê-la entrar, como Rodolfo na Boêmia, como quem mais? Procurava inútilmente, na cabeça literária, comparações, quadros líricos idênticos, estados de alma irmãos. Como estava magra sob o chapéu de tafetá!

Partiu num desvanecido anseio, voou sem rumo certo, para servi-la, para salvá-la. Era preciso arranjar um quarto onde ela morasse. Fôra expulsa por sua causa. Era urgente, era urgente!

Lembrou-se de correr à delegacia de São Caetano, ali mesmo, onde Dagoberto Lessa trabalhava. Era êle o homem capaz de indicar-lhe o necessário ninho. Penetrou. Uma alegria comovida prendia-lhe o peito forte.

Dagoberto ouviu-o. Depois, uma gargalhada sarcástica estalou na sala ocupada de mesinhas desertas. O calvo havia aberto um livro enorme e preto de assentamentos. Ia continuar o serviço. E repetia:

— Você está louco, homem! Louco furioso! Dou já parte à autoridade.

Mas João insistia, numa cara sofredora e enérgica.

— É um caso em que ponho a minha honra de homem.

— Qual honra, nada! Bota o gado numa pensão e fica sendo o gigolô!

O namorado gritou rubramente:

— Não admito torpezas! Não admito!

Ia sair. O outro chamou-o, medroso.

— Bom! Não precisa se zangar. Mas ouça o que lhe digo. Você se arrepende dêsse passo, Seu João!

E levantando-se e buscando a farta capa espanhola num prego:

— Estou às suas ordens. Vamos. Não se discute.

João do Carmo, desarmado, procurava desculpar-se para com o serviçal, que exagerava, desarticulado em gestos pontiagudos:

— Não se discute! Não-se-dis-cu-te.

Sem outro assunto, o apaixonado foi dizendo pela rua populosa:

— Trata-se de um caso triste. Você sabe...

Reconciliaram-se na caminhada para a Luz.

Dagoberto envaidecia-se de aventuras, ante a benevolência exaltada de João. Conhecia uma mulher ótima para o caso. Fôra até parteira.

— De quantos meses? — indagou.

— Que meses?

— De quantos meses eia está?

— Não sei. Não perguntei.

Dagoberto continuou o elogio das virtudes da mulher:

— D. Genoveva é um anjo que usa chinó.

Tinham tomado um bonde do Bom Retiro. Apearam na Rua Aimorés. Bateram a uma casa baixa de porta e janela. Houve um arrastar de pés vagarosos, lá dentro. E D. Genoveva abriu.

Foi uma festa. João sorria satisfeito. A mulher tinha um quarto desalugado. Havia brigado com o casal que morava nêle e o homem — um porquera! — saíra espalhando que lá era casa de rende-vu. Por isso não aceitava mais mulheres. Olhassem aquele sossêgo. Na sala da frente, morava o Seu Julinho, da Secretaria da Fazenda; no primeiro quarto, um capitão da polícia. E ela costurava.

Mas a intervenção de Dagoberto foi convincente. Era um caso diverso. A menina estaria ali só durante a gravidez.

A mulher piscou e riu com dentes de velho marfim. Depois, pediu que lhe adiantassem dois meses de aluguel.

Um navio destaca-se do cais... a vida. Um navio destaca-se do cais...

Na manhã indecisa, D. Genoveva bateu à porta do quarto. Trazia, numa bandeja de reclamo, o café diferente e fatias cortadas de pão. Uma touca de rendas recobria-lhe a cabeça curva.

Combinaram mandar um carregador buscar as roupas que haviam ficado no refúgio distante do avô, na Rua dos Clérigos.

O sol banhava numa festa o sobrado pobre do velho Lucas, cristalizando os vidros, pondo trêmulas irisações nos canteiros da frente.

O carregador apareceu às dez horas.

A cozinheira gorda que fôra ao quarto tinha voltado, dizendo pela casa:

— Hum! Hum! Sinhô tá ruim. Eu hoje sonhei cum sapato. Vai vê...

Foi à porta atender.

— Que roupa nada! O véio tá morreno. Bastião, óia, vai com êsse homem buscá sinhazinha. Diga pr'ela que o véio não dura nem esta noite.

De fato, a vizinhança invadiu a casa entragicada pela anunciação da morte.

A mulher roliça que fazia *trou-trou* e vendia roupas, ofereceu-se prestimosa e sorridente. Apareceu o Seu Quincas do lado, ereto e hirto, glória de irmandades e repartições. Cumprimentara o doente durante vinte anos.

O velho tivera um colapso. Deitado, a barba crescida no rosto côr-de-terra, fazia uma dobra no pequeno leito desconjuntado.

Chamaram um médico môço. Ele chegou à tarde e disse rapidamente, na sala de jantar, aos circunstantes, que era do coração — um caso perdido.

Seu Quincas esperava ficar só. Quando a mulher gorda partiu, fêz o moleque sair e exortou o moribundo a tomar as últimas resoluções.

O desgraçado tinha os olhos humildes e grandes nos lençóis sujos. Estava sem camisa, no paletó azul. Teve uma crise ao saber que morria. A voz encanudou-se-lhe na bôca sem dentes.

E, tético e solene, pediu ao outro, impávido e sombrio; a vela com que se transpõe a eternidade.

O sobrado pálido passou por tabelião solenemente, no alvorôço do bairro, para o patrimônio da Sociedade Defensora e Benemerente dos Empregados Públicos.

Seu Quincas, que trouxera a Sabedoria ao fundo da rua pacata, consumou tudo. O agonizante não podia mais mexer-

se. Pregado ao leito pela inércia branca que lentamente lhe tomara os membros, olhava num começado delírio. Perguntou enroladamente pela netinha.

Numa transmutação, a côr verde e doentia de tudo fixou-se, ganhou a paisagem larga e escura que se despejava do quarto.

A Amazônia dormia sob um calor de naufrágio. Em redor dêle, o rio cantava e a floresta e o vento, povoando o silêncio de fogo.

Havia parado trinta e sete anos à beira da caudal faquirizante, onde nas noites o luar residia, laminando as águas puras dos igarapés. Idália vinha de Belém do Pará, êle subira de Goiás.

Alma crescera órfã, numa seminudez de pequena Ariel propícia, pelas matas imóveis e incendiadas. E, com êle, nada nas madrugadas diluvianas do rio solitário. Jacarés lodosos e sucuris tentaculares vinham no rôlo amarelo das águas.

Na sombra do leito, o corpo vencido iniciava a desorganização final, antes de ir purificar-se no filtro imenso da terra. Pelos caminhos escleróticos das veias, o sangue impotente coalhava-se.

Uma ânsia de comodidade e de repouso, movimentava-lhe os estertôres. Pediu a vela num ruído da bôca aflita. Queria transpor, de círio simbólico em punho, a porta da eternidade.

Apareceu sorrateiramente um padre gordo. O quarto ficou uma capela de rogos.

A glacialidade do fim estacou-lhe para sempre as canelas magras e juntas. Bastião urrou à porta um chôro bárbaro que pôs calafrio de ódio na impassibilidade de Seu Quincas.

E trouxeram-lhe a vela afinal, uma grande vela acesa e direita.

Alma não acreditara. E apareceu no chapéu de tafetá, para ver o corpo no caixão prêto, ante o espevitamento sensacional da rua.

Os seus olhos eram dois lagos verdes. Tinha o gesto apalermado, os passos hesitantes.

Num espetáculo mudo de sofrimento, caiu a uma cadeira do corredor, sem coragem de entrar, e teve uma crise recurva de lágrimas.

Em redor, havia um mutismo choroso. Levantaram-na pelos ombros, levaram-na para a sala de jantar, em silêncio.

Mas, súbito, ergueu-se suplicante, sufocada.

— Quero ver meu avô.

Foram com ela. Um cheiro de flôres e de cêra espalhava-se entre gente.

Na meia-luz da câmara mortuária, os seus olhos inundados buscaram o caixão cheio de dalias vermelhas. Quedou-se ali, segura por braços compassivos. Mas, de repente, agitou-se, estremeceu e pediu meigamente ao vovô que falasse... para perdoá-la...

Arrastaram-na para um sofá. E ela continuou aos brados sonoros, numa declamação rogatória, a suplicar.

Mas um padre chegou. Era outro — frio, metálico, magro e impassível. Levou-a para dentro intimativamente.

Haviam-lhe tirado tudo. Deixaram-na transportar a roupa, a boneca quebrada, a cama sem lençóis.

Ela sabia que não se pode parar com a mão a roda-gigante do destino.

Mas, dentro dela, estava uma compensação de mocidade farta. Nas suas lágrimas, havia sortisos de saúde. Foi-se esquecendo de tudo, pelas ruas, sob o céu azul e benéfico, até a casa de D. Genoveva.

Um môço passou por ela namorando. Atrás, uma carroça levava vitoriosamente a sua fortuna.

Houve um pequeno *guignol* na missa de 79 dia.

Trouxera o cãozinho peludo. A cozinheira levava o moleque, cestas e panelas.

D. Genoveva sofria da aorta e, pedalando a máquina de costura, a seu lado, na sala, queixava-se.

O capitão saía sempre num faiscar de galões. E Seu Julinho, grosso e baixote, enternecia o ambiente com os seus olhos de homem batido e as cordas soluçantes do seu pinho. Ante a miraculosa aparição, fulva e fina, na casa enegrecida, redobrava a sua intuição de poesia das coisas. Agora, do quarto da frente vinham nas manhãs, sons bambos, sons quentes, sons inquietos.

Calava-se o violão dorido. Seu Julinho partia para a Secretaria, onde era contínuo. Ia jantar com pinga, num restaurante baixo da Rua Formosa.

E nas noites estreladas lá em cima, quando o telegrafista vinha para o casto noivado com Maria Madalena, na sala atravancada de roupinhas augurais, o violão dizia a dor e o milagre e a ardência daquela pobre gente, naquela pobre rua.

O ventre aumentava. Lá dentro a vida criada pulava, num trapézio inquieto. E a sua carnação aleitara-se, ameigara-se o seu trágico sorriso: num reconhecimento, os seus olhos eram da côr sentimental da esperança.

O telegrafista não gostava que ela lhe falasse da criança que ia nascer. Amuava-se num ciúme instintivo. Ela compreendia, desviava o curso das idéias, curava-o.

Passou a vender serviços de costura. O telegrafista pagava dedicadamente o quarto.

Por um cair violento de tarde, ela sentiu, com a vista escura, as primeiras dores.

João do Carmo avisado, correu, desesperou-se e partiu para não escutar nem saber. No trabalho noturno, tinha ouvidos

longe, na casa, onde o drama da criação se passava entre cobertas, ajudado pela paciente experiência de D. Genoveva.

— Aaaaaaa! Aaaaaaaaaaaaaaa!

Na penumbra amarela de lamparina, o canto materno ressoou, bateu as paredes altas, ecoou.

A mulher de festivo chinó, com os dentes para fora da bôca, tinha preparado tudo. E disse:

— E' agora. Fôrça, minha filha! Coragem!

Alma suave na geladeira dos lençóis. Tinha a cabeça vermelha virada, a bôca entreaberta, os olhos roxos.

— Aaaaa! Aaaaaaaaaaaaaaa!

E lá no âmago, no profundo do corpo, junto às costas, arrancavam-lhe ossos vivos.

— Fôrça! Faça fôrça!

Puxavam-lhe os rins, esticavam-lhe a coluna vertebral, es-  
traçalhavam-lhe as cadeiras, implacavelmente.

— Tenha paciência. . .

E a mulher de mão veludosa, passou o óleo bento que trouxera, pela montanha emperdenida e alva.

Pouco a pouco, a dor se foi amortecendo, entrando. E ela sentiu a consoladora vontade de avistar o ser martirizante que ia vir. Ia nascer o seu filhinho. . .

— Aaa! Aaaaa! Aaaaaaaaaaaaaaa!

A dor cresceu de nôvo, avassalou a natureza que criava. . . Era a dor decisiva, inevitável, firme, sem respiração, sem descanso, sem trégua.

— Faça fôrça! Faça fôrça!

Alma estagnara-se, as pernas em tesoura, num ímpeto indizível, têso, de tôdas as suas vontades dispersas. Queria afrouxar como nos intervalos anteriores, parar: não podia. . . Uma imperativa energia macerava-lhe as entranhas numa concentração violenta de caminhos abertos.

— Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

O canto materno cresceu pelas paredes acima, em busca do céu noturno.

— Se-nho-ra-do-par-to! Fa-zei com que êle nasça. . .

Os ganchos lá de dentro, como os da flor simbólica de Jerusalém, se haviam desgarrado um a um, estalando os ossos e as carnes. A dor inundava-a. A mulher curvara-se ansiosa. Houve um choque rascante. O céu lá em cima desabou sobre a casa, o teto sobre a cama. . .

Deus enviou depressa um anjo, trazendo como uma hóstia pequenina, nas mãos de luz, a alma nova, a vontade nova, a alegria nova.

Escutou-se um eco de bôlsa aquosa que rebenta. Um chumaço ensopado de cabelos escureceu sob a montanha branca. E uma figurinha convulsa, numa sufocação congestionada, lançou o primeiro grito terrível da vida.

Era homem. E trazia a estrangular-lhe o pescoço aplásmico, a fita umbilical dos malsinados. Mas gritava, querendo tomar conta do presídio do quarto, do presídio do mundo.

A mãe, rasgada pelo meio, entre lágrimas ouviu o imperativo chôro. E sorriu indizivelmente na sombra, onde grandes asas estacavam.

Diante do pequenino ser, magricela, cabeçudo e de lábios expressivos, cegado ainda pelo fulgor das eternidades anteriores, Alma viu congelar-se-lhe no peito um sentido rancor para com todos os homens.

Mas pôs-se a escutar enfraquecida. E, de repente, os olhos inundaram-se-lhe. Ouvira sons lestos e vivos de bordões, numa incansável toada montante e vitoriosa. No seu quarto, como os antigos pastôres de Belém, Seu Julinho celebrava o Natal.

Vieram os reis magos trazer-lhe presentes. O capitão, luzido como um séquito, deu-lhe uma camisinha branca de cambráia. Seu Julinho comprou uma grande touca de nanzuque. E

o telegrafista trouxe humildemente uma medalha de Cristo menino.

D. Genoveva discutira longo tempo com João do Carmo e vencera. Um berço não serviria senão para os primeiros meses.

Compraram uma pequenina cama a prestações num negociante da Rua Santa Efigênia.

Quando a deixaram só, no quarto escuro e pobre, tendo ao seu lado, no leito viril, o rapaz das suas esperanças, soluçou desabaladamente.

Da sombra veio um esguicho trêmulo de choro. Ela tomou-o numa carinhosa dificuldade. Pôs-lhe o seio branco na bôca invisível. Queria amamentá-lo, ela mesmo, com o seu sangue materno.

Ele calara-se de bracinhos duros num casaco de *crochet* azul, a touca enorme de Seu Julinho tapando-lhe os olhos.

E ficaram ali, à luz pequena da lamparina, escondidos do mundo que rodava lá fora aos cachões.

João vinha numa tristura. Casmurrava no quarto.

A chegada intempestiva do outro, o que dormia queito, desvalorizara-o, perdera-o.

A mãe era só inquietações e desvelos, cuidados e narrativas. O pequeno de vinte dias tinha uma vida anedótica capaz de bibliotecas. Era inteligente, era belo, era rei.

O telegrafista forçava um interêsse hipócrita, ria um riso caceteado, dizia asneiras melancólicas, numa acentuada incompetência de amabilidades.

Ela um dia, percebendo, insultou-o. Ele saiu, entontecido de angústia nova, pelas ruas hostis.

Agora que, libertada, podia ser sua, somente sua, Alma emperrava numa santificação excessiva, irritante, da criança aplásmica, dos seus gritos moles, dos seus olhares inertes.

De fato, ela ficava só com o seu reizinho, com o seu príncipe, com o seu valete de copas.

Tôdas as histórias de fadas eram verdadeiras, tôdas as maravilhas eram possíveis. Ele estava ali, na caminha viril. Ela achegava-se cautelosamente. Uma respiração flébil vinha da penumbra, de sob as cobertas. Lágrimas gratas subiam-lhe aos olhos enternecidos e bons.

E um asco aumentara pelo telegrafista. Oh! os homens! Ela conhecia-os bem! Tinha assistido, na sua crucificação, ao desfile em pêlo de todos os exemplares. Diante dela, haviam-se desabotoado, numa confissão de torpezas, professores da cidade, chefes de confrarias, zeladores de hospitais, grandes nomes, representativos da moral cidadina, da educação, da finança e da família.

Uma salpingo-ovarite ficara vigilante no ventre dolorido — do parto malfeito, da vida sexual irregular e criminosa. D. Genoveva acudia-lhe as crises, com toalhas ensopadas em água-fria. E indicou-lhe cascarina sagrada.

Como nesse dia, êle, o seu filho, completasse quatro meses, quatro magros meses, em que o esqueletinho persistia em esticar a pele morena do tronco, e não houvesse dinheiro para

comprar uma chupeta nova, ela fêz flutuar sôbre a caminha pendente de um fio, como uma bandeira, um rico trapo vermelho.

Mas a amamentação fôra-se tornando mais e mais insuficiente. Num ridículo heroísmo, Alma rachara os seios sôbre a boquinha ávida e chorosa.

Era um drama diário e obscuro, com sangue vazado e lágrimas rolando. Consolava tudo um pequenino sorriso desdentado, no escuro do quarto.

D. Genoveva um dia interveio, fêz chamar o médico grisalho que lhe dava injeções.

No quarto alvoroçado, puseram Luquinhas nu. O exame foi minucioso, foi terrível.

Os olhos maternos se haviam aflitivamente fixado na esmeralda sábia da mão, que corria as costelas à mostra, apalpava, sentia.

Ameaçava-o uma leucemia perigosa. O tratamento impôsto transfigurou, num sobressalto, a casa pacata da rua Aimorés.

João do Carmo não foi mais admitido no quarto. Permanecia horas na sala de jantar, onde fôra feliz durante o período da gravidez e sofria lancinantemente a injustiça do seu abandono.

Lá dentro, Alma empolgava-se no rigor clínico das prescrições.

Mingaus complicados, medidas eruditas de farinha, num vidro próprio com leite contado e puro, tôda uma diligente combinação de fortificantes naturais, ocupava agora a cozinha pequena e negra.

Num estonteamento ruivo, de cabelos despenteados, e numa desenvoltura de *toilette* que revoltava João e acendia os olhos mortos do oficial de polícia, Alma corria pela casa, levando panelas, trazendo caldos, pondo leite a ferver. A sua beleza era esplêndida, dadivosa, naquela seminudez. A maternidade com-

pletara-a. No vestido leve, tinha as pernas roliças e perfeitas, as ancas curvas e cheias, os seios retesos.

Uma manhã, fêz um estardalhaço lírico de choros, de gritos, de risos.

Acompanhado pela bocarra aberta da mulher baixinha, de chinó, e pelo cão antigo, ela fêz entrar no quarto o telegrafista surpreso e contente de ser lembrado.

— Veja o meu barriguinha de angu!

Levantava nos braços tontos um nu roliço de carne tenra, capaz de fazer inveja ao mais gordo São João de estampa.

Inventara uma língua nova, passava horas a construí-la no *tête-à-tête* dos beijos com o pequenino ser de olhos espantados.

No vocabulário angélico, a colherzinha que o salvara, despejando-lhe no bico o remédio do vidro grande, assumira enorme importância. Era uma colherzinha de D. Genoveva, oxidada pelo uso. Chamava-se a Calalá. O Baubau era o cão bôbo do avô. E a boneca velha e desengonçada, de cabelos hirsutos e olhos vesgos, que ela salvara da infância, fôra batizada de Neca Caleluda.

Ele ia fazer dez meses afinal. O tempo passara num espetáculo. Estava rijo como um pequeno deus. Mas a cabeça enrugava-se-lhe às vêzes, sob o pêso de tristezas obscuras. A mãe assustava-se, gritando. Ele choramingava sentidamente.

E vinha a reconciliação num dilúvio de beijos, de carinhos, de balbúcios.

Trocava-lhe os panos molhados, continuamente, nas noites calmas.

Queria, num descompasso de sacrifícios, que êle sujasse sôbre ela, inundasse-lhe de pipi a face, a bôca. . . Que importava? Era o seu reizinho.

Na data natalícia do velho avô, vestiu-se elegantemente, pela primeira vez. Foi ao cemitério levar flores e, ante o túmulo raso, teve uma crise silenciosa de lágrimas. João do Carmo acompanhava-a, de fraque, na manhã paulista.

Passados os meses de incerta e doentia existência, conquistado o primeiro ano vitorioso da vida, Luquinhas levantou a cabeça e o corpo sôbre as pernas roliças. E solene, modelar, em meio do corredor calado, deu um grito.

Fazia-lhe maroteiras à noite. Não a deixava dormir num contínuo rolar de perninhas e braços e risos. Cansavam-se afinal, bons amigos. Ela deitava-o, cobria-o.

Apagava a luz. E, na sombra, cresciam e flutuavam para os olhinhos espertos, o Himalaia dos travesseiros maternos, a Calalá, o bico succulento da mamadeira, o navio que era a cama. E de redor, todos os bichos.

O Carnaval veio e foi. O Baubau do velho Lucas morreu latindo debaixo de um caminhão festivo que levava fantasias.

Na noite gelada de São João, depois da solenidade do batismo, que fôra pela manhã, na Luz, com João do Carmo,

grave, segurando a vela paraninfal, e D. Genoveva e o capitão luzido, Seu Julinho trouxe, para um choro comemorativo, caras macilentas de serenatistas.

Um' alvorôço estrugia na cozinha — choros, risos, gritos. Luquinhas, que já andava pelos cômodos, fizera uma travessura. Alma erguia-o num arrebatamento, como se dez mãos ávidas e espertas o quisessem prender. E raptava-o em cavalgadas ciclópicas pela casa. Sôbre a fulva cabeça que ria, êle era Rolando, era São Jorge, era o General Osório.

Depois de uma inacabada série de tombos macios, descobrira a vida, num trepidar de passinhos incertos.

Para erguer-se, punha para o alto o corpinho à mostra, depois, num esforço, endireitava-se. Estava em pé!

E achara o corredor, a porta, o mundo.

Agora, descobria-se a si mesmo. Verificara num pasmo que a cabeça mexia, a perninha dobrava, as mãos batiam. E tinha dedos duros, grandes, sempre molhados.

As vêzes, estacava no corredor sôbre a velha passadeira e gritava numa verificação de ouvidos atentos. O eco rompia o encantado silêncio dos seus olhos pasmados e redondos. Numa surprêsa edênica, constataria a própria voz. E ficava escutando-a.

Sumia como um rato arisco. Estava aqui, ali, desaparecia. *Iam encontrá-lo trepado no caixote de sabão da cozinha ou afogando, no banheiro vazio, a desgrenhada Neca Caleluda.*

Na sala, D. Geneveva, de óculos, ria, pedalando a máquina de costura.

Melancolias começaram, no entanto, a baixar sobre aquela imóvel paz.

Alma sentia nervos. Batia em Luquinhas que, com a dentição, tinha impertinências e raivas. Faltava-lhe a alegria fisiológica, que dá o amor fisiológico. Aborrecia-a, nas longas horas semanais, aquêle obstinado romantismo, sem último ato, do seu melancólico "pequeno".

Luquinhas começou a comer e a falar. Por manhãs inteiras, lambuzava-se de pão molhado numa grande caneca de café com leite.

Mãe e filho passavam as tardes na horta exígua dos fundos.

Na magoada visita daquela noite, Alma pediu a João do Carmo que não voltasse mais. Para viver, bastava-lhe a costura que tinha, com D. Geneveva.

Ele saiu, chocado daquela ingratidão. No profundo íntimo, prometia a si mesmo desforras sensacionais do destino.

Mas, deixando a criança com D. Geneveva, Alma apareceu, na tarde seguinte, no desbotado quarto da Avenida Tiradentes. E numa inesperada reconciliação, o amor perdido voltou, casto ainda, mas forte, ululante.

Quase noite, êle a conduziu pelas escadas longas, até a porta. Voltou.

Sentou-se e observou fixamente dois grampos retorcidos de ferro, que havia erguido do chão.

E recordou, numa impressão física que lhe repuxava ainda os lábios grossos de criança, o beijo que ela lhe deixara ao sair, tôda lilás e oiro, num vestido curto. Recusara-se ainda, em prolongada queixa infantil, a ser a amante prevista, fatalizada, conquistada. E dissera que se havia de casar, pois estava mostrando que não era tão ruim como pensavam.

— Viu, João? Passei pela Rua dos Clérigos. Aquela mulher que falava muito de mim, no comêço, você se lembra? está desesperada. A filha fugiu de casa com um *chauffeur*. E eu hei de mostrar a essa gente que ainda encontro marido.

— E depois de casada?

— Serei séria.

— Amas-me?

— Amo-te.

— Queres que te arranje um maridinho?

Ela viera, aconchegando-se num súbito frio, deitara-se tôda em seu colo, confiante, calada.

Mas, fitando o veludo negro do antigo relógio de pulso, saltara a fim de pentear-se diante do espelho e colocar o turbante gracioso que comprara.

Tinham ficado olhando-se.

— Até quando? — interrogara êle, fingindo-se ainda magoado pela expulsão.

— Irás ver-me... à noite?

— Irei.

— Bom que és!

E, depois, quebrando um longo silêncio de súplica:

— Quero um beijo, João.

— Não. Não seria honesto. Vais te casar...

Tomara-lhe as mãos finas e longas; enternecido, cobrira-as de beijos.

No fim das escadas, deixara-a ir só pelo corredor, ficara espiondo-lhe os passos elegantes e sólidos. À porta, ela tinha estacado, sorrindo, à espera. Ele fôra beijá-la na bôca e vê-la partir, tôda lilás e oiro, no vestido curto.

E, pela avenida extensa, passavam vendedores de jornais, anunciando tragédias, bondes chiavam nos fios elétricos, recolhendo massas macambúzias de gente.

Do alto, a noite caía numa palidez precoce de inverno.

No longo recolhimento a que se votara para o filho, ia perdendo o antigo gosto amargo e divino da vida. Sentia-se deselegante, sentia-se tímida. E precisava amar. . .

Mauro voltou-lhe como um estilete pelo coração adentro. Se o pudesse rever! Se o pudesse ressuscitar ali, um instante, na rua noturna, no seu antigo faiscar de cigarro, os passos americanos, a figura recurva.

Ao transpor a porta da casa velha, numa angústia, procurou inútilmente na criança, que palavra de braços estendidos, uma ruga, um detalhe evocativo, uma graça máscula que o lembrasse.

Luquinhas tinha a cabeça grande, parecendo conter pensamentos desencontrados, desejos em garra, desesperos e fantasias.

O lábio inferior, em coração, punha-lhe uma graça feminina no rosto fechado. Era trepidante, violento e manhoso.

Teve uma trágica indigestão. A febre queimava-lhe a barriguinha e as costas. Alma, num desvairo, brigou com D. Genoveva, atribuindo a moléstia ao seu pouco cuidado.

No dia seguinte, melhorando a criança, reconciliaram-se.

Alma retesava-se de raiva e de lágrimas, ante as atitudes descansadas do telegrafista, que lhe não mostrava horizontes

nem lhe decidia a vida parada. Pensou em mudar-se. Mas resolveu ficar ali mesmo, esperando que alguém viesse, que alguém surgisse.

Encontrou Camila Maia, ao sair do Jardim Público com Luquinhas. Estava esfuziante e alta, num vestido rico, com punhos largos de pele, um chapéu de cetim apanhando-lhe tóda a cabeleira negra.

Tinha um rapaz do comércio, que a adorava e um ricaço que a vestia.

Alma sòzinha, fazendo o filho dormir no quarto abafado, curvou a cabeça ruiva sôbre a grandeza inexplicável da sua desdita.

Deixou Luquinhas, o telegrafista, a casa e, refazendo as maneiras antigas e a antiga beleza, reapareceu, num halo de glória, no meio catita e dançarino onde Camila se fazia.

Na volta longa de automóvel por Santo Amaro, o rapaz alto e solícito, de bigodes negros e curtos, que vinha ao seu lado, em frente ao outro par distraído e amoroso, chupou-lhe os lábios suculentos. Chamava-se Artur e disse-lhe que tinha uma *garçonnière*, na Rua da Boa Morte, agora que não viajava.

João do Carmo não podia compreender aquela rápida transformação. Pressentia o estouro da sua incompleta fortuna. Ela mesmo recusava-se nervosamente a beijá-lo na despedida das visitas noturnas, regulares e quietas.

A idéia do casamento, francamente exposta, crescera-lhe na íntima passividade sentimental, apesar dos protestos da sua desfalecida covardia.

Vivia envenenado pelo fel contagioso de Dagoberto Lessa.

Na sua capa espanhola, um ar espectador de rafeiro, o escrevente fizera-lhe entrever, sentado e calmo em sua frente, no quarto, que sabia o que se passava. Conhecia Camila, péssima companhia... Aliás era opinião da cidade que João estava se enterrando.

Uma revolta estuou no peito do namorado, um heroísmo de sentimentos invadiu-o.

— Enterrando, como? A dívida que fiz já paguei. Concorro com o quarto apenas, uma quantia pequena...

Dagoberto torcia o bico cético.

— Até o Lobão já me disse que você é um ingênuo em crer nessa mulher...

— Inveja de vencido.

— Disse coisas horríveis.

— Repita...

— Que ela é amante para dois meses. Mulher conhecida pelo país inteiro.

— Cão!

Haviam-se calado.

Um sentimento daquela venenosa injúria mexia no peito de João do Carmo. Ele sentia mais que nunca que a amava. Era seu dever defendê-la, ampará-la, salvá-la, dar-lhe, numa prodigiosa solidariedade, a pobre honra do seu nome.

O escrevente, vendo-lhe a atitude sombria e magoada, mudara.

— O diabo é o meio em que ela viveu, um meio corrupto... O tal Mauro...

O poente na Praça da República fazia tela vermelha às árvores e às hermas escuras.

João do Carmo atravessou o jardim. Sentia precipitar-se a sua tragédia. Mais do que nunca, o amor enraizado estuava, farfalhava, subia. Era seu dever salvá-la. Via num gelado

terror o meio infame que a tentava de novo. As narrações de risonhas partidas com Camila davam-lhe minutos medonhos. O pessimismo inveterado de Dagoberto sufocava-o. Ficava aterrado ante a miserável hipótese de uma volta aos *rendez-vous* supliciais.

Jantou no tumulto diferente de outro restaurante, perto do Braz.

Havia uma Estação da Luz panorâmica, na parede do fundo. E a alma multifária do bairro cantava pelas cem goelas desafinadas de um orquestrão de campainhas.

Comeu sem sentir.

Foi atravessar a noite silenciosa, rondando a rua de lampiões, sem saber se ela estava dentro da casa ou não chegara ainda.

Regressou numa extenuação, quando já os bondes pesados saíam e carroças cheias rodavam para os mercados.

Estacou. Chegara à porta do casarão de cômodos. Para as bandas do Tieté, havia um comêço de aurora vermelha.

Soube por Dagoberto que a portuguesita de cabaré que voltara para a companhia de Frederico Carlos Lobão, fugira de novo para o Rio. Procurou o boêmio traído. Ele ia sair. Estava no fim da escada. Trazia uma maleta nas mãos, desbordava intenções de viajar.

Inutilizava um cigarro por tragada nervosa. Tinha a palhêta enterrada nos olhos enormes.

Andaram longamente falando confidências. Um condescendia em ser o público amável do outro, preparando no sorturo cérebro o que expor também, defender e criticar.

A vida comprimia-se nas duas humanas caixas apaixonadas, onde se musicava o futuro triste, o passado horrível, o presente sem remédio. Um conforto, exigido mutuamente, enlaçava as duas almas aliadas, na luta contra o inexplicável, na justificação comovida dos atos, na apoteose das próprias transfigurações.

Eram dois pálidos cavaleiros da Palestina dos devotamentos. O mundo, se os escutasse, erguer-lhes-ia epopéias, fá-los-ia legisladores e santos, dar-lhes-ia cortejos. A cidade passava por eles na tarde longa e humilde.

Frederico Carlos Lobão não se conteve mais. Levou João do Carmo ao bordel donde fugira a travessa mulher que o perdia.

Numa sala de hotel familiar, com oleografias emolduradas nas paredes, coristas de opereta delambiam-se em romances exagerados com bacharéis de fraque.

Um piano ressoava.

A uma mesa do fundo, uma briga estalou. Um môço moreno, têso e de *pince-nez*, largara o prato e o copo e, levantando, insultava. Disse um último palavrão e saiu.

Uma mulher magra chorava, num lenço. As outras deso-lavam-se em altas vozes:

— Ora, o Maneco! O Maneco!

Quando a ofendida se consolou, expandiu-se para o ambiente. Era uma mulher de sentimentos e de educação. Tinha família.

— Acalma-te, Tereza! — diziam de redor.

Mas ela prosseguiu, redobrando de fúria a cada conselho. Súbito, voltou-se para os dois homens tristes que se haviam sentado, pediu-lhes desculpas e pôs-se de nôvo a comer.

Muito branca, nas sandálias altas, Alma deixou perceber que se passava qualquer coisa de anormal, de sério, de definitivo. João quis saber, numa volúpia de calvários.

Perguntou-lhe se conhecia o Teles Melo da Expansão Eléctrica... um pouco capenga... Dava-lhe uma casa...

Ele acedia, pronto a todos os holocaustos que a favorecessem. No seu íntimo, exagerava-se uma boa vontade, onde lá dentro, no entanto, o profundo amor de sua vida se despeitava, calmo, resoluto, terrível.

Nela, passavam clarões tristes, logo vencidos.

E êle pediu para beijar Luquinhas antes de partir.

Um cabaré chamou-o. Uma orquestra guinchava. Do teto chinfrim, pendiam enfeites de papel verde e amarelo.

Grupos de homens e mulheres bebiam e esgoelavam. O *cabaretier* dominava o tumulto. Tinha mãos enormes e uma cara de cônego.

A música parou. Uma mulher veio sentar-se à sua mesa. Era de Lisboa. Tinha os olhos brilhantes e os lábios rubros. Ele pediu-lhe que cantasse, depois de oferecer-lhe um licor.

— Queres que eu cante?

Deu uma viva risada e indagou:

— E que há de ser? Uma coisa de saudades?

— Qualquer cantiga.

— Sei canções de Portugal. Ai que já lá vai um ano!

— É bonita Lisboa?

— Mais do que o Rio de Janeiro.

— Mais do que o Rio!

— É sim, homem.

Depois de um silêncio, João perguntou-lhe que fazia.

— Vou amanhã ensaiar uma opereta nova. Você quer vir ao Apolo?

— Posso ir.

Ela virou o cálice, levantou-se cantarolando pela sala. Depois disse:

— Ora, o Palhares não veio. Venho já, sim?

Alma, numa presença real afitiva, não o deixava.

Ele obcecava-se pelos ambientes prostituídos. Surpreendia-se evocando-a nas silhuêtas de sudário, procurando reatar nas vidas canalhas gestos seus, o futuro seu. Um rolar confuso de pressentimentos desfiava-se-lhe no peito. Onde estaria? Dormindo ao lado do outro, o que a comprara.

E num eco doloroso e profundo, batiam nêles todos os barulhos da vida.

Pela porta volante da casa alegre, um homem grisalho entrou num atropêlo, empurrado por uma espanhola gritante. A mulher exclamava:

— Anda! Por aqui! Por aqui! Buro homem!

Sentaram-se perto dos dois amigos solitários e o burguês reagiu:

— Basta, mulherzinha danada! Você acaba me esfolando vivo. Anda, vai buscar vinho...

— Eu não! Chama o *garçon*, buro!

Ruidosa, galharda, pediu *champagne*.

— Eh! Não vê que eu pago. *Champagne* na crise! Olha, o café êste ano não sai da fazenda.

— Que! Você não é fazendeiro... É buro!

— Não sou? então não pago *champagne*.

A mulher resolveu-se por um vinho do Pôrto. O burguês riu satisfeito. Ela indignou-se, saiu establanadamente para a outra sala. O homem sorriu amável, dizendo:

— Foi... mas volta. Não vê que ela perde o vinho do Pôrto, nesta crise. Anda tudo em crise, até a vergonha... Eu, um pai de família... Puff! Também, um cabaré alegre a gente.

Disse que era viajante. Bebeu, achando excelente a vida. Depois, foi atrás da mulher.

Lobão começou então a invectivá-lo. Tinha vontade de ir para Buenos-Aires ou para o Oriente, para bem longe daqueles burgueses que se satisfaziam com uma Lola e um vinho do Pôrto. No fundo do seu humano coração, a portuguesita banal dançava com outro, infernalmente. Iria acabar os seus dias

numa terra ignorada e estranha onde fôsse o forasteiro indecifrável.

— In-de-ci-frá-vel!

Da outra sala, pela porta volante, subiu um alarido: risos, gritos de mulheres, escalas desordenadas de piano. Depois a voz do *cabaretier* comandou:

— *Allons! Messieurs, dames! Un peu de gaité dans la salle! Un! Deux! Trois!*

Palmas ritmaram-se na algazarra. Acompanhada do piano, uma voz débil elevou-se:

— *Je suis le co-co de Chi-cago!*

João do Carmo sentia-se tórvo. Ante a inconsciência festiva do mundo, vinham sufocá-lo, em ronda, pálidas tristezas.

A voz do *cabaretier* sugeriu *un cri d'admiration pour Mlle. Fruli*. De nôvo houve palmas ritmadas.

Lobão queria sair, ir para o Oriente. João percebeu que o outro deixá-lo-ia para se deitar. Teve mêdo de ficar só. Preferia estar encolhido naquele barulho. Pediu-lhe que ficasse.

A porta volante escancarou-se. Reapareceu a espanhola com o burguês. Ele vinha dizendo que perdera no jôgo. E ela exigia a bolsa nova que esquecera dentro do automóvel.

Sentaram-se. Havia caído uma môsca no copo abandonado. Ela exigiu vinho do Rheno. Discutiram preços com o *garçon* acudido. O homem disse que na fábrica, no Bom Retiro, custava a metade.

A mulher farfalhava na cadeira. Veio a garrafa. O burguês ofereceu aos dois amigos, de nôvo quietos.

— Sem-cerimônia! Coisa que nunca tive na vida!

Contava histórias de rabichos. A mulher insistia:

— Olhe, amanhã você tem que trazer a bolsa, hem?

O tumulto alegre redobrou com a chegada de mais gente. Gritavam: *Vive les carabins, ma mère! Non, ce sont des cocos, de vieux copains!*

E o *cabaretier* ordenou *un cri d'hystérie*, percuciente, na sala.

Alma instalara-se com Luquinhas num *bungalow* atarracado das Perdizes. Possuía jóias e móveis, louça frisada de ouro,

uma aia alemã para o pequerrucho. E o automóvel verde do electricista passeou, nas tardes quentes, a sua renovada beleza pelo Triângulo cheio.

Luquinhas, numa transfiguração de *jerseys* caros, tinha um grande medo intranquilo do "lambisombem".

Os seus cabelos cacheavam-se em oiro disperso.

Nas manhãs luminosas, saía para os parques da cidade, com brinquedos e a criada.

E, na volta, vinha acordar mamãezinha com pontapés repetidos e bambos na porta fechada do quarto, onde o "lambisombem" morava.

O engenheiro dava-lhe níqueis e tinha um pavor de que aquelas mãozinhas lhe lambuzassem as calças magníficas.

Mas, num deslumbramento, Alma, nas *toilettes* mais finas, tomava-o, mordia-o, chupava-lhe as carnes tenras e brancas. Tinha a volúpia de ser urinada pelo seu crescido valete de copas.

João do Carmo compôs um livro todo de sonetos.

Na Semana Santa, Alma quis que êle fôsse prestar a homenagem da sua presença de querubim, numa procissão, de madrugada.

Na multidão silente, entre teorias irregulares de anjos que andavam, a aia solene seguia-o.

E, pelas ruas, a mãe não o largava com os olhos verdes da côr sentimental da esperança, sob um largo fêltro branco.

Um dia, porque Luquinhas derramasse, na toalha pura e bordada, uma terrina fumegante, o "lambisombem" zangou-se.

Alma recriminava-o de não ter contido a tempo a criança.

— Ser pajem também, não! — respondeu êle.

Ela levantou-se, cheia de insultos. Levou o filhinho para o quarto, sem terminar o jantar.

Reconciliaram-se friamente. E à noite, Alma saiu com Camila. Não se deixavam, numa sensacional camaradagem de risos e passeios.

Alma tinha sempre sono, um sono de felicidade. Quase adormecia, nas *toilettes* ricas, ao chôro das valsas, nos cinemas do centro.

Luquinhas ganhara imunidades. Na casa rica, propunha a tôda gente esconde-esconde e cavalgadas. Quebrava tudo. Bateria com a colher cem vêzes regulares na mesa. Um bulício reinava por onde aparecessem os seus cachos loiros. Quando Alma se demorava, chorando de sono, no colo compassivo da governante sisuda, queria trocar de mãe.

Outra vêzes, ela não saía. E brincavam juntos, num renovado paraíso de surpresas, de beijos e de gritos.

Ele ocultava-se atrás de uma bandeira de porta e gritava.

Ela, sorrateira, estava ali ao seu lado. Descerrava o esconderijo. E, num deliciado susto, êle tombava-lhe nos ávidos braços.

Ensinaram-no a ler num grande livro de figuras: A-za, E-ma, I-lha, O-vo, U-va.

O bicho caratetu vinha nas noites tétricas espiá-lo.

Crescia. E, crescendo, tentava o mistério de tôdas as portas, de todos os móveis, de tôdas as gavetas; buscava o inédito de tôdas as janelas; explorava a floresta florida do jardim. E procurava, além do portão, a rua que levava aos mundos longínquos dos parques.

Davam-lhe todos os brinquedos, todos os doces, todos os livros bonitos.

E, parado, ouvindo a grande fonola que o engenheiro comprara no dia de seus anos, era um padre de camisola, sacrificando ante a missa musical dos discos.

Ela pusera o seu chapéu. côr-de-maravilha.

Tinha encontrado Mauro no Triângulo. Estáva mais alto, mais forte. E falara-lhe com a voz metálica, num velho desembaraço. Ia vê-lo.

Êle esperava-a na Praça da República, entre hermas cinzentas e repuxos japoneses de flôres vermelhas.

E ela convidou-o a ir até o longínquo *bungalow* das Perdizes.

Tomaram um velho táxi. Estavam cerimoniosos, bons, alegres. Êle entrou, como numa fita de cinema. Admirou o gôsto das lacas, dos tapêtes, dos cretones.

Ela mostrou-lhe o quarto de Luquinhas, todo branco. E levou-o para o *hall*, onde havia convites de poltronas macias.

Fumavam conversando. Uma animação começou a agitá-los. Teles Melo partira para Uberaba: voltaria daí a dez dias.

Mauro andava pelo Rio. Falou-lhe das mulheres que tivera, numa naturalidade. Ela relatou-lhe a vida rica e fácil. Mostrou-lhe uma pulseira delgada de safiras e brilhantes que ganhara no Natal.

E, súbito, êle levantou-se excitado. Achava-a diversa, outra. Libertada do chapéu de passeio, ela parecia esplêndida na inteira *toilette*, em crepe *tête de negre* com punhos fartos de *skunks* e a gola provocante no contraste do cabelo acaju.

As pernas revelavam-se até o ouro das ligas monogramadas nos fechos.

Ele baixou-se. Beijou-lhe a testa alva de creme, depois sugou-lhe os lábios entreabertos e carminados.

Ela tinha os bicos dos seios duros, de pau. Veio-lhe um grande riso, histérico e desigual.

Uma curiosidade criminosa, naquele ambiente, onde um estranho reinava, impelia-os um para o outro, juntava-os.

Excitaram-se, disfarçando com vozes altas. De dentro, vinha um barulho de criados...

Partira o grande macho retornado, risonho e recurvo. Deixara-a num desmantêlo de *toilette*, a bôca inchada de lascívia, sentada numa seriedade de crime, os olhos fundos nas olheiras lutuosas, a carne vencida de gôzo.

E ela ergueu-se na sala deserta. E foi descobrindo a côr de tudo, o sentido espetaculoso de tudo.

Mauro tomou um bonde do Braz. A voz dos cabarés cantava-lhe vitoriosamente nos ouvidos alegres. Lembrava-se de

uma noitada no Rio. No tilintar das fichas, gritavam: trinta e cinco! Era o número da casa antiga de seu pai.

Encontrou apenas a criada da infância, morando perto. Estava velha, tôda branca. Pôs-se a chorar ao vê-lo. Tinha perdido os dois filhos num ano. O destino estraçalhava-lhe as últimas escoras da vida. Queixou-se lamentosamente. Sentia-se lavada em água fria, nas costas, nos ombros. Pediu-lhe um agasalho. Ele deu-lhe dinheiro e partiu.

A queda rápida de Alma fazia entrever um futuro favorável ao cáften, onde a fortuna de Teles Melo rodava.

Voltou imprudentemente ao *bungalow* das Perdizes.

Uma tarde, o engenheiro, avisado, chegava quando êle saía. Os dois homens adivinharam-se à entrada do jardim, rodaram como dois *boxeurs* na arena, perscrutando-se.

Ele partiu num sorriso de desprezo soberano, os músculos tesos e prontos.

O outro entrou: tinha uma psicologia insultada de capenga.

Numa cena dilacerante e rápida, fêz a amante confessar e expulsou-a.

Ela ia sair, serena, linda, acostumada à festa trágica da vida. Pressentia a existência com Mauro, a ruína, o descabro certo. E achava natural aquêle repentino desamparo da sorte. Era o ser humano na queda abismal, sem fundo.

Vestira Luquinhas. Tirou-o da cama rica de pau-laqué, nevada de filó.

E ele procurou levar nas mãozinhas gordas um bebê de celulóide, o balde e a pá com que revolveia a terra fôfa do jardim.

Ao sentir aquela tenacidade, o homem pensou em tornar atrás. Tentou agarrá-la. Ela quis dar-lhe uma bofetada, num desprezo de olhos verdes.

Luquinhas sufocou-se de choro e de medo.

Teles Melo juntou do chão o balde que caíra das mãos da criança, correu ainda ao portão.

Ela ia, num vento de loucura, rua abaixo, clara, fulva, carregando o filhinho cujos cabelos fluuavam.

— Que hás de ser quando fores grande?

— Santo.

E um jorro de riso claro partiu da boquinha de dentes iguais, envolvida nos cachos de espiga que se embaraçavam pescoço abaixo.

— Não, Luquinhas, não brinco mais então — fez a mãe supersticiosa, reprecendo-o. Que hás de fazer quando fores homem grande?

— Fazer santo...

— Ah! Não brinco...

Ela deixou-o pensativo, sentado ao banco quebrado da horta dos fundos de D. Genoveva, e foi ninar o bebê idiota que os olhava, braços de celulóide erguidos entre verduras. Pôs-se a cantar:

— Nana ne-nê! Nana ne-nê! Você sim é bonitinho, não é como Luquinhas, esse feio...

— Mamãe! — gritou a criança que acordara, de olhos vivos, pestanudos, na tarde que invadia as aléias estreitas e doirava a casa baixa... — Mamãe! Eu vou ser pára-raio!

Das jóias antigas, ela conservava apenas um medalhão negro de ônix, prêso a um fio invisível de platina.

Saíra num desespero, deixando o filho adormecido com a mulher de chinó.

Andara à-toa pela cidade noturna e agora deixava-se ficar ali num banco quieto da esplanada do Municipal, esperando, numa desorientação calma, que as horas passassem. E as horas custavam a passar, como a vida.

Homens farejavam-na como cães. Dois rapazes que desciam pela ruela de areia, perguntaram-lhe se viera do teatro. Tinham parado no Anhangabaú claro e deserto. Ela levantara-se. Eram ambos bem vestidos, tinham dinheiro decerto. Chamaram-na.

Um barulho de táxi estrugia pela Rua Formosa. Eles fizeram o *chauffeur* estacar. Ela estava ali, junto ao carro parado, na rua silente.

— Não vou. Ir onde?

Entrara. Sentou-se entre ambos. Deram um enderêço vago. Apalpavam-na no escuro.

Nas paredes de um quarto, havia um espelho e obscenidades em cartão colorido. A um canto, um divã.

Saíra um. O outro fechou a porta, veio para ela. Quis deitá-la. Uma alucinação tomara-a. Estava de pé, tinha os olhos severos e fixos e os belos braços nus sob a claridade.

O homem ia abrir a porta, despedi-la sem lhe dar dinheiro. Ela murmurou que ficava. Esbelta, em dois pulos, desfez-se das calças de rendas. Mas o macho relutava, desconfiado. Foi até a porta, chamou o outro. Riam-se. Excitado e indeciso,

voltou. Alma disse que já haviam pago duzentos mil-réis pelo seu corpo.

Ele parecia inundado súbitamente de fúria sexual. Mordeu-a nos lábios de desafio. Ela enroscava-se tôda no homem de acaso, cerrando os olhos, recostando a cabeça, perdoando. . .

Puseram-na para fora, deixando-lhe na mão sete mil-réis. Desceu na direção do centro, num passo sonoro. Encontrou guardas e retardatários.

Bebeu *cognac* num bar aceso do Largo da Sé. Um homem alto falou-lhe com delicadeza. Ela andou ao lado dêle, muda, inerte. Numa polidez recurva, o homem propunha-lhe sentimentos.

Tomou um bonde para a Luz. Junto ao Jardim Público, através das árvores, viu uma fita longa de sangue cercar a madrugada cidadina.

Galos cantavam, acordando as estrêlas dos seus últimos êxtases. A cidade martelava os seus primeiros ruídos.

A fita de sangue enrubescia, amarelando-se de tons novos. E, por cima, o céu era todo azul-claro. A terra girava como ela no espaço sem apoio.

Aquietou-se ali nos lençóis da cama alugada.

Não podiam esplender sôbre a cabeça de seu filho as miragens diletas da infância. . . Ele era uma pobre sombra no colchão emprestado. Trapos e carne. . . sofrimento.

A noite, sonora caiu. Crianças brincavam na calçada, cantando em frente à casa baixa.

Num vestido antigo de cetim, Alma, de pé, vigiava o filhinho.

*Soropango da vingança  
Tôda gente passarão!*

E ela sentiu, num obscuro instinto, que estava sendo castigada. Recordava o telegrafista dedicado, o cãozinho morto sob

um caminhão, o sobrado trágico da Rua dos Clérigos, onde fôra feliz.

Uma menina suja, de grandes olhos, veio acordá-la dizendo que Luquinhas não queria brincar.

Ele estacara a roda-viva na calçada. Alma foi buscá-lo, trouxe-o num chôro de desabafo, as mãos fechadas no rostinho quente.

Com o coração amedrontado, perguntou-lhe o que sentia. Levou-o para o quarto num alvoroço, aumentou-lhe os agasalhos. Ele cessara de chorar: permanecia sentado, ao colchão, olhando-a.

As crianças vieram até a porta espiar com risinhos e silêncios. Ela gritou mandando-as embora e foi buscar D. Genoveva.

A velha notou-lhe a febre do ventre. Disse. Êle cerrou os olhos miúdos num chôro sentido.

— Que é, meu bem? Que é, meu bem?

Lá fora, as crianças reorganizadas continuavam em roda:

*Soropango da vingança  
Tôda a gente passarão!*

Arranjou ao lado, numa cadeira, a sua roupinha de homem. Esticava os braços moles de brim, as perninhas moles. Era a farpela pequenina, com que êle devia carregar a cruz da vida.

Noite alta, Luquinhas agitou-se no travesseiro único e velho. Alma não conseguia dormir, olhando-o.

Se morresse! Ela sabia que nada podia resultar daquela mísera existência humana.

Sentou-se no leito, os grandes cabelos desmanchados.

A boquinha que se lamentava na penumbra do quarto cerado enriquecer-se-ia de sorrisos, para quê? Para beijar prostitutas com' ela e depois comer a lama da vida.

Levá-lo-iam mãos estranhas, por caminhos incertos. E dela, êle carregaria sòmente o ódio maravilhoso.

Lá dentro, no corpo torcido de desgosto, a anexite adquirida trabalhava. Era um beliscão repentino do lado esquerdo que amortecia o ventre todo.

D. Genoveva mandou chamar o médico grisalho. Numa serenidade cênica, êle examinou demoradamente a criança agitada. Falou em colerina, disse que era grave, receitou e partiu.

Uma goteira inundava lentamente o quarto. Lá fora, um dilúvio tomara conta do céu e das ruas.

A noite envolveu-os. Uma lamparina empalidecia a um canto.

Alma escutava o barulho da chuva. De hora em hora, pisava com os tacões altos o quarto alagado, ia buscar a colher de remédio e trocava os panos imundos.

Oh! as promessas da vida! A procissão em que êle se vestira de anjo e fôra tropeçando as perninhas roliças no cortejo sacro, entre padres e virgens, com banda de música atrás. Havia um rei... êle era o reizinho de mamãe... o reizinho da caminha de pau-laqué...

Vira-o piorar na madrugada seguinte. Todos os falsos valores, tôdas as sombras ladras que a prendiam, tinham fugido. Só ficavam na penumbra os remorsos, serenos como carrascos tártaros.

Espetros dos crimes passados estacavam no ar, como chicotes imóveis.

Ela desdobrara as asas ao convite flexuoso da terra, sem se importar com as existências idas, com as existências que viriam.

Mas todo o ridículo trágico de sua vida voltou... o drama diário da sua maternidade obscura, da sua maternidade incompreendida, apesar de se terem rachado os seios na amamentação... Oh! o sangue que perdera, e as lágrimas! Tudo consolado por um pequenino riso que não vinha mais.

O médico apareceu inútilmente na quinta manhã.

O entêrro saiu da casa pequena às quatro horas.

A tempestade passara e fazia calor.

Alma, de olhos secos, fôra levada para os fundos, pela velha compassiva. Duas vizinhas de prêto seguiam-na. Ficou sentada a uma cadeira de palha, sob a têlha-vã da cozinha.

Ouviram-se pelo corredor os passos arrastados dos que saíam, crianças levando flôres, homens carregando o caixão.

Ela sentiu que Luquinhas ia-se embora. Balbuciente, disse-lhe o nome entre soluços, tremendo, tôda torcida. E agarrou-se nervosamente às outras. A sua pobreza vital transfigurou-se de tragédia. As pupilas marinhas, entre os grandes cílios, suplicavam indizivelmente.

— Não deixem êle ir sôzinho! Não! Não!

Depois, os cabelos desfeitos pelo rosto, fulvos e molhados, dobrou-se, caiu pesadamente nos tijolos, muda e selvagem.

O entêrro ordenou-se no meio da rua, num comêço resolutivo de marcha. Um menino de bôca aberta, tropeçando, juntara, sob o braço, os chapéus dos vizinhos piedosos. As

outras crianças conversando, abriam o préstito, de vermelho, de azul, de branco.

Pressurosos, grandes e pequenos apedrejaram o caixão humilde e azul, com grandes pedaços de terra mole. Os primeiros punhados bateram ruidosamente sôbre as tábuas que fechavam lá embaixo, para sempre, o cadáverzinho coroado.

O coveiro de bigodes hirsutos e grisalhos despejou pás cheias na cova. O barulho abafou-se: ficou o barulho de terra atirada sôbre terra.

Ela guardava dêle um pequenino retrato carbonado pelo tempo. Fôra tirado por um fotógrafo ambulante, numa tarde de sol, no Jardim Público, entre coqueiros trêmulos e gritos espaçados de aves invisíveis.

Sumia como um rato arisco. Estava aqui, ali, desaparecia...

Iam encontrá-lo trepado no caixote de sabão da cozinha ou afogando no banheiro vazio a desgrenhada Neca Caleluda...

Na sala antiga, D. Genoveva, de óculos, pedalava a máquina de costura.

A bordadeira redonda, embrulhada em cetineta e cheirando mal, cuspihava insultos na noite branca.

— Não pagou o vestidinho de sêda creme de seu filho! Ficou devendo a camiseta...

— Dêle, eu paguei tudo. Só não acabei de pagar o meu vestido de filé... Dêle, paguei...

— Não senhora. Enfim, deixemos a criança, ela está no País da Verdade... Mas a senhora não pode jurar com a mão sobre o livro do Evangelho...

Luquinhas estava no País da Verdade. Alma sentiu abrandar-se a ferida que a fêmea lhe abrira no peito, insinuando que devia roupas do mortinho. Luquinhas não devia nada, êle estava no País da Verdade...

— Não paga os vestidos...

Um homem passou, voltando a cabeça curiosa.

— Não grite, por favor...

— Grito... é o meu rico dinheiro que eu quero... Pague...

No fundo indeciso de Alma, uma revolta levantara-se em muletas cínicas. Teve ímpetos de negar que devesse. Notou que a uma janela das proximidades, na rua desolada, cheia de árvores, saíra gente para escutar a altercação.

— Se a senhora grita assim, não pago.

Então a vibora gorda cresceu, inundou-lhe os espantados olhos de cuspo.

Alma desvencilhou-se nervosamente e correu.

A mulher ficou esbravejando. À janela surgiu mais gente para ver. E a silhueta redonda, no tribunal conquistado do revérbero doméstico, acusou, desconchavando os gestos na calçada.

A procissão parou. E, do grupo em crepe das carpideiras, a mulher alta que fazia de Verônica subiu à cadeira, cantou inexpressiva em meio do expressivo cortejo.

— Trec-trec-trec-trec-trec!

A matraca reencetava a caminhada noturna e heróica, que fazia, na cidade açulada de espanto convencional, o entérro de Cristo.

E, de nôvo, a música chorou pelos trombones em desfalecimentos exagerados, depois obstinou-se num ritmo de passos demorados e certos.

— Bum! Pá! Bum! Pá!

As lanternas em tórno ao pátio, amachucado no alto dos varais, cabeceavam. Lá adiante, na frente, anunciando o cataclisma, ia a cruz de pau preto, a balançar um M enorme de linho. E feiras vacilantes de tochas guardavam os andores.

Alma, enfiada num turbante velho, ia atrás da Virgem apunhalada que quatro homens, de togas como juizes, erguiam sobre os ombros impávidos.

E parecia-lhe que enterravam ali, gloriosamente afinal, o filhinho que ela trazia insepulto no coração.

Era o seu drama aquêle, o drama obscuro de Maria em Jerusalém, de que as gentes da terra, numa condenação de remersos, fixada num calendário implacável, renovavam o angustiado mistério por noites extáticas de lua.

— Bum! Pá! Bum! Pá! Pá! Pá! Pá! Pá!

Os trombones gargalhavam nos desmaios do pranto luttoso.

E ela sentia, na cadência das luzes e das opas, ao som grave e cavo da matraca, que conduziam ali, atrás dela, o féretro desmesurado de Deus.

Mas o Senhor que aí vinha, gelado num caixão, era parecido com o seu filho que os homens haviam morto na cruz dos seus braços inúteis, dos seus braços inertes.

— Bum! Pá!

Nossa Senhora não fôra como ela... No entanto, que haviam sido Madalena e a Samaritana? E ela era como Nossa Senhora porque tinha experimentado, do coração aos olhos, o gume das sete espadas! E sua criança não tivera, como o filho de Maria, senão o desprezo dos diabos felizes da terra.

Maria decerto andara assim, como ela, anônima, pisada, na multidão que seguia o charivari da cruz, na cidade negra de Jerusalém.

— Trec-trec-trec-trec!

Maria, porém, fôra vendo de longe o filho doloroso, o filho santo. E ela não podia mais ver, nunca mais, o ser afetivo que lhe saíra das entranhas.

Num calmo tropel, a procissão desmembrava-se para penetrar na igreja grande e acesa do largo.

Afastaram-na do centro, junto com beatas e homens do povo, para deixar passar, aos solavancos, na glória funerária dos trombones, o filho ensangüentado de Maria.

Aquela manhã veio, numa sedução de luzes, acordar a casa baixa.

Ela vestira-se, saíra sem destino, longe, pela cidade.

Fizera Higienópolis a pé. Queria voltar. E nem um bonde aparecia no fim dos trilhos de aço. E o silêncio doirava a hora azul.

A avenida aristocrática dormia ainda nas residências defendidas e mudas entre árvores.

E todo o seu ser parara numa concentração irresistível de miríades de músculos anímicos.

Então, para o silêncio das altas nuvens, partiu uma escala de piano, vibrada invisivelmente de dentro de uma vivenda quieta.

O silêncio propositado de tudo, das árvores e das sombras, acolhêra as notas numa ressonância extática.

Ela estava de negro, como um corvo, e o sol queimava-a.

E, de nôvo, a escala insistiu as sete notas, batidas por mãos de criança, regulares, iguais.

Ela pensou que, no fim, quando tudo se acabasse, êsse momento de tristeza augusta falaria.

As lágrimas desciam silenciosas à vista das roupinhas empilhadas, na gaveta que D. Genoveva lhe dera.

Quando outra mãe, feliz, descuidosa, passava com a sua criança viva, tinha um choque no coração.

E nas horas do recomeçado trabalho, na sala escura, onde com êle brincava tanto, vinha-lhe à cabeça flamejante, uma pena imensa e quieta.

Aos domingos, partia cedo de bonde, levando lios de margaridas brancas e saudades, compradas na feira da véspera. E achava uma injustiça êle estar ali, debaixo da terra, do cemitério suburbano, ao canto litúrgico das árvores, enquanto os outros meninos corriam e brincavam ao claro sol.

Soube, num cinema, que Mauro Glade estava prêso.

Com os cabelos corridos, a cabeça martirizada para o alto, João do Carmo transmitia telegramas. Mais de um ano se tinha passado sôbre a sua derrota. E êle amava-a sempre.

No início, a mão gelada de um grande torpor tocara tudo, emudecera tudo. As suas ações automáticas passaram a refletir um desvio que êle controlava com pena.

Rondou, durante meses, o *bungalow* das Perdizes. A casa permanecia sempre escura. Como se não fôsse para vê-la, ia postar-se demoradamente a uma esquina. Numa imobilidade de espírito e de gestos, pressentia-a às vêzes num chegar ruidoso de automóvel.

O coração afinal não se lhe apertou tanto como antes. Mas, em tórno dêle, tudo morrera pouco a pouco, ou se envenenara

ou se trocara. Era um cemitério, o bairro, o clube aquático e o emprêgo, com os seres inexpressivos, inexistentes que lhe falavam.

Os dias vinham às vêzes, pálidos, encontrá-lo chorando de olhos salços.

Voltava espaçadamente a nadar no rio.

E sabia de tudo — o regresso de Mauro, a briga irritada do engenheiro, a morte imprevista de Luquinhas.

Dez vêzes, quisera ofertar-se, correr, erguê-la. Um obstinado plano de salvamento formara-se-lhe no íntimo, vivia-lhe no coração.

A tarde baixara sôbre a cidade um incomensurável ocaso prêto. E êle pensou definitivamente em emprestar o revólver policial de Dagoberto Lessa.

Chamaram-no ao telefone. A voz angustiada de Frederico Carlos Lobão esganiçou-se. Disse-lhe que tinha visto Alma, fatal como a Esfinge de Édipo.

— Falou com você?

— Falou. Perguntou pelo teu amor...

Encaminhou-se para o bar pitoresco do Braz, onde na parede se recortava, em roxo-batata, a Estação da Luz.

E foi sentindo baixar pelas ruas o áureo ocaso negro da cidade, reposta num equilíbrio grandioso de linhas e de cúpulas.

Na solidão amiga do quarto pobre, onde se tinham tanto prometido, êle levantara-se. Aproximou-se e, dissimulando mal um carinho grato, tomou-a pelos ombros palpitantes.

Demoraram-se assim, na expectativa de qualquer coisa imensa e nova. E os lábios encontraram-se incertos, violentos, terríveis.

— Faze olhos grandes!

Na penumbra, Alma escancarou as alvas, moldura para as pupilas verdes de veludo e cristal.

As narinas fremiram.

E, numa mobilidade de *puzzle* imprevisto, a máscara cascadeou um riso desigual com altos e baixos de animalidade lasciva, os dentes brancos e perfeitos engastados até o fundo nas gengivas sadias.

Descobriram um ninho de duas saletas na Rua de São Caetano. Um trânsito ininterrupto de carroças barulhava.

Na área fechada da casa, havia duas araras ornamentais e inquietas.

Ele ia jantar só, pela última vez. Uma psicologia tenebrosa de noivo empalava-o. Tudo estava de parabéns: as árvores, as casas, as gentes. Sentia que ia fazer uma grande coisa, uma grave coisa.

A cidade tremeluziu nas primeiras luzes. E sobre êle desceu a noite de festivas lanternas.

Deixava o velho aposento de solteiro. Descera Baudelaire da parede.

Um delírio tomou-o na noite de pressentimentos e de glória. A cabeça destampara-se-lhe. E, pela fresta aberta, fugiam tropéis pensativos — a mobília, ela, a mobília. . .

Tatearam-se, procurando reconhecer, um no outro, velhas eleições.

As araras decorativas punham gritos finais nos dias morrentes.

Nas noites apagadas do leito, êle começou a sentir que a castidade de Alma gastara-se como a sua saúde inicial. No contágio canalha dos homens, ela se tinha desmoralizado pouco a pouco.

Um gesto, uma frase, repunham-no no calvário passado. E não se sabiam dar a prometida festa do amor.

Ácordavam às clarinadas dos quartéis. A ambos, o quarto e a vida pareciam estranhos.

João perscrutava a desolação do seu paraíso atingido. Alma tinha uma tirania de hábitos, opostos aos seus medíocres contentamentos. Pensava no filho e no automóvel verde que perdera.

Nas noites contrafeitas, êle saía ao seu lado, para ir ouvir, no escuro, a chorosa festa das valsas de cinema.

Ao passar o portão, na volta do emprêgo, afligia-se numa pouca segurança. Aquêlê ambiente improvisado, onde os seus

livros e as suas pequenas coisas punham uma nota solitária, não o sentia seu.

Horrorizou-se nêle o sonho pertinaz.

E Camila Maia, numa reaparição, levou-a de nôvo, oferecendo-lhe perigosos vestidos,

Era uma presença inquietante, molesta, a dêsse ser de pequenino sorriso, que não partilhava das suas obscuras angústias.

Quis protestar. Alma perguntou-lhe quantos presentes lhe tinha dado.

Passou a sonhar diante das liquidações.

Percebia desoladamente que ela não era a mulher que tinha amado.

Voitou a procurar Frederico Carlos Lobão que lembrava, numa triste gordura, a sua portuguesa cataclísmica. Ela voltara para o trair de nôvo.

Nos passeios longos de bonde, pela noite à-toa, igualados na importância que davam às minúcias heróicas das próprias batalhas inglórias, indagavam se era possível que na vida não houvesse para êles os poemas consolantes.

E inventavam o passado:

— Ela, uma vez, me disse... E eu disse...

Ia lendo um livro. Esbarrou a uma esquina com Dagoberto Lessa. E o venenoso homem calvo, apossando-se dêle,

como de uma prêsá perdida, lançou-o num bátrato de dúvidas e revoltas. Contou-lhe, sob palavra de honra, que ela tinha outro amante, a cidade tôda sabia. . .

Andaram vagarosos na tarde confidente, parando, prosseguindo. Dagoberto era uma vocação exercitada de bombeiro do amor. Sentia-se aparelhado de escadas, de cordas, de mangueiras.

O outro escutava-o como uma criança. Precisava deixar aquela Lucrecia Borgia.

Sofria muito. Decidiu-se covardemente. Não voltaria à casa aquela tarde. Estava ao lado de Lobão que fôra chamado. Ficaria com êle. Era o seu leal amigo. Vinha-lhe uma irreprimível vontade de chorar.

Solenemente sêco, Dagoberto partiu para separá-los. Alma fê-lo sentar, indiferente. E soube que João a abandonava com todos os móveis, retirando apenas os livros, a mala e os objeto íntimos.

Camila apareceu de repente, radiosa, com um chapéu claro, num vestido azul de franja de sêda. E interveio, irônica e violenta, longe daquela humilde aventura. Trouxas eram as mulheres! Alma, *um suco*, nas mãos daquele miqueado!

Dagoberto, enfiada a dolorosa carapuça, retesou-se rápida-mente de ódio, de venenos.

A mulher petulante, decidida, imprevista, achava grosseiro o procedimento do amante e mais ainda o do novidadeiro.

Num arrebato de discurso, êle levantara-se. Repeliu sonoro. Classificou as mulheres. E, furioso ante a inesgotável arrogância da contendora elegante, gritou, num supremo argumento, que era da polícia, que prenderia as duas. . .

Alma continha o seu ódio fulgurante a um canto.

Camila apostrofou-o num esgançado grito:

— Indecente! Secreta! Sai azar!

Ele teve uma rabanada heróica da capa espanhola:

— Prontuariada! Eu te conheço...

Alma estalara em lágrimas nervosas, intervindo.

— Saia daqui!

Ele rodou os degraus numa fúria, os dedos de estrangulamento.

E berrou da calçada:

— Vá para uma pensão! Role na esterqueira! Role!

Na inconsciência da noite longa, no barzinho eleito do Braz, João e Frederico Carlos, no confessionário dos copos, disseram mal de Dagoberto.

Era um estraga-tudo irrequieto, que pairava numa suspensa ironia, sôbre a beleza dos seus vivos sentimentos, sôbre a credulidade e a fôrça dos seus devotados corações.

Ela era a sua vida, tôda sua vida.

A cidade noturna festejava São João. Havia fogueiras, rojões, estouros de bombas.

Num remorso, o seu coração fagulhava como os pobres fogos da cidade, trêmulos e curtos.

Reataria. Talvez fôsse tudo mentira. Sentia que devia reatar.

Apenas, na reconciliação dolorosa, importaria condições novas de vida. Camila não voltaria a frequentá-los.

Tomou rapidamente um bonde, para passar por lá. Talvez a visse. Talvez se falassem...

O seu coração fagulhava como os pobres fogos da cidade, trêmulos e curtos.

Imporia condições. A vida de ambos...

Seria ela?... Por uma divisão do tósko caramanchel, no Jardim Público, onde a esperava sem que Dagoberto soubesse, viu-a caminhar por uma aléia, elegante, sólida e simples, num vestido claro de Camila, a gola alta, um feltro branco de onde despencavam cerejas enormes. Como estava magra, o rosto severo e abatido.

E ante o seu orgulho flamejante, às primeiras palavras, êle sentiu o velho coração ceder.

Na volta para o quarto, onde tinham tentado a jornada da felicidade, ela foi recordando a vida. E o homem grande e bom que a acompanhava, numa retornada ventura, comoveu-a.

Lá dentro, atirou-se para beijá-lo. Êle fugiu num ressentimento inesperado do coração ofendido. Houve uma caçada de bôcas.

E, pelo dia adentro, interrogou-a sôbre o calculado rival. Não houvera nada de grave.

— Nada de grave... dizes?

Ela pôs, nos lábios debonários, um sorriso evocativo de beijos.

O coração traído cortava-se num silêncio. Mas, súbito, Alma investiu, a bôca terrível, de confessada:

— Tu és o único culpado. Encontrei um amor quente, louco... amor de menino... Não um esquisitão, como tu...

E disse ainda, de pé, na gola alta, que não queria o seu perdão se o não merecesse. A culpa das mulheres caírem era dos homens que não sabiam amar...

Agora, nas noites longas, o outro deitava-se com êles, ao leito, interpondo no amor inaugurado o seu estranho corpo.

Lobão que promovera o reatamento, contou tudo a Dagoberto.

A culpa era dos homens que não sabiam amar.

Mas êle venceria as complicações embaraçantes da sua psique doentia. Seria igual aos outros.

Num deslumbramento, comprou para ela um chapéu cheio de peninhas e fitas numa loja esquiva. As peninhas vermelhas e verdes faiscaram na matinal luz, onde sinos brincavam. Embrulharam-no num vasto papel de sêda.

Mas a vida era uma tristonha desigualdade.

Não podia afastar a diabólica presença de Camila. Ela aparecia com vestidos estranhos, em peles, em fitas, e levava-a num risonho tumulto, dando-lhe *écharpes* modernas, luvas inteiriças de pelica.

Tinham marcado um encontro essa noite. Iriam dançar. Camila arranjara com Artur, sempre gingando e sorrindo pelas ruas, um convite para a festa mensal do Vitória Clube. De lá, iriam à sua *garçonnière*, na Rua da Boa Morte.

Alma vestia-se numa auréola, rindo muito o seu riso desigual e lascivo, daquele amor macambúzio.

Sob o *abat-jour*, ouro e azul, o belo corpo numa camiseta transparente e curta, maxixava cantando:

— Tari-tari! Bem picadinho! Vou dançar...

João sentara-se pensando na impossibilidade de prolongar aquela vida.

Na íntima penumbra do peito, sentia correr-lhe um rio de tristezas atávicas, inexpressivo, surdo e tenebroso.

Pensava na sua incapacidade invencível para as festas da terra. Seus pais nunca haviam maxixado, nem seu irmão padre, nem sua irmã louca, pobre Ofélia sem Hamlet...

Ah! Coração enganado! Coração enganado!

Alma prometera voltar à meia-noite. Eram quase duas horas e êle esperava ainda.

Deitou-se com a própria sombra, estirada na parede pálida do quarto, que tinha a janela aberta.

E ficou vendo a vida continuar.

As duas letras que assinara, na anunciação do amor, venciam-se com dez dias de intervalos. O usurário grande, de fala fina, propôs-lhe que fizesse uma maior incluindo os juros. Aceitou a transação emprestando de um colega o dinheiro necessário.

E, no dia inimigo, percebeu que sua vida caminhava para um desastre.

Não atingira a finalidade procurada na longa expectativa do seu amor.

O desequilíbrio em que corriam os seus dias anunciava-lhe uma espécie de exame final, em que seria fatalmente reprovado.

Não compreendia os gastos de Alma, a sua despesa crescente.

Acordara tarde ao lado dela. E deixou-se ficar no quarto por arrumar. Queria falar-lhe, expor-lhe tudo, dizer-lhe a sua dor e a sua revolta.

Alma cantarolava um tango, num vestido inteiriço de lã, sôbre sandálias altas. Dispunha objetos e móveis, num atarantado carinho. Iria no outro dia, com Camila e Artur, ao Alto da Serra:

Expulsou-o estouvadamente do leito. Ele vestiu-se.

Depois começou, tímido, incerto... Queria falar-lhe. Pediu-lhe que fôsem ao Jardim da Luz. Ela repeliu a idéia. Falasse ali mesmo no quarto que precisava arranjar.

Ele pôs o chapéu e saiu só.

Para dar-lhe roupa branca, tomou a máxima resolução de seus dias.

Ia desfazer-se da única lembrança materna que tinha. Era uma jóia antiga.

Esperou que Alma não estivesse. Foi ao fundo de sua velha mala. Procurou, desembrolhou cautelosamente. Derramou-se de uma flor de ouro um chuveiro de minúsculos diamantes. Uma emoção estrangulou-o de joelhos.

Foi ao Monte de Socorro. Dariam, pela jóia, quinhentos, talvez seiscentos mil-réis...

Esperou que um dos cubículos abertos, onde uma mulher negociava, se desocupasse.

Um velhote enrugado veio tomar-lhe o objeto.

Levou-o sem exame, lançou-o a uma minúscula balança de precisão. Ia pesar o seu destino. Talvez colocasse no outro prato um grande meio quilo. Tomara cinqüenta gramas insignificantes. A balança virou. Ele pesava aquilo também...

Nas tardes efusivas de sol, deixando de ir ao clube do rio, entrava desbordante, pedindo uma compensação, ao menos, para a sua existência desmantelada — o amor que ela lhe devia.

Passou a esperar, diante de seus gestos incoerentes, com uma serenidade de suicida, que o destino o rebentasse num último choque.

Não tinham mais contatos.

E ela, sentindo-o obstinado e estranho, começou a sofrer.

Resolveu contar-lhe que fôra boa como êle e crédula e mais o que sabia do mundo e mais como os outros lhe haviam destroçado às risadas as últimas inocências.

Uma manhã, disse-lhe beijando-o, que não podia viver sem o seu amor.

À noite, voltaram-lhe as dores do mal antigo. Ele ficou acordado até três horas da madrugada, renovando-lhe compressas de água fria sôbre o doloroso ventre.

O martírio acalmou-se. Estavam no escuro: João, sentado a uma cadeira, esperando, insone e humilde. Ela pediu-lhe que acendesse a luz. Ele obedeceu, sorrindo:

— Queres me ver...

E ela num carinho nôvo, disse:

— Não preciso de luz para te ver...

Ele então estremeceu, acordando para a vingadora felicidade que lhe sorria.

O seu coração estuou tão forte que não quis mais deixá-la. Passou a segui-la quando podia, de longe, nas ruas.

E viu-a uma tarde passear no Jardim Público com outro homem. Era um desconhecido, vigoroso e claro.

Deixara de espioná-los, por entre árvores e moitas, numa canseira nervosa.

Voltou ao bar perdido do Braz.

No crepúsculo do bairro, velhos sujeitos dançantes entravam. Havia calças brancas e peliças suspeitas.

Reviu, na parede fronteira, a Estação da Luz.

Ao seu lado, o imenso orquestrão de campainhas guichava uma valsa. Era a alma vária e imprevisível, desencontrada e musical do bairro pobre, onde a sua vida se destroçara.

O orquestrão calou-se. Ele leu insistentemente um reclamo num espelho.

Sentiu um desenlace descer. Tocavam-no dos últimos reductos da esperança. Não possuía mais nada, nunca possuía nada. Um desconforto físico dobrava-o. Tôda a sua finalidade fôra aquela mulher. Amara-a numa teimosia épica, através de todos os reveses, de tôdas as lágrimas, de todos os desencontros. Acreditara sempre nela . . .

Pagou a humilde despesa. Saiu pelas ruas escuras e frias.

Um nojo indizível envolvia-lhe os passos automáticos. Revia o caminho enganoso que trilhara. O sentimento de repulsa dominava-o, inflexível e definitivo. Não havia mais remédio, nunca houvera remédio para aquêle amor . . .

A figura de Alma passou, demoníaca, num meio-dia de luz, os dentes perfeitos, engastados até o fundo nas gengivas de romã. As araras decorativas punham gritos finais nos dias morrentes . . .

Reagiu. Uma imperativa mão afastava-o de novos contatos, de novas explicações, de novas mentiras.

Como? A molhada noite de relâmpagos apagados num instante... E a cidade armada em capela mortuária, com as carroças nos viadutos...

O labirinto de Creta só tinha uma saída, só uma porta. E na desvairada Paulicéia, as carroças rodando nos viadutos, silhuetados em aço pelos relâmpagos curtos... Silêncio! Um homem vai morrer, voluntariamente, vitoriosamente...

E as carroças nos viadutos...

Lá embaixo, um gato humano miou esfrangalhado.

Os embuçados que passam nas pontes a essas horas, espíriam.

Um relâmpago silhuetou em aço o viaduto e o suicida estendido e calado.

Dez horas... onze horas... Alma quase dormia.

Jorge d'Alvelos, seu primo escultor, chegara da Europa. Reconhecera-o nos Correios, ouvindo-lhe o nome estranho que um outro dizia. Passeara com êle para contar-lhe a vida. Agora, apresentá-lo-ia a João... Que demora na noite... Ela quase dormia... Na distância, um cão ladrava: bau... bau... bau...

Na manhã do Tieté, o clube de natação içou a sua bandeira, triangular e vermelha, a meio-pau.

## II

A Estrêla de Absinto



E o terceiro anjo tocou a tuba e caiu do céu uma grande estrêla, ardente como um facho, e caiu na terceira parte dos rios e nas fontes das águas;

E o nome da estrêla era de Absinto e a terceira parte das águas se fêz de Absinto, e muitos homens morreram das águas que se tinham tornado amargas.

*Apocalipse de S. João — C. 8.*



- **Q**UE pensas dos homens?  
— Uns canalhas...  
— E das mulheres?  
— Também.

Na luz medida do *atelier* de escultura, cerrado ao meio por um biombo, recoberto em azul, Jorge d'Alvelos movia-se sem trabalhar.

Sentia-se alegre aquela manhã na sua pátria, de onde partira em busca de vitórias com dezoito anos. Voltara ao Brasil, artista ignorado, quando longo tempo fazia já do seu embarque, com o avô que o levava até o pôrto de Santos.

Jorge d'Alvelos fixava obstinadamente aquêlo rosto readquirido de sua gente: uma mulher quieta e grande, sob o capete côr-de-cobre dos cabelos.

Estavam sentados junto à porta fenestrada que apanhava, por cima do claustro, as montanhas lisas, empastadas em massa tênue-roxo dos fundos de São Paulo.

O vime rangeu sob o estofado de cretone, com flôres rubras, enormes. Jorge deitara-se aconchegando ao rosto uma almofada esférica de sêda. Perto de ambos, no chão, uma pequena esfinge de doze mamas estacava.

— Uns canalhas...

Fazia uma santa manhã lá fora.

Era no Palácio das Indústrias, onde o escultor armara *atelier* na parte já terminada do pavilhão central. Haviam-no deixado montar aí casa de doido, com desenhos ciclópicos tirados a carvão no soalho e baldes e greda e fôrmas de fragmentos e estátuas.

Ele ficara a princípio seduzido pela mudança de céu e de ambiente, depois súbitamente horrorizado com artistas e críticos que conhecera, agora contente com a reaparição de Alma.

Ela estava de nôvo ao seu lado ali... e êle repetia-lhe mentalmente o nome, olhando-a sem ver.

Parecia-lhe que fôra numa missa de Natal, em Areias, a última vez que a vira, antes da viagem. Ela conservara-se na frente dêle, num vestido curto de *étamine*, de onde emergia a forte carnadura sob os cabelos. Não havia padre. E no côro, um trio instrumental com vozerio que parecia vir de tubas, eternizava *Dominus Vobiscum* em escalas de Marselhesa. O povo esperava, bestificado, cheirando a areia, como quem espera milagres.

A parte fatigada de terra que fica nos limites do Rio, cemitério de cem quilômetros com cruces de cidades. Tinham ambos, êle e ela, na vinda do Amazonas, corrido o início da vida, por lúgarejos parados e seculares, entre as tentações distantes das grandes capitais: em pleno dia, aldeias, onde se ouvia a roçada das formigas, sob um céu voraz, feito de milhões de asas de insetos.

Ele sentia isso numa repercussão. Haviam parado ali somente um ano e o país sáfaro parecia tê-los marcado. Ele era como os rapazes da região que, estalada a puberdade, migram, deixando o mulherio ficar numa prévia viuvez, de coxas ardentes e semiabertas, como para depoimentos, e calores eternos, sonhando casamentos absurdos e substituições impossíveis. Partira no chamado da sua eleição. E a família ficara se desayorando.

Mary Beatriz tinha permanecido na Itália, estudando.

Não quisera reatar na partida. Os olhos sérios, morena, nas *toilettes* americanas. Jorge revia-a, diversa das burguesinhas usadas que viera encontrar em São Paulo.

Alma, no entanto, com os seus vinte e cinco anos augurais, repunha dentro dêle a personagem de *guignol* que dormia, séculos, quem sabe, desde a invasão do grande rio pelos seus avós, que, retirados do bulício dissolvente das civilizações peninsulares, se tinham honrado na conquista de Mazagão em África, e depois varado o Amazonas até as suas cabeceiras de febre.

Mary Beatriz... ter-se-ia mesmo casado com ela, se ficasse em Roma. Começara tudo na surpresa de Jorge por vê-la conversar em português com a mãe, numa cauda de teatro. Escrevera-lhe cartas. Pintava giestas e papoulas, numa eflorescência do temperamento. A descoberta do amor pusera uma floração de colorido em pequenos quadros, que manchavam de luz o *atelier*, no chão, nos muros, nos móveis. E do busto frágil, de seios em péra, o escultor tinha inacabado uma estátua.

Alma saíra.

O artista permanecia no cretone, num mergulho pelo passado.

Suas tendências para a escultura tinham-se revelado na obsessão infantil dos bonequinhos de lama com que vivia sujando as mãos e a casa do avô negociante, em cujo escritório o puseram para começar a vida.

Seu pai, quase paralítico, estacionara ao lado do velho Lucas, em Areias, numa última tentativa de enriquecer, como criador de gado. Depois viera definitivamente para São Paulo.

Mano Antero, com a barba redonda dos antepassados, seguira a tradição de investida contra o mato, da raça passada para a América no começo do último século. O pai de Jorge, depois dêle, deixara também uma manhã o pôrto de lenha barrento do Amazonas, onde perdera a mulher e a primogênita, Carolina.

Na vinda para Areias, Jorge entrava na adolescência.

O Amazonas reaparecia ao escultor. Via-se numa rêde, num quarto enorme, à noite. No cacauai, lá fora, sôbre as fôlhas caídas, começava a ronda das onças. Lembrava-se da descida pelo estuário, com a família dizimada, numa barca que tinha um tôlido de esteira. A floresta conversava desde ma-

nhã com o rio. Os barqueiros, torrados e suarentos, mergulhavam n'água, num salto, para tomar de nôvo os remos tapuios, ao sol. Noite caída, havia paradas soturnas nas brechas da terra e o apêlo dos homens chamando.

Depois, o mar, a cidade branca de Fortaleza, o Rio de Janeiro entre montanhas, o exílio de Arcias, São Paulo e os primeiros bondes elétricos, o avô vacilante na casa de louças e brinquedos. Depois da morte do pai, fôra passar demorados meses no Seminário dos monges brancos em Pirapora.

Tio Antero propusera levá-lo, como fizera depois inútilmente com Alma — rumo da fazenda de Nova Olímpia, centro das suas culturas crescentes, na entrada do sertão de Iacanga. Lá, êle se incorporaria ao país, sob o céu propício da América. Casar-se-ia, fundaria novas plantações, prosseguindo, a cavalo, às quatro horas, na posse brutal da terra prometida e achada.

E não teria tido a vida que tivera na Europa.

Jorge d'Alvelos levantou-se de um salto. Se Alma quisesse ser sua. . . Na América das cidades de acampamento, êle armaria barraca à parte. Se Alma fôsse morar com êle!

E por que não quereria e por que não viria, se era tudo o que lhe restava?

Jorge d'Alvelos passou com fôrça as mãos aspalgadas sobre os olhos, estirou-se num bocejo e andou passos até junto do grande grupo em gêsso de *As Amazonas e o Cavalo*, teve ímpetos de mandar um sóco ao focinho arreganhado, ossudo e vivo do imenso animal, tal o vigor que lhe pulava da bôca, dos olhos, dos membros distendidos. Ao lado, as Amazonas, de seios em escudo, dominavam o bicho processional.

Haviam deixado o *atelier*, num deslumbrado carinho, o loiro Carlos Bairão e Mário de Alfenas, únicos amigos reavidos, em São Paulo, por Jorge d'Alvelos, na sua volta.

Sòzinho, o escultor obstinava-se na modelagem da figura central de sua *A Fonte da Vida*. Na blusa, sôbre uma escada

aberta, no silêncio mudo, marcava agora os cabelos arquitetônicos.

Alma surgiu inesperadamente, num *tallier* folgado de lá-  
clara, setentrional sob um largo fêltro branco.

O artista descido immobilizara-se. Ela pisava o *atelier* com o seu passo lépido e sólido, clarificada na luz do estúdio. Em silêncio, no canapé, tirou o chapéu, descalçou uma luva. Abriu num voluntário desastre o casaco felpudo e revelou, sob rendas, alvos começos de seios.

Depois, empilhando almofadões, depositou as pernas, na sêda esticada das meias, sôbre o cretone. E Jorge surpreendeu, entre linhos, promessas de sua nudez de pêlos fulvos. Ache-gou-se numa persuasão.

Quis prender-lhe num beijo a bôca carminada. Ela teve um refugo do rosto pálido e ardente.

— Resolveste posar?

— Sim — respondeu ela pelos dentes.

Embolara-se, fugindo, como um animal no cretone.

Jorge encostou a cabeça de cabelos fartos e enormes sô-  
bre as suas coxas violentas e quis prender-lhe a cinta nos bra-  
ços. Ela teve uma ondulação flexuosa de defesa. E fixava-o, os lábios entreabertos, vermelhos, molhados.

Ele buscou-a numa apaixonada fôrça. Ela retirou-se, ri-  
sonha, elétrica. Na luta, os dedos de modelador tinham se-  
guro um seio destacado e pequeno. Ela pôde desferir-lhe ainda um tapa certo e frouxo nas pálpebras...

Deixara-o prostrado de felicidade no divã. Recompusera-  
se, buscou o fêltro e as luvas. E, ante um minúsculo espelho que retirou da bolsa de miçangas, avermelhou os lábios fanados.

— Adeus!

Saíra. Os seus passos amorteciam-se lá fora na escadaria lateral do Palácio. Onde iria?

Jorge d'Alvelos sentiu que aventurava tudo nesse amor.

Alma trazia-lhe no escuro passado, no presente inquieto, minutos seculares de angústia, de humilhação e de prazer. O seu aparecimento fôra um aviso de devastações. E êle ofer-tava-se ao romance pressentido numa dadivosa ambição vitimal.

O dia caminhava azul lá fora, festivo e calmo. Vinham de longe ruídos de pedra trabalhada, de bondes que passavam, de carroções que estouravam o calçamento.

Jorge d'Alvellos, de costas, nas almofadas do divã, cerrou os olhos. Revia a imagem adorada. Ela já estaria longe, onde? Na direção do Braz, do bairro confuso que habitava com o outro, o amante confuso. E o seu coração fechou-se, vagorosamente.

Jorge d'Alvelos passou o olhar pela esfinge atarracada ao lado de Alma, pelas estátuas cansadas de ouvi-los na tarde caída.

As estátuas dobravam mais seus gestos mudos, abriam mais a boca inerte. E vitórias e bruscos torsos punham na sombra inicial cambalhotas irônicas.

Encontraram-se sem dificuldade no tumulto *cowboy* que, àquelas horas de partida e chegada de comboios à noite, enchia a gare achatada da Sorocabana.

De longe, Jorge adivinhara, sob jorros elétricos, a silhueta vigorosa, num gorro de viagem, uma valise minúscula na mão enluvada. Um carregador acompanhou-os e êle comprou dois bilhetes de ida e volta.

— Dois?

— Querias ir só?

— Pensava que sim.

Tomando-lhe a valise, Jorge seguiu-a até a plataforma onde o trem formado chiava. Por toda a extensão havia grupos de pessoas e nos *wagons* uma malta de gente.

Alojaram-se num banco defrontado por dois rapazes loiros. Passavam carregadores com malas e viajantes atarantados à procura de lugar. Uma campainha retiniu longamente. A plataforma teve um minuto de atenção. A máquina longínqua apitou e o trem partiu devagar.

Alma conservava-se impassível e extática no seu canto. Houve uma curta parada. Ela levantou-se e saiu na direção do carro da frente.

Só, no assento de palha, o escultor continuou o sonho em que ia perdido. O trem deslocou-se de novo. Saiu de uma pequena estação com quintalejos, bananeiras e luzes. Alma demorava-se, Jorge levantou-se impaciente. Ela não tardou a apontar ao fundo do corredor. Vinha segurando-se às paredes do carro. Atravessou num esbelto gesto os bancos ocupados e fez Jorge sentar-se.

— Sabes quem está aí?

— Quem?

— Ele.

O escultor recusou-se a compreender. Houve uma longa pausa. Depois interrogou-a.

— Quem?

— Não sabes?

— Não.

— Mauro.

Jorge sorriu sem crer.

— Queres vê-lo?

— Para que?

— Tens medo... — fez ela emudecendo de novo.

Jorge conservava-se incrédulo. A idéia dêsse encontro que êle previra e desejara com o homem de Alma, agora, naquela viagem improvisada a chamado de Camila que se achava doente em Barueri, parecia-lhe absurda.

— Encontraste-o onde?

— No outro carro.

— Falou-te?

— Conversamos...

Jorge sentia-se tomado de uma surprêsa que o varava. Esboçava-se-lhe vagamente no cérebro, no peito, uma perturbação lamentosa de homem que se ludibria.

— Tinhas combinado o encontro? — perguntou.

— Não. Mas talvez êle descobrisse...

— Sem que tu o dissesses...

— Ou tu!

— Não creio — terminou Jorge impaciente.

— Tens medo de ir vê-lo — fez ela.

— Talvez.

Calaram-se. O trem ia deixando para trás campinas escuras entre rolos de fumaça. Jorge não se conteve muito tempo.

— Vamos!

Ela ergueu-se e atravessou o *wagon*. Ele seguiu-a. O trem agora amortecia a marcha. Quando êles pretendiam passar para o outro carro, uma onda de passageiros que desembarcava os conteve. O comboio parara numa pequenina estação animada. Jorge mantinha Alma pela cinta. Depois de um velho magro de capote — carregando jornais na mão, vinha um rapaz forte, de chapéu côco, sob uma larga capa preta. Passou sem fitar ninguém. Alma apontou-o:

— É êsse...

O pequeno estribo do carro esvaziara-se. Na plataforma batida de luzes, guardas e viajantes passavam. Jorge desceu e procurou o homem que Alma indicara. Ele conversava num grupo ali perto. Encararam-se. O homem tinha um olhar côr-de-cinza por sôbre o nariz quebrado de águia. A bôca entrava-lhe bruscamente num rictus perene.

Sem hesitar, Jorge enfrentou-o. Depois, vendo que êle se desviava para conversar, pôs-se a andar. E quase roçou no homem que pareceu não o perceber. Ao voltar para junto do estribo, onde Alma permanecia, grande, sôzinha, ela levou a mão à bôca num gesto de quem suplica. Mas nada disse e sorriu. Jorge voltou de nôvo. Estacou a dois passos do outro. Êle tinha a voz metálica e lenta. Um apito cortou a estação. Uma lanterna verde oscilava. O trem ia sair. Vagaroso, sem perder Mauro Glade com os olhos, Jorge subiu ao primeiro degrau do carro. Alma, segura a um balaústre, deixara de sorrir. O trem moveu-se, passou pelo grupo, onde o homem de capa preta esperava. Êle e Alma trocaram olhares iguais, fortes. Jorge teve ímpetos inúteis de obstar que ela o fitasse. Houve um segundo trágico. E o trem rolou de nôvo, por campos escuros.

Ao sentar-se com Jorge, Alma disse num sussurro:

— Que olhos lindos êle tem!

O escultor calara-se numa agitação lancinante. Alma não deixaria nunca de amar êsse homem.

Aparecia-lhe agora, ali, naquela estação pequena de *hinterland* brasileiro, pela primeira vez. Não se perturbara um instante; nem por um instante deixara a sua linha sinistra e glacial.

E Jorge sentira o olhar vendido de Alma, na partida.

— Encontraste-o por acaso?

— Não sei.

— Mandaste-lhe dizer que ias só.

— Não tive por quem mandar dizer...

— Que importa? É um covarde.

Calaram-se. Os moços loiros conversavam em inglês. O trem corria.

— Que vem êle fazer aí?

— Tem amigos.

— Nunca anda só.

— Mêdo de ti...

— Não tive dêle. Provoquei-o, esbarrei-me nêle. Estava acompanhado, podia atacar-me.

— Quem sabe se nos acompanha?

— Melhor! Verei até a próxima estação.

Quis levantar-se. Alma reteve-o com fôrça.

— Não quero, Jorge.

— Dizes que tenho mêdo.

— Exijo que fiques.

— Mas por que?

— Porque te amo.

— Jura que o não avisaste da viagem.

— Juro.

— Por quem?

— Pelo Senhor de Pirapora.

— És capaz de ir jurar no santuário?

— Irei. Não vim para ver Camila. Quero cumprir uma promessa que fiz...

E acrescentou:

— Na festa de amanhã...

Jorge recordou pensativo e incrédulo a romaria de agôsto em Pirapora.

Levantou-se. Foi até ao fundo do comboio. Nos ajuntamentos, nos carros, até os dormitórios fechados, procurou inútil-

mente a silhueta encapotada de Mauro Glade. Voltou. Alma esperava-o de pé, no estribo do carro.

— Creio que ficou...

Ela, então, num persuasivo silêncio fê-lo ceder. Iriam pela manhã a Pirapora.

Tinham chegado a Barueri. Desceram. O trem partiu fazendo vacilar a lanterna vermelha do último carro, pela escuridão da linha. Jorge examinou detidamente os passageiros desembarcados na plataforma minúscula.

Para dormir, pediram informações. Um menino grande e sujo acompanhou-os longe, pela vila noturna plantada na brutalidade.

Havia uma casa aberta, numa estrada ladeirosa. Deram-lhes um quarto ao fundo, abrindo duas janelas acima de um paredão a pique. Para lá do quintalejo, embaixo, começava o vale negro até bater no rio, léguas além. Havia lua no céu distante, uma lua amorfa, entre nuvens esfarrapadas. Do astro doente, caíam reflexos na terra morta.

Alma fechara a luz. Perdido à janela, Jorge d'Alveles contemplava fora a noite mágica.

A serrania invisível e crestada parecia constituir na distância infinita um fundo de palco. A lua sobre ela despenhava teatralmente. Apagaram-se um a um os reflexos. Uma coruja gargalhou, voando perto da casa, no escuro. Lá embaixo, um trem desenvolveu-se, passou, desapareceu, trecho rascante da terra desacordada. E ficou tudo imenso e côr-de-nanquim.

As rodas do trole mordiam o tijuco da estrada. Aquêl morro calvo e negro, êle já o vira, com emoção, quando o tinham trazido para o colégio. E o rio, matinal e sagrado, como outrora, sobre as pedras vivas, junto à ponte. Era uma grande ponte, outrora...

Um ajuntamento colorido de feira gralhava na lama extensa da rua principal. Mulheres mascaradas de gêsso, prostitutas de São Paulo, famílias ingênuas, negras de trunfa. E o batuque guerreiro na sombra do samba media, por cima de

tudo, o tambor sêco, igual, com o caracaxá e o ribombo longínquo do bombo. Era Pirapora.

E como Alma quisesse regressar, Jorge teve ímpetos de matá-la na agitação rumorosa do hotel.

— Fizeste esta viagem, então, para que? Para vê-lo somente, para encontrá-lo?

— E desejo voltar porque não quero vê-lo, não quero encontrá-lo.

— Ele combinou vir até cá! . . .

Ela não disse nada. Jorge ergueu-se do leito numa rápida suspeita. Mauro era audacioso. Se tivesse chegado agora no automóvel que acabava de cortar, sob a janela, a rua álaçre . . .

Deixou o quarto. Dirigiu-se para a sala de entrada. À porta, um empregado encostava-se molemente. Sentou-se a uma cadeira de balanço, abriu um jornal e dirigindo-se ao homem:

— Novos hóspedes?

— Não senhor.

Passaram-se minutos longos. Jorge foi ver a rua. Barracas de turcos, onde *camelots* enrouqueciam, punham nos balcões e nas tendas velas de cêra, rosários, quadros, ex-votos. Um cavaleiro festivo passou por entre gritos exagerados da turba.

Jorge d'Alvelos sentou-se numa crescente ansiedade. Um automóvel estacara em frente ao hotel. O empregado agitou-se. Desceram malas. E sereno, bem instalado, numa roupa de brim, subiu os dois degraus de entrada, um fazendeiro de barbicha e corrente de ouro no colête.

— Bom dia!

— Bom dia!

O homem foi-se com o empregado. Mauro podia estar em outro hotel. Jorge veio ler maquinalmente o jornal, dobrou-o num gesto. Na sala, havia um espelho ao centro da parede, ladeado por pantomimas oleográficas com índios e portugueses.

Foi tomar o chapéu no quarto, onde Alma permanecia, recurva no leito, lendo um volume rasgado.

Andara na multidão. Penetrou de repente na Sala de Graças, em frente à igreja. Tôda a humanidade como que se fotografara para encher aquelas paredes enormes.

Tomou o caminho do Barracão dos Romeiros. Era o mesmo antigo hangar de caliça, com olhos furados de janelas. En-

trou esbarrando num negro *cowboy*, hercúleo e risonho, que levava nos ombros uma criança linda.

Gente cafuza espalhava-se no chão por cobertores vermelhos e pálidas esteiras, rodeando os pilares quadrados. Um pandeiro invisível batia um frêmito de asas metálicas. Uma dançarina preta, de olhos cerrados, atravancava a passagem numa roda estabelecida por um grande bombo retêso. Ao lado, um aleijado de cavanhaque sustido em muletas, tinha o caracaxá. Ela ia e vinha, de passos miúdos, de gala e de oferta.

No andar de cima, misteriosa e inflexível, desconexa e rápida, passava a luxúria religiosa, esganiçando-se em bandos lúbricos, em bandos ardentes, em bandos triunfais. E súbito, o artista descobriu, no clamor, um anão de ébano grudado a uma menina branca e caolha, num remeximento descompassado de cópula, para o onanismo sensacional de redor.

Estava na lama da rua, indeciso de nôvo. Um sino feriu uma pancada forte e trêmula na tórre enorme. Fêz a volta do templo, recordando. Regressou ao hotel: o empregado encontrava-se de nôvo à porta.

— Temos um pedido para a noite . . .

— Quem é?

— Um casal.

Como ficasse sentado longamente, não tendo ânimo de ir ao quarto, onde cairia sem solução no drama que o dilacerava, o homem falou-lhe:

— O senhor veio cumprir promessa?

— É.

Jorge pensou em tomar informações a respeito de Mauro, talvez fôsse conhecido ali, mas achou-se ridículo e perguntou quem era o senhor que tinha chegado.

— Fazendeiro em São Simão. Já no tempo da defunta D. Augusta, êle vinha visitar o Senhor Bom Jesus.

Uma vontade saudosa apertou-o. Por que não iria lá em cima ao colégio da meninice? Por que não se dissolveria no chamado das orações?

Do Brasil todo, corriam para ali, numa confiança secular, os pais, as mães, as mulheres salvas de maus transe, os homens que tinham tido dramas na vida. Vinham todos inundar a Sala das Graças de fotografias até o teto, rostos de cêra, mãos, torsos, pinturas ingênuas de chagas.

A imagem das águas, o Senhor dadivoso, de grandes pálpebras erguidas sôbre o fulgor de eternidade, inundava-os de socorros invisíveis. E êle? Como voltara até o santuário?

Tinham saído para fora, onde o samba dos homens se despedaçava sob o samba das estrêlas. A lua dançava muito negra no espaço. E o rio, espumoso e noturno, dançava.

A uma esquina, um grupo de carnaval ia e vinha, com música e folhagens, festejando uma dúzia de homens alinhados, impassíveis, soberanos. Era a esmola de um baile perante um acampamento de morféticos. No auge da competição dos corpos rítmicos, os dançarinos convidavam os lâzaros com gestos. Mas êles sorriam apenas, extáticos, envolvidos de xales, com sorrisos longínquos, onde se escarrava a saudade da carne roída dos narizes, das orelhas, dos olhos.

Depois foi o revólto fim e um grito dos mutilados lentos:

— Déus lhes pague!

Alma pediu a Jorge que a levasse à bacanal noturna do Barracão. Penetraram na quermesse de luz mortiça, espaçada, onde trovejava o ribombo do bombo. Subiram. Parecia um palácio de colunas infinitas, onde uma luzida mascarada de negros festejasse.

Súbito, diante dêles, o anão de piche abriu círculo, dançou. Era uma metade lépida e preta, grudada com tenazes de mãos em ancas polpudas que vibravam. Sob o chapéu enterrado até a bôca de dentes imensos, as pernas trabalhavam, batiam os pés básicos, enlameados e enormes em vaivéns de samba e de maxixe.

E o coral empolgante, religioso, gritava de tôda parte, por cem peitos metálicos de fêmeas e de machos, num desfalecido estreitamento de ancas e de sexos.

Na hipnose lúbrica do quarto silencioso êle sentia-lhe o hálito, os beijos carnudos. Apertou-lhe o rosto com as duas mãos. Ela cerrou os olhos.

— Amas ainda...

— Amo-te!

— E por isso arrastas-me a uma viagem em que devias ser dêle?

Ela então perguntou:

— Queixaste?... Fôste tu o ladrão...

— Nasceste para mim.

— E provocas ainda o homem roubado...

— Matá-lo-ia.

— Serias capaz? — sussurrou ela, de olhos interrogativos, a boca descerrada.

— Matar?

— Matar.

Uniram-se. Embolaram-se no leito.

Jorge d'Alvelos ficara a um canto num tomborete.

O apartamento que havia tomado para ela, depois da promessa renúncia, era entre silêncios e barulhos longínquos de bondes, num primeiro andar da Rua Scuvero, no Cambuci. O quarto atravancava-se de vasos, craiões, flôres e livros — recordações trazidas da Europa pelo artista.

Um enorme *abat-jour* de ouro descia exageradamente a luz, encerrada num círculo, sôbre um tapête central.

A janela do estreito patamar aéreo para o jardim mal cuidado, uma cortina branca enquadrava a silhuêta vermelha de Alma.

— E falaste-lhe...

— Que remédio...

Voltara-se, crescera sorrindo.

— Responderei então à carta de Roma.

— Ela te visitava?

— Como tu.

— Ia ao teu *atelier*?

— Como tu.

— Foi tua amante?

Ele baixou a cabeça. Ela disse:

— Responde! Eu voito ao meu amor.

— És digna dêle!

— Cala-te, Jorge. Faz hoje um ano que nos encontramos.

Jorge recordou a tarde em que a vira no Correio, pela primeira vez, depois da longa separação.

— Oito horas! — prosseguiu ela, desmanchando os cabelos. E atirou-se num salto pesado de gata, ao leito.

De fora, de um quartel vizinho, vinham sons de corneta na noite de ressonância. Depois, foi um brum-brum-brum de tambores. E a corneta, mais clara, cortou insistentemente o silêncio.

— Ouves? — fêz Jorge, de pé, num súbito carinho. — Esta noite de recordação permanecerá na nossa vida. Escuta como se recortam bem essas notas, como tocam profundamente êsses tambores... tudo para ficar gravado.

E aproximando-se, convincente:

— Como me falam os teus olhos! Rodeia-os uma inquietação...

Houve um silêncio persuasivo.

— Deixarás de ser a boneca que foste! Vê como é triste ser uma boneca... Que foste até agora? A boneca maltratada dos que te formaram longe de mim; depois, a boneca dêle, dêsse salafrário! E a tua consciência, que é a minha consciência, morta, apagada, inútil! Será preciso que leves a minha vida para acordar em ti a mulher que és?

Ela murmurou:

— A boneca morreu...

— Quando?

— Agora. Não ouviste o funeral de tambores?

— Alma! — gritou Jorge, querendo beijá-la tôda.

E ficaram escutando a corneta que tocava, cheia, sonora, na noite de estrêlas.

A fanfarra de quartel cessou num último tru-tru! tru-tru! de tambores. E no silêncio inesperado, a voz dêle cresceu, alongou-se emocional.

— Fiz-te passar pela coisa mais bela da vida... — exclamou ela.

— Por que?

— Pela desgraça.

— Alma!

— Beija-me agora e vê como é bom.

— Que lindo teatro!

Riram ambos. Houve um silêncio jucundo. Jorge d'Alvelos buscou seu pijama de listras numa cadeira, entre vestidos atirados. E apertou o botão da luz, dizendo na escuridão ainda doirada:

— Representamos bem hoje. Toca para a frente o nosso carro de ciganos!

Carlos Bairão promovia uma excursão a Santos, naquela noite enorme de lua.

Jorge d'Alvelos recusara-se a ir sem Alma. E numa efusão os amigos que tinham acabado de jantar num gabinete comum do *Pierrot*, decidiram buscá-la.

Além de Carlos e de Jorge, havia Mário de Alfenas e seu irmão Bruno.

A *Cadillac* foi tomar essência. E, conduzida por Carlos Bairão, deixou o centro da cidade pelo Largo da Sé.

— Vimos roubar-te para ir a Santos, disse Jorge, entrando.

— Em trem especial?

— No meu trem de setenta cavalos — anunciou Carlos que subira também.

— Vamos sós?

— Com os dois Alfenas.

— E o *chauffeur*?

— Eu mesmo.

— Vai fazer-nos derrapar na serra?

— Conseqüências de uma aposta — fêz Jorge. — Como choveu tôda a semana e a estrada está horrível, Bruno de Alfenas apostou uma ceia com *champagne* como Carlos não era capaz de descer a Curva da Morte com o pé no acelerador.

— E nós vamos nos prestar à experiência. Lindo! Vocês vão me esperar no auto. . .

Beijaram-lhe a mão e saíram para o escuro onde o carro estacara.

Ela veio muito grande, tôda em *jersey*, recostou-se entre Jorge e Mário de Alfenas, ao fundo.

Sentado ao volante, tendo ao lado Bruno, Carlos saiu.

Conversando, passaram a garganta populosa do Lava-pés e tomaram a estrada do Ipiranga. Houve a primeira parada à saída de São Paulo: um homem com sono veio examinar a viatura sob o arco de ferro iluminado. Penetraram no estirão fôfo e duro do Caminho do Mar. Num rasgar de bandeiras desfraldadas, Carlos Bairão gritou:

— Cento e noventa à hora!

A flâmula branca da Hípica Paulista fremia sôbre os holo-fotes. Desceram de repente. Subiram. Tinham atingido as primeiras luzes de São Bernardo em dez minutos. Passaram, alcançando logo a atmosfera fria da Serra.

Bruno de Alfenas, voltado completamente para o banco do fundo, contava um passeio sensacional que fizera com o pintor Meira, o músico quieto Torresvedras e o impagável Barrinhos, todos bêbedos.

— O Meira bateu o recorde quilométrico do vômito. Foi molhando o caminho todo. Na Serra, o auto, um velho *Hupmobile*, guiado por um motorista de praça, virou *sleeping-car* — todos dormiam, inclusive o *chauffeur*. Resultado: demos de banda numa pedra e foi preciso terminar a viagem a pé. Pela estrada, o Barrinhos queria convencer o Torresvedras de que o devia pôr em ópera. Quando chegamos ao Largo do Rosário, às cinco horas, o Meira exigiu uma farmácia, senão morria. O Barrinhos, muito míope, viu uma porta acesa e levou-o para lá — era um açougue!

Riram todos. Apenas Alma conservava-se silenciosa e recurva. A descida fazia-se com súbitas derrapagens. Brecado,

o carro guinchava perigosamente no declive. Subia do escuro um cheiro forte de borracha queimada contra o cascalho e à direita, abriam-se vales onde boiavam estiradas copas de árvores. A uma volta panorâmica, as luzes de Santos desenharam-se ao luar, perdidas num mapa de enseadas e montanhas. O auto marchava com velocidade cautelosa, contornando-os de repente sôbre despenhadeiros sem fundo. Calavam-se agora os viajantes e da Serra vinham vozes de água e de fôlhas. A lua parecia muito próxima, acima da barranqueira.

Súbito, Jorge percebeu que a mão de Alma tocava ligeiramente a mão de Bruno, sempre voltado para êles; e teve um recuo para o seu canto. Alma achegou-se também. Bruno pôs-se de nôvo a falar, repetindo os perigos que passara ali.

Jorge sentia um mal-estar profundo e um ódio tórvo invadirem-lhe o peito. Alma apertou-se mais contra o seu ombro. Num incontinente gesto, êle enterrou-lhe as unhas na carne do braço. Ela não teve um gemido, um movimento de defesa.

O auto continuava a fazer ladeiras em curva, por entre enormes árvores pasmadas. Saiu, embaixo, no caminho estreito do Cubatão. Veloz agora, deslizava pela madrugada na direção de Santos.

— Que tens? — sussurrou Alma a Jorge.

— Nada.

Haviam atingido a estrada lisa, de pedra socada, beirando a cêrca da ferrovia.

Jorge d'Alvelos sentia mais uma vez que não podia abandoná-la. Atirado de nôvo ao chão, no conjunto amado, debruçava a cabeça sôbre o colo preferido, que uma saia de gabardine branca, com largos botões, fechava.

De fora, no meio-dia azul, vinham baques repetidos de roupa, num tanque.

Sentada no leito, ela foi mansamente descobrindo os agasalhos íntimos, e ofereceu-lhe as coxas, entre rendas, para a carícia habitual.

A luz filtrada, êles descansaram ali numa reconciliação insistida e feliz.

Alma entrara com a carta amarrotada na mão, pela vingadora manhã, no *atelier* do Palácio. E disse:

— Sabes quem me perseguiu até aqui?

— Quem?

— Mauro.

Num irrefletido susto, não querendo por nada perdê-la, o escultor pensou num segundo em fugirem ambos para outros tumultos de cidades, onde êle os ignorasse. Ia propor... Mas ela ria, grande, fulva. Tinha mentido. Jorge devorou a carta. Era dêle, despedindo-se, datada de bordo de um paquete americano.

Tomara nas mãos o seu antigo vigor.

Ao tocar o Brasil, compusera, num estouvamento, o grupo de *As Amazonas e o Cavalo* que passara logo em gêsso.

No ímpeto da luta com a resistência de Alma, viera *A Fonte da Vida*.

Fôra sempre um fragmentário. Em torsos quebrados, metades, estudos largados, concentrava numa predileção alegre e constante, a fôrça reveladora de sua arte. Era um criador de mutilações.

O vasto *atelier* compunha-se assim: para lá em branco, as *Amazonas* com o animal; no cavalete central, a estátua de Alma, e esboços e trechos e torsos e bronzes vindos da Europa e fotografias das exposições e ânforas altas.

Alma aquietava-se em silêncios felizes, no divã de flôres monstruosas, mãos perdidas entre os joelhos. Ele vinha beijar-

lhe os olhos. Ela recusava-se a acordar daquela perplexidade de êxtase contente, na luz das manhãs.

E ele seguiu-a sem ser visto pelas ruas centrais de São Paulo. Havia chovido. Passara por ela num momento de acaso e não fôra percebido. Decidiu então segui-la à distância, numa delícia de admiração ingênua. Onde iria? Ao Palácio das Indústrias decerto.

Alma trajava um vestido suave, onde, da gola redonda, das mangas sêcas, emergia a carne viva. Marchava sem pressa e seu chapéu vermelho e copado flutuava acima das cabeças, no movimento da tarde, na Rua 15 de Novembro.

Cortou direito o Largo do Tesouro, atravancado de bondes e vendedores de jornais. Jorge teve uma ligeira surpresa. Por que não descera na direção do Palácio? Talvez fôsse para casa, sem lhe fazer a visita habitual. Ela estava agora perto do Largo da Sé. Não dobrou a Rua Direita, enveredou para os lados do Carmo. Ele sorriu satisfeito; ela iria ao Palácio das Indústrias e, numa fantasia de criança, escolhera o caminho mais longo.

— Chapéuzinho vermelho! — murmurava seguindo-a.

Ela ia descer pela ladeira íngreme do Carmo, até a várzea ajardinada. Tomou a Travessa da Sé.

Mas ela não desceu a ladeira curta do Carmo; tomou para a frente, dirigindo-se no mesmo passo tranqüilo e lento até a Rua da Boa Morte. Jorge deixou entre ambos maior distância. Havia poucos transeuntes. Ela passara a igreja e o colégio. Ele acompanhava-a surpreso, temendo ser visto.

Súbito, Alma parou em frente a uma casa baixa. Um môço saía. Ela interpelou-o. Ele voltou, fêz a chave correr na fechadura. Ela desapareceu. Ele fechou de nôvo a porta e veio na direção do escultor. Ia passar por ele. Jorge interrogou-o.

— Pode dizer-me se mora naquela casa o Sr. Mauro Glade?

— Não conheço.

— Não é a casa dêle?

— Não. É uma *garçonnière* de rapazes...

Fôra andando. Jorge estacara. Numa obsessão eufônica, voltava-lhe cem vêzes a frase que vinha dizendo: — o lóbo te espera! o lóbo de espera!

Num ímpeto, alcançou a porta, bateu; Alma assomou à janela ainda de chapéu.

Depois, veio calmamente, abrir.

— Que vens fazer aqui?

— É a casa de uma amiga. Queres entrar?

Jorge penetrou. Um corredor extenso levava até o fundo indeciso.

— Não vale a pena — fez ela.

E saíram, batendo a porta.

Voltaram em silêncio, um silêncio que se seguira à estupefação rápida de ambos.

Começou de repente a chover. Ocultaram-se meia hora, calados, a uma porta de sobrado. Depois, puseram-se a andar na mesma vaga direção.

Dois dias vieram e foram, inflexíveis e inúteis. Jorge engolia distâncias, descia alamêdas, contornava praças animadas de algazarra infantis, perdia-se em bairros longínquos.

O seu raciocínio emperrara numa conclusão tremenda: Alma traía-o, entrara numa *garçonnière*, êle vira-a entrar, retirara-a lá de dentro. Não havia sofisma que a pudesse defender. Alma traía-o.

Sùbitamente, tomou um elétrico que passava para o centro. Desceu no Largo da Sé, esperou passeando para cá e para lá. Com um rumor surdo, chegou um bonde do Ipiranga, cheio de gente. Subiu, sentou-se. Ia vê-la pela última vez. Queria apenas que ela confessasse. Não obtivera nada do seu obstinado silêncio na volta daquela tarde. O bonde passou o Largo João Mendes desceu pela Rua da Glória.

Jorge apeou um quarteirão antes, tomou a Rua Scuvero e entrou rapidamente em casa.

Alma estava sentada no leito, mal vestida, na penumbra morrente. Continuou pregando a uma calça um largo monograma azul.

Jorge começou:

— Alma, não quero mais do que uma palavra tua, uma palavra de confissão. Perdoarei se a disseres. Não há nada de pior na vida do que a incerteza. Fala, contal Tens um amante?

— Tenho.

— Quem é?

Alma erguera a cabeça, largando o trabalho. Ele sentou-se a uma cadeira.

— Contal

— Um velho conhecido — disse ela.

— Um velho amante?

Ela calava-se.

— Esse telegrafista de quem me falaste no Jardim da Luz, nos primeiros dias. . .

Duas lágrimas involuntárias despencaram dos clios baixados de nóvo.

— Ele?

Ela fêz um gesto que não.

Houve um enorme silêncio.

— Quem é? Por tua mãe morta, fala!

— Um rapaz.

— Como se chama?

— Artur.

— Que faz?

— Não sei. Sei apenas que conversa muito bem e dança muito bem.

— Onde o encontraste?

— Na rua.

Calaram-se. Jorge sentia um aniquilamento definitivo cortar-lhe a vida.

— Como chegaste a ir lá?

— Tinha o enderêço.

— E fôste procurá-lo?

Insultou-a pesadamente. Alma não se moveu, olhando o tapête numa fixidez insensível.

— Mas como foi? Como? Por que? Não te bastava o teu cáften?

— Nunca te traí com Mauro. . .

— E traíste-me com outro, agora, quando eu pretendia ligar para sempre a minha existência à tua... Perdeste-me... Perdeste-me...

A noite vinha de fora. Alma levantou-se, ficou tóda nua, grande, fulva. Pôs um pijama de sêda e veio enroscar-se no fundo do leito.

Uma mole sensualidade quebrava o corpo de Jorge. Deitara-se ao lado da amante poluída. O contato de uma anca, sob a sêda, interpelou-o.

Um demônio nôvo, pouco a pouco, ia tomando conta dêle, persuadindo-o, convidando-o. Na penumbra tonta, ao seu lado, Alma permanecia nua, no pijama sôbre a carne. Jorge perguntou-lhe:

— Como te entregaste?

— Ia passando, êle estava à janela, fêz-me entrar.

— E depois?

— Foi mostrar-me o quarto. Sentamos ao leito, para conversar. Uma aranha pequenina assustou-me. Êle riu, dizendo: *araignée du soir, espoir!* E deitou-me.

Jorge, tomado de uma volúpia espantosa, ao ouvir a cínica narrativa, queria minúcias, obstinava-se de dentes cerrados.

— Foi para mostrar os *dessous* novos que te entregaste?

A sua mão, fazendo-se automática, atingira-lhe o pijama que se rachava frouxamente. Ela deixou-se acariciar, acariciou-o também, com as mãos longas e brancas. Mas de um salto Jorge levantou-se, fugindo ao espasmo diabólico que o tomava. E ria agora num doloroso esgar:

— É a vida!

Veio de nôvo, disposto a torturá-la. Cingiu-lhe os seios com as mãos numa violência de bruto. Ela gemia, fugindo. Êle atacava furioso. Agatanhara-lhe a garganta.

— Pede-me perdão! pede!

Ela recusava-se, gemendo sempre. Pequenas lágrimas apontaram-lhe aos cílios; e gritou afinal na sombra, sentindo-se esganada:

— Per-dão!

Largou-a e fugiu para o patamar. Descera. Parou um instante à esquina. Depois foi-se, alquebrado e triste.

Meses passaram-se rápidos sôbre a desgraça de Jorge d'Alvelos. São Paulo tumultuava na expectativa das festas do Centenário. Artistas brasileiros, recém-chegados da Europa, ar-mavam *ateliers* ao seu lado, no Palácio das Indústrias, agora em rápido acabamento.

No pavilhão térreo, alinhavam-se as maquetes do concurso para o Monumento do Ipiranga. Havia uma pulsação desconhecida nos meios artísticos da cidade. Fundavam-se revistas, lançavam-se nomes, formavam-se grupos.

Em contraste, a vida de Jorge desnudara-se. Ele destruíra friamente, doidamente, a marteladas implacáveis, o grupo imenso d'*As Amazonas e o Cavalo*, depois maquetes e torsos; atirara para o fundo uma esguia *Vitória* alada em mármore branco. E no cemitério de greda partida e gêsso espedaçado, deixara apenas ao centro, prêsa ao gancho recurvo do cavalete, o motivo palpitante que arrancara do corpo de Alma para *A Fonte da Vida*. Modificara-o, entretanto. Duma espiritualização trágica de linhas, tirara efeitos alucinantes, erguera os braços para cima em paralelas infinitas, imobilizara um ríctus poderoso na maxila, arredondara o crânio sob os cabelos em toalha — e a figura ficara numa exclamativa postura de necrópole. Dela se derramava um isolamento penetrante e gelado.

Jorge cobrira-a totalmente de panos. E apenas, uma manhã, quando Alma apareceu e depois de examinar em silêncio a derrocada do *atelier* lhe pediu para ver *A Fonte da Vida*, êle sorrindo descobriu a estátua.

Ela ficou-se uma hora inteira no divã de largas flôres.

Ela levava os seios para o outro.

Haviam-se despedido hostilmente e Jorge, à primeira esquina, regressara para segui-la, na noite acesa da cidade.

Ela ia voltar decerto à Rua da Boa Morte, por êle ter-se

recusado a acompanhá-la. Ia voltar... Qualquer coisa se passaria de tremendo, qualquer coisa que já se consumara e que elle queria, por fôrça, evitar ainda.

Caminhava lépida, levando para o outro o leite elançado e quente de seu corpo. E por tudo que se engrenava dentro d'êle — ódios luminosos, dores assassinas — coruscava às vêzes uma invasão lúbrica e tonta dos sentidos.

Jorge caçava-a com os olhos, na viravolta dos becos, igualando o andar e o porte à marcha dos transeuntes de acaso.

E, durante um quarto de hora, viu-a estacar a um canto escuro da Rua das Flôres.

Voltava. Não fôra até lá. Uma vitória irreprimível cantava dentro do escultor. Mas a lutuosa memória do que se passara invadiu-lhe o ânimo de canseira. De que servia, se ella estivera outras vêzes com o outro.

E lá ia, sòzinha, num convite lascivo à gula anônima dos homens que paravam nas calçadas, a contemplá-la, a querê-la.

Retomara o caminho habitual da casa, cortara a Praça João Mendes.

Um rapaz alto e imberbe, de jaquetão, fêz passos atrás dela. Depois percebeu Jorge e parou.

Na Rua da Glória, um homenzinho que saía de uma casa, recuara ao vê-la. E logo se pôs a caminhar, acompanhando-a. Tinha uma chapéu côco, um guarda-chuva e o andar mole.

Jorge seguia ambos num confiante interêsse. Ella não fôra ter com o amante, não se deixaria levar assim, agora. Atrás, parecia vir lentamente o rapaz de jaquetão, pela outra calçada.

Mas Jorge só temia o outro, o que a essas horas talvez ainda a esperasse.

O homenzinho de chapéu côco afrouxou os passos a uma esquina, parou, decidiu voltar. Jorge notou que elle tinha os bigodes para cima.

E elle ia tê-la, sua de nôvo... ella era a sua caça, elle a prendera melhor que todos e era quem lhe construíra o ninho inviolável... ninguém mais subsistia, ella e elle, na terra indifferente.

Mas tocaram-lhe no braço. O rapaz de jaquetão estava parado, indagando d'êle em que *rendez-vous*, por favor... Sem comprehender, o artista perguntou por que.

— Por nada, eu a conheço.

Ante a revolta que fuzilava no interpelado, o outro angustiou-se na voz e na postura.

— Não, cavalheiro. Porque eu não gosto de empatar ninguém.

Partira. Jorge percebeu que a cidade toda a conhecia, a caçava com indiscutíveis direitos. Quis fugir, deixar tudo...

Mas baixou a cabeça. E caminhou para o ninho quem sabe se dez vezes conspurcado, mas seu aquela noite.

Ele a princípio quisera esquivar-se, fugir. Mas mil argumentos detiveram-no. Como deixá-la? Para vê-la cair nas mãos do outro? Para vê-la prostituir-se definitivamente, ela, o seu amor, o seu amor?

Seguira-a de nôvo, semidoido, e não a vira voltar à casa baixa da Rua da Boa Morte. Passara noites inteiras de garoa peneirada nos lampiões, sob beirais, a verificar se alguém surgia para tê-la em casa.

Apenas, uma noite, Camila viera visitá-la. Ela desceu até o portão, em sandálias, para despedir-se.

Um soldado de ronda no Lavapés, espanhol velhusco, de grossos bigodes, entrou a conversar com êle e, interrogado, disse-lhe que da casa vizinha saía às vezes uma moça francesa com um homem e na outra, entrava sempre, tarde, depois dos teatros, um rapaz fardado.

Jorge deu dinheiro e cigarros ao soldado espanhol, pediu-lhe que prestasse toda a atenção ao sobrado de rótulas, voltaria na noite seguinte. E nunca mais voltou.

Alma, entretanto, tratava-o como se nada houvesse acontecido. A experiência escudara-a contra o amor envolvente do artista: tinha por êle um sentimento crescente, de curiosidade, e no começo tivera apenas uma resolução de volúpia. Às vezes, mostrava-se enternecida ante aquêlê aniquilamento pertinaz.

Certa noite, voltara uma crise da velha anexite e pedira-lhe que arranjasse uma criada. E havia aparecido uma mu-

lher sem idade, vindo como êles de Areias. Chamava-se Milagre e tinha o corpo como o corpo de Alma.

O escultor deixara de espioná-la para, numa obsessão delirante, surpreender e descobrir o homem que lhe arrasara a vida. Passou tardes e tardes guardando a casa da Rua da Boa Morte. Era fevereiro, fazia um grande sol. E uma vez êle viu, num passo desprevenido e largo, aproximar-se um rapaz delgado, lenço a flutuar, chapéu-de-palha enterrado exageradamente na testa, a defender o rosto da luz crua. O desconhecido passou sem o ver: tinha a barba azulada a navalha e uma esplêndida bôca bem rasgada, sob bigodes negros e curtos. Alma dissera-lhe uma vez sorrindo: — Se soubesses como é bela a bôca de Don Juan!

O rapaz parou em frente à casa baixa, tirou um molho de chaves que luziram, deu volta à fechadura, entrou.

E Jorge passou a encontrá-lo quase todos os dias. Era um tipo do Triângulo. Fixava-lhe de longe o porte fino sob chapéu elegante, a gingar sòzinho pelas ruas centrais; e acompanhava-o como um paranóico perdido na sua idéia fixa. Disfarçava para não ser visto e seguia-o e andava, procurando dar-se uma grave missão de castigador e súbito achando, num paradoxo infernal, razões para aplaudir a própria derrota.

Um dia, estava no Viaduto de Santa Efigênia quando o desconhecido passou. Dois homens comentavam-no.

— O Artur... do escritório da Brasileira, secretário dos *Bandeirantes de Momo*...

Era êsse o homem que lhe infernara a existência — um empregadinho que sabia dançar, um secretário de clube carnavalesco...

E parava sempre nas cercanias da casa baixa a fim de encontrá-lo. O desconhecido saía, arrastava-o como um ímã. Nas ruas cheias de movimento, lá ia Jorge d'Alvelos sonhando, atrás do outro que sonhava. Procurava nos menores detalhes, uma ida ao Correio, um bonde tomado, reconstruir, adivinhar, compor aquela vida errante. Quando o homem parava num encontro de amigos, aproximava-se para escutar-lhe o timbre da voz,

para apreender-lhe idéias, frases... Via-o sempre rir muito, rir com a bela boca de belos dentes.

A figura do malandro de grande cidade acabou por seduzir o artista. Uma vez, Jorge surpreendeu-se parado, num burburinho de praça, que o outro atravessara no seu passo de tango, a murmurar:

— É o irmão boêmio dela...

A corrida das semanas e dos meses acalmara lentamente a dor irritada do escultor. Alma fôra se tornando gentil, carinhosa. Ele mostrara-lhe, certa vez, uma fotografia risonha de Mary Beatriz, no cais de pedra do Lungotevere. E com delicia, sentiu-a entristecer.

Uma tarde de prolongado amor sereno em que os dois haviam partido de automóvel até a lagoa côr-de-sangue do Engordador, pelo caminho silvestre e sinuoso, ela lhe disse, mão na mão:

— Quando me surpreendeste aquela tarde, senti que apesar da tua mágoa, esperavas ainda em mim.

E contou-lhe então a modificação que lhe impusera, dia a dia, noite a noite, o seu trágico desalento.

— A destruição das estátuas! A transformação d'*A Fonte da Vida*... Não imaginas, Jorge, o que foi para mim o teu atelier devastado!

O artista que num esforço colérico tentara reatar o romance deixado em Roma, vira de nôvo esvair-se, perder-se, a lembrança da artista. Alma empolgava-o numa dominação de sentidos e de cérebro que o levava a um estado de beatitude quase imbecil.

As vêzes, no entanto, reabria-se-lhe de um golpe a íntima ferida. Uma noite, disse-lhe:

— Por que os homens hão de ter sempre as mesmas palavras de espasmo? São grosseiros...

Ele reviu num segundo a posse dela pelo outro e calou-se numa doída revolta.

Nesses momentos, procurava um pretexto e saía a pé na direção da casa de Mário de Alfenas ou da *garçonnière* de Carlos Bairão num palacete da Praça da República. Outras vezes, ia até a Avenida São João para fechar-se em seu quarto, sentindo que fugia à vida como a um imenso castigo. Ficava a ler, a fumar, a pensar e passava a noite sem sono. Duas manhãs, Alma viera reconciliar-se no seu manto esbelto de inverno; despira-se e deitara-se com êle até dia alto. Mas outra vez, brigaram rudemente, sem dizer palavras, ela vestiu-se e saiu. À tarde, êle encontrou-a distraída e áspera, irritou-se, perguntou-lhe se tinha visto o homenzinho do Carnaval.

— Encontrei-o ao deixar a tua casa.

A noite esboçou-se insuportável para ambos. Ele convidou-a a ir a um teatro.

Ela enfiou um vestido que êle lhe dera: a blusa justa em cetim negro, sem mangas, a túnica da mesma côr com flôres largas de ouro. E nas meias de cinza até em cima, fechou as ligas monogramadas, ficou de pé sôbre sapatos de cetim negro com fivelões ardentes.

Súbito uma rusga trágica estourou. Não iriam mais.

Ele pôs o fêltro e, antes de sair, pediu-lhe um pouco de Pernod: fazia frio lá fora, ia longe.

Ela atirou para uma cadeira o chapéu imenso, foi buscar a garrafa verde e bojuda que gastavam habitualmente e virou, sôbre um copo esguio, a botelha de cristal com água.

Sentia-se lá dentro Milagre arrumar. Jorge pensou ainda em beijar a amante. Ela esbofeteou-o num ímpeto histórico. Ele ia espezinhá-là no vestido, mas preferiu partir.

À saída, escorregou na lama da calçada. A rua, em certos de iluminação, levantava ao seu longo pedras empilhadas e montes de terra sôlta; uma lanterna vermelha indicava o começo da escavação urbana.

Ele rodou longamente sem rumo, pelas travessas abandonadas do bairro. Seriam nove horas apenas. Gente desprevenida

passava: soldados, *midinettes*, homens do povo. A uma esquina, Jorge parou, pensando que não tinha destino. Iria para o seu quarto ser de novo roído pela própria desventura. Alma não se corrigia, não perdia as antigas maneiras suspeitas, não compreendia que o seu martírio ia longe demais.

Absorto, fez sem sentir o estirão da Rua da Glória, até o Largo da Sé. Esbarrou num antigo colega de Seminário em Pirapora, sempre muito efusivo e cortês. O rapaz pediu-lhe notícias do avô falecido, e confundindo tudo, informou-se se continuava a estudar pintura em Paris. Jorge desembaraçou-se molestado, cortou pelo lado mais deserto e daí a pouco fazia subir o elevador do sobrado de cômodos da Avenida São João.

Não teve coragem de despir-se. Pôs apenas o paletó grosso do pijama, guarnecido de alamares. Deitou-se com os braços sob a cabeça e mergulhou no seu sonho obcecante. Eram onze horas quando lhe vieram bater à porta, apressou-se em abrir. Entrou Bruno de Alfenas que tinha quarto no mesmo andar. Vira luz e viera visitá-lo.

A conversa rolou fútil e desinteressante, pouco alimentada pela frieza polida do escultor. Bruno obstinava-se em falar da vida frívola da sociedade interlope de que fazia parte: o jazz da *Rôtisserie*, umas meninas esplêndidas que descobrira com o barão húngaro de Kaseliz numa travessa da Arouche, as últimas piadas do jovialíssimo Barrinhos, o Mendes gordo que trouxera da Europa uma *voiturette* Mercedes de último modelo.

Depois de um silêncio longo que Jorge procurou manter, Bruno despediu-se com o seu ar desempenado e altaneiro. Jorge rodou de novo sozinho pelo quarto, foi até o seu pequeno *bureau*, abriu-o. E debruçou-se ali sobre folhas de papel, a escrever uma carta a Alma.

Fumou um cigarro, depois levantou-se. Sentia-se inquieto, incapaz de dormir. Tirou o pijama, vestiu-se de novo, saiu.

Uma fôrça chamava-o para o canto escuro do Lavapés. Que faria Alma a essas horas? Ele não tinha chave, iria entretanto até lá, rondar, perscrutar.

As ruas estavam molhadas. Jorge beirou o Teatro Municipal no asfalto luzente. Deixando o bar, grupos elegantes de noctâmbulos paravam e riam com mulheres de grandes chapéus. Era mais de uma hora da madrugada.

Ele tomou sem pressa pelo velho Viaduto. Um auto passou. No centro, havia o último burburinho dos cafés acesos. *Tilburies* claudicavam vazios. O Largo da Sé parecia dormir, junto à Catedral, num silêncio de ruínas em fôlha.

Pela Rua da Glória, caminhavam diante dêle dois moços conversando. Ele percebeu que vinham de um teatro, discutiam a *Viúva Alegre*. Jorge pensou em Roma, nas noites que estivera com Mary Beatriz. Onde estaria ela?

Jorge d'Alvelos parou. Estava na esquina da Rua Scuvero, atravancada pelo movimento de pedras e de terra. Uma valeta longa subia a ladeira até o fim. Nem um soldado, nem um transeunte... Jorge beirou o sobrado, procurando sustar o ruído dos passos na areia molhada do passeio. Pareceu-lhe que havia luz em cima. Depois de um minuto, voltou. A luz era no quarto de Alma, ela talvez estivesse acordada. Ou então... uma lancinante suspeita sufocava-o. Pensou em fugir para não verificar. Estacou embaixo, no Lava-pés deserto. Longe, cortou a rua uma silhuêta encapotada de guarda, com passadas regulares. Jorge juntou-se nervoso a um tronco. Mas, se fôsse assim, êle saberia agir, pularia o frágil portão, subiria cautelosamente ao patamar e, surpreendendo-a com o outro, acabá-lo-ia a tiros. Chegou-se ainda, procurando para sempre mais perto. Foi escutar de nôvo o silêncio da esquina. E impulsivo, resoluto, ágil, subiu as grades velhas, passou uma perna, parou espiando para fora... Apenas a lanterna vermelha fitava-o entre montões de terra.

Deixou-se cair junto a um canteiro de terra. A casa parecia dormir: nenhum ruído vinha dela. Caminhou entre fôlhas úmidas. E receoso, subiu os degraus carcomidos, estacando, ouvindo.

Estendera a cabeça até a janela. A cortina larga defendia o interior, aceso. Apenas por uma fresta, viu o desalinho do quarto. Sôbre um tamborete, ficara sentado, de braços para cima, um macaco caricatural, de pano.

Percebeu num susto que a vidraça estava aberta. Veio-lhe uma momentânea aflição; depois, empurrôu devagar.

Soergueu a cortina esticada: ela estava descoberta no leito. Nem sequer se despira. Parecia revolvida no luto do filó, onde transpareciam entre rosáceas as coxas violentas emergindo do monograma das ligas.

Cavalejou o peitoril. Penetrara... Tocou desastradamente num móvel, houve um baque de caixa caída.

Alma suspirou qualquer coisa por entre os dentes cerrados. E ficou tudo quieto de novo.

No toucador, estava junto à botelha de cristal esvaziada, a garrafa de absinto, bojuda e aberta. Ela tinha bebido tudo, depois que elle partira; apenas o copo guardava um resto de droga opalina, fazendo sobrenadar uma môsca morta.

De pálpebras tombadas, ella murmurou de novo alguma coisa, um nome talvez. Então, num movimento, Jorge apagou a luz.

Do escuro, foram saindo, pouco a pouco, as formas dos quadros, das cortinas, da cama.

Alma repetia numa ternura fatigada duas sílabas confusas. Elle passou-lhe a mão pela testa glacial.

Como que animada, ella suspirou:

— Sou tua...

Jorge, gelado, inteiriçado, escutava na sombra... Ella entreabriu os lábios grossos e disse:

— Vem!

Tomara-a pelos braços carnudos no escuro do leito. Uma volúpia sinistra enlaçou-os. De seios tesos, a bôca ululante, ella absorvia-o todo.

E na noite de corpos unidos, soluçou:

— Ar-tur...

Sugado de gôzo até a espinha, elle quis retirar-se, fugir, mas ella atracou-o, cataléptica, soluçante...

Jorge levantara-se atordoado; Alma continuava no filó, estirada, morta. Elle então recompôs nervosamente o leito, galgou de novo a janela descerrada, desceu, espiou por cima do portão, saltou num súbito medo e partiu pela madrugada das ruas.

Na manhã demorada, Alma appareceu no quarto da Avenida São João, risonha e esbelta. Tinha os olhos enfaixados no luto das olheiras.

— Passaste bem a noite, lindo?

Jorge não respondeu. Ela moveu-se pelos tapêtes, foi à janela, sob o *cloche* de palha rústica, dizendo:

— Não dormi nada.

Sentou-se. O escultor continuava calado, olhando-a, no grosso pijama.

— Passei uma noite de farra...

— Onde?

— Por aí, com Camila.

E depois de um silêncio:

— Preciso de cem mil-réis...

— Para que?

— Para pagar uma dívida de honra.

Jorge espreguiçou-se, ela insistiu:

— Podes dar-me?

— Tens dívida de honra?

— Fiz ontem a primeira.

— Como?

— No jôgo.

— Sonhaste...

— Não. Fui à Ponte Grande jogar. Acabou-se o dinheiro que tinha. Camila emprestou-me.

— Onde isso?

— Numa casa...

— Fôste à Ponte Grande?

— Fui...

— Quando? A que horas?

— Depois da meia-noite, à hora do jôgo.

— Mas onde?

— Numa casa em que ia às vêzes, quando era honesta e tomava éter... Aborrece-te? Não encontrei ninguém... Voltei só.

— Andas de nôvo sòzinha pelas ruas, à noite?

— Que mal há nisso? Não te traí... isto é, sabes, traí-te esta noite...

Jorge passara, naquele instante de diálogo, por todos os horrores de que vinha tendo longa *reprise*. A sua credulidade excessiva, imutável, atávica talvez, talvez voluntária, feita de ânsia de artista, seduzido pelo delírio do absurdo, não opunha argumentos à fantasia perversa de Alma. Acreditava que de fato ela tivesse saído. Entretanto, tinha a consciência do que

fizera às mesmas horas — a escalada, o encontro dela, bêbeda e irrequieta no leito...

— Sei que me traíste...

Levantara-se, andou pelo quarto, depois estirou-se sobre os lençóis, disposto a ficar. Mas a sua imaginação inquietada trabalhava.

Perguntou de repente:

— Com quem me traíste?

Ela sorriu:

— Queres que te conte?

— Quero.

— Com um príncipe. Eu era a bela adormecida no bosque de minha cama... Ele veio...

— E acordou-te?

— Não. Dormiu comigo.

— Quem?

Alma ficou um momento pensativo. Disse:

— Foi um sonho mau.

— Mas com quem sonhaste? Com êle? Com o teu cafajeste?

Ela olhou-o num assomo rápido de ódio, quis levantar-se, mas êle tomara-lhe os braços violentos, tentando derrubá-la sobre os travesseiros.

— Amassas-me o chapéu, bruto.

Insensível, Jorge prosseguiu:

— Conta! Sonhaste com êle?

— Sonhei.

— Foi um sonho?

— Quem sabe?

— Como?

Jorge largara-a, deitara-se de nôvo. Alma compôs o *cloche* de palha rústica, retomou a bolsa matinal de miçangas.

— Vens comigo?

— Espera... — disse êle.

Ergueu-se, vestiu-se, enquanto, sentada, Alma olhava sem ver.

Num regresso de psicose angustiada, Jorge sentira logo um ódio renovado contra a desgraça que lhe fizera a maior humilhação da vida.

Nos encontros com o desconhecido que continuava a gingar e a sorrir pelo Triângulo, numa indiferença natural e bem vestida, o escultor tinha ímpetos de destruí-lo. Chegou a enroscar-se numa premeditação de assassinato, por tôda uma semana. Esperá-lo-ia à volta de um baile no deserto escuro da Rua da Boa Morte. Tinha confiança na sua firmeza. Ninguém poderia descobrir, pois ninguém sabia.

Perdia-se horas e horas num círculo vicioso de idéia fixa: queria saber sòmente do outro, seguiu-o, arrasá-lo. Uma vez, viu-o no centro, acompanhando uma menina alta, de luto. Sorriam numa mútua simpatia conversando. Pararam um instante à vitrina de uma casa de modas. E na outra semana, pela noite, num dos seus passeios dolorosos pelos bairros distantes, o escultor surpreendeu a mesma silhueta de luto, em sua frente. Passou por ela num súbito interêsse, ela sorriu-lhe na sombra.

— Onde mora?

— Aqui perto . . .

E acompanhou-a a um *rendez-vous* da vizinhança. No ambiente vulgar do quarto mobilado, ela despiu-se num velho hábito de prostituição. Era banal, sem inteligência, sem atractivos. Ele manteve-se frio, incoerente, absurdo. A mulher chamou-o de viciado, depois perguntou-lhe se sabia anedotas. Quis excitá-lo inútilmente. Ele pagou e saiu.

Mauro atirou-se num ímpeto de morte. Ela quis salvar-se, correr para o quarto de Milagre. Arrastava-se de cócoras, gemendo, o rosto marcado de horror.

Ele agarrara-a e batia. Espedaçou-a contra um móvel. Voltou como um fugitivo. Saiu.

Ela ficou estirada no sobrado. Parecia que lhe tivessem arrancado qualquer coisa lá dentro.

Na alva estrelada, Jorge d'Alvelos acorrido pediu a Deus, de joelhos, no patamar solitário, que fizesse parar a terra, para que não amanhecesse.

Lá dentro, junto de Milagre que dormia embrutecida da vigília, Alma gritava, estraçalhada de perfurações.

Estava desfigurado. Saiu cambaleando. Voltou com o cônico do bairro, na manhã insensível e luminosa. O homem velho e baixote interrogou-a.

— Foi um tombo da escada. Rolei até embaixo...

E de nôvo torcia-se, gritando.

Ele não quis intervir. Podia ser um caso grave. Aconselhou o internamento num hospital popular.

Numa reorganização de forças perdidas, Jorge d'Alvelos murmurou providências desconexas. Milagre partiu, buscar um táxi.

O automóvel atravessou a portaria engradada em negro da Rua Cesário Mota, contornou suavemente o jardim de cactos e ciprestes, e estacou à primeira porta da larga entrada em tijolo da Santa Casa de Misericórdia. Havia uma ambulância parada um pouco adiante. Jorge gritou por uma padiola ao enfermeiro da Assistência que o olhava.

Depositaram-na na sala da entrada, à esquerda.

Jorge ficou ali, um instante, inerte, idiota, vendo-a quase no chão, sôbre aquela maca de feridos. Depois, penetrou desa-

baladamente pelos corredores extensos, pedindo pelo amor de Deus que lhe deixassem falar com uma irmã de caridade.

O médico que conversava com outro sôbre a janelinha de Krause, aberta, pela manhã, na cabeça de uma trepanada, explicou-lhe que era preciso intervir logo. Houvera um alarmante comêço de paralisia intestinal. D. Alma sofria decerto de uma velha anexite. A queda precipitou o material séptico na cavidade. Apresentava todos os sintomas... Fôra um horroroso desastre...

Caíra a tarde. Puseram-na entre lençóis na maca rolante da pejada enfermaria. E o carrinho seguiu entre camas curiosas, até a sala grande de operações, clara, rigorosa, na sua instalação de armários e boiões, onde desinfetantes punham cheiros acres e côres amargas — verde, roxo, laranja.

Por cima, desenhava-se vazio o anfiteatro donde os estudantes assistiam às lições vivas do hospital.

Sem pinga de sangue no rosto citronado, reconduziram-na cautelosamente para a maca horizontal. No cortejo de irmãs e enfermeiras, Jorge ia, automático, solene.

Estavam na terceira manhã de hospital. Alma resistira ao choque operatório. Mas o nariz se afilara extremamente entre os olhos roxos e baixados. Amarela de cêra, a doente passara assim todo o dia e a noite; depois tivera, pouco a pouco, uma normalização de estado geral, sem vômitos, que pusera doidas esperanças no coração de Jorge e fizera mesmo o médico interno pensar que a salvava.

A febre não subira nas crises da tarde. Mas agora, ao anoitecer daquele dia, Irmã Maria retirara o termômetro marcando quase quarenta graus.

Jorge sentiu gêlo na espinha e veio perscrutá-la. Ela parecia dormir; descerrou o martírio dos olhos e, vendo-o extático, disse:

— Eu não queria morrer... Era tão bom quando tu chegavas em casa... Lá fora, a fanfarra do quartel...

Aterrado de estar só, ouvindo-a, êle chamou nervosamente a irmã que agasalhava outra doente. Ela veio na sua roupa branca.

— Irmã — suplicou a enfêrma — dá-me o crucifixo...

A freira desprendeu a grande cruz de metal que lhe pendia do peito e, ajoelhando-se, fêz Alma beijá-la.

— Deixa-o comigo, Irmã!

— Deixo, filha.

— Jorge, meu Jorge, que castigo! Vou morrer...

Êle quis falar, protestar, mas ficou olhando-a, imóvel, petrificado. Uma sensação fria penetrara-o, conservou-se dolorosa nas espáduas, nos braços, nas pernas; e teve a certeza física de que sairia dali, mataria Mauro e rebentaria os miolos a bala.

A tarde descera num imaculado azul lá fora: era Junho sem frio.

A sala sussurrante caía em sombra. A enfermeira da noite veio saudar a doente e acender as luzes centrais que espalharam dos *abat-jours* de vidro, sôbre os leitos inquietos, uma claridade ofensiva. Apagaram-nas depois, para deixar sòmente ao fundo uma lâmpada pressaga.

Jorge ia e vinha, olhando tudo: a passadeira incolor, a marcar um caminho sem fim, entre as camas, as doentes largadas como trouxas, as convalescentes em riscadinho... Alma que o detivera, a princípio, junto ao leito, deixava-o agora.

Mas êle parecia perseguido por uma idéia. Achegou-se, ansioso, oprimido de soluços. Ficaram naquele silêncio de desastre.

— Alma! — exclamou êle. — Quero pedir-te uma coisa. . . Crês em Deus, eu também. Tenho, desde criança, uma oração miraculosa. Vamos rezar juntos!

— Quero — disse a enfôrma, pondo nêle os olhos verdes, magoados e distantes.

Então, no murmúrio da sala, Jorge leu em um papel o Salmo 90 de Davi. Alma acompanhava-o em tom frágil, de mãos juntas sôbre os seios. Jorge tinha inflexões ardentes que se perdiam no sussurro das febres. Depois, a dela seguia, crédula, terna, suplicante.

— “Êle é o meu Deus. Nêle porei tôda a minha esperança, porque me livrou dos laços dos infernais caçadores e da rigorosa palavra. Êle te fará sombra com Suas asas e tu esperarás debaixo de Suas penas. As Suas verdades te cercarão como um escudo e não te perturbarão os temores noturnos, nem a seta que voa de dia, nem o ar contagioso que anda nas trevas, nem o encontro do demônio meridiano. . .”

Houve uma pausa. A doente reabriu os olhos marinhos, líquidos de lágrimas. A oração continuou calorosa, no desespero crescente de Jorge, entrecortada nos lábios frouxos de Alma.

— “O mal não chegará para ti. O flagelo estará longe de tua casa, porque, em teu favor, Êle mandou os Seus anjos que te guardarão em todos os teus caminhos. . .”

No corredor matinal, Irmã Maria interpelou-o.

— Escute, senhor. Por que não chama um padre?

— Ela morré?

— Não digo isso. Tenho visto outras assim se salvarem.

— Assim. . . nesse estado?

- Nesse estado.
- Mas o doutor me falou em peritonite...
- Ela está passando mal, precisa de conforto. Consinta que eu traga o nosso capelão, um padre velho...
- Amanhã — respondeu Jorge, abstrato.

A noite passou-se na mesma desesperança. Ele dormiu como sempre, na polé de uma cadeira exígua.

Irmã Maria veio muito cedo. A temperatura continuava alta. Os vômitos reapareceram. Reapareceram as dores fulgurantes e os soluços. A respiração era intercadente, oscilada.

Jorge, que acompanhara a freira até o corredor, disse-lhe:

- Traga o padre, mas avise-o de que não a assuste.

O doutor apareceu às nove horas. O capelão idoso, muito limpo na sua estreita sotaina, seguia-o.

- Trouxe-lhe um amigo — disse o médico à enferma.

Ela sorriu, vendo o sacerdote que se adiantava, falando:

- Minha filha... vai sarar logo... Está melhor?

- Assim... — murmurou ela.

— Então. Coragem! prosseguiu êle sentando-se à cabeceira do leito. Isto vai passar...

O médico apressado, no seu grande avental, afastou-se. Alma continuava a sorrir meigamente para o confessor. Jorge deixou-os, seguiu o doutor, interrogando-o. Tinham saído para o corredor.

- Só um milagre...

- Está perdida?

— É a minha opinião. Não pudemos debelar a peritonite. Houve ruptura das trompas na queda. Avisou a família?

- Ela não tem família.

— Esperemos um milagre — disse o médico despedindo-se.

Jorge voltou. Percebeu que Alma se confessava. Um soluço longo convulsionou-o todo. Atravessou vivamente a passagem entre os leitos e aproximou-se numa violência de choro.

O padre absolvía a doente reanimada, segurando-lhe a mão. Com passos vacilantes, Jorge ajoelhou-se junto à cama. E dilacerado de dor íntima, com a voz cortada, pediu perdão. O padre procurava levantá-lo, contê-lo, mas êle insistiu num tumulto de lágrimas:

— Perdão! Eu quero que ela me perdoe.

Tinha a máscara, torturada, franzida, lavada de pranto. Alma olhava-o comovida, sorrindo.

— Não, meu filho — disse enérgico o padre — Jesus perdoou tudo, basta!

Jorge debruçou-se sôbre a mão de Alma: ela acariciou-o sem fôrças. E êle ficou ali, chorando aos pés do sacerdote.

A peritonite progredira, frustrando a drenagem laparatômica. Jorge, desiludido, num enlouquecimento, esperava ainda um milagre. Tôda a sua fé infantil voltara. Deus podia tudo, podia também ressuscitá-la da começada agonia, extinguir-lhe a febre maldita, reter aquêles espantosos vômitos inúteis. Fazia promessas doidas, surpreendentes.

— Senhor de Pirapora! Esculpirei o vosso milagre para a Sala das Graças! Subirei de joelhos o vosso altar carregando-a!

A freira veio acordá-lo do seu canto. Êle olhou-a com olhos vagos, assustados, sem compreender.

Ela havia trazido uma vela de cêra já gasta por outros agonizantes e um pequenino livro preto de orações.

Seriam dez horas da manhã. A luz era doirada e azul. O médico ordenara que se abrisse a janela próxima para o jardim cheio de árvores. Lá fora o céu alto faiscava.

A enfermeira aproximou-se e logo depois o padre apareceu. Então, no silêncio que cortava a respiração opressa no leito, a voz de Irmã Maria ergueu-se numa fieira de preces.

Dois lágrimas isoladas correram pela face agônica. E, de nôvo, a voz pertinaz e cantante da freira elevou-se na glória matinal que enchia a sala.

Era uma ladainha que o padre acompanhava e, na distancia, as convalescentes repetiam:

- *Santa Mãe de Deus*  
— *orai por ela!*
- *Santa Maria Madalena*  
— *orai por ela!*

A litania ressoava: era um supremo apêlo aos santos pontífices, aos confessores, aos monges e eremitas. Súbito, mudou:

— *Sêde propício! Perdoai-lhe Senhor! Por vosso nascimento! Por vossa cruz e paixão!*

A angústia dispnéica parecia crescer na cama, alongar-se, aflitiva, sufocante.

A freira acendeu a vela benta, chamou Jorge que se atirara de bruços na sua cadeira. Ele veio trôpego, colocou o círio na mão desfalecida de Alma, e, de joelhos, seguiu as orações.

A freira, ereta, apostólica, exclamava:

— “Parti dêste mundo, alma cristã! Em nome de Deus padre onipotente, que vos criou; em nome de Jesus, filho de Deus vivo que por vós padeceu; em nome do Espírito Santo que se difundiu em vós; em nome dos Tronos e Dominações; em nome dos Principados e Potestades; em nome dos Querubins e Serafins...”

Jorge d'Alvelos não se reteve mais. Apertando frouxamente o círio na mão do seu amor agonizante, soluçou. Eram dois haustos de respiração violenta, incontida, que o tomavam,

uniformes, isócronos, como se um braço invisível e de ferro o sacudisse implacavelmente pelo peito! Percebeu através da cortina de lágrimas, ao seu lado, os circunstantes. Eles permaneciam extáticos como modelos, em composição escultural, para um grupo da Desgraça.

Alma entrara em agonia. Com os olhos imobilizados para sempre, da garganta saíam-lhe sons enrouquecidos e surdos...

Houve um ligeiro tumulto. O padre erguera-se, aproximara-se: E de pé, engrandecido no quadro começou:

— *Kyrie Eleison!*

*Christe Eleison!*

— *Kyrie Eleison!*

A doente agitava-se. Teve uma primeira contorção dolorosa de máscara.

— *Vas spiritualis!*

*Rosa mystica!*

*Turris Eburnea!*

*Domus Aurea!*

*Foederis Arca!*

*Janua Coeli!*

*Janua Coeli!*

Ela morria. Teve uma contorção mais dolorosa.

— *Janua Coeli!* — clamou de novo o sacerdote, no silêncio horrível, de braços erguidos, nervosos, como a sacudir gonzos invisíveis.

E ela acalmou-se de repente. Partiu na direção da Porta que o padre fizera estremecer e abrir-se, enquanto carrilhões a segui-la cantavam a glória de Deus na manhã.

Pelos vidros do táxi parado, Carlos Bairão que vinha com Torresvedras, viu o *chauffeur* e o guarda vermelho e rapado

do largo portão dos fundos da Santa Casa se disputarem sem resultado. Gritou com raiva, pela janela, que era para o enterro.

O homem gesticulou justificativas e abriu lentamente, desvendando no terreiro, junto ao necrotério, dorsos negros e luzidios de cavalos emplumados e um carro com doirados no oblongo da caixa.

Desceram os amigos de Jorge d'Alvelos que o tinham deixado no quarto da Avenida São João, em companhia de Bruno e Mario de Alfenas.

E pela escada exígua, subiram até a parte inicial da capela mortuária, reservada aos pensionistas, que a piedade vigilante de Irmã Maria conseguira para o cadáver de Alma.

Dois internos do hospital, risonhos e moços, saíam dialogando.

Carlos e Torresvedras penetraram e viram um caixão sob um altar elevado, onde quatro velas, chorando as suas últimas lágrimas de cêra, se apinhavam ante um Cristo de latão. Entre os castiçais, o Cristo, na cruz desmesurada de pau prêto, parecia pregado ali, inútilmente, irônicamente, havia vinte séculos.

Outra mesa sustinha outro caixão, ainda recoberto pelo pano xadrez da casa funerária.

Torresvedras abriu o que se achava junto ao altar.

E numa capa celeste, sôbre a roxa túnica, de olhos apagados e a expressão de quem suplica eternamente, por dores eternas, Alma d'Alvelos, desaparecida na magreza do próprio corpo invisível, parecia o cadáver de Nossa Senhora.

Apenas o nariz se lhe tornara mais adunco, a bôca entreabria-se, chorando imutavelmente, as mãos não se viam sob a ampla capa da mãe de Jesus.

Um bafio denunciando podridões iniciadas fêz os dois homens recuarem, fechando a morta. E como viesse Irmã Maria, ataram o caixão e tomaram as alças finas, auxiliados por um negro gordo que guardava os cadáveres e pela figura ensebada e velha do gato-pingado solitário do carro.

Fizeram passar o caixão pela abertura apropriada das grades. Gente vestida de riscadinho, convallescentes idiotizados das enfermarias, paravam vendo. Irmã Maria ficou compungida à porta do necrotério.

Houve uma expectativa respeitosa. E conduzindo-a, a caruagem de segunda classe, no garbo emplumado dos quatro cavalos, negros e sólidos, no ouro dos arabescos e das colunas, saiu numa apoteose.

O táxi levando os dois rapazes rolou atrás.

E logo, homens que passavam descobriram-se. Adiante, um senhor grisalho parou e tirou o chapéu. E nas calçadas das ruas, grupos operários que iam, moços petulantes, velhos e meninos saudavam também.

Carlos Bairão pensava que a morte era um triunfo: a repudiada de ontem, a só, a rapariga, ia ali tirada pelo trote possante de quatro cavalos, num côche preto e doirado, e todos instintivamente se descobriam.

O carro fúnebre rolava nas pedras, o táxi fungava atrás. O dia nublado de junho apagava as côres e as linhas.

De repente, Torresvedras moveu-se do seu canto, falou com a voz grossa, pegada na garganta:

— E agora?

Não disseram mais nada até o Cemitério. E o côche cantava nas pedras perguntando. E o táxi fungava atrás perguntando.

Carlos Bairão comprou uma maçaroca ridícula de saudades à porta do Araçá.

O florista, descarnado e solícito, ajudou-os a tirar o caixão, com o gato-pingado velho, lamentoso, numa sobrecasaca de ministro anglicano.

Na capela alta, com vidros de côres baralhadas, descobriram de nôvo a morta. Tinha o grande pescoço torcido pela marcha, a cabeça de cobre fulvo despencada e continuava a súplica perene no manto celeste de Nossa Senhora.

As manilhas do caixão cortavam os dedos dos quatro homens na imensa caminhada. Haviam penetrado por entre árvores funéreas e agora desciam a encosta terrosa dos mortos sem nome que têm covas alugadas.

Dois sapadores burocráticos, inexpressivos, nos uniformes municipais, vieram tomar o caixão.

Atiraram-no por cordas ao fundo de uma exígua abertura, junto à sepultura esquecida do avô que se chamara Lucas d'Alvelos. Carlos Bairão depositou o maço de saudades sobre o chão removido de fresco. Torresvedras quis contar os jumentos

para saber facilmente a distância da primeira aléia, mas achou inútil.

À saída, depois das gorjetas, o florista polido e fúnebre, que acompanhara sempre os amigos do escultor, propôs:

— Se quiserem, eu posso fazer também uma cruz de cimento.

O cadáver nu, de cabelos atados numa toalha, foi levado, cautelosamente, até a parede do imaginário *atelier*.

Ele apanhara-lhe o dorso, despencado em ligeira curva. Um velho felino, barbudo e de boca furada, conduzia de costas o cortejo, tomando-a pelas axilas, e um grande diabo, ossudo, levava as pernas geladas para sempre.

Depuseram-na no estrado de pau, inerte e dura, murcho o ventre acima do triângulo negro e simbólico.

Depois, começaram a crucifixão.

Para lá, na vastidão respeitosa da sala, havia estátuas atadas aos punhos para trás, com retorcimentos fixos, tôdas recobertas como imagens em Semana Santa.

E havia ânforas e flôres.

Iam crucificá-la na parede nua e branca. O velho levantando-a pelos inúteis seios, dava ordens impassíveis.

O outro batia já o seu longo prego. E apenas o braço que lhe haviam entregue, a êle, endurecera e resistia, empurrando-o para trás.

O velho esperava. O outro tinha uma cabeça de fúria. Era preciso dominar a consciente resistência do braço. Aos repelões o membro em ângulo cedeu, aceitou a linha reta da cruz, num craque-craque de ossos internos. Êle tomou o martelo e o prego longo, bateu a primeira pancada inútil na palma cartilaginosa. E dizia que era preciso haver mártires.

O velho atravessara vitoriosamente a mão que prendia. O outro baixara-se a perfurar os dois pés sobrepostos na mesma agulha de ferro.

Êle então bateu. E houve um tinir repetido de aços, apagado pela repulsa de borracha dos membros anquilosados e murchos.

Salpicaram gôtas glaciais como remorsos nos braços musculosos e nus dos crucificadores.

E a cabeça de frango virou, o corpo suspenso desceu num pêso bruto, alargando as chagas nos pregos e pondo em relêvo estrias de panos, de nervos, de costelas.

Então, abriu-se a porta e um esplêndido homem nu, coroadado de fôlhas, apareceu e gritou como um arauto.

— Sangue frio!

Ela permanecia tôda estilizada na parede, que ficara como uma cruz de mil braços...

E Jorge d'Alvelos viu que era o cadáver de Alma que tinha crucificado para estudar anatomia... Ela despregou as grandes postas rachadas, latejantes, viva para êle...

O escultor abriu os olhos na escuridão de seu quarto. E percebeu a madrugada neutra num silêncio de vidas estranhas.

Onde estava ela? Escorregara-lhe dos braços aflitos. Onde estava? Levantou-se da cama num salto. Ela fugira...

Atirou-se para a porta: permanecia fechada na noite. Voltou, bateu os ângulos desertos, foi ao leito. Pareceu-lhe vê-la ainda. Levantou os lençóis, o colchão: não estava.

Estava longe. Onde? Na enfermaria. Não, mais longe. No necrotério. Não, mais longe. Na cova...

Jorge d'Alvelos sentou-se. Viu descer no escuro, num desequilíbrio sobre os ombros que tinha aconchegados, um mundo bruto e apagado de formas.

Pensativo, misantropo, nervoso, Jorge d'Alvelos saiu, depois de duas horas da tarde, do seu quarto da Avenida São João. Estava um tempo inconstante. Havia chovido, agora ficara claro. Uma ponta de sol varava a cinza do céu, fazendo brilhar as poças de lama das ruas, os trilhos dos bondes.

Jorge dirigiu-se lentamente para o Triângulo central de São Paulo. Subiu a ladeira íngreme e penetrou de repente na Praça Antônio Prado. Ia dizendo consigo: — o sobrenatural existe dentro de nós. A vida com Deus é hipócrita, sem Deus é cínica.

Passavam homens e mulheres. Tinham todos no rosto uma estupidez triunfal e cruel. Em *limousines* perfeitas, as senhoras dos grandes ricos exibiam, belas e risonhas, a sua vémina insolente de prole — meninas espigadas em sêdas, meninos morenos e desdenhosos.

A cidade tôda movia-se, rodava. Maníacos, sonhadores vencidos, faziam também trotar na ciranda os esqueletos vergados e velhos, sem perceber a inutilidade dos seus gestos de pressa.

O escultor ia devagar pela Rua 15 de Novembro. À porta dos bancos, homens parados abriam caras neurastênicas e vazias. Outros passavam, correndo, semiloucos, discutindo alto os seus angustiosos sonhos de lucro. Rapazes irrepreensíveis, de olhos vermelhos sob óculos redondos e enormes, gíolavam nas esquinas.

Ele chegara ao Largo da Sé. Parou na convulsão extática de populares, à porta de um grande edificio; olhou e viu, na distância, as obras da Catedral côr-de-cinza, como um grito lancinante, que tivessem cortado pelo meio na imensa praça apagada. Desceu aos encontrões com a gente que se movia pelas ruas atravancadas de bondes e veículos. Estava perto de uma leiteria, entrou. Um homem calvo tomava notas com um lápis no balcão. Ele perguntou-lhe se havia sanduíches. O homem não ouviu; repetiu a frase fazendo uma violência física para falar.

E, de pé, pôs-se a comer.

Mocinhas de avental branco iam e vinham, fazendo o serviço das mesas, pagavam à caixa, buliçosas, sorridentes. Jorge pensou que elas podiam ser desgraçadas um dia.

Inconscientemente, tornara outra vez ao Largo da Sé. Estacou incomodado, ia tomando o rumo da casa de Alma. Estava agora em frente à montra pejada de uma livraria.

E Mauro? Com certeza fugira.

A tarde baixava, ameaçadora de nôvo. Um vento leve e constante levantara-se. Ele andara, achava-se na Rua do Carmo, divisou ao longe a casa baixa, perdida entre outras na Rua da Boa Morte. Pensou que devia levar o desconhecido à quádra desolada do Araçá, onde Alma repousava. Mas encaminhou-se para o Braz.

No fim glabro do dia, o bairro negro fumegava com recortes sobrepostos de casas, chaminés, fábricas, gasômetros.

Descera à Várzea; seguiu para a frente, sem tomar o caminho do Palácio das Indústrias. Massas de poeira elevavam-se, caíam na planície desolada que a rua cortava.

O vento recrudescia. Homens aos grupos, negros, apressados, iam como num romance.

O escultor foi andando. Quase anoitecera no céu de anátema. Pingavam gôtas de água, batendo nas árvores, no chão. Uma carroça passou, estrídula, em disparada.

No desamparo penetrante de tudo, Jorge d'Alvelos, com gestos de polichinelo quebrado, mergulhou na noite sem Deus.

Um barulho silencioso de trovões havia passado em sua vida. Depois, nada, o aniquilamento, o caos girando.

Édipo, Hamlet, Fausto — todos os grandes perseguidos — haviam sofrido horrores definitivos como êle. Mas tinham tido platéia e, a segui-los, côrtes de figurantes, fanfarras de Fortimbraz, *sabbaths* rodando, o Diabo em pessoa. O rei Lear vira despejar-se, de furnas mitológicas, a hostilidade dos elementos.

Êle, não. Apenas um barulho silencioso de trovões. Depois, nada.

Jorge d'Alvelos levantou-se da cadeira em que estava. Olhou-se ao espelho oval do quarto. Tinha a pele fresca e branca, o rosto marcado e enérgico, os cabelos negros e ondulantes. Saíra da tempestade assim, robusto, cheio de saúde, uma saúde cínica, insensível ao descabro.

Decidiu voltar ao Palácio das Indústrias. Mas a idéia de que fôra um crime consciente tê-la deixado para Mauro vir a matá-la obcecava-o. Não o denunciara. Para que? Para saberem tudo o que ela era? Diabinhos sutis apareciam para conversar com êle no silêncio do quarto, enfáticos, pondo, a

serviço de sua dialética, as recordações que o estrangulavam como incubos.

Ele parecia agradecer-se daquela tortura, gostava das longas horas de companhia infernal em que discutia as suas culpas. Sem aquela brutalidade do cáften, ela viveria decerto ao seu lado, boa, carinhosa, amiga.

Chorava copiosamente. Propunha-se castigos, por não tê-la defendido, castigos teatrais: deixar-se arrasar sob a estátua dela que levantaria alta e maciça de quatro metros... Mas, de repente, a idéia de sofrer a morte, a morte que ela tivera, com tôdas as torturas, apavorava-o, deixava-o como um cão batido.

Tinha momentos eróticos: exigia para a sua desgraça uma compensação sexual. O instinto esfomeado miava dentro dêle; e a alma ferida, espezinhada, consentia benévola, covarde.

Revoltava-se profundamente contra o catolicismo. Nos dias que precedera a morte nem uma prece lhe faltara aos lábios, nem um grande nome de santo tinha deixado de vir ao seu coração angustiado, suplicante. Nunca milagre nenhum tinha sido reclamado pela fé como aquêle. E o céu permanecera impassível: ela morrerá, ela, o seu amor, morta por que êle a abandonara sempre. Morta talvez porque não quisera seguir o cáften antigo.

Chegara a um materialismo resignado. Alma morrerá: nunca mais êle tornaria a vê-la, nem nesta nem em outra vida — exatamente como seu pai, sua mãe, seus avós, sua irmã... Tinham-se esfarelado na terra criadora. Era melhor assim. Alma não sofria mais aquelas dores de fogo... Deus não o tinha ouvido, porque não havia Deus. Ela agora descansava. Era melhor.

Nesse monólogo obcecante, Jorge d'Alvelos vestira-se. Não choraria mais, para que chorar? O crime? O próprio Mauro talvez ignorasse as conseqüências da queda. Era inocente. Todos eram inocentes e cúmplices.

Saiu. A manhã ia alta. Desceu de bonde para o Palácio das Indústrias, encontrou o *atelier* aberto. O formador — um português de grande gravata de artista — ficara com as chaves. Saudou-o, perguntou-lhe se não passaria mais a estátua em gesso.

Desembaraçando-se do chapéu, Jorge viu a um canto, sôbre um pequeno aparador, dois lenços que Alma lhe trouxera, por ocasião da última visita, dois lenços perfumados de *Malia* e sobrepostos num carinho feminino. Do outro lado, brilhava o espelho redondo na moldura de mogno, graciosamente suspenso: tinha sido o último presente dela.

Jorge despediu o homem, foi fechar a porta. Passos afastaram-se, duros, regulares. O formador tinha tirado os panos que recobriam a figura. Jorge fitou-a, gelado: era como um presságio póstumo e inútil. E súbitamente, pularam-lhe do íntimo, miríades de angústias sufocadas. As lágrimas vieram com gritos; êle tinha os punhos virados, convulsos. E a crise foi-se apaziguando pouco a pouco, em lamentações. Êle revira Alma inteira naquele nu de sepulcro. E dizia, chorando para a estátua:

— Pobre! Pobre!

Resolveu fazer dali o túmulo de Alma. Comprara o terreno exíguo do Araçá, junto à sepultura do avô.

E agora, manhãs, tardes e noites perdia-as num carinho enternecido, no vasto *atelier*.

Recebera da Itália uma carta e uma fotografia de Mary Beatriz, magra, num *tailleur* inteiriço de inverno. Mandara-lhe também um registado: foi ao correio procurá-lo. Era um livro de arte que abria com o testamento de Rodin. Começou a lê-lo e, forçando-se um pouco, colocou o retrato sorridente sôbre a *chiffonnière* abaulado, por trás de um bronze.

Sentia-se arrasado para novos empreendimentos de vida. Sem Alma, ficava como se estivesse incompleto, provisório, desarmônico, partido pelo meio. O seu consôlo era fechar-se ali, com a estátua da desaparecida. Pretendia apenas recobri-la, onde ela se santificasse num sudário, os braços para o céu inútil, deixando adivinhar o corpo no martírio dos últimos dias. O rosto gelava: era a morte.

Levara para lá uma recordação da Santa Casa, um voluminho da *Imitação de Cristo* que o capelão lhe dera — envelhecido por longo manuseio. Abriro-o uma vez e lera:

“Tôda a vida de Cristo foi cruz e martírio e tu queres que a tua seja descanso e alegria. Erras, enganas-te se neste mundo buscas outra coisa mais que o sofrer tribulações, porque tôda esta vida mortal está cheia de misérias e cercada de cruzes”.

Levantou-se, caminhava inquietado. Uma vaga luz tremia em seu fundo supersticioso.

— Se pudesse rever Alma! Este enigma de mundo!  
Abriu de nôvo o livro em outra página:

“A cruz reconciliou o céu com a terra que estavam em luta. Da árvore da cruz brota o pomo da vida que se perdera no paraíso terrestre; do seu tronco misterioso rebentam viçosos ramos que penetram no céu”.

Jorge sentia-se, com surprêsa, invadido de esperança e perguntou a si mesmo:

— Por que havemos de ter essa credulidade? Por que há em nós, no fundo, qualquer coisa que sempre crê, que sempre espera? Essa qualquer coisa parece que não é o nosso corpo, é uma centelha íntima que tem vida à parte.

Mas ao consôlo trazido pelas reflexões vitalistas, foi-se sucedendo mansamente uma grande sombra de tristeza. Se Deus existia, se a centelha que reside em nós não era mortal teria de prestar pesadas contas à Justiça Divina. E foi para o seu quar-

to, tomado de um misto estranho de volúpia espiritual e de medo.

Uma noite, o escultor demorara-se na Praça da República, num banco, ao lado de árvores. Mais do que nunca, sentia a tristeza do seu abandono. Alma não vivia mais. O remorso voltava. Ele queria fugir, distrair-se, mas as recordações agarravam-no pela goia. Por que? Porque não estivera sempre ao seu lado para conter o ímpeto dos braços malditos de Mauro inesperadamente retornado. Antes o tivesse denunciado. Seria dez vezes melhor. Ela tinha dito também ao médico da Santa Casa que escorregara da escada. E agora não vivia mais! Levantou-se de um salto. Como? Mas como?

Andou. Sentia a loucura chegar. Tinha todos os corredores do cérebro habitados.

Pisou de repente na borda de um canteiro, o trauma físico sacudiu-o. O ar da noite, pessoas que passavam conversando, a sua própria marcha dissolveram-lhe a obsessão embolada na cabeça.

E compreendeu como havia gente que falava sòzinha pelas ruas e gesticulava à-toa, andando.

Depois do entêrro, êle regressara uma vez ao sobrado velho da Rua Scuvero. Milagre tinha ido ver a morta, vestida de Nossa Senhora, no caixão do necrotério.

Ele reviu o cenário inútil do romance extinto, pediu à mulher um jornal, embrulhou cinzeiros, o medalhão de ônix no fio invisível de platina, um *renard* antigo, dois anéis. Disse a Milagre, numa generosidade enternecida, que a roupa era para ela. Mandaria buscar os poucos móveis, os tapêtes e as cortinas.

Ficou ainda ali, olhando os objetos familiares, o linho desembaraçado das gavetas, depois levantou-se, fêz as contas com a mulher e partiu.

A libidinagem, entretanto, coruscava em meio daquele derrocamento. Jorge d'Alvelos havia passado dois meses de castidade. Os seus trinta anos idos, a sua vida sexual regulada na Europa e depois com a aventura que terminara tão mal, não lhe permitiam mais a freqüência humilhante dos bordéis ou a caça cínica às migalhas do amor de aventura. Casar-se... Pensava em Mary Beatriz, mas repelia a idéia como se fôsse uma injúria à memória da morta. Voltar para a Europa, desorganizada pela guerra, e num ímpeto de sátiro, macular corpos inocentes, comprar virgindades nos becos, seduzir, gozar...

Uma das tardes geladas daquele começo de agosto, Carlos Bairão aparecera no *atelier*, a paradoxar elegantemente sobre Freud. A libido era tudo: a libido é que fizera o mundo e que o continuava numa retesada volúpia. Tudo copulava, e, mais, tudo era cópula: sentimentos, religiões, anedotas...

Nos dias que vieram, de incontida violência carnal, Jorge desejava espojar-se sobre a japonesa que lhe trazia o café pela manhã, sobre a vizinha, uma oxigenada, amante de Bruno de Alfenas, sobre a filha morena da porteira, de onze anos... E fungava, de dentes unidos, o cérebro fechado na obsessão esasmódica:

— A libido é tudo! A libido é tudo!

Vinha-lhe depois uma sensação enjoada de miséria física. Tinha sonos maus e no dia seguinte, dores de cabeça, cansaços. Aquela situação não podia continuar assim...

Ao pôr a chave na porta enorme de ferro do sobrado da Avenida São João, Jorge d'Alvelos pensou na luta impotente que mantinha contra o sexo. Iria poluir os lençóis em sonhos idiotas. Hesitou. Depois, subiu lentamente até o Largo do Paissandu, com automóveis parados e um ruído de vida alegre, ao lado dos teatros. Tomou por uma rua quieta. A porta de uma casa, estava uma mulher magra, de saias curtas e cabelos de bebê. Ele parou. Atrás, vinha um casal burguês, deixou-o

passar. A mulher chamava um cãozinho peludo que insistia em cheirar a sarjeta. Conversou com ela, perguntou-lhe o nome do cão. E tentou entrar. Mas ela olhava-o, séria, num súbito receio, e disse com delicadeza:

— *Non, monsieur, je suis occupée...*

Jorge tinha o chapéu enterrado na cabeça, os membros lassos, o olhar fixo.

— *Bien... Au revoir...*

Subiu a rua. Voltou imediatamente e foi se deitar.

Milagre viera agora vê-lo no Palácio das Indústrias. Sabia o caminho que Alma lhe indicara uma vez.

Tinha se empregado numa casa de família, morava num quarto do Piques. Trazia alguma coisa de Alma: os sapatos altos, a camisa de bordado fino.

Jorge fitava-a, súbitamente despertado. E perguntou-lhe a idade.

— Trinta e um anos...

Entabulou uma conversa ôca, procurando interessá-la. De pé, Milagre olhava-o com olhos espertos. Ele levantou-se, foi até a porta que ficara entreaberta, cerrou-a, deu volta à chave, veio sentar-se no divã e, ao passar por ela, roçou-lhe no corpo de cavala.

Milagre afastara-se: dava-lhe as costas. Foi olhando as figuras da parede, nus, torsos, estátuas. Parou em frente a um estudo de sátiro que ficara esboçado a *crayon*. Riu-se do membro desmesurado. Jorge aproximou-se. Foi uma vertigem. Apanhara-lhe na boca o beijo sujo, adstringente, pequeno.

Envolveu-a. Ela tinha os miúdos olhos deslumbrados, as mãos quentes. Veio trazendo-a sem resistência.

E notou que Milagre tinha as pernas esbeltas de Alma e trazia uma calça de rendas da morta.

Sentia agora em tôda a sua hediondez a desgraça moral que o devorava.

Deixara de ir ao Palácio das Indústrias, com medo de rever a mulher que tivera num espasmo sútil e doloroso, nas calças de Alma.

Ficara manhãs inteiras no quarto, a ler, a rodar, a descobrir peña janela o estirão de ladeira, com árvores nos canteiros de grama, entre os asfaltos largos. Automóveis passavam buzinando; bondes lá embaixo cruzavam-se. E desfilavam mulheres, escolares, prostitutas, mendigos — era o seu drama de grande espetáculo. Havia uma sorveteria em frente, quase ao lado do Conservatório: um sujeito gordo e sujo bocejava e servia lentamente os fregueses, tirando o trôco de uma bôlsa a tiracolo.

Fazia vir o almôço ali mesmo, comia sem os antigos cuidados de limpeza. Quando saía, voltava logo. O ambiente de velha estima, decaía. Deixara mesmo de fazer encerrar o soalho.

Aquela noite, numa obsessão, abismava-o a aventura com Milagre. No instante do grande aviltamento, em que êle a possuía nas roupas íntimas da morta, alguma coisa gritara-lhe do fundo do ser: — Não! Não! E êle consumara o ato abjeto.

A ausência de punições sociais para o crime de Mauro, tornara-o inquieto, desarmonico. A sua consciência exigia tribunais. E tirando do peito a medalha em que Alma lhe deixara o seu antigo riso sério, exclamava exaltadamente:

— Por que não me matas, querida! Mata-me! Vinga-te em mim! Eu te daria o coração em pedaços... Mata-me!

Se, ao menos, pudesse adoecer da chaga moral que o invadia todo, morrer disso como um morfético de sua lepra. Mas não. A Justiça Divina movia-se. O seu castigo seria outro, bem pior.

Enrodilhado numa cadeira, na noite velha, Jorge d'Alvelos pensava na possibilidade de ter engravidado Milagre.

Reunia numa estranha composição a figura de mulher à paisagem trágica de Areias e sentia, numa transposição da pró-

pria desventura, sob um vasto céu de queimada, o trabalho invisível das formigas.

Um filho com êsse monstrego que juntava tôdas as misérias neutras da vida.

Um filho! Ela persegui-lo-ia. Obrigá-lo-ia a adotá-lo, a criá-lo. Seria forte, gordo, idiota. Vaias infinitas vinham-lhe ao ouvido, pertinazes, dilacerantes. Era a vingança triunfal da assassinada: como ela riria no inferno!

Jorge levantou-se. Estava lavado em suor.

— Que idéia! Que idéia!

O plenário dos diabinhos miúdos, com sapatinhos de vidro, reunira-se para julgá-lo. No centro, o juiz de barrete vermelho e tendo uma mancha na toga, apontava-o.

Ele esperava, cheio de presentimentos. Estava de pé, havia guardas em torno, atrás, na porta. A mancha era uma caveira que guinchava, pondo a língua. Vinha-lhe uma vontade cega de gritar, de dizer desaforos. E o diabinho juiz esticava o pescoço de tripa, perguntava-lhe:

— Quer matar também?

Ele tinha os olhos secos, fixos. O diabinho prosseguia, com gestos de convite, fazendo tôda uma mímica postiça de discurso.

— Venha, atire-se de ponta-cabeça. Venha! É bom...

Estava no chão, estirado num doloroso cansaço sincopal. Levantou-se. Tinha um inchaço na frente, que batera, no tombo, contra uma quina de móvel.

No entanto, a imagem adorada de Alma vacilara da sua primitiva fixidez.

— A vida é viva! — gritara ao escultor, num encontro de rua, o impagável Barrinhos, risonho, baixo, nervoso.

E êle repetia no silêncio do *atelier*:

— A vida é viva...

Cerrou o volume religioso. E ficou ali, no divã, a pensar no pequeno cemitério que guardava na alma, sagrado, inviolável à torrente da vida. A amante morta jazia no fundo subterrâneo do seu ser, no inacessível fundo — imortal, perene companheira para as noites de solidão, para as horas amargas. Que importava traí-la? Era o corpo que traía, a miséria fisiológica, um apodrecimento disfarçado de células, a lutar contra o inexorável caminho que as havia de desagregar em sebos pestosos e gases e liquefações e pó no escuro de um jazigo.

A centelha eterna restava fiel ao compromisso assumido.

Jorge teve um sorriso iluminado e triste. Voltava-lhe persuasiva, tentante, a sugestão teológica de que o corpo, como a semente, precisa apodrecer na terra para florir e frutificar.

Encontrara-se aquela noite com o músico Torresvedras, sempre mudo, sempre lento, no seu terno grosso e côr-de-burro, sob um chapelão preto de artista. E pusera-se a andar com êle pelo Triângulo.

Carlos Bairão regressara do Rio, onde tinha passado um mês. Assistira a um baile flutuante, a bordo de um couraçado e descrevera-lhe a festa num impressionismo: os reflexos da baía haviam feito, da Guanabara, Veneza à noite, vista com vidros de aumento, e os *flirts* nos canhões, com oficiais ingênuos e fortes pedindo beijos às môças. . .

E levara-o inútilmente aos cabarés na roda alegre de Mário de Alfenas.

Era outro mundo o de Jorge: o mundo que presentia em Torresvedras, guardando tesouros imensos de sonoridade, de realização, correntes de fôrça, de magia, de amor, no silêncio vagaroso do seu passo, — fechado como a *Peau-d'âne* da fábula naquele terno ridículo de casimira felpuda.

Foram andando e toparam de repente no Viaduto com a figura desengonçada e viva, buliçosa e espiritual do pintor Lino de Albuquerque, chegado de Paris. Era um menino quase, nos seus vinte anos ágeis e sonhadores. Abraçou-os expansivo, dizendo logo:

— Vou morar aqui. São Paulo é estupendo! Ontem, depois do baile no Automóvel Clube, era pura Londres. Só cartolas e o *fogg*... Sabem, chegou minha pequena do Rio, a Lolote...

Naquele tumulto confiante, Jorge d'Alvelos reviu-se aos vinte anos na primeira investida da vida, em Roma.

Lino contava o desembarque da mulher, por engano, na estação do Braz e depois fêz, num arremêso de gestos:

— Estou contente. São Paulo é estupendo. Amanhã, instalo a Lolote. Vou fazer um álbum intitulado *Nos Bordéis da América*... estudar os Anjos da Terra, vocês conhecem essas senhoras que posam Murillo nas rótulas...

Partiu num alvoroço de risos. Ia à *Rôtisserie* visitar uma família.

Os dois sorriam andando, empolgados por aquela efusão dionisiaca, solidários com o artista criança que também tinham sido. Mas Jorge entristeceu-se dizendo:

— Como a vida canta em ti! Como a vida há de chorar dentro de ti!

Foram a um circo na Barra Funda, com fanfarras, palhaços, trapézios, pantomimas. Voltaram a pé. Uma mulher alta e flexuosa passou, steguiram-na. Depois deixaram-na. Tinham chegado ao Viaduto central. Jorge veio acompanhando o amigo. No parapeito da ponte, sôbre o Anhangabaú, havia ajuntamentos escuros. Para os lados da Luz, uma fogueira elevava-se sôbre as casas no céu ardente. Carros de bombeiros tilintaram na distância.

Jorge despediu-se e desceu para o quarto, murmurando:

— A vida... um circo, uma mulher, um incêndio...

Compusera o panejamento ligeiro da estátua de Alma, a recobrir-lhe a descarnada nudez. E passara-a para o gesso, com outro formador, italiano longo e triste.

Ia desnudá-la num domingo. Carlos Bairão prometera levar para ver o trabalho um crítico de arte, colaborador e correspondente de jornais.

A estátua, enovelada num bloco informe, fôra transportada para um pavimento isolado do Palácio que abria dois quadros de janelas largas sôbre a cidade. De um lado, via-se o Cambuci, panorâmico, extenso, com a sua capelinha de Lourdes em alta miniatura, sob o céu sereno; do outro, era a elevação do casario do centro, onde as tôrres de pedra da Abadia de São Bento subiam direitas, no ar lúcido. Os dois trechos recortavam a nítida manhã, emoldurando-a nas janelas.

E, numa alegria inocente, o escultor trabalhava.

Num *veston* de veludo, trazido de Roma, pendurando-se à escada aberta, adiantava o escalpelamento. Tinha retirado uma grande parte da fôrma — e o dorso velado da figura saltava já, branco, numa grande harmonia pressentida.

Jorge d'Alvelos continuava, integrado pela primeira vez depois de desastre, na alegria de criar. O formão, dirigido pela mão leve e certa, revelava detalhes, compunha trechos de movimento, tirava pedaços de vida sepultada na massa. As vêzes, o escultor parava para arrancar as ligações de ferro que cingiam todo o bloco, e partes inteiras da fôrma, agora inútil, desmoronavam aos pés da estátua. Descobrira quase tôda a figura e enervava-se em cima, num carinho, atacando de frente o rosto, numa ânsia de tirá-lo daquela sufocação inerte. Forçava cautelosamente o formão até atingir o trecho colorido em rosa, anunciando a presença imediata dos relevos.

E a estátua saiu do soterramento, moveu-se, livre, morta. . .

O artista descido contemplava-a. Quanto a greda, o bronze e o mármore eram a vida espetaculosa das formas, o gêsso era a morte empedrada. Alma estava ali, branca, de pé, cinérea, sepulcral, num passo curto, de braços infinitos. O rosto ria um riso de outra vida, perturbador, gelado.

Mas ouviram-se vozes. O escultor foi à porta. Subiam pela escada provisória Carlos Bairão e um senhor petulante num fraque preto. Trazia óculos e fumava. Carlos apresentou-o: era o crítico.

Haviam-se calado diante da escultura. Jorge perscrutava-os. No amigo elegante, belo, desenvolvido, percebeu logo uma simpatia radiosa pela obra; mas o jornalista emperrara num exame atento, descoroçoador. Disse afinal com significativo desprêzo:

— Isso é futurismo...

Jorge teve uma angustiada surpresa. Depois, tentou explicar. Era moderno, quisera pôr a sua nota pessoal. Auxiliado pelos recursos de cultura de Carlos Bairão, defendia a estátua.

O crítico continuava insensível à sugestão emocional. Jorge então abateu-se num grave mutismo colérico.

Despediram-se. A porta, Carlos Bairão disse que o viria buscar para um passeio a Santos.

Estava de nôvo só.

Até a arte lhe negavam! Conseguira até agora vender somente aos amigos. Com isso se mantivera. Uma tristeza cortante possuiu-o. Sentou-se, olhando para Alma rediviva no sudário de gêsso.

Como todo artista, acalentava a confiança ingênua do seu valor. Consentira efusivo naquela visita. O espírito do poeta precisa de espectadores, mesmo que sejam búfalos, dissera Frederico Nietzsche.

Uma manhã, em Roma, fazendo uma grande estátua da Dor, no acabar festivo das mãos de greda, sentira uma imperiosa necessidade de apoteose para a obra terminada. A casa toda dormia: era um domingo. Saiu até a porta da rua. Um lixeiro varria as pedras. Chamou-o, fê-lo subir, respeitoso, pensando que era para retirar imundícies do interior. E o artista perguntou ao homem o que pensava da estátua.

— *A me, mi pare bene, signorino. Cosa rappresenta?*

— *Il Dolore.*

— *E vero. Per questo ha le mane cosi... Sembra dolorata, sembra dolorata...*

O lixeiro entendera, o crítico não.

— *Oh! "war ich nie geboren!"* — murmurou Jorge d'Alvelos.

Era a frase de Fausto. Sim, antes não tivesse nascido. Veio-lhe como que um ressentimento tardio de sua pouca fortuna. Outros haviam sempre tido casas, repousos entre árvores, conforto família... Ele que tinha sido até agora? Um *va-nu-pied!* As encomendas que tinha davam-lhe apenas para

viver. Precisara emprestar dinheiro a Carlos Bairão para pagar as despesas ocasionadas pela morte de Alma. E negavam-lhe mesmo a arte!

Uma revolta fêz estuar-lhe o sangue. Levantou-se, atirou uma martelada mortal ao elevado centro da estátua branca. Os braços caíram como asas.

Tinha terminado a devastação. Permanecera no soco, pon-do para fora esbeiçamentos de estôpa côr-de-ossos na junção alva dos joelhos, a parte movimentada das pernas, as pernas altas, de Alma.

O artista ficou ofegante. Sentia o rosto molhado, a bôca repuxada de lágrimas. E ante a beleza que ficara naquelas linhas em ruína, teve o ímpeto de cair de joelhos e suplicar a misericórdia coletiva para a obra-prima mutilada.

Jorge fizera uma desabalada corrida com sentinela à vista e resolvera parar, entregar-se.

Tinha a consciência fatalizada dos condenados irremissíveis e monologava na sombra: entretanto, tua vida poderia ser boa. Tu a estragaste com uma pertinácia de doido, ela, a filha única! Vê como ficou tudo em cinza... Escuta os baques de desatêrro que estrondam dentro da alma! São os últimos amparos do teu destino...

Recomeçara a trabalhar, num ódio súbito contra a cidade que parecia negá-lo, insensível, quando não hostil pela estupidez dos seus críticos. Planejava um imenso relêvo, grande como as *Portas do Inferno* de Rodin, de que o *Penseur* era um simples detalhe. Faria *O Limbo* — um quadro gigantesco de aspirações contrariadas, de desejos inviáveis, de cóleras mortas no nascedouro, abortos de pensamento, de vida, de ação, de poesia.

Desenhara no chão do *atelier* o esbôço marcando os grupos, as atitudes, as figuras.

la armar os primeiros elementos da maquete mas ergueu-se numa súbita perturbação. Foi lavar as mãos grudadas de greda a um dos baldes de água do canto. E pensou de nôvo no deserto em que o deixara a terrível aventura. A ausência da companheira acentuava-se com o tempo, trazia-lhe tristezas de horas inteiras, acabrunhamentos indizíveis, mortais.

— É impossível! É impossível!

Entretanto o *atelier* compusera-se de nôvo, com a imprevisa chegada a Santos de dois grupos monumentais e um *Retrato de Antepassado* — talhado sôbre um medalhão em planos de ferro. Eram trabalhos de Roma, que êle encarregara um amigo de mandar. A demora da vinda fizera-o esquecê-los.

Naquela manhã, Lino de Albuquerque que entrara num tumulto, extasiava-se ao lado de Torresvedras. O primeiro grupo era uma *Vingança de Fauno*, alta, construída em atitudes claras, lembrando a terra pré-homérica. O outro impressionava. O artista chamara-o *Descida*. Era uma sugestão de cena santa — Cristo desmantelando-se, de cabeça pendida, enorme, o pescoço esticado, a bôca aberta e horrenda, os olhos apenas de uma serenidade amortecida. O grupo construía-se num grave rigôr arquitetônico, unindo Virgem e catecúmenos, carne na carne, ao Deus morto que amparavam.

— Maravilha! — gritava Lino de Albuquerque — maravilha! Quando digo que São Paulo é estupendo! Ora vejam se um pernambucano podia fazer isto, entender isto!

Olhava rindo para Carlos Bairão que tinha a família originária de Pernambuco.

Palrador, incontinido na sua efusão de vinte anos.

— É um delinqüente! É mais que gênio!

E contou reminiscências de viagens, fêz frases, anedotas.

Carlos Bairão agora insistia na ida de Jorge a Santos, com o grupo, a fim de festejarem Torresvedras, que obtivera pensão do govêrno, para estudar música em Paris.

— Ele dará um formidável concêrto na Ilha Verde, onde o Claro tem casa.

Jorge acedeu com simpatia por Torresvedras. Este chegara-se a êle, interessado:

— Você está triste, homem!

— Esta vida anda durando muito... — respondeu o escultor, estirando os braços nervosos.

Os outros protestaram. Lino de Albuquerque exclamava:

— A vida é boa. Eu estico a minha como uma bala puxa-puxa. Outro dia, a Lolote quis assassinar-me com uma pua desconhecida no faqueiro da família. Fiz escândalo. Chamei o gendarme. Foi prêsa, naquela ambulância de presos.

Jorge aprontou-se e deixou o Palácio com os outros.

Hipocondríaco, quebrado de dores absurdas, o escultor saiu à-toa pelas ruas. Não iria ao *atelier* aquela tarde. Sentia-se fraco; indisposto. Lembrou-se de que o diretor da *Revista do Brasil* mandara-lhe pedir por Carlos Bairão fotografias de trabalhos seus e notas biográficas. Subiria até lá, a ver o que desejavam fazer por êle.

Chegara ao Teatro Boa Vista, ia subir ao andar superior. Um homem estava parado na calçada: era êle, o desconhecido amante de Alma, na sua imperturbável mocidade. Tinha um fêltro claro, o colarinho alto, um *water-proof* elegantemente enrolado no braço.

Invadiu Jorge uma vaga vontade de destruí-lo, estava armado...

Depois, como estacasse, teve medo de ser percebido pelo outro. Escondeu-se à entrada do teatro, com cartazes na porta. E ficou ali, olhando para o homem, como para qualquer coisa de enorme na sua vida, qualquer prodígio funesto e invencível, contra o qual nem pudera lutar. Era como um raio, um castigo supremo, uma força obscura da natureza ou do destino.

Na sua análise angustiada, o escultor percebeu que êle era belo.

Teve uma vontade enorme de fazer parar os transeuntes, apontá-lo, discuti-lo, indagar se os outros achavam nêle alguma coisa de sobrenatural que lhe desse o direito de amontoar ruínas assim.

O homem despegou as pernas balouçantes, finas, na calça cinza; andou indiferente, dobrou a esquina da Rua do Rosário.

Jorge seguiu pensando como encontraria o outro, o assassino, Mauro Glade.

Na garoa vermelha, acesa em focos irregulares nos bicos de luz dos combustores, o artista caminhava.

Trabalhara o dia todo, saindo apenas uma vez para comer num hotel das vizinhanças da Estação do Braz.

Desde a tragédia máxima de sua vida, não tivera um dia de tão grave labuta material. Haviam-no forçado a mudar de sala, por causa da exposição anual no Palácio.

Começara cedo o trabalho brutal da transposição das estátuas e dos cavaletes para o pavilhão superior, o mesmo onde destruía a estátua de Alma.

Interrompera tudo com o cair funerário da noite sôbre a Várzea. E no crepe gelado daquele bastidor de inverno extemporâneo, fôra olhar, do alto torreão, as luzes encarvoadas dos bairros intérminos e, por cima, o paredão encasurado do centro, com mil janelas baças.

Permanecera em repouso no divã do *atelier* improvisado até mais de dez horas. Saiu com frio no agasalho fraco do seu velho capote de Roma.

Não encontrou ninguém na Várzea. Mas subindo, no desconforto do cenário pobre de casas baixas de uma ladeira, passou por êle, soluçando alto num lenço, um vulto magro, de casquete. Parecia um vagabundo adolescente de estampa.

Jorge parou, voltou-se interessado, vendo-o abrandar os passos.

Era um pequeno de grandes olhos e rosto moreno. Tinha um braço em tipóia, duro e enrolado. Obstinava-se no choro falso que começara:

— O soldado não quer que eu peça esmola... Disse que me prende...

No claro, Jorge percebeu-lhe a bôca polpuda e vermelha de mulher, recortada sôbre dentes alvos e grandes, os olhos pestanudos e canalhas:

— E êsse braço?

— Foi meu pai que me deu uma paulada. Eu cáí... Es-tive na Santa Casa.

— Venha comigo.

O rapazola de casquete e o artista subiram. Um grupo de homens encontrou-os e todos os olhos se fixaram no adolescente imundo. Jorge sentia, inludível, crescente, vitoriosa dentro dêle, uma presciência de diabólica ventura. Trancara tôdas as portas do cérebro aos raciocínios. E caminhava ao lado do mendigo como se levasse para o primeiro encontro uma mulher amada.

Na Rua do Carmo, um tipo de barriga e bigodes, num sobretudo castanho, fitou-os num espanto cínico.

Jorge afrouxou a marcha. Veio-lhe um absurdo terror de se ver denunciado do ato que meditava. Passos ressoavam atrás dêle. O homem de barriga e bigodes, no sobretudo, passou, olhou numa verificação cheia de desaforos. Acreditara talvez ser uma mulher disfarçada o maltrapilho lindo sob a casquete. Parou entre árvores, à entrada do Largo da Sé, por onde êles iam, para ver novamente. Jorge adivinhou-lhe todos os pensamentos. E a sua volúpia cresceu.

Atravessaram o Triângulo distanciados.

O homem partira. Estavam em frente ao Conservatório. Jorge abriu a porta pesada. E sem dizer palavra o vagabundo entrou.

Amanhecia.

Fê-lo calçar velhos sapatos, trazidos da Europa. Êle embrulhou os outros, amarelos, de elásticos, escarnados nas pontas. E partiu.

O escultor deitou-se pensando em começar bem cedo, na manhã gelada do nôvo *atelier*, a estátua monumental do seu *Santo Sátiro* que projetara uma vez em Roma, nos bons tempos

idos. Depois... o vagabundo voltaria, seria o seu modelo. Ele abrandar-lhe-ia a carne áspera, lavá-lo-ia, fá-lo-ia seu...

Na noite seguinte, mordido de remorsos inúteis, Jorge deixou o Palácio mais cedo, para não encontrar o mendigo cínico.

E êle lá estava na ladeira, agora cortada de transeuntes, sentado a uma soleira de porta confusa. Vendera decerto os sapatos do escultor, pois tinha escarrapachados sôbre a lama da calçada, os mesmos pés amarelos e rasgados da véspera. Baixou repentinamente a cabeça aos joelhos unidos, escondendo, sob o escudo da casquete, o rosto lindo e o braço partido.

Jorge d'Alvelos sentara-se ao fundo da barca trepidante que conduzia os convidados para a Ilha Verde, na noite rumosa de estrêlas.

Claro Dutra ficara em terra para levar as mulheres em outra lancha. E além dêle e dos homens do motor, iam naquela embarcação, Carlos Bairão, Torresvedras, Lino de Albuquerque e Bruno de Alfenas.

A praia, em círculo de areia, despejava lâminas de clari-  
dade sôbre o mar encrespado.

Havia milhares de estrêlas, algumas enormes, ardentes, irregulares.

Os rapazes riam, cantavam. Apenas Jorge d'Alvelos olhava num humor negro a fosforescência das águas moles que iam recortando.

A costa esquivava-se ao longe com massas de árvores.

E até o silencioso Torresvedras se deixara empolgar pela magia da noite cênica. Na sua voz de barítono, lamuriosa, cantante, trauteava uma canção do Brasil que compusera. Cessou. Houve um tumulto de risos. Bruno tinha feito uma partida a Lino de Albuquerque, que protestava. Êste agora lançara com a voz anasalada, saudosa, uma cantiga gaúcha.

Para Jorge d'Alvelos, humilhado, recurvo, amarfanhado no seu canto, tudo amargava. Olhou o amplo céu e viu uma

estrêla vacilar, cair sôbre as águas. Tinha uma alma de losna: tôdas as fontes da vida estavam envenenadas para êle.

Sôbre o mar, a voz de Lino cantava.

O carnaval chegara com guinchos, pandemônios de cornetas e bombos.

Pelas ruas, começavam os atravancamentos de veículos adornados, anormais, a impor a festa que o calendário marcava.

No domingo, Jorge saiu ao léu, de capa sob o braço, receando a chuva que o céu indeciso anunciava. Desceu ao Palácio das Indústrias, encontrando pelo caminho sujeitos pingados de alvaiade, com nariz postiço, flôres berrantes de papel na botoeira, e sérios, casmurros, fechados, num andar de quem não admite brincadeiras.

Era o Carnaval de São Paulo.

Por tôda a cidade, havia de pairar qualquer coisa de heróico, de solene. Os préstitos saíam como procissões, com devotos a seguir os carros, numa convicção tenebrosa, segurando fios coloridos de serpentinas como fitas bentas de andores.

Isso fizera Alma dizer-lhe no ano anterior:

— O carnaval aqui é sério, quem rir vai prêso . . .

O escultor teve os olhos obscurecidos de água e seguiu.

Deixara momentâneamente todo trabalho. No *atelier* apenas se comprazia em ver, completar, afirmar a maquete iniciada do relêvo. Subiu as escadas, fechou-se.

Lá fora, na rua chuvosa e festiva, passavam às vêzes sons idiotas de cornetas.

Na noite caída, veio pela Várzea com bondes iluminados e gente aos grupos. *Pierrots* lamentosos passavam. Um sujeito de barbas postiças mostrou-lhe uma enorme bengala de papelão da plataforma de um bonde. Um apache sem máscara deu um pincho desgracioso para o lado dêle e acendeu-lhe uma luz no rosto. Um menino com a cara suja de rôlha estendeu-lhe na mão três serpentinas utilizadas e pediu-lhe um tostão.

A população na Ladeira João Alfredo adensava-se. O artista desviou-se do Triângulo: entrou para comer alguma coisa num restaurante do Largo do Palácio. Serviram-lhe demoradamente um menu brasileiro. Pedira o melhor vinho da casa: trouxeram-lhe uma garrafa de Bordeaux. Desabituaado pela longa abstinência, achou azêdo o vinho no primeiro gole; depois com a comida sêca, foi mudando de paladar; e agora, num súbito confôrto físico, olhava a vida.

A sala do restaurante estava quase deserta. *Garçons* portugueses de bigodeiras passavam, serviam. Ele notara, instalado a uma mesa da entrada, um homem conversando com um dominó amarelo. Tinham acabado de jantar e o dominó baixara a máscara. E parecera-lhe que o não perdia de vista. Devia ser um homem alto. Se fôsse Mauro Glade?

Jorge, logo depois da morte de Alma, pensara na possibilidade de um encontro funesto com o assassino. Mas a hipótese perdera-se com a normalidade quotidiana da vida do escultor.

O mascarado olhava-o sempre. Seria o bandido? O bandido...

Jorge d'Alvelos constatou que tinha no bôlso da calça o pequeno revólver Browning, trazido da Bélgica. Sete balas!

O dominó pediu licor; bebeu suspendendo cautelosamente a máscara. Não era. O companheiro pagou, saíram.

Jorge ficara só, na sala, onde as mesas vazias punham a sua nota de toalhas brancas. Pelo chão, havia confete, destroços de serpentinas. Lá fora, o carnaval rodava.

Viu a nota, liquidou-a e foi também para a rua.

Esquecera-se de tomar um licor. A língua guardava um travo do vinho que o café ralo, servido numa grande xícara, não apagara. Estava no tumulto da Rua 15 de Novembro. As carruagens, regressadas do corso, sucediam-se devagar, parando, indo em cortejo, no estreito corredor que a multidão acotovelada lhes deixava.

Um mascarado ruivo, gingando, interpelou Jorge:

— Você me conhece, palhêta!

E o escultor incorporado insensivelmente ao batuque coletivo, na mesma marcha automática de cem mil pessoas andando, na zanzarra desencontrada, informe e constante, foi pensando.

Automóveis de luxúria e carros altos, inflamados, paravam na glória das luzes e das trompas. Mulheres encarapetavam-se aos grupos, revelando pernas elegantes, a dizer, a contar que, naquela hora, um tôldo de táxi valia um trono e um *loup* divinizava.

E corpos juvenis esmagavam-se docemente contra Jorge d'Alvelos, no apêrto geral e risonho. Esbarravam nas suas, mãos suadas de môças, braços suados; sob as saias, iam pernas suadas tropeçando. . .

Continuou aos esfregamentos, às atracadelas. E foi envolvendo-o, persuasiva como uma revelação, a volúpia premeditada e conseguida que ia ali, nos carros sensuais, com nus quase despídos, nádegas curvas, aberturas desenvoltas de pernas. O mesmo frêmito passava nas bôcas rubras, nos seios entrevistos por inteiro, no cheiro adivinhado das axilas. Carroções uniformizados atravancavam a artéria urbana. Dêles saíam cantos de vozes femininas. E Jorge só viu pares unidos, enlaçados, promessas de beijos e contatos.

Encontrou uma confeitaria ruidosa, entrou.

E enquanto esperava o *garçon* a uma mesa do fundo, um *pierrot* côr-de-ouro, palaciano, com oito voltas de tule negro ao pescoço e pompons fartos nos punhos, veio para o seu lado, flexuoso, sorrindo com dentes alvos pela bôca vermelha. Dois olhos interessados olharam-no pelas aberturas do *loup*. Seguiam-no um outro *pierrot* sem máscara, baixo, desengonçado, côr-de-rapadura na barba malfeita, e um rapaz inexpressivo e loiro. Sentaram-se ali, a outra mesa. Mas o *pierrot* côr-de-ouro gritou-lhe:

— Boa-noite! Está triste? . . . .

E numa ofensiva risonha, convidativa, levantou-se e perfumou-o longamente com o jôrro frio de éter. Ele defendeu-se; depois, como ela persistia, correu, saiu tocado de esperança. Comprou adiante um lança-perfume. Ia voltar. O *pierrot* saiu sôzinho para comprar também. Num tumulto íntimo, Jorge atirou-se, conteve-a. Ela reconheceu-o e ficaram ali um minuto, na multidão ululante, longe da vida, num pleno e recolhido letargo de perfumes trocados, persuasivos.

— Queres vir comigo, *pierrot* de ouro?

Procuravam-na os dois homens deixados no bar.

Jorge insistiu:

— Vem!

E ela murmurou, numa risonha promessa:

— Depois...

Ele ia segui-la, vingar-se de tôdas as tristezas da terra, ter aquela bôca, aquêlê corpo flexuoso, que lhe lembrava os modelos de outrora...

Ela atravessara correndo acompanhada de um bando nôvo de máscaras. A multidão tumultuava. Jorge quis passar. Mas, no turbilhão de um préstito, com a alta voz dos clarins, o incêndio fantástico dos fachos, as patas dos cavalos, viu-se contido, agarrado, prêso ao carnaval monstruoso dos outros.

Em pijama, no leito de bronze fôsko do seu quarto, deixara escoar-se lá fora, a longa festa noturna de segunda-feira. Não pretendia sair. Para que? O *pierrot* côr-de-ouro? Passara, como tudo que promete, que faz desejar, entrever.

Quem não teve um *pierrot* côr-de-ouro na vida?

De fora, da rua asfaltada e larga, vinha um cascatear contínuo de veículo rodando, arfar de motores, gritos, cornetas.

O músico Torresvedras viera na tarde fina e limpa surpreendê-lo no *atelier*. E saíram juntos, atraídos pelo imprevisto das coisas, na direção do Triângulo.

Jantaram num desvão do centro, na descoberta interessada de um restaurante que lembrava ao escultor casas de pasto de Roma.

Seriam oito horas quando penetraram no redobrado tumulto da terça-feira gorda.

Automóveis e veículos voltavam mais cedo da Avenida para a celebração dos préstitos nas ruas centrais. E enrolavam a cidade num desfile imenso, garboso e lento.

Os dois artistas caminhavam na busca inocente do maravilhoso que passava nos carros, com *toilettes* estranhas, evocativas de sonho, restauradoras de épocas e países.

Chegaram ao Largo de São Bento. Tomaram pela grande abertura asfaltada da Rua Líbero Badaró.

O curso estendia-se, parado numa súbita síncope; e eles divisaram até embaixo, longa, intermínua, dobrando esquinas, fazendo voltas inteiras de quarteirões, atravancando os viadutos; a linha desmesurada de alegorias rolantes. Pernas enluvasadas saíam de saias curtas de cetim; sobre capotas altas, Colombinas de gaze fechavam, num recorte, o encôsto dos torpedos arfantes; *bouquets de pierrots e pierrettes* ornavam pontas de táxis.

E os dois amigos seguiram, bebendo pelos olhos a sucessão de carros, automóveis, caminhões, que faziam a exibição profissional, sem máscara, da urbe cosmopolita e milionária.

Subiram. As vias públicas estavam tomadas pelo glorioso desfile: era tôda uma coleção vitoriosa e intermínua de selecionados na forte vida da América, que se mostrava assim no *deshabillé* da noite tropical. Os moços cultivados no esporte, atilados no comércio; as môças lindas, esbeltas, com os olhos avivados, as faces pálidas, as bôcas carnosas, oferecendo risos, revelavam a mocidade apurada em um século de investida migratória por populações heterogêneas, vindas bater ali, num grande sonho, de tôdas as partes do globo.

As vêzes, a suburra passava, a pé, bamboleando em músicas nacionais, o fundo perdido das seduções crioulas de umbigadas e contatos.

As môças, de cima dos carros, olhavam imperturbáveis, aparentando ignorar o convite lascivo dos maxixes espasmódicos. As suas mães tinham sido possuídas no *rendez-vous* dos cafêzais, alinhados e verdes na sombra das oficinas, na aglomeração dos cortiços citadinos, no alarido das terceiras classes de paquêtes, em travessias atlânticas. . .

Elas também saberiam entregar-se, belos animais, impassíveis, à espera do macho que viria. Pressentindo em cada homem rapado e ágil, um irmão de destino e de passado transcontinental, elas prometiam nos olhos inteligentes, nos sorrisos alvos, nos contatos de carnes sólidas, pernas elástica, seios duros, peles de sêda, fazer a fecundação vitoriosa do futuro, num aperfeiçoamento de raça eleita.

O Brasil velho também passava — eram máscaras avulsas, encalistrados nos trajes de roça, ponches melancólicos côr-de-fumo, chapelões tristes de palhinha. . . Eram no país flagelado,

ronceiro e bisonho, representantes desmoralizados duma tentativa punha de estética e duma sugestão vaiada de nacionalidade. Acoitavam-se num e outro cavalo feio, à sombra dos grandes caminhões ou perdiam-se na indiferença acentuada da multidão que rodava. Às vêzes, juntavam-se em caravanas líricas, animando-se então na marcha e arrastando empós rebotelhos de raças vencidas, de povos que desapareciam — e lá iam esmoendo uma demonstração de música primitiva e ululante; ou caminhavam nostálgicos, de passo malandro e sentimental; recompondo serenatas inúteis de antigo interior.

*Menina, se eu te pedisse  
Um beijinho só de amô...*

Jorge pensava:

— Foram os treponemas civilizados de Wilde que escreveram as melhores réplicas de Salomé. Nestes versinhos colaboraram decerto o anquilóstomo e o baratão barbeiro.

O desfile continuava com chapéus de mago, sacerdotisas, rainhas, Vinicius belos e togados como no *Quo Vadis* dos teatros.

Passava de nôvo a suburra gingando.

E ficava em redor do préstito suave, o povo contente e acomodado, limpo, capaz amanhã, de trepar também aos toldos feéricos com túnicas e dominós.

Jorge d'Alvelos mergulhou os pés numa poça de lama. Houve risos em tórno. Um trecho do passeio havia-se quebrado naquele ponto e tinham-no conduzido para ali, num *attrape-ni-gaud* idiota de carnaval. O artista procurou Torresvedras: êle havia desaparecido na multidão.

Jorge d'Alvelos sentiu-se súbitamente contrariado. Acolheu-se numa grande timidez por ter ficado só, a um canto de esquina. Perto dêle, marmanjos brincavam. Reuniam do chão maços fôfos de serpentinas e jogavam-nos uns nos outros. Um guarda magro, de cara angulosa, sob o capacete londrino, investiu. E como um dos foliões escapasse por trás de Jorge, o sol-

dado tomando o escultor pelo moleque, repreendeu-o, rude, ameaçou-o de prisão.

Ao lado, um homem murmurou um não foi êle tímido, vendo o escultor calar-se. Jorge tinha perdido tôda a serenidade bem-humorada. Num súbito suor, vira grades de xadrez.

Foi aos encontrões, certo de que não acharia mais Torresvedras, certo de que se despejariam de nôvo sôbre êle cornucópias de humilhações, de reverses, de maus-tratos.

Parara na Rua Direita. *Os Bandeirantes de Momo* vinham pelo Viaduto. Longe ainda, as cornetas anunciavam o préstito.

Jorge ficou num apêrto de gente. Ia vê-lo, o desconhecido, o homem que lhe aniquilara a existência, sorrindo e gingando. Era êle decerto quem dirigia o préstito, como dirigira a sua vida com Alma, às trombetadas.

Num clarão de fachos, entreviam-se na distância confusas alegorias. O povo coalhava-se nas calçadas: famílias defendendo crianças, mulatas gordas contendo negrinhos espevitados. Por detrás do escultor, um sujeito alto, de fraque, nariz grande e *pince-nez* tinha um jornal aberto na mão e lia para duas filhas, altas também, com paletós vermelhos de malha.

— “O carnaval. Estupendo carro-chefe. Carro que ostenta, no meio de magnífica projeção de luzes e de radiante auréola luminosa, o símbolo da folia, do gôzo esfuziante, da inebriante loucura carnavalesca”.

Calara-se satisfeito. Jorge pensou que devia ser um funcionário público, anexo a qualquer departamento informativo.

Os clarins haviam cessado. Agora, chegavam até ali, sons rachados de um maxixe de banda, sinuoso, repinicado, com uma zoadá miúda de pratos, de caracaxás e de bombos. Aproximava-se o préstito mais e mais. Pafbu. Distinguia-se já a comissão de frente, tôda de branco sôbre cavalos brancos. A música

requebrou num súbito frenesi de trombones reboiando como ancas — e cessou. Da multidão, das janelas entrelaçadas de fios coloridos que se partiam ao vento, gritavam:

— Bis! Bis!

Jorge disse consigo: — As grandes coisas não se bisam.

O préstito continuava a sua marcha pomposa. O escultor fôra fortemente empurrado para trás, por um magote de pessoas que tomavam o passeio de assalto. Numa ânsia, empurrou, varou com os ombros. Havia de vê-lo . . .

E sorridentes, discretos como o outro, barbeados como o outro, belos como o outro, tirando o chapéu, num meneio gentil, os diretores da carnavalesca passaram. Ele não estava. Antes, estava: desdobrara-se, multiplicara-se em seis, em dez, em doze cusparadas serenas sôbre a pobre honra póstuma de Jorge.

Vieram os músicos, enrolados de instrumentos, com cabeças monstruosas de papelão jogadas às costas, montando burros ordeiros, burros capazes de pedir perdão para passar . . .

De nôvo, numa síncope, o cortejo parara. Acendiam-se fochos estridentes em tôrno do primeiro carro: tomando o horizonte, num enleamento de côres, dragões mantinham até o alto corpos de bacantes. Bem em frente a Jorge, os clarins impacientes esperavam. Eram nove figuras trajando de arautos, mulatos sem dentes, italianos gorduchos — a cscória filarmônica da cidade. Ouviu-se um apito e parados ainda os três da frente, num movimento igual, puseram as trombetas à bôca.

As cornetas cantavam metálicas, marciais.

Agora, os seis outros empunhavam os instrumentos curtos, direitos, para cima: e de nôvo, um sôpro sonoro inundou de epopéia o quadro rumoroso e extático. Naquela dezena de notas, cortantes e claras, passavam evocações de batalha. Os cavalos tinham olhos tristes, olhos suplicantes, como se num fundo de ancestralidade nervosa temessem o mortífero fragor das cargas heróicas.

E rolando por entre gritos e êxtases, entrelaçados de serpentinhas, coloridos de luzes maravilhosas, conduzindo nus morféticos de papelão e nus de carne, os carros desfilarão.

**Espezinhado mas imortal!**

Numa última ofensiva de otimismo, o seu otimismo secular, amazônico, invencível, Jorge d'Alvelos entrou numa casa de máscaras para alugar uma fantasia.

— Agora, vamos ver a Santa Casa. Foi o último caminho que ela fez, o último passeio.

O *pierrot* preto que tinha a cabeça côr-de-luar, pulando de um tufo rubro de gaze e rodelas vermelhas de botões, parou.

— Não vou. É o cúmulo da tortura!

— Tens medo de sofrer

— Tenho.

Deixara a roupa na casa de fantasias. Trazia apenas consigo o medalhão com o retrato de Alma, o seu pouco dinheiro, um lenço e o revólver Browning.

Continuava a andar pelo Viaduto de Santa Efigênia, rumorejante ainda de povo, com pirâmides rolantes, cá e lá. Espiou para a festa de luzes que estrugia no Cassino Antártica. E o incubo lhe disse:

— Se te atirasses, caías de ponta-cabeça lá embaixo.

Era um companheiro íntimo que o tomara pelo ombro: sabia os seus mais dissimulados segredos, era vago, sutil e tinha a mania de convencê-lo.

— Não vais ao Cemitério há muito tempo...

Era longe e triste o Araçá: entretanto, êle obedeceu à sugestão. Estava em frente ao jardim estranho da Memória. Entre árvores antigas, num arranjo colonial, uma escadaria erguia-se em voltas até o obelisco secular.

— Uma vez, paraste aí, com ela, vendo...

O *pierrot* preto desviou o olhar. Pelo centro, incendiando as mais altas fachadas, de vermelho, de verde, os préstitos iam ainda. Chegava até êle o canto das cornetas heróicas.

Voltou. Andou em tropelias, em súbitas quietudes. Foi por travessas desertas tropeçando.

E de repente viu que tinha sido conduzido à Rua da Boa Morte. No silêncio, havia lampiões espaçados de entêrro e, lá embaixo, no Braz, um fervilhamento parado de luzes.

Defrontava a casa baixa. A sala tinha ficado aberta e escura. Uma mulher elegante, môça, de chapéu, chegou à janela... O *pierrrot* preto voltou, de ombros caídos, a cabeça côr-de-luar para a frente.

E o íncubo lhe disse outra vez:

— Agora, vamos ver a Santa Casa...

Havia horas já que êle seguia o rasto invisível de Alma, pelas ruas onde ela andara, pelas casas de armarinhos, fechadas em cobertas ondeadas de ferro, pelas confeitarias onde se haviam sentado juntos. Não reparou que havia descido a máscara.

Ja agora rever o caminho amado da Rua Scuvero. Mas um homem e um dominó fizeram-no parar. O homem dizia-lhe:

— Senhor escultor, como vai? Então?...

Jorge reconheceu o crítico que o fizera destruir a estátua de Alma e lamuriou um bom dia sem sentido.

— Está se divertindo também? — continuou o outro. — Imagine que maçada! É proibido entrar nos bailes com máscara, depois de meia-noite e eu não posso desvendar êsse mistério...

O dominó que recobria um corpo de mulher, permanecia direito, inteiriço. O crítico despediu-se. Jorge dizia-lhe num lamentoso sorriso:

— Sinto muito... Sinto muito...

E pôs-se de nôvo a caminhar.

Bateram-lhe às costas com força. Êle teve mêdo. Voltara-se andando sempre. Era um sujeito de nariz enorme que chalcava com senhoras, à porta de uma tabacaria.

— Que *pierrrot* delicado!

Jorge, num súbito tumulto de rua, dera um encontrão numa mocinha de cabelos fartos e desfizera-se nervosamente em desculpas. E ela ria com outra comentando.

Chegou automaticamente ao Largo de São Francisco. Um acampamento bárbaro ocupava-o. Ao lado da estátua, no fundo, com as engrenagens fantásticas paradas, as boléias nuas, um imenso carro desdobrava-se na feérica composição de sua montagem. Pares de mulas adornadas esperavam, atadas às rédeas. Gente passava retirando-se. Táxis com colombinas de

gazes nos toldos faziam voltas suaves; *pierrots* ornamentais, em adaga que se abria no tufo do pescoço, corriam galantemente; cavaleiros do préstito morto trotavam pelas pedras. Atrás do grande carro, outros carros destacavam-se, abandonados na desorganização final, processionais e imensos. Os últimos foliões desciam para o chão. E Jorge viu alguém agitar-se dentro de uma abóbora monstruosa. Estava de pajem. Tinha as pernas dela, sob o busto apenas diminuído. E a voz de Alma repetiu-lhe o nome inteiro.

Ela deixara o carro; andava pelas pedras com o mesmo andar... veio para o seu lado: êle teve um ímpeto de levar as mãos à cabeça e gritar. Quis sapatear ali, com os olhos engastados na que voltava. Era Milagre.

Parou no Piques. Bondes partiam apinhados. Subiu, andou. No centro, a festa terminava. Préstitos desciam ainda as ruas, devagar, na desorganização suada do fim, com boléias vazias, cavaleiros a pé, a caminho dos Avernos. A banda montada de um, remexeu um maxixe pulado, picadinho, bem marcado de sons.

Uma maltrapilha que ia conduzindo à cabeça um molho monstruoso de fitas coloridas, juntadas do chão, gingou. Riram em redor. Empurraram o monte de cá, de lá. O pêso enorme vacilou, caiu — e ela ficou apatetada, olhando Jorge d'Alvelos que passava.

— Bruto destino! Ruídos surdos dentro da alma! São os últimos desaterros que estrondam... Mas por que me doem tanto os olhos? Parece que querem sair fora das órbitas...

Êle ia ao Palácio das Indústrias. Parou na ponte de pedra sôbre o Tamandatef que transbordava em lago, depois dormia em canal para as bandas da Luz. Havia olhos vigilantes de tôrres, fixos, longe. E lampiões e a cidade e estrélas no céu... E a correnteza embaixo, redobrada e murmurante.

O íncubo disse-lhe ao ouvido:

— Se te atirasses, ias sair na excrementeira da cidade...

Ao atravessar a paliçada, pela primeira vez o escultor leu numa tábua, sôbre o portão, em letras pretas “Palácio das Indústrias”. Contornou a imensa e muda construção em acabamento. Penetrou. No corredor impreciso e largo, erguiam-se maquetes alinhadas como monumentos funéreos.

O *pirot* prêto subiu tateando as escadas. Entrou no *atelier*, riscando um fósforo.

Ao inesperado clarão vacilante, as estátuas tiveram gestos recuados de ameaça. Era a sua obra, desconhecida da cidade indiferente, que aplaudia lá em cima os monstregos trepidantes de papelão pintado, nos carros grotescos.

Jorge procurou a esfinge de gesso que permanecia à cabeceira do divã, levantando, no plano do soco, uma velha lâmpada romana. Acendeu. A esfinge ficou dourada no rosto, enigmática, terrível. E a luz levantou sombras por detrás das estátuas crescidas no *atelier*.

Houve pelo quarto uma expectativa.

O artista sentou-se. Não temia o fantasma escorregadio que não ousava enfrentá-lo senão nos momentos de via-sacra voluntária, pelo calvário que Deus lhe instituía. O íncubo não o levaria ao suicídio. Mas, num desânimo resignado, sentia que ia morrer, hoje talvez, amanhã... debaixo das rodas de uma carroça de rua, perdido nas suas lucubrações de predestinado, ou então na fatalidade de uma súbita paragem do estafado maquinário interior. Morreria, devia morrer...

Olhou o *atelier* que palpitava, à noite, nas horas de silêncio, tôda uma vida inesperada de relevos que falavam, de sombras que se moviam. As estátuas, à luz morta da lâmpada, duplicavam de ação misteriosa, de sublime egoísmo, de divinizado amor-próprio. O homem deixara de existir naquela oficina de criaturas alvas e grandes. O torso enorme do *Fauno* revirava-se, o joelho em ângulo agudo, erguendo a ninfa espedaçada, num desencadeamento de forças homéricas.

E a greda modelada parecia falar e denunciar mistérios de outra vida.

Lá fora, São Paulo rumorejava nos últimos instantes do carnaval.

Jorge d'Alvelos na sua magnanimidade de artista não se queixava da cidade que não o soubera compreender e salvar. Era preciso haver sacrificados como êle e como Alma, desastrosos geniais, estupendos, que fizessem a glória sangrenta de metrópole atordoante, como outrora fôra necessário haver mártires e santos para solidificar-se na planície calosa de Piratininga, o vilarejo de índios e jesuítas.

Naquele momento de lúgubre expiação, sentia que da sua história e da história de Alma, jorrava a certeza de que São Paulo era a nova América, na sua significação alta, possante e lírica.

A lembrança de Alma voltou-lhe como uma queimadura.

Apagou a luz com um sôpro. E uma paz de cemitério desceu sôbre as estátuas.

Deitara-se ao divã. O revólver gelado pesava-lhe na mão. E pensou de repente que seria fácil acabar com a vida. Apenas puxar o gatilho daquela arma... Se o fizesse!

Encostou o cano ao coração sôbre a roupa, como a ensaiar. E divagava: — Se o fizesse... que diriam? que haviam de pensar?

Habituaado ao escuro incerto da sala, viu o braço de sêda, recurvo contra o peito, em posição de apontar. E fatalizado, imóvel, olhou a mão: estava dobrada sôbre a arma, de dedos encarquilhados. Parecia de cêra e de pano — mão de cadáver, mão de suicida.

Houve uma luz e um baque mecânico na noite. Uma surpresa azêda na bôca... Começara qualquer coisa a gotejar-lhe entre a carne e a camisa. Era sangue, quis acender a luz, verificar... Mas a sua cabeça saía de si mesmo para realizar no escuro soluços circuncêntricos, desenrolando-se numa espiral monstruosa e levando numa acrobacia gelada o divã e os grupos quietos.

Estava deitado.

Moveu as pernas numa aflição de viver.

Torresvedras acordou quarta-feira, às quatro horas da tar-

de. Ergueu-se dando o dia por perdido. E na solidão em que morava numa travessa da Glória, esperou a noite chegar para sair.

Um vendedor de jornais passou, gritando. Comprou uma fôlha vespertina. Desdobrou-a à janela e leu de repente: "Madrugada de cinzas — Um estranho suicídio".

Fôra no Palácio das Indústrias. O músico comia as letras com os olhos. "Na antemanhã, circundado de lâmpadas esguias, o portento Florentino envolvia-se num grande *manteau*. . . *pierrrot* de sêda e alvaiade". . . O nome! . . . queria saber o nome. . . "o soldado que ouvira o tiro apitou arrebatado" "em decúbito dorsal, os pés voltados para uma estátua quebrada". . . Era êle. . . Quis rasgar o jornal que se negava a confirmar tudo. . . E leu no fim: "*Pierrot* que ora repousava tranqüilo no mármore do necrotério não era mais que um escultor brasileiro, de nome Jorge d'Alvelos, com trinta e dois anos de idade, recém-chegado de Roma. O motivo do trágico desatino foram amôres contrariados".

O folhetim policial da gazeta paulista não dissera a verdade lancinante que foi para Carlos Bairão e Bruno de Alfenas encontrarem, ainda môrno no seu *pierrrot* de aluguel, o corpo hirto de Jorge.

Estavam na *Rôtisserie*, em pleno *jazz-band*, entre luzes e taças de *champagne*, colombinas, casacas perfeitas, dominós, brilhantes, quando correu na sala que houvera um suicídio no Palácio das Indústrias. Quem trazia a notícia era a própria autoridade policial que tomara conhecimento do fato. Chamado ao hotel, para verificar uma queixa de furto, entre um licor e a pressa de partir para o seu pôsto, agitado naquela têrça-feira longa do carnaval, contara o ocorrido: não pudera levar médico nenhum ao Palácio das Indústrias, pois tanto o legista como o da assistência tinham tomado, momentos antes de ressoar o aviso de crime no telefone do gabinete, rumos diferentes e longínquos. Não fôra necessário. Vendo o *pierrrot* largado e sem pulso e da ferida gotejar o sangue quase negro, fizera recolhê-lo imediatamente ao necrotério da Central.

Saltando para a *Cadillac* que com êles fizera o curso, Carlos Bairão e Bruno de Alfenas — aquêles num *torero* de sêda, o tricórnio largo de veludo e o rabicho; êste num dominó negro fechado de alto a baixo — fizeram voar a máquina possante pelas ruas onde os últimos populares dispersavam, e chegaram num pulo ao edificio aberto e iluminado da Secretaria da Justiça, no largo do Palácio. Homens despreocupados, fumando, enfermeiros de avental e um cabo sentado ao fundo, não lhes souberam explicar quem era o morto. A autoridade estava momentâneamente ocupada. Disseram-lhes que podiam ir ao necrotério entrando pelo portão de ambulâncias à esquerda.

As duas fantasias correram, procuraram o caminho, enveredaram por êle. Era um corredor de pedra, descendo para o fundo, entre paredes alvas. Desembocaram num comêço de pátamar aberto para a madrugada.

Havia neblina nos focos de luz. Uma escada desaparecia à direita, estreita, longa, intérmina; e lá embaixo, no escuro, o Braz panorâmico faiscava. Êles foram devorando os degraus, Bruno levantava nas mãos crispadas o dominó embaraçante. Carlos Bairão procurou inutilmente no escuro vago da Várzea a massa informe do Palácio das Indústrias. Desceram um nôvo trecho da escada, maior que o primeiro — e acharam-se numa entrada aberta de estrebaria. Investiram procurando. Um soldado moreno em mangas de camisa, entre dois cavalos suados, gritou com êles. Explicaram-se. O homem indicou-lhes, ao fundo, uma espécie de garagem baixa, fechada por um portão. Foram indo. Havia sentinelas de pé. Num cubículo que tinha ogivas verdes escancaradas divisaram, sôbre uma mesa de mármore, um caixão aberto de zinco.

E dentro, num negror de sêdas, o suicida tinha a cabeça caída para trás, os olhos semi-abertos, a bôca muda.

Haviam-lhe arrancado violentamente um punho de rendas. A fantasia estava rasgada ao peito, a camisa também: e, sôbre a carne nua e alva, devassavam-se-lhe pêlos fortes e escuros.

Carlos imobilizara-se, aterrado, chorando baixo, Bruno de Alfenas, lento, respeitoso, no dominó negro, aproximou-se. Retirou uma pasta de algodão do lado esquerdo: estava ligeiramente ensangüentada; curvou-se, limpou o lugar ferido e des-

cobriu no mamilo o ponto avermelhado e mole da penetração da bala. Recolocara o algodão e agora espalmava a mão sobre o peito.

— Está mórno. . .

E num súbito horror contente, gritou:

— O coração não foi tocado! Bate! Ainda está vivo, vejam!

Dois soldados aproximaram-se espiando. Carlos perguntou ao outro se não era uma ilusão. A grande figura de Bruno de Alfenas perscrutava, afirmava de nôvo, perscrutava ainda.

— Vamos ver se o salvamos! — disse Carlos.

Pediram aos guardas que tivessem cuidado com o ferido. Iriam lá em cima, falar ao delegado. A autoridade, surpresa, não opôs dúvida ao desejo que êles manifestaram de transportá-lo para uma Casa de Saúde. Deu ordens rápidas.

Um quarto de hora depois, uma grande ambulância deixava o necrotério. O sangue começara a verter de nôvo. Dois enfermeiros mantinham na maca o corpo sempre mórno.

E um outro automóvel, galhardo, possante, com laços de serpentinas nas rodas, confetes nos bancos, restos gritantes da festa que celebrara, seguiu atrás, levando as duas fantasias.

Passaram a cidade, subiram a Avenida Luís Antônio. A sereia da ambulância chorava como se fôsse a própria mãe de Jorge. E ao fundo do assento fôfo, Carlos Bairão pensava que abafaria de flôres o túmulo do amigo.

Na alvorada hospitalar, os dois cirurgiões mascararam-se de gaze, ficando apenas com os olhos descobertos. E moveram-se nos grandes camisões. Êle fôra desnudado como para uma lição de anatomia. Havia em tórno irmãs de branco e enfermeiros prestimosos.

As vozes dos médicos saíam soturnas através das máscaras. Dobravam-se sobre êle, sugeriam, discutiam.

E o zunzum das vozes continuou, lento às vêzes, às vêzes rápido, com silêncios profundos. Os ferros brilhantes, que êles recolocavam sobre a mesa esterilizada de vidro, continham manchas de sangue.

Tinham descoberto a bala. Costuravam agora.

A irmã que sustinha a pobre cabeça branca de cabelos ondeados, chorava.

Os médicos foram lavar-se. Depois voltaram a vê-lo em silêncio, um silêncio que não dizia nada.

Encostado ao patamar da escada interna, o velho falava na manhã de hospital.

Era um brasileiro de imensa estatura, enrugado nos recortes do rosto, grisalho nos cabelos em franja desigual e nos bigodes em ponta; hercúleo e quixotesco.

Chupava um cigarro de palha, numa roupa surrada e antiga.

E Carlos Bairão notava os seus olhos agudos, alerta, as suas posições instintivas de guarda.

— Uma vez éramos crianças, o primo João de Deus e eu, dormíamos no mesmo quarto, na fazenda e um escravo quis nos matar. Nós dois avançamos para o negro. Ele era valente, nos deu trinta e duas facadas. Pcgou uma numa mulata que quis agarrar o primo pelas costas. Seguramos o bicho. Eu me cortei aqui na mão...

Irmãs passavam, levando remédios, xícaras, seringas de injeção; enfermeiras corriam, médicos entravam e saíam dos quartos.

Carlos Bairão desde a véspera, quando viera saber o resultado da extração da bala, notara aquêlo tipo só, andando pausado e ereto pelos corredores. Tinha-o visto sair de um quarto de dois leitos, onde um rostinho de doente o interessara. E agora disposto a esperar a vinda do médico, pusera-se a conversar com êle.

A doente do quarto 21 que sorria um sorriso de vinte anos da sua cama alva e larga, tinha a acompanhá-la uma senhora baixa, de roupas de inverno europeu. E o velho rodava, entrando, saindo. Era quase uma sobrinha sua, a filha única do primo João de Deus, que morrera do peito.

— Que foi isso na mão? — perguntou o rapaz desencostando-se.

— Foi ar. Des'que apanhei isso, não pude mais dar dos meus tapas de mão fechada.

E num esforço longo tentou mover os dedos parados.

— Mesmo assim ainda brigo e não tenho medo de as-sombração. É só água benta e boa faca; e vou onde quiserem. . .

Carlos Bairão via passar nos seus olhos firmes, na sua tranqüillidade provada em meio século de dias inéditos e bruscos, a tragédia vitoriosa de seu povo.

Os peões bronzeados continuavam lá longe, sob o céu em fôlha, a avançada perigosa das bandeiras, agatanhando e subindo os limites fugidios da terra descoberta, que se ia entregando farta, compensadora, fiel à vinda profética das caravelas.

Raça, mais que raça, expedição secular com martirologio, calendário, santos, cidades e catedrais no solo vencido: monção transcontinental sem roteiro, transladação imperceptível e lenta de sonhadores de todos os climas, de malditos e heróis, de trânsfugas e reabilitados, de missionários e criminosos — caminhada lírica de quatrocentos anos.

Aos primeiros movimentos que nos portos da Península retesara panos e cordagens, trazendo, pelo mar, argonautas, degredados e padres, havia sucedido outro, mais possante e mais largo no surto das frotas comerciais do último século.

Nova gente havia deixado as costas áridas da Albânia, os portos buliçosos da Itália, as ruelas imundas de Salônica e de Marselha, as manhãs escaldantes da Sicília ou a enregeladas tardes noturnas da Suécia. . . E tinha vindo no mesmo espírito de cruzada egoística, sem gritos expansivos de guerra ou bandeiras erguidas, apenas ao batuque invisível e teimoso da própria vontade de vitória.

Ao fundo, no largo corredor da Casa de Saúde, assomou a figura magra e ligeira do Dr. Bráulio Costa. A senhora de

roupas européias que deixara com o velho a filha risonha dirigiu-se até êle. E perguntou-lhe:

— Doutor, é o senhor que trata do doente do quarto 11?

— Sou, minha senhora.

— Ele morre?

— Não se pode dizer nada ainda.

Ela despediu-se, forçando um agradecimento, entre lágrimas súbitas, irreprimíveis, pequeninas.

Carlos Bairão saíra depois de conversar com o médico, na volta do quarto. Não quisera ver o operado: impressionava-se demais. Jorge continuava com a respiração comatosa, ascendente e descendente. O Dr. Braulio não garantia nada...

No portão do jardim exterior do Instituto, o môço cruzou com um automóvel de praça, onde vinha um senhor gordo, de grandes olhos e barba grisalha. Saiu para a Avenida. Doía-lhe perder o amigo: doía-lhe na alma que o artista maravilhoso, indiscutível que era Jorge d'Alvelos, fôsse sacrificado assim a uma horrorosa tragédia, ignorado pela cidade para cuja glória se tinha feito nos anos laboriosos da Europa.

O senhor gordo, de olhos grandes e barba grisalha pagou lentamente o táxi, empurrou com receio a porta de vidro fôscio e ficou olhando, descoberto e tímido, para o interior do hospital.

Campainhas retiniam no quadro de chamada, suspenso à parede; criadas lépidas chegavam, liam o número afixado, faziam-no recolher com um sôco e voavam pelos corredores. O homem observava sem dizer nada, esperando que o interpelassem. Uma freira esguia passou, trazia uma toalha na mão. O visitante cumprimentou-a respeitosamente. Ela não o viu e desapareceu por outra porta.

Vozes ressoavam pelos corredores, eram médicos altos e rapados, em longos aventais. Vinham conversando.

O homem hesitou, quis segui-los, deu passos à-toa. Um môço vinha saindo de um quarto entreaberto e fixava-o. Êle cumprimentou-o e disse:

— Eu desejava ter notícias de um doente, meu sobrinho, Jorge d'Alvelos, escultor.

— Não conheço... Estou em visita também...

A freira voltava, trazendo um irrigador metálico.

— Irmã — disse o rapaz. — Este senhor quer ver um doente.

A freira levou o tio de Jorge a uma sala que dava diretamente para a entrada. A uma mesa alta, de pé, sôbre um livro de assentamentos, um homem de cavanhaque ralo e olhos atentos, escrevia. Entenderam-se.

— Jorge d'Alveios... quando entrou?

— Não sei... Li nos jornais e recebi êste cartão.

A irmã desaparecera sutilmente. O homem tirava do bolso interno do casaco um maço de papéis dobrados. Colocou-os respeitosa-mente sôbre a mesa e começou a procurar.

— Não sei se encontro. Trouxe tanta encomenda, tanto negócio!

Encontrara entre fôlhas sôltas um envelope armoriado, com restos de lacre, abriu-o e entregou ao outro um cartão em que Carlos Bairão lhe dava delicadamente o endereço da Casa de Saúde para onde transportara o amigo.

— Jorge d'Alveios... — dizia o homenzinho, enfiando um lápis na barba a se lembrar. — Ah sei, o do tiro!

— Sim — fêz o parente sùbitamente incomodado, movendo-se sôbre as pernas grossas e procurando logo sair pelo corredor. Um caso estranho na nossa família, só houve no passado, um caso idêntico.

Iam andando. O empregado escutava-o com a mesma afabilidade indiferente do comêço.

— Só um: Foi num naufrágio. Era tio-avô dêle. Chamava-se Jorge também, o mesmo nome. Mas êsse era comandante de navio. Naufragou. Salvou a tripulação e não quis sobreviver. Mas foi num naufrágio.

O empregado desembaraçava-se, ia saber do médico se podia conduzi-lo. O tio do escultor esperou. Nos seus gestos precavidos, nos seus modos lentos e cautelosos, notava-se uma longa ausência de cidade grande. Desabitua-do ao ladrilho, às salas enceradas, êle olhava tudo contemplativamente.

O outro voltava, ligeiro, com o lápis na mão.

— O médico está vendo uma doente. O senhor faz o favor de esperar.

— Meu sobrinho está muito mal?

— O ferimento é grave...

O empregado aboletou-se, tomou apontamentos a lápis. E um silêncio de minutos engrandeceu o tique-taque do relógio negro da parede.

— Quase dez horas... Diga-me uma coisa, o senhor conhece bem São Paulo. Eu não venho cá há mais de oito anos, está tudo mudado, onde é a Casa Alemã?

— Na Rua Direita.

— O bonde que se toma é o da Avenida mesmo?

— É. Faz linha circular.

Vendo o homem olhá-lo, com a mão perdida na barbicha do queixo, Antero d'Alvelos, expandiu-se:

— Trouxe uma porção de encomendas. Imagine que não quis dizer nada à minha mulher nem a ninguém. Escondi na burra os jornais que traziam a notícia da desgraça. E prestei uma viagem de negócios. Quem sabe se posso levá-lo para lá?

— Oh! Ele não pode sair. Foi operado há quatro dias, não?

— Tiraram a bala?

— Sim. O Dr. Bráulio é uma celebridade.

— Como está tudo em progresso. São Paulo que eu conheci era bem outro. Hoje só se encontram bicicletas mecânicas, estrangeiros e andaimes.

Ouviram-se passadas ligeiras no corredor. A figura esparta do médico apareceu no avental branco. O empregado apresentou-os. Falaram de Jorge.

— É seu sobrinho? Vamos ver se o salvamos. Pode vir ao quarto comigo.

E no corredor claro, o médico caminhou ao lado do homem gordo que ia fixando mais os grandes olhos por tudo. Fê-lo passar.

A abertura da porta jogara um pouco de luz para dentro. Depois, restabeleceu-se a sombra.

Antero d'Alvelos, nervoso, interessado, queria inutilmente distinguir alguma coisa no leito.

E viu afinal, entre alvuras de lençóis, uma face pálida, pálida e astênica e duas mãos lívidas, inertes.

Conhecera Jorginho pequeno, de cabelos cacheados. O doutor esperava. Como êle se demorasse muito, tocou-lhe o braço, fêz-lhe compreender que era preciso sair.

O caldeireiro chamara num brado o seu bando de assalto. Jorge quis atirar-se do leito, com os olhos côncavos, horríveis. E a colher inflexível verteu-lhe zinco ardente pelas entranhas do peito. A lava derretida ia engrossando, formando uma bola azul que lhe soldava os veios do tronco e dos braços.

E um urro humano, igual, regular, obcecado, dentre o amontoado dos enfermeiros acorridos, levantou-se pelo hospital, pôs latidos na acústica dos corredores, fêz os visitantes taparem os ouvidos, os enfermos pedirem que fechassem as portas. . .

Uma criada roliça, de touca, passava correndo. O velho alto e hercúleo chamou-a. Ela tinha lágrimas nos olhos.

— Que é isso?

— É o doente do 11 que está morrendo.

Jorge d'Alvelos não estava morrendo: estava subindo do fundo limoso e febreiro de um precipício onde o haviam jogado cego, perfurado de fogo líquido no coração, às cabeçadas, tonto, perdido, lamentável.

As veias internas do peito ingurgitavam-se da lava úmida e viva. E o hospital inteiro urrava.

Passaram-se sete dias e sete noites.

Enrolado em pensos, o operado tinha os olhos vagos, a face imóvel e branca e os lábios mecânicos falando.

— Água, formador!

E a obsessão partia-se numa clareira de ouro, que vinha, que vinha, que andava. A sua pobre cabecça queria apreender aquilo e trabalhava, trabalhava. Ficava com os braços trêmulos do esforço. Tinha compreendido: era uma música — que música linda!

A música cascadeava. E dos penhascos da serra de Santos, rolava numa corda imensa e branca, a água a acender-lhe fogos azuis na garganta.

— Olha a água batendo na pedra, formador!

Desfalecia numa velha modôrra. E a música acordava-o de nôvo. Na face imóvel e alva, os lábios dissociados contavam: eram cem violinos e os cinco mil sinos de Roma.

Os sinos paravam e rolavam e dos violinos, no ouro de um ocaso de África, subiam formas longas, monstros espirituais, estátuas lívidas. . .

— Que belo! Que belo!

De nôvo, batia nas pedras da serra de Santos, a fita torturante de água fresca.

Pelas aberturas douradas dos olhos, entravam-lhe em nuvens de persuasão e de silêncio, ondas de ouro, onde pinoteavam lentamente animais estranhos como montanhas áridas.

Ficava a ver.

Numa sala imensa, ao fundo, concertavam num piano, impecáveis, dois velhos amigos seus.

— Que bonito!

Era um arabêso só, um arabêso envolvente, que crescia em espasmos. E a água passava nas escalas, rolava em cascatas pelo piano, inundava tudo num jôrro de cristal líquido e sonoro.

Tinha a garganta ferida, sêca, torrada; e abria os olhos para defender-se.

Caía de nôvo com ouro nas frestas das órbitas cansadas. Em um imenso *écran* de cinema, escreviam e apagavam em letras cruas: *Arte e Delinqüência*.

E o velário desaparecera. Era uma descomunal planície, onde esfinges douradas e longas paravam com olhos vasados e expressivos. Eram harpias enroladas no fundo, onde despencava do alto, tênueamente, uma poeira de asas minúsculas e egípcias, de ouro. A chuva de ouro crescia, entupia-lhe a garganta, onde placas jorravam, abertas e ardidas.

E uma mulher andava pelo quarto, abatido de penumbra. A mulher ia e vinha; tinha-se despido e viva como uma estátua, dos seios em pêra, dos olhos claros, fizera-se dia de nôvo, dia azul, num quarto azul, de paredes infinitas. A mulher ti-

nha as formas de bronze, com os cabelos ouro-vermelhos de Alma.

Ele viu faiscarem suas unhas côr-de-água, e ela crescer no azul, extingui-lo em jogos ágeis, gigantescos e terríveis.

No fim da segunda semana, o músico Torresvedras que viera tôdas as tardes, obstinado e mudo, foi admitido afinal a vê-lo. Penetrou na penumbra do quarto.

Um homem de barba crescida e nariz afilado de morto tinha a cabeça enterrada para o lado nos travesseiros do grande leito.

A irmã que o conduzira aproximou-se do doente, curvou-se sôbre êle, arranjou uma dobra do lençol e disse:

— É um seu amigo que tem vindo sempre...

Jorge d'Alvelos continuava imóvel. Havia sôbre o leito, almofadas coloridas, festivas, trazidas do *atelier* e do quarto.

E Torresvedras sentiu a necessidade de falar, de expandir-se, de dizer o que lhe ia por dentro. Achegou-se. Um soluço grosso ficara-lhe na garganta. Encostara-se ao leito e perguntou:

— Como foi, meu amigo...

Sem voltar a cabeça, o doente murmurou numa espaçada algaravia lamentosa:

— Arran... caram.. o co...ração...

Voltara a mulher de unhas côr-de-água. Jorge apenas não via que ela tinha um casaco grosso de lã, europeu, e chorava.

Era a mãe da artista de Roma que, sem pressentir a catástrofe de Jorge d'Alvelos, esperava sorrindo a sua volta do Rio no leito branco do quarto 21. Haviam-lhe dito aquilo e ela acreditava.

Quatro dias depois do desembarque em Santos, fôra acometida de febre violenta e resolvera passar os dias do Carnaval num Sanatório. Havia feito uma travessia acabrunhada e dolorosa. Quatro meses atrás, esmagando as côres na palhêta,

no seu *atelier* de Via Margutta, sentira um súbito mau gosto na bôca. Fôra a primeira hemoptise. Uma pleuro-congestão declarara-se pela segunda vez. E depois disso, Mary Beatriz desfalecia lentamente.

Os médicos haviam-lhe aconselhado a Suíça, qualquer vilazinha de chalés, na Jungfrau, ou mesmo embaixo, Vevey, sôbre o lago.

Era preciso deixar Roma. Como estivesse terminado o pensionato do govêrno de São Paulo, ela convencera a mãe angustiada de que deviam voltar ao Brasil. Faria uma exposição e se fôsse preciso iria tratar-se nos Campos do Jordão.

Não avisara Jorge, num desejo infantil de surpreendê-lo na grande blusa de linho, na sacra paz do *atelier* que havia de ter, sob o céu caliginoso de São Paulo, quem sabe se na terminação gloriosa de um relêvo para o Monumento do Ipiranga.

E na quarta-feira de cinzas, pela madrugada, sua mãe que não pudera dormir por causa dos gritos da urêmica do quarto 7 e saíra à busca de caldo, voltara pálida, aterrada, sem o alimento da enferma. Tinha assistido lá fora, à entrada do corpo em sangue de um suicida.

A doente adormecera entre os fartos cabelos, à luz do *abat-jour* inteiriço. A senhora saiu de nôvo, voltou. E nunca mais deixou de acompanhar, como se fôsse um filho que lhe negassem, o operado do quarto 11.

Abrira-se dias depois com Carlos Bairão que imediatamente viera visitar a artista no seu leito e dizer-lhe que recebera do Rio uma carta em que Jorge d'Alvelos lhe pedia para informá-lo se era verdadeira a notícia da imprevista chegada de Roma. Fôra à residência de seus primos à Rua Aurora, e lá lhe haviam dado o enderêço do hospital.

Sorrindo mais ainda, a tísica pediu-lhe que não dissesse nada a Jorge de sua doença. Viera para ali apenas repousar da travessia. E os médicos a haviam proibido de sair. Pediu-lhe que fizesse tudo para que o escultor regressasse depressa. Não tinha ninguém para conversar — só a mamãe. O velho tio regressara ao interior, os primos eram ocupados.

Carlos Bairão que confiava já na ressurreição de Jorge, viu, naquele encontro inesperado, um estímulo sôbre-humano para a vida do amigo e prometeu trazê-lo na próxima semana.

Nessa manhã, haviam carregado dificultosamente o doente do quarto 11 para uma cadeira de rodas.

E êle ficara ali, animalizado, barbudo, indiferente, com o tronco enrolado e enorme.

O médico proibira à mãe de Mary Beatriz de vir vê-lo, pois êle podia reconhecê-la e ter um trauma fatal.

Mas Jorge d'Alvelos não reconhecia senão a dor que lhe rondava implacavelmente pelas galerias do corpo.

Deitada no grande leito da sua esperança, ela pensava nas tintas com que refaria a vida...

E como não melhorasse, sua mãe e Carlos Bairão angustiados, procuravam obter do Dr. Bráulio, sempre ligeiro e atento, a possibilidade de fazê-los se verem.

O médico de Mary Beatriz era o Dr. Carlos Pinheiro. Tinha a velha cara cheia de sulcos e bossas que lhe davam um aspecto de seriedade monstruosa. Manifestara-se de opinião contrária ao encontro. A tuberculose afinava a sensibilidade, a sua marcha dependia muitas vêzes da afetação dos centros sensíveis. Ela devia partir quanto antes para os Campos do Jordão. Mas a doente, apesar da tosse que lhe rachava o peito, recalcitrou — não sairia dali sem rever Jorge.

Disseram-lhe que o escultor estava doente, de um ferimento enorme que recebera no *atelier*, quando evitava o desabamento de uma estátua.

Ela chorou, pensando que êle se recusasse a vir vê-la.

Carlos Bairão anunciava-se tôdas as manhãs, pela enfermeira roliça e risonha, mandava-lhe flôres. E foi preciso a intervenção mazorra e honesta de Torresvedras, para diminuir a aflição da doente. Ela acreditou afinal e agora, à noite, esquecia de rezar por si à Madonna Del Giglio, para pedir à boa senhora que curasse depressa o seu amor.

Porque vendo-se mal, o sentimento definitivo de sua vida de mulher, viera-lhe numa súbita invasão, por todos os poros da alma e do corpo. Ao aproximar-se das costas brasileiras, caída na sua *chaise-longue*, a contemplar, nas tardes vazias, nuvens sôbre o mar, ela vira partirem, uma a uma, tôdas as anti-

gas restrições, as antigas reservas. Amava o seu amor, amava o seu amor! Num envolvente perdão, bendizia a existência tôda dêle, dia a dia, os seus sofrimentos, as suas loucuras, as suas orgulhosas revoltas. E doía-lhe deliciosamente o coração físico. Ia encontrá-lo, e partir com êle num grande carro, por estradas e caminhos, com a felicidade por guia. Era uma exasperação mórbida, que lhe alargava as grandes pupilas sérias e fazia-a arranhar muito tempo, com as unhas bem tratadas, os lençóis do leito.

Mas o abalo físico de Jorge d'Alvelos parecia ter sido mortal.

O ressuscitado permanecia de tronco colossal e duro na grande cadeira, junto à janela, agora aberta para o céu e para as árvores de um parque. Vivia numa indiferença humilhada de animal que escorcharam. Vinham fazer-lhe o penso demorado e doloroso, uma vez ao dia. E como fôsse exigido o máximo repouso, deixavam que dormisse ali mesmo.

Certa manhã, trouxeram-lhe uma visita, o velho capelão da Santa Casa, que Carlos Bairão tivera o expediente de ir buscar.

E o enfêrmo ao vê-lo entrar, pensou em beijar-lhe as mãos. Tinha um sorriso inédito no rosto. Murmurava palavras de confusa gratidão; quis mover-se da cadeira, mas não pôde firmar o corpo imprestável. Um instante, a bôca torturou-se, entristecendo a máscara inteira recoberta de barba.

Mas sorria de nôvo, prêso ao sacerdote que abrira com os braços erguidos as portas do céu para Alma. A mística aparição crescia aos olhos do doente. Deus mandara também a êle o desobstruidor de paraísos.

Na sua cadeira, com o peito enfaixado depois do curativo, êle viu a irmã de caridade arrumar roupas e objetos. Chamou-a com a voz humilde.

— Irmã... eu não morro mais?

— Não. Deus o salvou.

— Que livro é êsse?

— O livro das enfermeiras...

— Emprêsta-me?

A irmã veio sorrindo trazê-lo. Era um volume de orações e conselhos práticos.

Ficou lendo, a freira saíra. Caiu-lhe ao colo, de dentro das páginas, uma imagem. Tomou-a nas mãos: era Maria de Magdala, em litografia, com frisos de ouro. Havia qualquer coisa escrito no verso. Jorge voltou o santinho e leu, numa letra caligráfica: "Sob o pêso da desgraça, a alma que não chama por Deus é muda".

Então, não era só êle a sofrer? Pelo mundo, anônimas, caladas, existiam outras almas sob o pêso de outras tragédias. Almas emudecidas como a sua e outras almas que haviam gritado o nome do Senhor e recebido dêle a ordem de formar na cavalaria dos devotamentos quietos, das consolações sem recompensa...

Numa confusa fixação escultural, Jorge viu a procissão final do mundo desenhar-se num Josafá de cem léguas: de um lado, os idólatras, os taciturnos, os blasfemos; do outro, num desabafo de vitória, todos os crucificados da terra.

Lá fora, no parque de folhagem entre muros, a névoa de São Paulo vestia as árvores de branco, na manhã de fins de março.

Raparam-lhe a barba. Iam levá-lo para ver Mary Beatrix que o esperava, cada vez mais ansiosa nos grandes olhos, abertos e fixos para a porta. Êle foi pelos corredores, arrastando-se e sorrindo, num cortejo comovido de amigos.

Haviam atufado de flôres o quarto branco da enfêrma.

Ao deixarem-lhe perceber que Mary Beatriz estava ali, ao seu lado, no mesmo hospital, Jorge d'Alvelos tivera uma surpresa nervosa e feliz. Depois, vieram as demoradas conversas com a mãe da artista doente. A boa senhora reconduziu-o fâcilmente ao passado onde a sua mocidade lírica cantava. As recordações avivadas, os detalhes lembrados, as notícias de amigos e de episódios, exposições de arte, a volta triunfal das tropas negras que se haviam batido em Vittorio Veneto — tudo o levava de nôvo, numa persuasão inquieta e excelente, ao fio partido de existência. Além disso, a mãe tinha qualquer coisa da filha, nos olhos, no gesto — qualquer coisa.

Aquela noite, êle percebeu, numa confissão embaraçante, que amava. Pediu perdão à morta. Tinha o corpo enrolado em pensos, as pernas desobedientes, a cabeça frágil.

E Mary voltava por entre os travesseiros alvos do encôsto; sorria, esperava...

Pela manhã, foram achar Jorge d'Alvelos fora da cadeira de rodas. Levantara-se sôzinho afinal.

— Por que não fiquei?

— Tens saudade?

— *Il rimpianto*...

— Chorar ainda?

— Sôbre o passado perdido.

Houve um silêncio de hospital. Lá fora, ia gente conversando. E êle falou:

— Pobre passado! Lembras-te? Fazia um ano e um dia que nos havíamos conhecido. Tivéramos um arrufo na véspera...

— Sim... E tu partiras para voltar melhor.

— E voltei, na manhã inacreditável, batida de sinos, na manhã de luar. Dormias no divã da sala. Acordei-te num grande susto de criança. Como suspiravas profundo!

Contemplaram-se numa transfusão de existências, pelos olhos molhados. E ela, cerrou os cílios, numa súbita fadiga, recostada aos grandes travesseiros.

Ficaram perdidos, mão na mão. Longínqua, nos campanários novos das tôrres de São Bento, uma festa de sinos começou. Ele prosseguiu:

— Tinhas nervos à flor da pele de sêda. As vêzes, chegavas à Via Flamminia, com os primeiros raios esquivos do sol. Lembras-te... Foi um outono sobrenatural. O Tibre transbordava águas negras das últimas chuvas. Como corria repousada a vida no nosso jardim de inverno! As manhãs do meu pijama de flôres amarelas, com a tua entrada ligeira... E as tosses convulsivas do porteiro... lembras-te! E o poeta que te amava e empoava os cabelos... E o cômpositor... o nosso mundo...

— Tartarella... Ele assistiu ao nosso embarque em Piazza Termini.

Mary Beatriz cerrara os olhos. A febre subia. Jorge levantou-se dificultosamente das almofadas que juntara ao chão. Ia fechar a janela. Mas ela exclamou:

— Não! Este azul lembra-me as manhãs daquele tempo. A tarde baixava em ouro lá fora.

As aves-marias dos monges, na abadia de pedra da cidade americana, ressoavam espaçadamente.

— Ouves?

— Parecem os sinos de Roma!

Haviam-nos deixado sós o dia todo. A doente dir-se-ia dormir. Tinha as faces incendiadas. Jorge esperou, devorando-a com os olhos pensativos. Depois, tomou-lhe cautelosamente o pulso, contou as pancadas rápidas da artéria.

Ela parecia reanimar-se lentamente. Descerrou os olhos, e falando numa superexcitação:

— Era maio... aquêlê mês de maio, quando íamos visitar as igrejas... Lembraste das tardes de oca, dos dias de fogo? São Pedro fazia: Bá-om! B'-om! como agora.

— No ar todo azul, riscado de andorinhas negras, de regresso como a felicidade...

Quando o médico e a mãe entraram, chamados pela enfermeira, vieram encontrá-los rubros de febre, na evocação de-

lirante do sol, que pela janela, entre árvores, caía por detrás de São Pedro, como outrora.

Haviam-lhe chegado duas cartas.

Na sala clara da secretaria, êle abriu a primeira que trazia um envelope da Fazenda Nova Olímpia.

Era um convite risonho e bulhento, traçado numa letra quase infantil, desenhada em caracteres americanos. Terminava assim:

“Não sabe como os seus primos e primas o esperam todos os dias, quando o Ford chega da estação. Papai nos disse que você prometeu vir sem falta. Venha logo e não se esqueça dos presentes que papai disse que você nos trouxe da Europa.”

Seguiram-se uma lista jovial, as assinaturas, as primeiras caprichadas, as outras balbuciamentos apenas legíveis:

Maria Teresa  
Anita  
Jorge  
Belkiss

— É verdade — disse o secretário — tenho mais uma carta, guardada aqui, deixada por seu tio.

Procurou a uma gaveta. Jorge, interessado, rasgou o envelope e leu:

“Meu prezado sobrinho.

Desde que soube de todo o ocorrido, parti no rorte desejo, na ânsia em que me vi de me comunicar contigo, de correr ao teu encontro.

Cheio de preocupações e de responsabilidades, pequenas em si, mas suficientes e sobejas para assoberbarem um homem idoso, vejo-me na necessidade de voltar imediatamente para a fazenda.

Meu caro amigo e meu filho — pois creio que te posso chamar assim — sinto que sofres e que estás só na vida. Esta idéia me penetra fundo e me domina, como lógica inexorável do sentimento que tenho por ti. Desejo ver-te, abraçar-te e ter-te ao meu lado, com a minha família que é a substituta da tua. Não conto voltar tão cedo a São Paulo. Por que não vens a Nova Olímpia? É meu ardente desejo. Passarás alguns meses comigo, na nossa casa. Tenho um quarto vazio e pronto. E conversaremos longamente. Creio que essa viagem havia de fazer-te bem. Uma boa disposição e o trem te trarão até a nossa estação, onde irei te buscar com primos e primas. Creio que atenderás ao meu apêlo sincero.

Teu velho amigo e tio — Antero d'Alvelos”.

Jorge pensou no calvário de Alma, abandonada ao lado do avô inerte. Não compreendeu aquêlê interêsse do tronco enriquecido e vitorioso.

Tinha a outra carta fechada na mão. Abriu-a e leu um bilhete mal escrito e imundo de Milagre. Ela dizia-lhe que trabalhava agora no Teatro Boa Vista e pedia-lhe dinheiro.

O Dr. Bráulio Costa chamou Jorge d'Alvelos para a sala de visitas, com mobília *grenat* de couro, da Casa de Saúde.

— Meu amigo, preciso ter com você a máxíma franqueza. Conheço a sua robustez física e moral. . .

— Quer falar-me de Mary Beatriz?

— É verdade. O estado dela inspira cuidados. Como sabe, o Dr. Pinheiro chamou esta manhã o Dr. Mário Lupércio, uma das nossas autoridades em afecções do pulmão. . . A tuberculose declarou-se com uma feição lenta e silenciosa. Ela tem um precedente na família.

— Pode morrer então?

— Não quero dizer isso. Mas é preciso procurar um clima que estacione a marcha da moléstia. . .

Jorge numa inesperada angústia, voltou ao quarto. Perscrutou demoradamente a doente que sorria nos travesseiros. Depois, saiu e procurou, sem resultado, obter leite de cabra no hospital. A enfêrma aceitara a sugestão do nôvo alimento. Em tudo agora que os médicos lhe ordenavam ela punha uma redobrada confiança.

Sem dizer nada, o convalescente partiu. Não havia ninguém no *hall* monumental e quieto do Instituto. E saiu, num súbito maravilhamento de se ver assim, de pé, tropegando, mas vivo, com o peito arrasado, as mãos incapazes, mas vivo. Quarenta dias atrás êle passara aquela mesma porta, numa padiola da policia, vinda do necrotério, com dois mascarados atrás.

Estava vivo. Lá fora, pisando a rua, a tarde pareceu-lhe miraculosa.

Êle soubera que ali, nos fundos do hospital, em grotas intransitáveis, havia tôda uma aldeia de cabreiros. Iria lá, encomendar o alimento para o seu amor.

Caminhava sorrindo de caminhar, levantado daquele leito de horror, saído pela primeira vez daquela casa branca de tortura. Olhou para trás, onde qualquer coisa de rubro faiscava entre árvores: era o sol! E o céu estava fluido e trêmulo. Foi tropeçando nas primeiras barbas de bode do grande descampado. . .

Caíam as ave-marias numa grande paz sem sinos.

E súbito, dum belvedere natural, êle descobriu embaixo a cidade, num polvilhamento alvo. Às vêzes destacava-se longe, uma nota viva de hangar imenso, fábricas com chaminés, oficinas de caliça com centenas de janelinhas. E, ao fundo, a linha envolvente de montanhas, em verde, escuro e branco.

O céu desmaiava em camadas sucessivas, cinza, rosa, azul. Fumaças erguiam-se, lentas, paradas, a se confundir com os vapôres da bruma.

No mais profundo do casario, ao centro, Jorge viu a linha negra do velho Viaduto, ligando monstros construídos em ardósia e greda: o Teatro Municipal, Santa Efigênia, os primeiros arranha-céus. . .

Esfriava. Do outro lado, o fim de ocaso tornara-se de ouro. Havia um grande cheiro de campo. Grilos cantavam ao pé dêle, outros chamavam: priiii, priiiii! E mosquitos punham bandos trêmulos no ar.

Jorge d'Alvelos saiu daquele pasmo em que se perdia, correu para as barrôcas na direção dos cabreiros. E cauteloso e decidido, procurando e prosseguindo, foi descendo por entre gro-tões, quintalejos, fins de labor, roupas recolhidas das cêrcas e sons de chocalho.

Ele quis que tivesse um efeito decorativo, teatral, simbólico, a entrada do animalzinho lanudo e prêto, que vinha conduzindo pelos chavelhos curtos, com a cabreira atrás ao longo dos corredores, na madrugada acesa da Casa de Saúde.

Pensava em fazer Mary Beatriz receber o leite tirado à sua vista, das têtas pendentes da cabrinha. E foi uma festa para os olhos da doente que dormira mal, vê-lo arrastar-se até junto à cama, assim, naquele rude serviço, seguido da mulher e da irmã enfermeira da noite que sorria. Como a cabreira, envolvida tôda num chale negro, fizesse jorrar o leite num copo, êle afastou-se repentinamente comovido.

Revira uma madrugada de Roma, em que tinham ambos saído. Fôra num domingo de Páscoa. Haviam tomado o velho caminho de Aqua Acetosa, sob o céu leve. Havia ainda estrêlas, como agora. E haviam chegado até uma igreja de padres descalços, em plena Campagna. Uma procissão saía, pitoresca, com tochas acesas, bandeiras votivas, andores pequeninos, sob o rebate vivo do campanário.

Depois foram andando, êle tendo pelo braço a silhuêta môça, um pouco arcada, num *tailleur* curto de lã, com a gola fechada em voltas de xadrez pelo pescoço.

E passara por êles, na manhã vacilante, perto de aquedutos ruidos, alongando-se em ponta irregular, um rebanho de cabras negras e peludas, num afastar trêmulo de campainhas sonoras.

E agora, numa cama de hospital, Mary arcava-se mais e bebia o leite grosso e branco para sarar.

Era uma luta desesperada e surda entre êle e as pulsações. E lia sempre e lia mais:

— “À hora habitual, Dinazarda chamou na noite seguinte a irmã e lembrou-lhe a promessa que fizera.

Scheerazada continuou a narrativa:

“Efetivamente, a rainha partiu no mesmo instante, e quando chegou à borda do lago, tomou um pouco de água na mão e com ela borrifou o ar, depois de ter pronunciado algumas palavras cabalísticas. A cidade reapareceu num momento; os peixes tornaram-se homens, mulheres, crianças; maometanos, cristãos, persas...”

— Estás escutando?

— Estou... — sussurrou a doente, descerrando os olhos.

— Deixa-me ver o pulso...

— Não... não!

Abriu mais as pupilas de febre e debatia-se. Mas Jorge tomara-lhe o braço muito branco, fino e longo, de dentro dos lençóis. Deixara cair o livro azul a uma almofada. E olhando o relógiozinho de prata que lhe dera em Roma, contou baixo as pulsações. Setenta. Cem. Cento e uma... e duas... três... queria diminuir, parar... E dez... onze... quinze... vinte...

— Quantas? — interrogou a enferma.

— Cento e cinco.

Estava aterrado. Tomou de novo o livro e continuou a leitura.

Havia três dias, como Scheerazada, para afastar a morte que espreitava lá fora, contava histórias maravilhosas e incríveis, com gênios, dragões, príncipes e loucas metempsicoses...

O Dr. Carlos Pinheiro declarou-lhe inútil qualquer tentativa mais de viagem ou de cura.

Era possível então! O Senhor não o provara bastante ainda! O seu amor que encontrara de novo, na dolorosa convalescença do tiro, o seu amor ia morrer!

Uma súbita revolta amarga levantava-se no seio do redivivo.

Mas Jesus, de carne e suor, igualado aos outros pela Suprema Vontade, tinha ido ajoelhar-se numa hora assim, a um canto de velho parque, só, abandonado aos indiscutíveis momentos do seu destino.

*Coepit pacere...*

Jorge d'Alvelos foi para o seu quarto tomado do medo humano de Jesus.

O padre não pôde mais confessá-la. Ela voltara duas vezes a si, em silêncios cansados de sofrimento, sorrindo os seus últimos sorrisos.

Estava agora caída e inerte, de olhos semicerrados. O sacerdote dissera o "*Ego te absolvo a peccatis tuis*" definitivo. E começara o Extremo Sacramento.

— "*Per istam sanctam unctionem et suam piissimam misericordia, indulgeat tibi Dominus quidquid per sensum deliquisti, quidquid per visum deliquisti...*"

E tocava-lhe os olhos, fechando-os para sempre.

— "...*quidquid per odoratum, per auditum...*"

E tocava-lhe os ouvidos, cerrando-os para sempre.

— ...“*quidquid per gustum et locutionem...*”

E selava-lhe a bôca para sempre.

— ...“*quidquid per tactum...*”

Descobriria-lhe os pés harmônicos e brancos...

— ...“*quidquid per gressum deliquisti...*”

Havia terminado.

Então, Jorge levantou-se e pediu humildemente à mãe para beijá-la. Ela agitava-se como que compreendendo. Tinha movimentos vagos na cabeça, ondulações nos braços descarnados e alvos.

A mãe achegou-se com a enfermeira, a irmã, o padre.

Levantaram-na nos braços, segurando-a, contendo-a, acalmando-a. Jorge avançou em soluços:

— Eu quero um beijo teu, eu quero, minha Mary.

Ela ouvira, parecia sorrir. Os outros sustinham-na, soerguendo-a, consolando-a.

Tinham passado assim três noites iguais.

Jorge sentia um alquebramento físico final.

Estava sentado sôbre um tamborete baixo, ao lado da agonizante.

No outro leito, a mãe e uma senhora de prêto que viera, haviam cedido à fadiga e dormiam juntas.

A madrugada lá fora andava.

Jorge olhou o pequenino relógio de Roma: eram quase três horas.

Ele resignara-se à solene chegada dêsse momento que bateria na sua vida como um último aviso de Deus. Esperava-o

como se espera uma ordem indiscutível de partida para caminhos novos.

O cansaço vencera. Ele cochilava com a cabeça deitada perto do braço grande e inerte de Mary.

E na noite de agonia, veio cantar-lhe o ouvido, solene, depois de graves *kyries*, a ladainha pausada das rogações que acompanhara, no colégio, em criança, na madrugada de São Norberto:

*Sancte Paule, ora pro nobis!*  
*Sancte Andréa, ora pro nobis!*

Padres e seminaristas tinham saído para o mato, a cruz alçada na frente, o turíbulo e o hissope. E caminhavam pela aresta escura de um caminho, sob as últimas estrélas, entre as árvores pasmadas. Ao clarão inquieto das tochas, as batinas alvas oscilavam na santa procissão.

*Sancte Thoma, ora pro nobis!*  
*Sancti Fabiane et Sabastiane, ora pro nobis!*

— A vela, depressa!

Um grande anjo extático entrara imperceptivelmente no quarto: era a irmã enfermeira da noite. Jorge, estremunhado e trágico, acendeu o círio bento; colocou-o na mão escaldante e largada. No outro leito, as duas mulheres dormiram. A janela descerrara-se para fora. E a agonizante teve apenas duas sufocações suaves — e cessou de viver.

Jorge procurou, ansioso, na penumbra, achar ainda a sua Mary. Ela partira, sutil como quando entrava, matinal e viva, no *atelier* de Via Flamminia.

Lá fora, na noite, um galo bateu as asas, cantou.

Na madrugada de leite, a febre esvaíra-se, escoara-se num último calor de veias mortas, entre bênçãos maternas, luzes vacilantes, silêncios e soluços. . .

Jorge fôra pelo corredor, numa placa de neblina, até o jardim, buscar-lhe as primeiras flôres. Depois, esperava que lavassem a estátua enregelada e nua — a sua última estátua. E beijara obstinadamente a bôca material.

Agora, na sala de visitas estranha dos parentes, para onde a tinham conduzido, Mary dormia ao clarão dos círios altos, no féretro fôfo de pau rico, com seu sorriso imobilizado nos lábios e um lírio entre as mãos.

Prêso a um minuto de eternidade, num desespero mudo de dentes rilhados, Jorge d'Alvelos sacudia, com as garras das mãos, a cabeça de cabelos despenteados e enormes.

O escultor fechou-se no seu quarto da Avenida São João, durante dois dias e duas noites, deitado ao leito de bronze fôsko.

Os amigos vieram num interêsse inquieto visitá-lo, obrigá-lo a comer. Na terceira manhã, como êle todo se transformara num ouvido único que crescera, tomara conta do ser... e escutava, escutava, saiu e tomou um trem para Santos.

Passou o dia estirado em um quarto de hotel. E a noite veio e foi... Ficou até meio-dia na cama alva e desconhecida. Fazia um calor de pôrto sul-americano. Levantou-se, vestiu-se com dificuldade, tomou o trem de duas horas, de regresso.

No comêço da serra, chovia. Uma retardada fadiga caiu sobre êle. Olhou pela janela do *wagon*: embaixo, entre águas, viu uma casa de tijolos com chaminé e leu um letreiro longo até o fim.

Um mosquito trouxe-lhe uma ferroada ardida à mão.

Fitou a serrania. Para lá do vale aberto, um tabuleiro gigantesco cavalgava o céu de bruma com a coorte de seus milhões de copas verdes.

E acordou de repente afogado entre paredes negras, gotejantes, ameaçadoras. O trem parara num túnel... sairia. Quantas vêzes a sua vida também estacara assim entre muros fechados! O trem sairia, vencendo em curvas a ladeira imensa, na direção de horizontes desconhecidos...

Um guarda recebeu o bilhete. Tinha cessado a chuva: estava perto de São Paulo.

A cidade apareceu e engoliu o comboio por um dos seus tentáculos pardos.

Encontrou duas cartas de Nova Olímpia sôbre a mesa. Era um nôvo chamado de tio Antero. Na outra a gárrula feira de nomes cantava:

Maria Teresa  
Anita  
Jorge  
Belkiss

Como seriam seus priminhos? Lembrava-se de que as duas mais velhas haviam nascido antes dêle partir para a Europa. Maria Teresa devia ser uma môça. Anita também. E êsse Jorge que tinha o seu mesmo nome, tradicional e trágico entre os d'Alvelos? E a pequenina Belkiss que mandava sempre a assinatura borrada?

Êle não era tão só! Tinha uma família que o chamava, que o queria... Uma ternura estranha comoveu-o... Maria Teresa... Anita... Jorge... Belkiss...

Não voltaria à Europa. Sentia-se inutilizado para a arte. Por que ficar em São Paulo, na interrogação dos cenários vividos?

Os amigos iam conduzi-lo, pela última vez, ao *atelier* do Palácio das Indústrias.

Seriam três horas da tarde quando Carlos Bairão e Bruno de Alfenas fizeram estacar o auto, em frente ao grande sobrado de cômodos da Avenida São João.

Abraçaram-no. Ele estava mais consolado e mais forte. Sobre o leito de bronze fôsko tinham ficado dois livros, um de Huysmans, outro de André Gide.

Bruno contou as últimas anedotas. E desceram, pondo os chapéus, pelo elevador.

Atravessando a cidade na tarde banal, Jorge lembrou-se de que naquele mesmo automóvel fôra a Santos, ao lado de Alma.

Mas repeliu o demônio que viera torturá-lo. Ele tinha agora uma serenidade de condenado que se redime.

Haviam chegado. Recobria-se da última argamassa a frente monumental do Palácio. Subiram pela escada florentina. Atravessaram salas... a porta do *atelier* estava aberta. Fizeram Jorge passar. Mas êle não reconhecia o vasto e limpo local onde sofrera tanto. Tinha sido tudo transformado. De pé, esperando-o, estavam Torresvedras e Lino de Albuquerque. E haviam colocado flôres nas estátuas como se fôsem altares. . .

Contornando a claridade das figuras, trepando, caindo em fios triunfais, rubros cachos de sangue, bôcas roxas e amarelas entreabertas na folhagem rude do Brasil, inundavam de glória a oficina. Sobre o pedestal do centro, voltada para êle que os amigos cercavam, a *Vitória* de mármore erguia alto as duas mãos. Tinha os seios minúsculos, as ancas retesadas numa elegância unida de linhas, as coxas macias e direitas, as asas caídas para trás.

O artista sentiu uma perturbação franzir-lhe a bôca. Lágrimas molharam-lhe os cílios. E pouco a pouco foi encontrando tudo o que fizera, intacto, ali... .

Carlos Bairão, comovido e sorrindo, anunciou-lhe que a municipalidade de São Paulo resolvera comprar-lhe o grupo da *Vingança* para um jardim da cidade, e que estavam tratando de vender a *Descida* para uma catedral.

Estavam... quem? Os seus amigos, os que lhe tinham salvo a vida. E a terra para que se formara nos anos laboriosos, reconhecia e pagava a sua obra!

Súbitamente, tomou conta dêle um maravilhamento.

A um canto, sobre uma prancheta, estava ainda, fincado a pregos, um esqueleto de máscara... .

Viu a esponja, procurou os baldes de água.

E foi buscar a greda úmida.

Cobriu a armação duma bola confusa. E sério, impenetrável, com os braços de nôvo desembaraçados e ágeis, fêz os buracos dos olhos, o nariz afilado. . . Um riso de pequeno sátiro velou-se. Depois, atacou os cabelos, afinou o pescoço, marcou as maçãs. E no riso, na vida multiforme do barro, Mary Beatriz passou inteira.

Foi lavar os dedos empastados de greda. Lino de Albuquerque o seguiu, abrindo um lenço alvo.

Êle queria sofrer, sofrer mais ainda. Que eram a reprovação social e o escândalo, se êle se sentia desafogado de pesos enormes?

A princípio, quando vieram dizer-lhe que um advogado prometia envolvê-lo numa campanha imunda, êle sentira um involuntário temor, uma emoção dolorosa de quem já tendo sofrido muito, ainda se vê apontado e destinado a martírios novos.

Era Milagre, a perda de Areias, o *pivot* do retardado escândalo. E êle, num trágico receio, temia ver por detrás da mulher a figura de Mauro Glade. Mauro podia mesmo acusá-lo do seu crime.

Mas Carlos Bairão havia enfrentado imediatamente o homenzinho, parado, de óculos para cima, na eterna pesquisa de misérias e chantagens. O leguleio desfizera-se em desculpas. E o amigo viera trazer-lhe a notícia, transbordante de alegria.

Jorge d'Alvelos deixara-se tomar inconscientemente por aquela efusão. Não envelhecera apesar de tudo. Nem sequer se sentia adulto. De dentro, um imutável fundo de adolescência, gritava-lhe que era preciso sofrer, viver, morrer, seguir a lei férrea do mundo.

Êle sabia bem agora que um Ser invisível e supremo existia. E numa reorganização de *blague* heróica, diante do espelho, pensava que fôra agatanhado no torso, sôbre o coração, pelos próprios dedos de Deus.

O amigo tinha-o deixado. E êle ficara numa alegria que procura motivos, num amor de tudo, sereno, experimentado. Sorria suavemente.

Andou à-toa pelo quarto. Ia partir para Nova Olímpia. Esse nome cantava-lhe aos ouvidos como uma promessa.

Ia ensaiar de nôvo o gume dos duros antepassados no cerne das florestas brasílicas, lá, onde êles haviam aberto a primeira passagem ao homem da Europa e, nas noites sertanejas, cerrado os olhos cheios e a alma leve à bênção calada do Cruzeiro.

Era a fuga para outra calma de céu. Ele renovara a funesta experiência cidadina dos ancestrais e resumia-se naquele ciclo catastrófico a prometida messe de vitórias nas lutas babilônicas!

Mas transportava-se a tempo ainda para a alegria integral dos descampados puros e das cidades paradas no surto virgem das eras inocentes.

Fôra infeliz... certamente, porque não se mantivera fiel aos compromissos raciais.

E via-se à janela, num êxtase, transportado para a imensa paz verde dos cafêzais orvalhados da chuva, na tarde de nuvens ciclópicas.

Chegou-se à *chiffonnière* abaulada. Tirou da gaveta um grande grupo fotográfico. Era a família que o esperava, que o chamava.

Quedou-se ali. Qual seria daqueles olhares firmes e grandes de zagala, daqueles sorrisos em fôlha, o da *consolatrice* qui *ne savait pas*...

O porteiro viera chamá-lo às cinco horas.

Ele tinha as malas prontas, a passagem comprada. Na tarde de apotose, dera os pequenos estudos, os torsos e as máscaras aos amigos que tinham saído carregando-os nos braços.

Guardara apenas o *Retrato de Antepassado*, talhado em planos de ferro e o último sorriso de Mary.

As pernas harmoniosas de Alma, mandara-as passar para o mármore e, sôbre três degraus brancos, marcariam para sempre o holocausto na encosta terrosa e esquecida do Araçá.

Ele fizera acordar-se cedo à-toa. O trem partiria às nove horas.

Foi ao espelho. A luz farta da lâmpada, de que tirara o antigo *abat-jour*, abriu a camisa, examinou as devastações do tiro.

Sentia-se cansado. Resignava-se. Aceitaria doravante as diminuições que viessem. Era isso mesmo a vida humana — uma série de quedas físicas e de provações morais, em tórno de uma grave e íntima ascensão.

A porta do quarto estalou, abriu-se para o corredor escuro e quieto.

Uma corrente sutil pôs rumôres nas janelas, levantou papéis na mesa.

Um sino isolado deu lambadas de bronze na noite. Lá fora, um automóvel buzinou, passando.

O sino persistia: *Misericordia Domini in aeterno cantabo*. Eram as matinas dos monges, já de pé, no negror dos hábitos retos como consciências, rezando em São Bento.

Jorge d'Alvelos parado, olhava a grande mala aberta junto à parede, a mala de cabina que o acompanhara nas antigas viagens, pelos hotéis obscuros de Paris, depois em Roma.

Estava riscada de sulcos, grudada de velhas etiquetas. Junto ao fecho de metal, tinha uma mancha redonda e queimada. Ele costumava fazer o café brasileiro sôbre ela, no *atelier* de Via Flaminia.

E como houvesse amanhecido, saiu para despedir-se de São Paulo.

A cidade acordara como que lavada, cheia de rumôres e de bulfício. *Midinettes* passavam, trabalhadores, gente do comércio. E silhuetas claras, evocadoras de Alma, iam, preocupadas na manhã de aventura.

Ele penetrou na igreja de Santo Antônio, onde se celebrava uma missa baixa. Na penumbra, olhos perscrutadores seguiram-no.

Jorge d'Alvelos sentou-se entre uma mocinha de luto e um mendigo. E viu o padre alto, de cabeça branca, permanecer numa demorada reverência ante o tabernáculo aceso, vinte vêzes secular.

A sua voz chegava, clara, precisa, até os fiéis.

— "*In illo tempore...*" lembrava o passado na Galiléia.

— "*Per omnia secula seculorum...*" afirmava o futuro e a eternidade.

Não lhe parecia possível que aquêles homens se reunissem ali, no aparato simbólico das alvas e das casulas, vinte séculos depois do Calvário, sem significação nenhuma, como os pássaros que voam, os galos que cantam, os animais que pastam.

Depois do meditado silêncio da elevação, o sacerdote de pés unidos, cotovelos juntos, circunscrito à pátena, ia comungar.

A pátena era a pedra com que o piedoso José de Arimatéia selara o sepulcro de Deus, sacrificado para tirar os pecados do mundo.

— *“Domine! Non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbum et sanabitur anima mea!”*

A campainha ressoou.

Jorge d’Alvelos, de joelhos, rezava.

— Senhor! Dize uma palavra e minha alma será salva!

O padre repetiu em voz alta:

— *“Domine! Non sum dignus . . .”*

A campainha ressoou de nôvo no templo.

Um velho expectorou no silêncio.

# III

## A Escada



Então êle viu em sonho uma escada cujos pés  
estavam apoiados na terra.

*Gênese C. 28*



**N**A madrugada de inverno que retardava o sol, Jorge d'Alvelos acordou no abandono de seu quarto.

Lá dentro a família dormia indiferente à sua mágoa, estranha, apenas compassiva. Ficou pensando em de nôvo partir.

Levantou-se embruhado no seu velho pijama escocês, donde os botões de alamares se despregavam. Foi até a grande mala, repositório ambulante de sua vida. Retirou do fundo um álbum fanado de cartas e pôs-se a relê-lo sôbre o leito de ferro que se desconjuntava na látea penumbra.

“Tenho mêdo de que uma explicação arrepie ou pelo menos desoriente a nossa carreira sentimental. Que pena!

“Éramos tão feitos um para o outro! Chegamos através de tanto brinquedo a nos amar tanto!”

“Vida da gente.

Será possível que se possa amar tanto assim? As vezes tenho ódio de ti, sinto vontade de te fazer morrer.

“Mas de repente chega uma carta tua, bela como esta que veio, amorosa, suplicante.

“Amo-te. Dir-te-ia agora um milhão de vezes sem cessar, os meus olhos abrasados nas tuas áureas pupilas, a minha vida dependendo da tua bôca, do arfar do teu seio, da queixa do teu corpo. Minha Mary Beatriz, és o doce guia! O contra-senso mais lindo que a lógica da vida podia ter criado. Acreditaria hoje em Deus por tua causa.

“Basta de besteira. O nosso futuro terá de ser combinado algèbicamente, friamente. Um futuro de rabona e vestido branco”.

“Choraram os olhos de cigana. Que importa? O senhor quis que êles chorassem para que os pudesse beijar mais lindos no encontro. Quis que a sua boneca de cabelos fartos e negros sofresse para ter depois no noivado excelente a delícia da cura entre braços amorosos”.

“Meu enlouquecimento.

“Imagina a vida partir-se e afastar-se da gente!

“Sinto um sofrimento que chega à paradoxal surpresa de ser um ser despedaçado e vago que se sobressalta e chora longe de mim.

“A existência nesta terra mortal é bem isso — a busca de uma coisa que está em nós e longe de nós, uma imagem ideal do nosso eu, um céu sonhado ou perdido”.

“Que saudade me punge! O amor assim, como eu o tenho, é um cancro de cuja dor se vive.

“Ainda agora no *atelier* escurecido de estátuas, vendo entrar a noite pelos olhos loiros das janelas, senti a ferida bendita roer-me o fundo íntimo do peito. E a tua imagem exaltou-me em febre, fulminou-me em pálida síncope, atordoou-me como um apêlo de Deus. Oh! Miss Incrível como te fizeste amar! O ano termina. O ano que começou em maio, lembras-te? A sala da exposição internacional, a sala onde nos achamos. Depois, fui esperar-te no nosso primeiro andar. Estavas linda, carnuça, de lábios molhados... se me lembro! E mentiste para me contar os teus receios. Pela primeira vez nas asas da tua fantasia, levantavas a verdade dos teus vinte anos doentes.

“Talvez fôsse o primeiro dia do meu amor por ti êsse pedaço de maio batido de sol e cavalgado de nuvens. Passaram-se seis meses e hoje amo-te assim. Se em cada um dos dias que se foram, sem temor, me apunhalaste à cruz da tua eleição”.

“Amor, amor lindo.

“Como preciso te falar, dizer coisas incríveis. Como é urgente enlaçarmo-nos numa mesma vida, numa provisão eternidade!”

“Meu trágico enlêv-

“Estás doente e longe de mim. O mal que pisa baixo quer empolgar-te nas suas mãos enluvadas. Tu que és a minha ressurreição.

“Lembras-te daquele dia em que visitamos juntos a Madona del Giglio, no pôrto onde barcos encalhavam?

“Depois de atravessarmos os atoleiros verdes da margem, nos beijamos ante o sagrado refúgio e o rio calmo e grande na paisagem violenta.

“Que te seja benéfica a terra iodada em que estás”.

“A tua carta de ontem trouxe um pouco de tranquillidade a esta alma-motor. Chegou até minha agitação o silêncio claro do teu quarto e o bocado límpido do céu que te cobre.

“Falas-me no futuro, logo esperas por êle, logo êle não pode falhar.

“Estou só no *atelier*. Será meio-dia. Vai lá fora céu azul. E aqui dentro céu azul.

“Sabes que te amo? É a última novidade, a única que te saberia dizer sem mentir”.

“Encontrei esta manhã o Ugo. Falou-me de seu talento matrimonial. É feliz porque se casou com a obsessão.

“Tem três filhos de fazer inveja à Casa de Savóia.

“Ontem pensei em ti com exaltada saudade. Nas noites longas sem ti, faz-me companhia a tua sombra augural.

“Tastavella exigiu que voltássemos à sala clara de café onde éramos *habitués*, a fim de renovar com a tua presença longínqua a efusão das horas que aí tivéramos juntos.

“Mas a tua sombra benéfica não gosta do tilintar de risos e de copos. Ela apenas consente descerrar as asas carinhosas e sutis na penumbra pensativa do meu deserto eleito. Ontem à noite procurei uma bruxa da Via Appia, para que com os olhos em Saturno e mergulhada no futuro, me dissesse coisas espantosas. E a megera me anunciou que havias de morrer criança. Responde-me que ela

mentiu, herdeira efetiva do anjo que guardava, roçando as asas enormes pelas cortinas, o meu leito de criança!”

“Como cresce o amor neste exílio.

“Tôda a vez que te perco, aumentas de estranha luz, sobes de ímpeto no meu caminho, assombrias a minha vida. Nesta persistência demorada de ocaso, assalta-me de nôvo a idéia dolorosa de perder-te... Em todo pôr de sol há um braseiro extinto. É a morte de um dia.

“E o desaparecimento persistente, nítido e loiro dêste grande dia azul de hoje enche-me de mágoa. O teu coração, Mary Beatriz, encerra para mim as promessas simples da vida. Se um ocaso como êste me atingir um dia pela tua mão salvadora, permanecerêi cego como a noite que baixa e mergulhado numa recordação palpitante de estrêlas”.

Apagou a lâmpada elétrica.

O ocaso descera. E êle sentia, na madrugada que azulava a vidraça nua do seu quarto brasileiro, que tinha os dois olhos vazados de lágrimas. Descerrou a janela para ver. Fora, entre cânticos de galos, as estrêlas caíam.

Era assim que Mary Beatriz se destacava do passado como um gesto. Ela movia-se, andava. Êle permanecia quieto, vendo-a, numa frialdade contida do ânimo impávido. O seu amor revivia num restabelecimento de atitudes amigas e mortas. Voltavam as horas uma a uma.

Não podia continuar assim. O horizonte do campo exaltava sua vida interior. Alma d'Alvelos jazia confundida no sepulcro nôvo de Mary Beatriz.

Despediu-se inesperadamente da família, feudal e inútil, que não mais o pudera absorver. Partia. Voltava à capital.

O trem e o céu dessas terras, vasto a perder-se, fazendo ressoar as pancadas das porteiras brasílicas na névoa, o cheiro dos currais e o mugir das vacas prêsas, tôda a liturgia campônia das primeiras sociedades terrenas num país rescendendo ao banho do dilúvio.

E a escravização do homem pelo homem.

Estava novamente em São Paulo.

Povoou de esboços um grande *atelier* num andar térreo da Liberdade.

Agora que se votara definitivamente ao internamento das cidades, pensava como podia ter sido diferente a sua vida.

Recordava a invasão das primaveras brasílicas, a cavalo, esplêndido, môço, como podia ter sido.

Um pássaro cantava. Um pássaro azul bicava uma fôlha de árvore imensa e quieta. E o sol e a estrada.

Tinha saído dentro da noite. Fôra ao centro, perdera-se nos bairros banais. E como por tôdas as pessoas que encontrava, visse a alegria inconsciente e sem vergonha da vida, teve o ímpeto de estacar tôdas, uma a uma, e perguntar-lhês se não tinham chorado um dia e paralisar a desprevenida festa das calçadas e dissolver os ajuntamentos divertidos, ir de homem a homem. de mulher a mulher, evocando: — Não te lembras mais, êle! ela!

Dizer aos que sorriam: — Escuta, nunca sofreste? Nunca perdeste aquela que amavas?

E de sua dor ver nascerem milhares de dores anônimas...  
E ir assim pelas ruas abrindo um séquito imenso de macerações.

Mário de Alfenas levou-o a um cabaré para distraí-lo.

Gerações sucediam-se nos velhos ambientes de deboche.

Jorge não conhecia ninguém. Mário apresentou-o ao engenheiro Bandeira, ossudo e grisalho. Reconciliara-se com a Lucy da Pensão Chiquita e pagava champanha aquela noite.

Mostraram ao artista um mago estranho da cidade.

Era um sujeito entroncado que parecia ter sido achatado propositalmente por qualquer dedo sobrenatural.

Lia o destino nas mãos e conversava com os astros no sereno das noites citadinas. Contava que pusera o Antenor Lima na panela.

— Vão ver como êle rebenta.

Havia contatos de carnes brancas e rostos gravados de calvários.

Uma mulher de cabelos curtos veio sentar-se à mesa, ao lado de Lucy, insignificante, grudada ao engenheiro que se embebedava numa íntima festividade.

Mário de Alfenas, muito sério, confessou, a Jorge, que tinha também um caso, uma dançarina do Apolo.

O mago conhecia-a. Fizeram-lhe o necrológio tímido.

Chamava-se Arlete. Era uma criatura de bons sentimentos.

O engenheiro de repente perguntou à roda se Lucy não era uma mulher ideal.

O champanha decrescia nos copos.

Um bêbedo levantou-se e dirigiu a orquestra, de pé, com os braços incertos e pesados.

Corpos uniam-se nos maxixes.

E o amor estuava, suplicante como ante os portais fechados de um templo.

O mago esquecera os olhos pequeninos na fumaçada azul da sala. Obstinava-se numa face de pesquisa quieta.

O escultor interrogou-o.

— Estou vendo Cristo Nosso Senhor.

Saíram na madrugada avançada. Despediram-se.

Jorge veio só pelas ruas.

As fábricas anunciavam o fim da noite, um apito espevitava-se no azul ferrête, passavam os primeiros bondes acesos, uma velha mendiga vomitava de fome, sentada à soleira de uma igreja escura. Cornetas de quartel acordavam a cidade.

E Cristo subia do teto do *dancing*, alto, espectral para o ninho das auroras.

Um grupo de rapazes e velhotes tinha invadido o *atelier*.

Viera, trazido pela admiração incansável de Carlos Bairão.

Era um ajuntamento de partidos pelo meio, de semi-homens supremos que ensaiavam, numa incapacidade lancinante, atingir o que chamavam “os estados superiores da terra”. Intitulavam-se os artistas da cidade.

Alguns já maduros, aceitos em rodas pasmas, outros na angústia de lutas incompreendidas, aumentadas pelas misérias de seus lares convulsos, os demais boêmios imprecisos, revoltados à-toa, todos sob o íncubo de maldições e desastres.

Ante as modelagens, pararam na elevação religiosa dos compreendidos.

Eles, que constituíam o beatério da arte, escapados tristes do mundo, para um fundo limoso de estesia sacrista, que eram na terra brutal e indiferente o apostolado macilento da oração das artes lívidas e saíam em bichas processionais, de opa macerada, levando a lamparina de suas almas medrosas atrás dos desviados andores e das pequenas adorações, — eles ali se enchiam de uma magoada consciência de sua utilidade humana, e no choque das próprias confusões, que lhes trazia a afirmação daquela vitória de homem, fundiam-se como escravizados numa integração final.

O artista mantinha-os num risonho acolhimento, sentia-lhes a impotência eloqüente e numa compassiva dor os estimava.

Queriam explicações e rumos para satisfazer-lhes os subjetivismos duradouros, davam denominações lancinantes aos grupos esboçados.

Jorge tirou cautelosamente o pano de sua última obra encoberta ainda.

Tentara na greda úmida do Brasil fazer a caminhada das primeiras camadas raciais.

E num ritmo de cavalos sôbre-humanos, achatou-se na prancheta — lívida como a terra — a procissão de cruzes, bandeiras, maternidades, moléstias, êxtases incubados, falsas santidades, destrezas paralíticas, — tôda a verdade trágica da primeira gente emigrada para o degrêdo verde dos Tapuias, com bentinhas, franciscanos e rosários, sob um céu lírico, por um mar insensato, num delírio nômade de lucro.

Fitando de perto os terrosos, os amarelos bisnetos vivos dos rapaces conquistadores, curvos sob o defeito longo dos defeitos domésticos, dos fetiches da honra, dos amuletos sentimentais, da fidalguia suspeita e da glória bastarda dos navegadores e dos bandeirantes, Jorge d'Alvelos sentiu sua obra apequenada e pálida.

Mas êles, ao contrário, extasiavam-se, compreendiam.

E na seriedade dos olhos onde se confessavam todos os crimes, tôdas as covardias, tôdas as vontades falhadas, mas também os martírios anônimos, as tentativas de vitórias fecundas, o escultor viu passar uma promessa contente.

Tinham saído aos dois, aos três.

Eram, com exceções, decaídos de famílias estabelecidas no continente num estouvamento de fidalguia, estendendo o seu domínio por gentes e escravos, campos e serras. O império dera-lhes baronatos, a terra trabalhada pelos negros deia-lhes ouro. E no país assombrado haviam-se vinculado a preconceitos tentaculares de glória paroquiana, feudais senhores de chapéu e barba, gerando numa sexualidade redobrada pelo degrêdo, rebentos inúteis e pomposos, falhos rombudos de orgulho nativo, pedaços anacrônicos de Meia-Idade portuguesa. O tempo trouxera a libertação dos escravos legais e as novas imigrações. E a terra cansara de dar a moeda rubra na ponta verde dos velhos cafêzais.

Sôbre a geração do Centenário, estalara a crise econômica no combate cego com as novas estirpes, vindas já depois da guerra e da revolução bolchevista, sem o trambôlho dos braços, o lastro pesado das fidalguias ilógicas, o aluvião dos bentinhos caseiros, das guinés morais, dos atavismos líricos e das canseiras históricas.

Jorge ergueu-se, andou e, numa confiança comovida, fêz desmoronar, da extensa prancheta, numa bola informe e ruiva sôbre o chão do *atelier*, o passado crepuscular de seu povo.

Carlos Bairão obtivera para êle um contrato de cimalthas e decorações. Terminou tudo depressa.

Na manhã desocupada penetrou numa igreja. Era a mesma, onde na soleira a velha mendiga vomitava dias atrás.

Jorge nada mais tinha que fazer de urgente. Sentia os braços inertes, o coração angustiado. Não se achava mais capaz de empolgamentos nem de decisões.

Na nave imensa, ajoelhavam-se devotas. Um sacerdote paramentado, seguido de um coroinha, dava-lhes a eucaristia numa pressa massada. Fechou o santuário, foi-se.

Ante um inexpressivo altar, um outro padre rezava em altas vozes inexpressivas.

Não era sincera aquela prece. Aquêlê homem não era sincero.

Jorge sentia numa desolação, todo o quadro de graças feito para os pequenos consumidores.

Lá fora, na aridez das ruas, dos quartos humanos, das praças tristes, os homens buscavam à-toa os direitos caminhos de Deus. Deus era como êsses bichos de sotaina, covarde e libidinoso, vesgo de julgamento, sedento de vingança. Os seus acólitos, que acolitavam as classes ricas, cínicos, de olhos tórvos, festejavam a vida em satirias ocultas, desmoralizavam inocências numa repetida e cautelosa hipocrisia.

Apenas uma consciência formal e duvidosa enrijava os tempos modernos da Igreja.

Jorge d'Alvelos acendeu o *atelier*. Deitou-se ao divã acariciando a pequenina esfinge de doze mamas que o vira suicidar-se. Era a vida inapreensível e fugidia. Era o insaciado mistério.

Ele sugara-lhe os peitos túrgidos e imurcháveis, bebêra-lhe o leite amargo e o leite maravilhoso e não conseguira tomar-lhe ainda o definitivo sentido.

Os seus olhos recurvos e côncavos continham os olhos de Alma sacrificada e os olhos salvadores de Mary Beatriz e os olhos do incubo que lhe falara por noites isoladas e os olhos do mago que vira de pé, Cristo na fumarada do *rendez-vous* americano.

Em cada rosto calvô de homem, em cada figura flamejante de mulher, Jorge perscrutava sempre a solução.

Embarafustara numa ânsia de naufragado que se salva pela afirmativa das possantes teogonias, com catedrais, sinos e composições de consciência no escuro espectral dos confessionários. E, num pálido assombro, vira, sôbre a cabeça dos incensadores macerados, na pompa calculada do culto, pela porta dos sacrários aparecer a cabeça lúbrica do deus Capital.

O artista queria acreditar. Acolhera-se ao signo moral e poético de Kant e de Ibsen. Mas identificava-o de repente nas colheitas do tostão miserável das massas em que os exércitos de salvação propagavam, com bombos e cânticos, a opressão voraz dos imperialismos.

Chafurdava então no pior romantismo, o que permanece contente e fideísta nos corredores infernais do mundo. E cria ainda nas Madalenas preparadas dos bordéis como também na positividade terrificante de tôdas as preces, de todos os gestos para o alto, de todos os apocalipses sonhados ou escritos .

Percebeu, de repente, que estava no Lava-pés, ruidoso e animado naquela noite de sábado.

Saíra à-toa no jôgo ininterrupto dos trapézios cerebrais. E, andando, descera insensivelmente à Glória.

Agora ia subindo como anos atrás a Rua Scuvero. Nunca mais revira o sobradinho marcado pela lembrança lancinante de Alma. Iria para lá numa peregrinação tímida, pois que o acaso para lá o conduzia.

Uma mulher de olhos bonitos, sob um chapéu de larga copa, as mãos enluvadas e um expressivo rolar de ancas cheias, veio na sua direção e vendo-o parou num sorriso — Jorge d'Alvelos!

Ele apertava a mão oferecida sem saber.

— Não me reconhece? Antônia, a modêlo que recusou. . .

Vagamente na memória do escultor, falou uma lembrança de história em que Lino de Albuquerque, desencontrado de gestos, varava pelo *atelier* do Palácio das Indústrias com uma mulher pela mão. Era ela.

— Continua a ser modêlo?

— Não. Foi só para servir aquêlo ingrato!

— Tem notícias dêle?

— Nunca mais.

Jorge sentiu, conversando na sombra com a mulher fácil, uma ligeira perturbação de macho.

— Aonde vai?

— À farmácia, buscar um sabonete.

O sobradinho na distância atemorizou-o. Pensou que não devia prosseguir até lá. Aquela mulher posta ali vedava-lhe a visita inconscientemente tentada. Voltou com ela até o coto-vêlo rumoroso do Lava-pés. Num portão, um homem macerado tirava três notas longas de uma flauta rústica. Crianças cantavam em rodas multicores.

— Quer ir esperar-me em casa? — fêz a mulher sorrindo.  
— Dou-lhe a chave.

— Onde é?

A mulher deu o enderêço. Morava na mesma casa que Alma habitara.

Jorge disse:

— Passarei por lá depois.

Despediu-se. Foi descendo mais pela artéria quebrada.

À porta de uma casa amontoava-se gente. Dançava-se lá dentro aos pulos. Festejavam um casamento.

Dobrou por uma rua deserta. Andou sob árvores espaçadas. Depois, ouviu uma corrida de passos sonoros atrás dêle. Voltou-se. Uma preta adolescente, de trunfa, gritou-lhe numa voz debochada:

— Tá com medo de mim?

Aproximava-se. Jorge fitou a esquisita aparição e perguntou-lhe o que fazia.

— Besteira!

De uma esquina saíra um outro homem. Na mesma corrida de passos sonoros, ela foi perseguir o outro.

Era assim a vida, um jôgo e uma mascarada. Dir-se-ia que tudo tinha secretas correspondências, dissimulados avisos, ligações invisíveis mas perfeitas.

E o sentido disso? Haveria de fato uma caixa de teatro no interior impalpável da existência terrena e como contra-regra o inflexível deus de tôdas as religiões?

Fechou-se de nôvo no *atelier*. Compôs um esbôço de relevo monumental.

Ante a criação ia comovendo-se.

As lágrimas subiam, inundavam-lhe os côncavos olhos.

Que opressão integral do ser emotivo, que nervos abertos aos menores barulhos, que sentidos sonoros!

Como o Cristo do Jardim das Oliveiras, o artista carregava dentro de si tôda a pena do mundo.

Ficara até tarde na rua, perscrutando as coisas terríveis que andavam à noite. Viu um casal môço e alegre brigar longamente numa sala de parque; passou por êle com um magricela, comentando atletas de trapézio, um anãozinho de circo; bêbedos e mulheres desciam a esplanada do Municipal cantando

Encaminhou-se por uma rua deserta e silente entre árvores e súbito ouviu como uma música cadenciada de dança bárbara, um arrastar de chinelos rascantes e passos caminhando para êle. Em sua frente, longe ainda, desenharam-se dois bizarros peregrinos da cidade cosmopolita. Vieram. Cresceu o arrastar regulado dos chinelos e o batuque dos passos sob as árvores. Passaram. Um era alto, moreno e trazia na cabeça um disforme canudo, o outro, minguaado e retêso, sobraçava um grosso embrulho. Um guarda que estava ali, fê-los parar. Houve um silêncio. O soldado examinava detidamente o embrulho. Jorge aproximou-se.

— Foi uma família que me deu — explicava o baixotinho, com os olhos concentrados nos botões metálicos do guarda. O escultor indagou o que faziam àquelas horas.

— Vamos dormir no albergue — disse o alto.

— É brasileiro?

— Não. Sou turco, meu senhor!

Jorge percebeu a Ásia tôda dos grandes olhos habituados aos contágios religiosos no tipo escultóreo e moreno, de bigodes caídos sôbre dentes brancos. Trazia um chapéu de mulher e um bastão de viandante. Era paralítico da perna que arrastava.

— E você?

O pequenino largou na calçada o embrulho que sobraçara de nôvo, tranqüilo.

— Sou um inutilizado também.

Tirou do escuro das roupas uma mãozinha retorcida e dura e exibiu-a como um passaporte vitorioso para tôdas as tranqüilidades da vida.

O escultor distribuiu-lhes parcas moedas a êles e ao guarda.

E foi pensando, só de nôvo, na escalada dos aleijões às seguranças divinas.

Êle, o aparente homem integral, não podia exhibir aos guardas vigilantes da terra o coração aberto em chagas, a alma retorcida de paralisias, o cérebro cansado de doenças.

Pensou em renovar os fastos da existência. Reagiria. Se se casasse? Com quem?

Sentiu que aquela banal felicidade não podia nunca mais ser atingida pelo seu desejo. A sua tristeza seguiu-lo-ia nas calmas assembléias da vida. Um espetáculo de tribunal estacaria sempre diante dêle, sentinela silenciosa de sua desgraça.

Nunca mais poderia ser alegre, nunca mais.

Uma inquietação qualquer haveria de roê-lo por dentro.

Interrogava uma a uma as larvas das aflições. Elas respondiam apenas com sua pasmada presença.

Por que o desleixavam assim? Porque o não entendiam. Andava sòzinho pelas ruas, sem compensação para as velhas energias não gastas.

Súbito parou. Estava no canto deserto do Lava-pés.

Outra vez um instinto obscuro e luminoso o levava pelo braço até lá. Subiria até lá. Subiria agora.

Não se decidia, hesitava.

Mas romperam de chôfre aos seus ouvidos pasmados, cem cornetas tocando. Era a fanfarra do antigo quartel.

— Oito horas.

Olhou o cenário noturno. Havia uma grande lua brincando com esfarrapamentos de nuvens.

— Esta noite permanecerá na nossa vida. Escuta como se recortam bem essas notas!

A fanfarra cantava, perto, sonora, a chamada solene das recordações.

Jorge subiu resolutamente, de chapéu na mão, numa convicção muda de peregrino. Sabia que a casa fôra deixada pela mulher que o encontrara da outra vez. Lera, numa crônica de teatro, a sua mudança para o Rio.

Procurou apreender a fanfarra, destacá-la dos barulhos múltiplos da noite. A corneta cessara. Os tambores quase não se ouviam. E foi reconstruindo a via do antigo calvário. Parecia haver mais gente na rua do que outrora. Tinham feito casas novas numa esquina.

A corneta vibrante recomeçou. A lua muito alta aureola-se duma coma ruiva, onde as nuvens tênues brincavam. Onde estaria Alma? No céu imóvel dos católicos? No aro fulvo da lua? Ou ali, ainda, na casa muda como um túmulo?

Jorge parou para examinar o sobrado velho. Tinham pôsto cortinas nas janelas. Lá dentro, havia luz como antigamente. Uma vida angustiosa parecia sufocar-se por detrás das paredes.

E a corneta tocava, tocava, na noite de luar.

Ele recompôs os móveis, a disposição do leito, do reposteiro côr-de-sangue negro, do tamborete antigo.

Perdera-se tudo? Não. Nem ela se perdera. Bastava haver um toque súbito de clarim na noite evocativa.

Jorge comovia-se num grande respeito ante a ressurreição cristalizada de Alma. Ela ficará esperando-o ali, no local eleito do drama. Habitava a casa alta, assombrando-a num calado benefício, para quando êle passasse na renovada via-sacra da vida.

Foi andando como antigamente.

A fanfarra amorteceu no brum-brum-brum das caixas sonoras que um pesado crepe envolvia. E ia dizendo:

— A boneca morreu. Escuta o funeral dos tambores!

Um e outro entusiasmo nôvo e amigo trazia-lhe o eco longamente frustrado das aclamações.

Insensivelmente o seu ânimo mudava. Uma claridade tomava-o a pouco e pouco e com ela vinha uma já esquecida capacidade de dionisismo. Surpreendia-se a cantar canções dos vinte anos.

Mas uma mínima contrariedade gelava-o. Vinha-lhe à vigilância magoada a recordação de tudo o que tivera e de tudo o que perdera. Voltava-lhe a visão das justiça impassíveis que o haviam desnudado de benefícios, tudo o que era seu e que lhe tinham tirado.

A esperança falava de nôvo. Mas era a esperança timorata dos desiludidos.

As vêzes um perfil de mulher ou de criança assustava-o. Uma recordação afirmava-se por um nome — Mary Beatriz,

Alma, as outras, as perdidas no longínquo passado, as que a primeira eclosão da existência tinha feito vir pelos caminhos do amor.

Jorge fôra uma explosão de energias ciclópicas, invertera destinos nas mãos de modelador, destruíra tranqüilidades para sempre, quebrara apaixonadas resistências e fizera dos seus anos iniciais um dominado tumulto de lágrimas hostis.

A vida depois modelara-lhe o torso, implacável justiceira.

Encontrara num jornal o anúncio de um pavilhão isolado numa chácara de Sant'Ana, chamada *O Clarim*.

Fôra incumbido de compor os relevos de um teatro nôvo. Mudou-se para o arrabalde. Na vivenda morava um agricultor maníaco, de barbas pretas, com a mulher Rita e sua cunhada de quinze anos — Gulnare.

Tivera um reinício de vida nova com a alegria de comer a horas certas à mesa dos Castros: A comida simples como a conversa reanimava-o infantilmente!

Isolava-se no pavilhão dos fundos durante o dia. E assim, insulado, num eco de reminiscências, a pata longa das tragédias vinha encostá-lo à parede do destino.

*Sentia uma peneração suave na presença de Gulnare.*

*Amá-la-ia?*

Um contato simples da mão, um interessado riso, um grato gesto pünham-lhe benefícios incalculáveis na alma voltada a si.

Uma prolongada indiferença, um acento incontido de cólera, num brinquedo, faziam-no bater os dentes no silêncio claro da grande sala onde trabalhava.

Gulnare parecia tê-lo abandonado nas longas noites inúteis.

Ele saiu, rodou, foi às redações onde tinha amigos.

Sentou-se para cear num restaurante noturno, comeu numa represália à vida funesta. Não tinha nada mais senão a animalidade a satisfazer. O amor negado transformava-lhe a vida num horário de bestialidades.

Regressou à Sant'Ana num táxi.

A má digestão pôs-lhe fantasmas no quarto. Gulnare tôda de branco avançava para êle de punhos terríveis, outra, diversa. Ele defendeu-se, ergueu-se de pé, num salto, sôbre o leito.

E, na noite opaca, o vestido branco fixou-se num retângulo vago de janela.

Encontrou-a no jardim. E de repente quis interrogá-la, saber, decidir. Ela estacara num silêncio, o livro habitual fechado sôbre os dedos.

Mas a sua frieza desencorajou-o.

Ia descer para a cidade, para o Conservatório. Colocou ante o espelho da sala o extenso chapéu de palha da Itália. Partiu depois de lhe dar a mão indiferente.

Na manhã de céu sombrio, Jorge ficou pensativo, olhando a cidade, num desconcerto de idéias e caminhos.

Percebia definitivamente, na adolescência de Gulnare, uma inquietude perigosa que a levava a repeli-lo e a tentá-lo, mesmo nas horas boas de entendimento.

Precisava como as outras ser maltratada e tinha apenas 15 anos.

Alguém parecia trabalhar-lhe o pequenino espírito vivo. Seria com certeza a irmã absurda e viperina.

Jorge teve súbitamente a certeza de que Rita o amava, dentro de infindáveis e pequeninas perseguições, súbitos interesses, querelas idiotas.

E sentia, num acordar de cansaços, que era preciso ainda continuar a vida.

A paz que julgara encontrar junto ao agricultor barbudo e a sua família simples, no deserto \ *Clarim*, jogara com êle o esconde-esconde da felicidade. Rita, a mulher honesta do início... uma fêmea revoltante.

Gulnare, irmã virgem de Rita.

Pensou em sair daquele jardim, mudar-se de nôvo.

Oprimia-o, amassava-o, penetrava-o de brutalidades a vontade de ser feliz. Era o desejo imperecível que carregava num inextinto clarão, dentro do ser amoroso, expectante de repercussões, cansado de maldades, horrorizado de equívocos.

Encontraria outra vez o amor de Mary, o amor ambicionado que o completasse? A sua natureza, amadurecida numa plenitude de lógica, necessitava de claras correspondências, de abertas respostas — uma mulher que fôsse transparente, cristalina e igual.

Teve um desespero rápido. Perdera tanto tempo, tanto tempo!

Pensou aflitivamente em Gulnare. Amava-a sim. E por que ela não se deixava plasmar nas suas mãos heróicas? Cresceria. Far-se-ia mulher, entenderia afinal para se arrepender, quando já o irrevogável de outros caminhos os tivesse afastado para sempre.

Era assim a vida, a procissão do Desencontro que o trouxera para longe de Mary Beatriz.

Voltava à morta lírica. Às vêzes ao topar-lhe o risonho retrato, fulminado vi-a viver num rápido minuto de aprovação, de consôlo, de tácita esperança.

Mas a fotografia estacava na atitude procurada, deixava escapar a existência humana readquirida, ficava inerte, sorrindo.

E o turbilhão que o oprimia de sonho desfazia-se, deixava-o num velho amargor de velha desilusão.

Agora descia mais vêzes à cidade.

Ja realizar os detalhes de uma cripta que lhe fôra encomendada pelo engenheiro Paulo Garças, num grande escritório do centro.

Mandaram-no ao Rio, a fim de tirar reproduções das igrejas coloniais. No corredor do noturno uma mulher interessou-se por êle.

Na excitação tropical, orgiaca, bêbedos um do outro, amanheceram no largo apartamento do mesmo hotel.

Tomando-a pelo braço, saía com ela no burburinho das ruas. Oprimia-lhe a mão enluvada no escuro dos cinemas.

Na tarde cenográfica, tomaram um automóvel. Copacabana abria um imprevisto mundo de águas verdes, rolando sob o céu finito e igual.

Na direção da Gávea, o oceano líquido e verde beirava ilhas imóveis. No fundo da terra, os morros da cidade erguiam cubismos negros, volumes majestáticos, enormes. O auto corria para êles pela faixa lisa e branca, numa ânsia de soterramentos.

O artista deitou a cabeça farta ao colo suave da amante imprevista. E dialogaram ante a festa muda do mar brasílico e da terra brasílica.

Nora falou como quem fala para a nua natureza. O homem forte ouvia-a. Sentia-lhe o sentimento estuante e súplice nos olhos lindos sob o chapéu lilás. As suas mãos tocavam-no trêmulamente, num carinho impulsivo.

Os volumes montanhosos pareciam deslocar-se sôbre êles, oscilar.

O mar beirava as ilhas quietas.

A mulher falava, falava.

E estabeleceu-se em Jorge, ante o cenário irreal, uma súbita transposição para dantescos mundos, onde a miséria humana igualasse, pela poesia e pela dor, os recortes assombrosos das selvas e a grandeza silente do horizonte marítimo.

Estaria vivo ao lado da desconhecida ou a morte os acoitara já em terras olímpicas para julgamentos e definições, para irrelatadas notícias do que tinham sido?

Voltaram a São Paulo. A cidade barulhava numa festa de relógios sonoros. Cinco horas. Jorge jantaria com ela. Ia conhecer o palacete onde morava só.

Uma mulata veio abrir. A patroa saíra. Jorge depôs o chapéu de feltro, penetrou numa saleta penumbrosa e odorante.

A noite caíra. De olhos cerrados, a cabeça pendida num encôsto de poltrona, Jorge sentia uma vaga preguiça amolecer-lhe o corpo cansado.

Aquilo tudo podia ser seu.

Nora chegou num halo branco. E ao recebê-lo ali, ria tôda, tocada de felicidade nervosa.

Foram jantar. Ela voltou do quarto de cabelos refeitos e lábios avermelhados.

E, enquanto a mulata servia os pratos ligeiros, ela lhe relatava a vida dos últimos dias.

Aquelas rosas de açafão tinham-lhe sido mandadas por um amigo milionário que regressara dos Estados-Unidos.

Mandara-lhe um anel.

— E essa pulseira?

Era um aro simples de cabelo de elefante que ela trazia sempre ao braço esquerdo.

— Foi o meu amor que morreu.

— Era casado?

— Com outra.

Silenciaram. A noite lá fora dobrara as estrêlas.

— Tens fotografias dêle?

— Só uma.

Trouxe um retrato. Depô-lo na sala silenciosa.

A expressão de Nora pedia que o artista continuasse a ronda emocional. Trouxe um cofre minúsculo de bronze. E de dentro saiu uma carteira de couro monogramada na ponta, depois um cachimbo usado. E, num laço branco, uma mecha pequenina, tímida, de cabelos luzidios.

— Olha como o cabelo dêle era lindo, fofinho!

Quis cantarolar. Mas uma súbita tristeza emudeceu-a. Teve uma súbita queda de cabeça soluçante. Tremia tôda, pequenina, humilhada, numa imprevista confissão de miséria integral.

Jorge olhou a mesa onde os objetos permaneciam.

Uma alteração imprevista, brutal esperava-o no escritório central do engenheiro Garças. Negavam-lhe brutalmente qualquer indenização pelos custosos trabalhos da cripta que fôra recusada a pretexto de modernismo.

— Eu o conheço! — berrou o homenzinho entroncado.

Jorge zangou-se. O outro quis pô-lo na rua. Ele então atirou-se, bateu.

Empregados acorridos de tôda parte acudiam. O homem chorava. Tinha a cara ensangüentada, os olhos feridos.

Jorge compreendeu que devia fugir. Procurou a escada, saiu.

Sentia-se másculo, sentia-se homem.

Talvez a sua atitude o perdesse. Não haveria mais recurso algum. Tomavam-lhe os trabalhos sem pagar.

No regime capitalista, era assim. Ele se endividara para produzir...

Mas sentia-se másculo, sentia-se homem.

Carlos Bairão fê-lo dormir na sua *garçonnière*. E de manhã, preparando uma viagem às pressas, pô-lo na sua *Cadillac* veloz. Mascarou-o com óculos enormes de excursão.

Foram buscar uma maleta de roupas no *Clarim*, o que Castro atarantado emprestou.

Passaram os portões do Caminho do Mar. Desceram a serra num panorama de calor.

Estavam em Santos. Chegaram a um hotel. Carlos então contou-lhe que contra êle tinha sido dada uma queixa-crime. Os jornais, vendidos às classes ricas, agravavam a agressão. Envolviam numa infame suspeita de desonestidade o artista lesado.

Jorge acordou na manhã do quarto desconhecido. E viu Carlos Bairão e um outro rapaz, alto, elegante, forte. Era Claro Dutra que lhe vinha propor como refúgio seguro, enquanto as coisas não se aclarassem em São Paulo, a Ilha Verde em frente ao litoral.

Numa confusão de idéias que o cansaço amortecia, Jorge agradeceu o apoio que lhe traziam. Os dois amigos falavam diante dêle, semi-acordado no leito. A ilha era quase desconhecida. Frequentavam-na apenas os práticos que iam esperar os vapores na barra. Gente fiel. Num pavilhão abandonado morava uma família de pescadores que perdera o chefe. O marítimo Quim João zelaria pela sua segurança.

A *Marina* trepidou na Ponta da Praia. Os homens da lancha manobraram. Jorge chegou mais para junto do banco

onde ficara a maleta do Castro, minúscula, de tela, onde tinha tôda a sua roupa. Uma alegria de escapar a possíveis presídios, tomou-o. E sentiu com felicidade o mar do exílio, balouçante, líquido e imenso.

Claro Dutra que se levantava na proa, junto ao mastro chamou-o. Ele não pôde ir. Uma emoção sentava-o. Depois ergueu-se a custo, olhou o desdobrar escuro da costa.

Atravessaram a baía, saíram.

O mar largo anunciou-se numa fusão de massas brônzeas. Rumaram para a ilha, onde um buquê de coqueiros ardía na tarde.

Contornaram os rochedos, procurando desembarque. Uma menina de branco, virginal e agreste, esperava-os no ancoradouro de pedras.

— Como se chama? — perguntou o exilado.

— Vitória Agonia.

Tia Amélia apareceu numa risada sem dentes. Foram ver o chalé erguido cem anos atrás por um nauta flamengo.

Percorreram os picos amontanhados, o recôncavo da enseada, as rochas longas.

Claro Dutra e Carlos Bairão iam regressar a Santos.

Abraçaram-se. A *Marina* trepidou de nôvo. Ele ficara só, junto à menina selvática.

Sentou-se a uma pedra. A *Marina* passava-lhe em frente, numa reta, levando-os.

A gente da ilha o havia tratado compassivamente, deixando-o isolar-se no chalé que habitava ou na ponta alongada dos rochedos.

Ele esqueceu as horas, olhando as ondas. Claridades lami-  
navam a distância panorâmica. Nos coqueiros agrestes e cres-  
tados, um pássaro cantava o recolher do dia.

Uma saudade de possíveis amôres vinha depor-lhe na ima-  
ginação sensualidades calmas, refletidos crimes, nefandos atos  
praticados conscientemente.

Presentira na chegada, no contato mais direto com a na-  
tureza, uma volta a Deus. Desiludia-se agora.

A divindade pairava naquele cenário murmurante de águas.  
Mas envolvia-lhe o coração como o mar barulhento envolvia o  
rochedo duro em que o tinham abandonado.

Andara sem rumo, pelo dia inédito, descobrindo itinerários.  
Uma tristeza a pouco e pouco surgiu, enegreceu tudo — de  
ficar ali no chalé roído e velho ou vendo na tarde as velas  
alinhasdas recolherem da pesca, pelo mar inexpressivo.

E sentiu de repente que a prece nascera num ocaso alaran-  
jado de exílio sôbre o mar.

A *Marina* reapareceu uma tarde, trazendo Carlos Bairão,  
efusivo, gritante, absurdo naquele silêncio.

Tiveram uma noite boa e tranqüila no chalé.

Carlos desde que o trouxera a Santos não tinha subido mais  
à Capital. Deixara-se prender pela boêmia elegante e prairieira  
de Claro Dutra. Tinham estado num hotel do José Menino,  
justamente em companhia de Marcos Gurgel, o amigo de Nora,  
recém-chegado da América.

O seu otimismo reluzia — decerto andava tudo bem em São Paulo, adivinhava na côr do céu e do mar. Uma cartomante predissera . . .

No quarto superior do chalé, onde Jorge dormia isolado do pavilhão da família, conversaram até horas altas, ouvindo no escuro o pipilar dos morcegos.

Na manhã seguinte partiu, prometendo se ficasse em Santos, trazer à ilha Marcos Gurgel que o exilado queria conhecer.

A família do pescador era composta de tia Amélia, Mariinha, minúscula, de prêto, Clarice de sete anos e a sobrinha de treze — Vitória Agonia.

Dois agregados chamavam-se Bentinho e Seu Luiz.

Eram taciturnos e magros.

O mar tivera rugidos à noite. Pela manhã de neblina azul, muito cedo, punha sob a janela do chalé negro, entre árvores, uma rústica fanfarra. E era sempre grande e inquieto, líquido, festivo e sem fim.

Jorge vira cair a tarde sem se mover do degrau de pedra bruta da encosta. Tinha os pés nus, doloridos de cardos. Sentia nas menores ramificações musculares uma carga de vida nova. Reabilitava-se fisicamente, dolorosamente.

Carlos Bairão não tornara mais. Decerto teria voltado a São Paulo num nôvo enlêvo sexual, prosseguindo a sua vida dilapidada de grande burguês.

Talvez Claro Dutra viesse vê-lo.

Dar-se-ia ao incômodo?

E Marcos Gurgel? Podia ter regressado para junto de Nora.

Uma real impossibilidade de *démarches* fatalizava os olhos de Jorge diante do mar que o cercava. Aquela primeira semana

acalmara-lhe as nervosas precipitações do instinto. Ante o oceano largo, as serras e a floresta do litoral, tinha uma sensação de eternidade imóvel. Para que correr, afligir-se, chorar? A vida naquele casto êrmo, era isenta dos fervilhamentos das podridões. A própria fisiologia aproximava-o da animalidade dos pássaros da terra e do mar. Havia festas de velas brancas para os seus olhos nas manhãs estáticas. Uma fita de neblina anelava o recôncavo. A gente boa da ilha trabalhava calmamente. Seu Luiz, num gorro de marinheiro, varria as boas fôlhas tombadas nos caminhos de pedra, nos pontilhões, nas veredas terrosas. Uma proa de transatlântico, rumando para Santos, des-tacava-se vagorosamente do cabo abrupto dos morros.

Ja tudo calmo e pacífico.

Entretanto no íntimo de Jorge um espinho ficara, aposte-mando-lhe a tranqüilidade. A lembrança de Nora inquietava-o. Que seria feito dos olhos amendoados e claros nos cílios irrequietos?

Talvez nunca mais pudesse vê-la. Em tórno dêle crescera decerto a onda dos desafetos, das perseguições encorajadas, dos martírios planejados. Se tivesse permanecido em São Paulo, enlouqueceria talvez pela porta fácil das manias de perseguições. Um amigo que passasse sem lhe tirar o chapéu, uma saudação mais fria, um olhar indiferente criavam-lhe na cabeça alarmada uma convicção funesta de desprestígio humano. Sabiam de tô-das as suas misérias, aumentadas, glosadas num júri perene. Um implacável veredicto parecia acompanhá-lo. Discutira longamente a sem razão daquela hostilidade nos bancos dos parques, ao vento, na solidão benéfica do seu quarto.

Mas súbitamente o desmentiam. Claro Dutra oferecera-lhe o asilo encantado da ilha, onde o apertava uma vontade de crer novamente, naquelas horas imóveis.

A dedicação do marítimo Quim João, a amizade da gente pescadora, tudo o confortava. Sôbre êle velavam meia-dúzia de devotações.

O céu alaranjava-se do lado do ocaso. O mar estava muito verde no recanto de pedras.

Um grilo chamava a noite quieta, outro além respondia, outro, outro. Ele deixou o chalé antes que o sol recolhesse. E viu a família de preto reunida no ancoradouro. A *Marina* aproximava-se num arfar de motor.

Junto ao mastro vinham três pessoas de pé. Jorge distinguiu numa emoção a figura elegante de Claro.

Os dois homens que vinham com êle acenaram. Eram Carlos Bairão e um desconhecido. A lancha fez uma curva para atracar. O exilado tirou da cinta o revólver e salvou com seis tiros a imprevista chegada.

Foi um apêto confuso de mãos. Apresentaram-lhe Marcos Gurgel.

Como que instintivamente, o artista se afastou com êle para a ponta rochosa sôbre o mar. Os outros dois deixaram-nos.

A noite subia sem reбуços, sem mistérios. Uma paz vermelha recortava os montes. Jorge então perguntou ao homem cavalheiresco se conhecia Nora. O outro comoveu-se num rápido enleio. Passaram a porta franca das confissões. Marcos Gurgel amava outra mulher, mas roído de tragédia buscara em Nora o conforto talvez de um idêntico martírio.

A noite recortava sôbre a rocha a figura concentrada e nervosa do visitante. As suas palavras tinham sido simples, emocionais. Jorge olhou as ondas e o horizonte noturno, onde duas luzes distantes tremiam. O homem falava ainda, falava sempre. Era o protetor devotado de Nora.

Um grande repouso iniciara-se no coração de Jorge, onde o amor latejava. No coração da terra um grande repouso iniciara-se também.

A lua alçou-se, minúsculo aro sôbre a costa fronteira. E uma procissão de luzes vinha pelo mar. Era um navio. Dois círios iguais e trêmulos caminhavam lentamente, solenemente. Jorge escutava, vendo. O homem disse a história do seu amor inquieto, falou ainda de Nora, da apaixonada confissão que ela lhe fizera do absurdo idílio com Jorge, o homem que não amava.

Os círios cresciam no mar, parecia segui-los um frêmito longo e mudo de estandartes retesados ao vento. No centro, uma luz verde brilhava, serena. Era a procissão da esperança pela noite fechada. A lua derramava no mar um tapête claro. Sôbre a cabeça do homem que declamava, havia milhões brancos de estrêlas. E a procissão lenta, solene, passou ao vento, devagar nos mastros iguais, nas luzes iguais, nos cordames, nas âncoras, nas bandeiras pavesadas.

Tinham recolhido ao chalé negro para jantar uma peixada trazida por Quim João na lancha. Os cinco homens sentaram-se rodeando a tôsca mesa quadrada, sob a luz fumarenta do lampião.

Jorge estava em frente a Marcos Gurgel. Claro centralizava.

Tia Amélia e as meninas vieram trazer as sopeiras fumegantes, numa misturada conversa, onde a malícia de Quim João epigramava risadas animais, de olhos miúdos.

Jorge pressentia em Marcos Gurgel a mesma tristeza sua.

Claro Dutra contava aventuras do mar como em Maupasant. Comentaram-se os tintureiros ferozes da barra. Referiram-se proezas simples, naturais da gente litorânea. E o jantar escoou-se numa alegria rude de acampamento, numa concórdia roeada pelo mar.

Na partida noturna, a lancha que levava Claro e Marcos arfou entre saudações. Jorge e Carlos que ficavam salvaram longamente.

Os dois amigos foram sentar-se no rochedo. A lua nova caía. As estrêlas brilhavam fôscantente. E vendo Carlos Bairão estirado sôbre a pedra, na blusa de marujo que lhe cingia o pescoço, Jorge sentiu o pêso de sua prescrição.

Nora ia ter de nôvo, a seu lado, Marcos Gurgel, mais devotado que antes.

Jorge sentiu silenciosamente que agora a amava. O seu coração era vivo demais para estagnar.

Carlos Bairão partiu.

O mar estrondava na rocha, solapando as rochas seculares.

Bem-te-vis amarelos, estufados de pena, vinham catar as baratinhas ligeiras do pôrto.

Quim João tardava a aparecer. Um dia mandou a Jorge jornais de São Paulo. O exilado abriu as fôlhas amarrotadas na travessia. Procurou o seu nome. Percorreu inútilmente as colunas cheias, soletrou as estrelinhas, releu. Parecia-lhe que o mundo devera ter parado ante o seu comovido exílio. Como se iludia! Em São Paulo, comentava-se o casamento de uña soprano célebre na Espanha; preparava-se um faustoso banquete para a recepção do nôvo embaixador argentino; demais, automóveis atropelavam crianças, soldados espancavam presos, advogados cretinos recebiam festas de homenagem.

Os jornais também não comentavam a glória perene daquele mar.

E Nora? Um nevoeiro silencioso esbatia-lhe a figura, relegava-a já para planos confusos. Numa incapacidade de adivinhações olhando o mar, Jorge ignorava o que poderia ter sucedido no regresso de Marcos a São Paulo. Os jornais também não falavam dela, de seu calado amor, de sua cândida desgraça.

Entretinha-se nas longas horas de expectativa dos transatlânticos, a conversar com os práticos que se revezavam na

lancha de Quim João. O contágio daqueles homens marinhos dava-lhe o desespero dos entraves da terra. Eles só discutiam travessias, partidas, expedições, naufrágios. E Jorge ambicionava ter aquêles olhos afeitos às incertezas, às neblinas e aos horizontes fugidios.

A cidade humana aparecia-lhe horrível na sua mesquinha-ria de contenções, de suplícios, de raivas, de glórias anãs.

Não compreendia mais as elegâncias de Nora no seu *boudoir* perfumoso, nem aristocracias e nem confortos.

A pedra onde se perdia dias inteiros ao sol ou à bruma, às estrélas ou às ardentias, parecia-lhe o suficiente abraço da terra amorável. Para que mais?

Uma barba enruivecida enrolava-lhe o rosto tornado moreno. Os seus músculos retesavam-se, viviam na riqueza matinal das natações.

A sua máquina fisiológica funcionava num ritmo igual ao do dia sereno. Vinha-lhe um desprezo pelas cruzadas cidadinas de hipócritas devotamentos, de falsos sacrifícios, de mentirosos ideais. Os jornais que guardara assumiam ao comentário perene do mar largo, proporções de trágica comicidade. Falavam de caridade humana, afirmavam códigos de ética, bendiziam atitudes polfticas envenenadas da mais cínica exploração burguesa.

O mar rezava sempre nas rochas. No horizonte cresciam as velas mudas. E o céu criava novos ocasos.

Saiu na imensa manhã pela vereda de pedras agrestes. Um pássaro marinho piava tristemente, repetidamente, na neblina. Um inseto negro ferreteava o ar. As velas de nôvo alinhavam-se no horizonte quieto.

De repente, um sabiá coloria a ponta de um galho balouçante. Havia pipilos, conversas de aves aquáticas e assuadas imprevistas de bem-te-vis no mato.

Uma corruíra passava. E o dia em fôlha, como saído das mãos da criação, desdobrava para o alto a asa azul, acompanhando o sol.

Aquêlê abandono no rochedo dava-lhe no entanto ímpctos de chorar. Sentia um desamparo definitivo na alma descrente. Devia ser assim o inferno — na distância de todos um milagre perene de azul. E vagas noções de catecismo voltavam, retomavam posições inacreditáveis no exílio panteísta.

Um cigarro naquelas horas desertas, uma rosa silvestre miúda, amarela e quente que lhe deixava na mesa tósca do chalé a figura branca de Vitória Agonia, tudo ganhava proporções extremadas. Ele respirava sôfregadamente a flor miraculosa; sabia-a desperfumada e aspirava-a. Não era a flor, era o gesto humano que a trouxera. O cigarro que acendia carinhosamente significava o amigo que viera vê-lo na ilha perdida.

A natureza ciclópica, o mar imutável, a floresta ruidosa, nada significavam ante a prece lacrimal de uns olhos. A floresta e o mar, enfim, o cenário vazio da terra parecia parar numa finalidade atingida, sem lutas, sem metamorfoses, sem migrações. Apenas nêlê a centelha humana se debatia.

Uma rubescência sôbre os coqueirais da costa, cânticos de pássaros, vozes de nautas. A ilha amanhecia no mar encrespado.

A *Marina* atracou. Da janela do chalé, Jorge viu desembarcarem Quim João lesto e sadio, e seus homens. Desceu.

O vento batia rudemente. As ondas alargavam-se grossas, montanhosas, fundindo-se em massa verde-garrafa. Espumas prateavam cá e lá.

Quim João viera esperar o maior navio da carreira do Brasil. Era o *Brabantia* da Companhia Holandesa.

Tia Amélia serviu o café saboroso com o pão fresco trazido. Quim João brincava com ela. Uma correspondência forte, animal, de alma que desconhece artificios, sem pudôres procurados, enleava aquela gente do mar.

Eram iguais na viva inteligência, na graciosa iniciativa, na pronta resposta. Jorge revia, na sua memória, a torva consciência fechada das populações centrais, muito mais submetidas à exploração de senhores e capitalistas que as faziam desconfiadas e silenciosas. O mar, ao contrário, libertava de uma certa maneira. Obrigava a gestos, a vozes altas, a arrojadas emprêsas.

Chamavam Quim João. O *Brabantia* estava à vista. Jorge foi depressa para a ponta do rochedo.

Na manhã indecisa, as três chaminés amarelas sôbre o casco possante caminhavam entre os mastros, elevando para o alto um tênue fumo negro.

O sol não deixara ainda o seu escrínio de morros. Nenhuma outra embarcação no horizonte. Apenas a lancha, com a bandeirola desfraldada, deixou o ancoradouro, investiu o grosso mar em demanda do transatlântico.

O *Brabantia* caminhava em marcha lenta, possante e soene. E em Jorge repercutiu a emoção larga das viagens, das descobertas de portos nas madrugadas, das visões risonhas de costas. Dura a sorte que o prendia ali, êle, feito para as travessias, para as partidas dos grandes barcos, para o assenhora-mento de continente e de mares.

A gente de bordo levantava-se decerto no alvorôço do pôrto pressentido. E talvez o visse naquela pedra oceânica, inutilizadas as grandes asas travêssas.

O navio desaparecera. A lancha, sem bandeira, recolhia também, já longe, mergulhando e subindo. Sôbre a sua cabeça pairava sereno um vôo de procelária.

A noite desceu com o luar amarelo e as estrêlas muito claras entre os coqueiros.

Tôdas as lembranças de emoção marinha fixada na poesia vinham visitá-lo. Folheara a ilha como quem folheia a *Tempestade* de Shakespeare. A história de Élide, *A Senhora do Mar* de Ibsen, aparecia-lhe no encantamento envolvente das ondas. Aquelas três cabeças fulvas e selvagens de meninas levavam mais tarde para a terra o secreto compromisso de um noivado funesto com o mar. Ai! de quem amasse nas cidades empoeiradas uma filha de faroleiro. Chegaria vingadora a hora do nauta desconhecido que reclama os seus direitos pela voz oceânica das recordações.

Os desembarques matinais dos homens encapotados da lan-  
cha faziam-no viver deliciosos minutos de infância com Júlio  
Verne ao lado.

E mesmo Robison Crosué que lhe aparecera sempre cari-  
catural e litográfico, com índios palermas e roupas carnavales-  
cas, retomava direitos de humanidade. O homem só de De Foe,  
sem amor e sem gritos, começava a interessar o homem só  
que êle era, sem amor também e sem eco para os seus gritos  
que amorteciam a pouco e pouco nos barulhos da água.

As primeiras semanas do europeu no destêrro verde do  
continente achado punham-lhe estremecimentos tristes. Como  
devia ter sido o Brasil inicial para os abandonados que viam  
perder-se para sempre, nas ondas crespas, os últimos panos das  
últimas caravelas. Que adeus devia ter sido o dêles nas noites  
começadas.

Essa inquietação de voltar ao foco humano, de tornar ao  
lar, de rever a simpatia das civilizações possuía-o agora numa  
hipertensão. Era um chamado feito de pedidos lacrimais, de  
desencontrados gestos, de aflições infantis pelos rochedos.

Êle queria refugiar-se na arte que por vêzes o serenara  
como um deus. E a santificação e a calma só eram possíveis  
na correspondência entusiástica das compreensões. O Brasil  
que lhe assombrara a infância, reaparecia-lhe ali naquele sím-  
bolo da rocha entregue a tôdas as ventanias dos céus, a tôdas  
as tempestades do largo. Êle precisava voltar aos repousados  
silêncios dos *ateliers* criadores. Um chamamento invisível em-  
polgava-o naquele exílio. Deixaria o país brutal que lhe dera  
o berço hostil. Encaminhar-se-ia para a glória humana das lu-  
tas e das redenções, onde suas mãos trabalhariam a própria  
terra.

Jorge saiu para o luar do céu benfazejo. As ondas canta-  
vam na rocha solitária. Era um brinquedo de espuma sob o  
êxtase vertical da lua. Voltou ao perdido chalé. Vitória Agonia  
deixara flôres silvestres em cima da mesa.

Recostou-se ao leito, pensativo.

E súbito uma vontade de chorar acordou nêle. Seria lá fora o lamento inútil do mar? Um frenesi feito de desamparos torcia-lhe o corpo até as unhas, eletrizava-o.

O mar longínquo cantava para êle tudo o que morrera.

A ilha era perfeita. Uma Calipso sutil velava pelos seus dias iguais. Como o inquieto Ulisses, Jorge sentia crescer-lhe no peito a tósca esperança das jangadas.

Depois de comer na toalha rude, servido por Vitória Agonia, êle rezava ao mar que lhe mandava, pela janela carcomida, o sôpro direto das procelas, desde o continente africano.

— Nunca me desabitei de ser pobre! Nunca me desabitei de ser bom!

O mar incutia-lhe de nôvo um deísmo agitado. Pensava em castigos, em perdão.

Numa impotência de gestos, percebia o irremediável de sua situação na distância. Lá em cima, em São Paulo, espoliavam-no talvez, tiravam-lhe o que lhe restava, tripudiavam-lhe sôbre a honra, o nome, a vida.

Não podia voltar enquanto os tribunais não decidissem de sua sorte. Tornara-se um instrumento tenso demais. Estalaria corda a corda se o levassem à prisão. Por isso aceitara nervosamente o alvitre apressado da fuga.

Defendera a vida como quem defende uma transfiguração.

Vitória Agonia, selvática, de cabelos encordoados e a carne salgada das espumas, sorria à tristeza, ao seu silêncio. Parecia compreender as amarguras que evocava. Era Alma na infância seminua do Amazonas naufragado.

Um pássaro saudoso estridulava no calor.

Ele saía do chalé recostado à criança branca. Faziam a volta das pedras entre os coqueiros, chegavam à ponta do rochedo.

Velas adejavam na brisa forte.

O mar rendado em cinza tinha um grande claro de sol no meio.

Um bem-te-vi punha sarcasmos na floresta longínqua.

Uma grande onda de sono faquirizava o litoral sem fim, onde a calaçaria seminua nem sequer ousava mendigar.

Um torpor suave e bom apoderava-se dos membros inespertos de Jorge no chalé. Ele acordava com Vitória Agonia ao lado trazendo-lhe uma xícarinha de café ou uma cálida rosa silvestre. O mar marulhava sempre. Ela contava-lhe histórias de pesca, tinha apanhado dois paratis barbudos, uma garoupa.

O bem-te-vi insistia, longe, numa caçoada feliz.

Sob a condenação daquele sol, a preguiça brasílica empilhava séculos de história vazia, entorpecidos de sexualidade, ensangüentados de feudalismo.

Uma amizade natural, uma instintiva união de defesa, estreitava mais e mais ao nôvo habitante da ilha os restos da família de luto.

Uma opressão nervosa do peito prendera-o três dias no quarto. E a gente do pavilhão revezava-se em visitas longas, queria mandar à terra, numa incrível travessia, o bote minúsculo do pôrto, a fim de avisar Claro Dutra e trazer o médico.

A mudança climatérica provocara uma crise na sua saúde estragada. Em São Paulo, no tumulto das ruas ou no silêncio do *Clarim*, ele sentia a vida penosa que lhe ia por dentro. O coração tantas vezes golpeado, obedecia mal ao funcionamento regular da máquina física.

Agora, à restituição das côres e das forças pelas primeiras semanas marinhas, sucedera um abatimento pálido, uma teimosa reação maléfica.

Melhorou lentamente. Já ia à janela ver as vozes do pôrto, quando a lancha chegava.

Pássaros cortavam o calor aos gritos e a água estrondava sempre nas pedras. Pelas noites negras, como um ser benfazejo, o cão holandês da ilha ladrava vigilantemente. E havia cícios de morcegos no chalé.

Coincidiu a convalescença com a chegada de Claro sob um grande chapéu praiano. Ele mesmo conduzia a *Marina* na tarde mansa. Saíram pelas rochas numa efusão de histórias. Não recebera notícia nenhuma de São Paulo.

O mar tinha laivos lilases por entre as lâminas verdes do pôr do sol.

Jantaram servidos por Vitória Agonia. E Claro partiu pela noite fechada do pôrto.

Isolado de nôvo, Jorge começou a sentir a perturbação do contato virginal e selvático da menina da ilha.

Os olhos de Vitória Agonia às vêzes engrandeciam-se numa raiva angustiada, do sexo talvez, do pressentimento, da vontade. Arfava-lhe o peito trêmulo na vizinhança do hóspede. Ela tinha os lábios úmidos das sereias. Treze anos de animal livre. Seios anunciados como mastros, pernas retêsas e alvas, os cabelos emaranhados pelo vento salivoso do largo.

O mar tornara-se frio e mau. Uma neblina, riscada a compasso, cingia a ilha. Havia roncões de navio na distância cheia de perigos. E tartarugas faziam boiar os pequenos dorsos na

água do recôncavo que avenidas brancas de sol listravam nas manhãs imprecisas.

Um tiro estrugia no dia úmido. Aves gritavam passando. O sol tentava inútilmente atravessar a muralha do céu.

E dias vieram e foram enrolados no mistério da bruma. Como nunca, uma sensação de desesperado abandono cegava Jorge. Tinham-no esquecido completamente, mortalmente.

Nas manhãs iguais repetiam-se as visitas iguais da lancha. Quim João fizera-se substituir por um prático moreno e ossudo. Claro não vinha, nem Carlos Bairão, nem Nora, nem Gulnare.

Uma lembrança de antigas querelas humanas subia às vezes do mar encarvoado — tudo tão longe, batalhas abandonadas, fugas nervosas, triunfos inacabados, emprêsas mortas, renúncias.

Vitória Agonia atirava-se de repente, branca para a sua animalidade acordada. Pediu-lhe um beijo e a menina colou nos seus os lábios rápidos e quentes. Como tôdas as virgens de tôdas as ilhas, ela esperava, nas noites de sarabanda lunar, a vinda de seu cavalo-marinho.

Uma vontade de ficar para sempre ali apossou-se dêle, uma vontade de viver, de amar a ninfa nascente numa nascente existência.

Mas no contágio das superstições que a bruma trazia do largo fojo das tempestades, crédulo e doente, temia tocar o gênio benéfico da ilha.

O vestido frouxo desabotoava-lhe alvuras nas costas perfeitas, sob os cabelos crespos ao vento. Nos pulos animais,

descobria redondeza de pernas acima dos joelhos divinos. O artista modelava-lhe na retina a nudez escultórea.

Numa surpresa soube pelos práticos que estava em Santos o *Reina*, o antigo paquete que o levava à Europa. Devia partir na tarde daquele dia.

Jorge esperou deitado nas pedras até reconhecê-lo saindo.

A sua marcha altaneira, de bandeiras ao vento, as duas chaminés possantes listradas, as barcas de salvação suspensas, tinham um pouco de seu destino, haviam feito os mesmos mares, porfiado os mesmos horizontes, procurado os mesmos portos. Parecia-se ainda com êle, belo na sua maturidade experiente.

Ali, naquele tombadilho, Jorge vira afastarem-se pela primeira vez as montanhas saudosas da pátria, conhecera os primeiros contatos estranhos, amara os primeiros amôres ligeiros.

O navio, cheio de procelas, renovava travessias, impávido, grande, feliz, convidando-o a segui-lo.

Êle ergueu o braço e disse um adeus fraternal a alguém que fôsse talvez ali chorando só a emoção da primeira partida.

O navio dobrava longe na direção dos morros extremos. Fazia rumo à Europa, como quinze anos atrás, pelo mesmo roteiro, à mesma hora triste do dia.

Jorge lembrou-se que êle continha o cenário de seu primeiro romance, da sua primeira ambição sentimental.

E sorria à história extinta que entre pedras e árvores desaparecia nos mastros longínquos.

Saiu do chalé que as meninas percorriam num alvoroço de limpeza. Levava consigo os cigarros de Carlos Bairão, a rosa agreste, um livro. No pôrto, à sombra da crestada parede da casa, um barco virado estacava num convite. Em frente, a fonte perene do mar soluçava nas conchas.

Sentava-se no costado do barco humano. Sentia-lhe a rude construção de desafio, as chapas que o remendavam, os pregos

que o tinham. Fôra talhado num tronco de floresta. Um velho barco tem sempre uma grande história, uma história maior que a do oceano.

Quantas vêzes o tronco arrancado da mata pelo trabalho humano, já sinuoso e ágil, cavalgara o estuário ondulado na venturosa caçada do horizonte. E varejara as enseadas e os recôncavos, trazendo do mistério das águas o mistério dos peixes, do mistério das baías o mistério visional das praias desertas. E nas-marés noturnas arfará às estrêlas achando pequeno o mar que o continha.

O coqueiral da ilha apontava-lhe o céu vertical. O mar falava canções escutadas por Homero e pelo Dante.

Uma necessidade de realizações apertava-lhe a alma desejosa. Mas sentia a impossibilidade dos altos contágios místicos. Dentro dêle o coração endurecido resistia, silenciava.

A lancha não vinha. Trar-lhe-ia talvez notícias dos seus. Quem eram os seus? Nora decerto e Gulnare e a família com quem morava e dois ou três amigos.

Uma agitação sensibilizava-o. Se viessem notícias!

Encaminhou-se para o pôrto. Um batelão negro passava numa pulsação regulada de máquina, procurando o mar largo. Uma silhuêta de navio cortava o horizonte. Trazia o férreo casco carcomido de tempestades.

Gritaram por êle. A lancha aproava. Uma aflição suspendeu-o. Traziam-lhe um bilhete de Claro Dutra. Carlos telefonara de São Paulo. Não havia ainda decisão alguma.

Quanto tempo seria preciso ficar ainda na ilha?

Sentia uma volúpia de castigos para que se cumprisse a purificação começada junto ao leito de morte de Mary Beatriz e tantas vêzes evitada pela covardia humana de seu ser.

Uma suspeita tomou-o. Os amigos talvez lhe ocultassem uma condenação.

Vieram-lhe revoltas à lembrança do juiz que o julgava em São Paulo, o qual êle entrevira uma vez pomposo e idiota nas ruas da cidade.

Anoitecera com lua. Na escada do barracão as crianças brincavam de anel. O holofote possante de Itaipus varava o mar.

Jorge aquela noite custava a adormecer. Que pensava dêle a gente simples da ilha? A sua história por certo não começara na tarde do desembarque, quando viera trazendo a maleta do Castro. Presentira na família atenta iniludíveis cuidados à aproximação casual de qualquer barco. Temiam uma surpresa para êle. Supunham-no decerto um criminoso acoitado, um presidiário evadido.

Tinha ímpetos de falar, explicar a existência dolorosa que tivera.

Jorge ouviu gritos de comando no mar. Era domingo. Uma iole esguia, dirigida por seis remos ligeiros, afrontara o largo encaminhando-se para a ilha. Uma voz grossa patronava. Jorge distinguiu os rapazes uniformizados de um clube, músculos ao sol sob chapéu de pano. Aportaram para descansar. Recolheram os remos e o grande barco envernizado.

Jorge conservou-se quieto no chalé. Não convinha que alguém soubesse de sua presença ali. Tinha no íntimo vontade de procurar o contato estranho daqueles desconhecidos aportados ao seu refúgio. Era môço como êles, forte como êles, como êles capaz de travessias porfiadas. Mas o destino parecia tê-lo desviado dos caminhos naturais da vida e das alegrias comuns.

Ouviu um tropel na escada, bateram imperceptivelmente à porta. Era Mariinha. Tinha os olhos líquidos, esgazeados, o vultinho negro agitado de temores e numa paradisíaca língua

confusa transmitiu a Jorge um recado terrível. Que não descesse, havia gente de fora na ilha.

Ele sorriu dolorosamente, beijou-lhe a mãozinha alva, tranquilizou-a, fê-la partir.

Só, entristeceu-se. Era um foragido. Todos o sabiam. E as crianças se alarmavam da possibilidade de o verem descoberto e levado.

Itaipus vivia na sombra. A lua amarela recolhera-se entre rolos de algodão negro.

Jorge saiu no barco junto com os dois agregados quietos da ilha. Iam verificar as rêdes estendidas à tarde além do Espinhé.

Uma ardentia inquietava de incêndios o mar grosso. Os remos suspendiam prata líquida nas pás. Tainhas ligeiras riscavam fogos de Bengala nas ondas. O vento dobrava o barco.

Rodearam os rochedos. Uma linha interrompida de pontos acendia-se no fundo, dividindo as águas. Os homens queixavam-se daquele fogaréu noturno. Os peixes distinguiam a armadilha e espantavam-se. Suspenderam com os remos a trama iluminada num cauteloso exame. Nos fios gôtas de luz estagnavam, côrde-estrêla. Na noite marítima o barco dançava. Tiraram duas grandes sororocas de bôça aberta e um pequenino sargo.

Na volta, Jorge veio conversando.

Seu Luiz fôra marinheiro da fortaleza. Como pescador virara duas vêzes no mar. Era uma vida de riscos aquela. Tinha pavor dos tintureiros.

— Bicho maluçado, seu môço! Não respeita embarcação!

O seu primeiro naufrágio fôra quase a morte. Tinha vindo deixar um prático a bordo, aí mesmo em frente à ilha e o sudoeste desgarrara-o do canal. Foi parar na Moela sôbre montanhas de água. Quem o salvara fôra o primeiro do farol que tinha seguido o desastre de binóculo. Pôs sangue pela bôça durante quinze dias.

Remavam claridades. Chegaram. Vitória Agonia segurava um lampião no ancoradouro.

Um ciclo de morcegos tesourava o silêncio noturno. O mar glosava os seus eternos barulhos. Longe, canhoneava nas pedras, perto chapinhava no barco parado e sob o sono das árvores escorria monotonias de água vazada.

Jorge acordara na sua cama de presídio, foi perscrutar a solidão pela janela aberta na noite.

Uma semana se tinha escoado inteira sem a vinda de ninguém. Ficara até tarde sentado a um banco da casa, olhando escancaradamente, como quem espera o clarão longínquo do céu de Santos.

Deitou-se de nôvo. Mas súbito ouviu silvos. A natureza clareava indecisa. Foi ver. A *Marina* arfava chegando na antemanhã. Na coberta a silhueta vigorosa de Quim João. Saudou o marinheiro com o braço. E o homem gritou-lhe que trazia boa nova.

— O Dr. Claro mandou dizer que foi tudo favorável em São Paulo.

Jorge desceu numa grata efusão de surpresa. Era livre como o outro que lhe anunciava a vida, como os homens da barca e os outros da terra!

Foram tomar café no pavilhão com a família. Quim João viera esperar aquela manhã um grande navio da Mala Real Inglesa. Jorge propôs ir com êle na lancha. Numa inocência queria experimentar a capacidade de movimentos que ganhara.

Vieram para o rochedo. O sol não aparecera ainda sobre os morros de árvores. Uma melancolia divina irisava o céu matinal. Passaram barcos de pesca no mar que deixara de ser o mar de exílio.

Ficaram conversando. O práctico narrava o encontro de gente nua, por praias abandonadas, em cabanas, pedindo a Deus a fartura dos naufrágios.

Súbito destacou-se da ponta rochosa uma proa possante. Houve uma correria retinida de apitos. Jorge apanhou do chão o chapéu largo e seguiu aos saltos o práctico. Atravessaram o

pontilhão, pularam para a lancha que manobrava. Quim João tomou a direção. Jorge ficara de pé, junto ao mastro onde a bandeirola flutuava. E foram aos pinotes, aos mergulhos, pelo mar encrespado. O transatlântico aproximava-se, assumiu pouco a pouco um aspecto de tórre monstruosa. Jorge teve impressão de ser esmagado sob a proa negra e violenta que avançava. Quim João gritava ordens.

Do navio, apinhado de gente curiosa, pendia a escada de corda. O práctico esgoelou qualquer coisa em inglês. Responderam.

A lancha bateu na nave imensa.

Num pulo ágil, o práctico apanhou a escada que passava. Ficou no ar. A lancha destacara-se parada. O ajudante manobrou. Veio vindo, enquanto já longe o navio formidável sin-grava para a alegria do pôrto, entregue a Quim João.

A liberdade era assim — o melhor dos dons, o mais suave.

Uma borboleta de ouro, dançarina livre dos matos, brincou nas pedras, nos caminhos.

Seu Luís ia também deixar a ilha. Não podia ficar naquele silêncio onde nada o entretinha. Uma nostalgia parava-o longas horas, fitando a terra longínqua. Seu Luís tivera mulher e tivera uma filhinha.

Não mais o artista sonharia na rocha, solitária, ao luar frouxo das estrêlas. Pressentia a chegada alvissareira de Bairão ou de Claro Dutra para buscá-lo. Na manhã tépida, cheia de cantos de pássaros e de velas ao longe, foi para o recôncavo onde a água transparente batia. Jogou-se ao mar. Retesou em cabriolas os músculos das antigas façanhas, brincou, cha-

mou para a terra. No caminho ensombrado Vitória Agonia pôs a sua aparição silvestre acenando.

Havia festa de luz no mar. Um transatlântico minúsculo gravava o fim das águas. Ele foi visitar todos os itinerários da chegada. Uma confiança diversa da tôrva tristeza inicial animava-o. Ficou vendo longamente as ondas do mar largo esbravejarem estriando o rochedo do Espinhé, molhou na praia as solas de corda das sandálias e ao sol do meio-dia estirou-se para dormir como um animal, na pedra avançada da ilha.

Jorge sabia que à trama de ouro do destino se entrelaça a trama sem luz. Claro Dutra não vinha buscá-lo na suposta efusão, nem Carlos, nem Nora, nem Gulnare.

Uma noite êle aprestou-se a partir na lancha de Quim João que aparecia afinal aos seus olhos aflitos na fimbria escura das ondas grossas. O mar fumava-a como um cigarro. Era ela — desaparecia, brilhava, desaparecia.

No embarcadouro a voz estrídula do marítimo disse-lhe que Carlos telefonara de São Paulo. Só poderia vir daí a uma semana. Êle despediu-se da gente da ilha. Beijou no rosto Vitória Agonia que estacava numa surpresa. Desceu a pedra, levando a maleta de tela do Castro. Saltou.

No despegar do recôncavo, sentado à tolda junto de Quim João, esvaziou o revólver para a noite, numa salva ao refúgio.

Uma fileira de luzes alargou-se, abraçou-o. Transatlânticos iluminados saíam. Era Santos.

Já em terra, despediu-se num abraço de Quim João. Um bonde, um veículo humano estacava ali. Jorge sentou-se a um banco. O bonde partiu. Gente desembarçada, da cidade marítima, entrava conversando alto. A praia de residências desdobrou-se, a cidade cerrada apareceu.

Jorge sentia comovido o regresso à luminosa poeira da vida. Havia tumultos festivos nas esquinas, nos bares. Uma música de circo tocou para a sua saudade. Um carrocel cheio de

luzes punha melancolia na noite, onde bonecos desengonçados se extasiavam.

Apeou no centro. Lembrou-se vagamente de ir para um hotel. Sentou-se antes a um café. Todos os homens, de tôdas as mesas, divertiam-se, falavam. Saiu.

E levando a malinha, jornais comprados e uma vontade humilde de chorar, nervosamente, epilêpticamente, caminhou pelas ruas.

Na antemadrugada, êle acordara no quarto estranho do hotel. Vestiu-se. Pagou embaixo. Foi para a estação pelas ruas desiluminadas.

Ó trem partiu às seis horas. Começara a clarear.

Jorge d'Alvelos ia num carro de segunda-classe. Uma serenidade tomara-o.

Gente simples, calmos derrotados da vida, juntavam-se nos bancos de pau ao seu lado. Ele olhou a paisagem que corria. No claro azul fitas vermelhas alongavam-se além dos morros negros.

No *atelier* a procissão das figuras esperava-o na postura das criações.

Pôs-se a trabalhar. Em duas semanas terminou uma estátua de Gulnare. Enquanto trabalhava recordações e debates voltavam. Resolveu passar a obra para o mármore.

Vinha-lhe a memória minuciosa do tempo: os mesmos dias como aquêles, interminados, e as tragédias revivendo minuto a minuto, a cruz prego a prego. Os contatos com Gulnare eram o canto da felicidade, de nôvo pressentida. As flôres rubras do sexo, os seios abotados.

Os acontecimentos da existência tinham tido sempre para êle um sentido espetaculoso.

Nas horas de angústia, êle se sentia desdobrar numa instintiva curiosidade da própria tragédia. Raras vêzes soubera

defender-se. Numa dadivosa entrega, fôra sempre a oferta vidual de si mesmo.

Brincara com o mais doloroso dos destinos, e achara nêle o seu infantil divertimento.

Visitou Nora. E ela contou-lhe que estava para se casar. Queria dar-lhe a despedida do amor.

Jorge conservava-se imóvel, sem crer, no divã do grande quarto, sob as janelas cerradas, acariciado pela sêda do pijama dela. Encontrara a vítima definitiva de seu torturado caminho.

— Tem fortuna?

— Não tem.

— Terás de restringir as tuas necessidades de luxo. Diminuirás a tua vida?

— Por que não? O luxo é necessário para enganar a desgraça. Só para isso.

Ficou parada, recurva, fulva, os olhos de mostarda num ponto.

— Quem é? — murmurou Jorge.

— Um homem que alugou um quarto na casa aí do lado. Um homem magro, esgueirado. Nem nome tem. Mas tem um caso como eu. É uma ruína.

Havia um piano na noite.

Que doloroso coração o seu!

Seria possível que o mundo não tivesse mudado? Seria possível que tudo existisse como antigamente, numa eternidade de coisas e de gestos? Os mendigos das estradas, o mêdo, os beneficios inesperados, o assassinio e a dor como em tôdas as histórias de todos os livros?

Ou era êle que estagnava inútil, idiota, amesquinhado?

Tôda a sua revolta do início que o fizera um *out-law*, fôra afinal atenuada, desviada, amortecida. Chegara ao catolicismo. Chegara ao panteísmo na ilha.

Era o morador burguês daquele chácara burguesa. Tí-nham-lhe impôsto um caráter sentimental e tímido. Tenazmente, disfarçadamente. A pouco e pouco, lhe haviam quebrado o ímpeto dos pulsos hercúleos.

Embebedara-se do meio cretino e frouxo, a sua vida tinha sido uma imbecil domesticação, uma redução do ser revoltado, imposta por tudo e por todos.

Mas no fundo guardava ainda energias intactas. Ir-se-ia embora. Quebraria de qualquer maneira o exílio que sentia crescer agora, na maturidade. O infinito abrir-se-ia ainda à chave da vontade

Refugiava-se àvidamente no plano estético. Dava-lhe um grande sentido vocacional, pensando em sua mãe que havia olhado para o futuro com aquêles mesmos olhos seus daquela noite.

Gulnare prendia-o, mediocrizava-o. Acabaria casado e cô: no como tôda a gente de boa sociedade. A sua concentração sentimental espedaçava-se num beijo lúbrico contra o mármore da menina.

Parava assombrado ante o nu que acordava na obscuridade.

Lá dentro ia um dismantelamento. E o rosto? Como estaria o rosto naquele minuto, a máscara?

Parava ante a misteriosa angústia da obra realizada. Fize-ra aquilo sem pensar, jogando numa brutalidade de formas o nu adivinhado e palpitante que desejava. Agora, de súbito aque-las carnes falavam, clamavam nas dobras, nas linhas, nas in-críveis ondulações. Era o sonho sexual.

Lembrava-se da mãe, pequenina, gorda, cheia de bênçãos no Amazonas tórrido, acarinhando-lhe o despertar convulso de

artista. Ela mandara-o pedir proteção uma vez ao ricoço Antunes. Ele saíra numa antemanhã para ter a primeira decepção rude da vida.

A obra estava ali no vitorioso e trágico retorno, a obra pequena e gigantesca. Bendito sonho materno! Jorge estremecia na sombra palpitante.

E beijava Gulnare tôda nua.

Tomou o trem para Santos. Iria de novo à Ilha Verde agora como um visitante qualquer.

Nas estações intermediárias, foi descobrindo tôda uma vida de pequeninas existências, samburás coloridos, vasilhas de leite, cestas de frutas. Surpreendeu apostolados, a professora, o lavrador de subúrbio.

Chegou quase noite. Decidiu não procurar Claro Dutra que perturbaria o seu silêncio.

Havia lua no céu. Foi à Ponta da Praia. Tomou a lancha de Quim João onde os ajudantes o serviram alegremente. Afastaram-se pelo mar.

O hálito das estrélas descia. A lua enervava a terra.

O artista perdia-se no tóldo, junto ao mastro.

Visões lunares começaram a espia-lo dos rochedos extáticos. Vinha-lhe agora uma vontade antagônica de refugiar-se na sensualidade que lhe prometia a frágil resistência de Vitória Agonia. Lembrava-se à aproximação da ilha das coxas elásticas e brancas enfaixadas nas calças estreitas de algodão que vira nos brinquedos.

Os marítimos assobiaram. Uma débil luz anunciou a velha casa. Chegaram. A cozinha encheu-se de rumôres. As crianças acordaram. O fogo ardeu para o café.

Vitória Agonia falou-lhe baixinho, saudosa, feliz. Uma sentimentalidade represada estuou efusiva à lareira do enegrecido quarto.

Jorge saiu só para o luar do céu benfazejo. As ondas cantavam sob o êxtase da lua.

Voltou ao chalé. Vitória Agonia pusera flôres silvestres sôbre a mesa.

Ficou pensativo, recostado ao leito. E súbito uma crise nervosa acordou nêle. Um frenesi feito de desamparos torce-gava-lhe o corpo até as unhas, eletrizadas.

O mar longínquo cantava tudo o que morrera.

Voltou para Santos na lancha aparecida às quatro horas.

A tarde perfumou de luz os morros, esverdeou o mar, esfriou a terra. Tudo enegreceu num pontilhamento de luzes.

Ao subir a serra, sentiu a vida penosa do coração, o órgão há tanto tempo lesado. Regressou a São Paulo, ao *Clarim* e a *Gulnare*.

Ela vingara tôdas as outras.

Um pessimismo mortal invadiu-o. Que fôra êle sempre desde o nascimento? Tinha sido aproveitado para todos os inte-

rêsses alheios. Tinham-no ludibriado. Tinham-no despido a pouco e pouco das alegrias da existência.

A palavra Revolta veio de repente brotar-lhe à fonte sêca da alma.

Carlos Bairão e a desconhecida tinham subido de automóvel a Sant'Ana e procurado o *Clarim*. O amigo devotado conduzia uma mulher magra, amarela e escultórea até o refúgio onde Jorge tentava renascer num alento desesperado. Tinha-a descoberto no barulho de uma redação de jornal.

Discutiam no *atelier*.

— Tudo está errado. Não só a sua arte, como a sua vida.

Carlos Bairão ria.

— Somos um setor atrasado da luta de classes.

A Mongol sentara no vasto divã. As duas maçãs ósseas sorriam uma simpatia amorosa por dentes agudos e alvos.

— Grandes desviados! Que fizeram aqui vocês, enquanto nós transformamos o mundo?

Jorge sentara-se a seu lado, alegre, feliz de se penitenciar:

— Preguei um tiro no peito.

Seria ela a companheira de que precisava?

A que lhe tinham prometido tôdas as efusões mal compreendidas? Seria ela?

— Que figura espantosa!

De nôvo só, a um canto do *atelier* que falava no silêncio, êle se sentiu súbitamente persuadido. Chamavam-na sômente a Mongol.

Era uma revolucionária militante ligada ao subterrâneo humano da Terceira Internacional.

Tomara o poder com Bela-Kun na Hungria. Fôra torturada na China, atirada e ferida pela polícia burguesa nas ruas de Berlim.

Como viera até êle? Como aparecera?

A reivindicação sentimental precisou-se.

Com essa mulher integral, livre, renovar a vida, agora consciente.

Pela primeira vez alguém lhe falara que havia um mundo, a pátria organizada de todos os revoltados, de todos os oprimidos, de todos os condenados da sociedade burguesa.

Havia um mundo que justificava os protestos de sua vida. A Rússia vermelha tomou conta do cérebro de Jorge.

Sentiu um confuso rodar de tumultos.

Estava no *atelier* onde viera esperar a sua nova amiga.

Pela primeira vez, alguém lhe quebrara as hipnosés ancestrais.

Pensava em partir com ela, em ligar-se ao seu agitado destino, em ser um artista anônimo da Revolução.

Pequena e dourada ela era uma inquietação alegre e intimativa. Fizera-o ler os revolucionários sociais e conhecer os pintores murais mexicanos.

Discutira com êle. Chamara-lhe pequeno-burguês lancinante. E êle — “o grande d’Alvelos” — identificara-se súbitamente. Era de fato uma formação feudal desarrazoada e monstruosa em pleno século XX.

Os seus casos com Alma e Mary Beatriz, a sua arte abstrusa, Nora, as suas esculturas retorcidas, o seu soturno apartamento da luta diária do mundo, o que era tudo isso senão recalques,

aspirações e sofrimentos de uma subclasse do mundo feudal capitalista que o Brasil ainda não liquidara? Mais nada!

— Que fizeram vocês aqui, enquanto transformávamos a terra?

O seu atraso sobre os horários do mundo precisou-se. Pensou com acanhamento em afrontar agora, nas definitivas batalhas, a confusão agitada dos renovamentos humanos que a revolução social indicava. Sentia-se pequenino, provinciano, fechado.

Ela insistia em transformá-lo.

— Não quero que fiques só um *artista*. Quero te dar a consciência de tua pobreza, do teu trabalho e das tuas lutas contra os exploradores da vida!

Essa angústia boa do amor que não sabe, do amor que espera. Ele a sentia. Parecia-lhe que amava pela primeira vez. Talvez não tivesse nunca amado assim.

Mas a sua vida rica voltava aos pedaços. Era êle. Sentia ser impossível matar imediatamente nêle o indivíduo de classe. O romanticismo, a exaltação aventureira do eu segui-lo-iam.

Via de repente como ela tinha razão em não ceder ao alumbramento, em não transformar a euforia em vertigem. Acabariam num delírio burguês. E no cansaço inútil. Como era melhor dar tudo à ideologia. Sacrificar conscientemente o que seria de fato o amor. Pela revolução.

Mas a sua formação reacionária resistia.

Às vezes surpreendia-se ensimesmado, trágico, absurdo.

Um sentimento de recuo vinha-lhe dizer que continuasse levando resignado e sòzinho a cruz da família, pelos velhos caminhos de cardos. Apertava-lhe, porém, de súbito, o coração a lembrança dos pais pobres nas aflições da sua infância. Pensou no avô todo branco que o carregara criança. Pensou em Alma, vítima sangrenta do capitalismo. A burguesia impiedosa, pela mão de seus justicadores — cáftens e usurários — estraçalhara-os sem hesitar.

A Mongol tinha razão!

Ela recusara todos os artifícios do amor em que êle costumava se embrenhar — mensagens íntimas, torturas, sacrifícios.

Batera as pálpebras langorosas nos seus braços, despida e cálida, numa noite longa de *atelier*.

As horas caíam. O crepúsculo abatera lentamente as linhas, os relevos, os contrastes.

Do grande grupo central, os cavalos sôbre-humanos, extáticos, se haviam despregado do solo e marchavam para a sombra.

Êle perturbava-se sòzinho no caos palpitante. Como? Como? Seria possível acompanhá-la?

Saiu. Fora, numa cruciante significação coral, havia estrélas e fanfarras.

A Mongol não viria. Seguirá para as fazendas negregadas do interior. Sumira no trabalho fervoroso da agitação.

— A questão sexual é secundária — gritou-lhe partindo numa madrugada silvestre.

E a luta dentro de Jorge fizera-se doentia. Como se julgava fraco para a transformação que exigiam dêle!

Deus voltara. A sua formação religiosa o assombrava ainda. O seu sentimentalismo protestava contra o desamparo frio em que ela o tinha jogado, para servir um rival mais forte.

Caminhou o dia todo sentindo um gôsto de desgraça na boca sem beijos.

As raízes do seu ser mergulhavam no avêso da natureza. Amarraram-no pelos pés, como um fuzilado, para arrastá-lo.

Lá ia êle. . . Subiam-no agora. Êle sentia frestas de comunicação com a natureza desenfeitçada. Queria varar por elas, não podia. Súbito, o homem que estava quieto e abstrafo no trem ao seu lado gracejou num gesto desvolto e patusco. Ê veio dar-lhe a mão, atencioso e imperativo. A mão pesada agora apalpava-o, prendia-lhe um pedaço de carnes num apêrto brusco e crescente. A própria mão crescera e ameaçava rebentá-lo.

Jorge moveu a cabeça dura nos travesseiros do *atelier*, ajeitou-se melhor.

E, num assombro antigo, viu que tinha consigo, viajando no mesmo banco, Mauro Glade, o cáften de Alma.

O trem em que iam, devorava os trilhos lá fora procurando a manhã.

Foram assim longamente, tristemente, lado a lado. Presentiam-se solitários, irmãos, numa mútua angústia e numa invencível hostilidade:

Jorge falou:

— Creio que nos encontramos outra vez num trem.

— Ê verdade — respondeu o outro com a voz metálica. O seu rictus desenvolvera-se pelo corpo todo. Era um ser adunco, paralisado numa ironia que perdera o sentido.

— Ela morreu — fêz Jorge.

Mauro Glade dobrou a velha cabeça canalha e disse que ia lhe fazer uma pergunta. Jorge sentiu uma aflição vibrar em todo o seu ser, dismantelar num segundo o seu peito forte. O homem sussurrava:

— Quem a matou?

— O amor.

O homem adunco tirou o fêlto mole e negro. Estava enca-necido. Readquiriu num minuto a feição insultuosa e gelada

com que se revelara a Jorge na estação perdida da ferrovia antiga. Disse metálico e lento:

— Foi o capital!

Os outros passageiros dormiam na penumbra do vagão em marcha. Uma mulher ressonava pela boca aberta num banco.

Jorge sentiu que pairava longe, para lá da felicidade burguesa, no país dos soviets.

Os amigos trouxeram-no para a casa do Castro, trágico, esgazeado, sem colarinho. Haviam-no encontrado desfalecido no divã do *atelier*.

Na caminhada pelo jardim, carroças passavam tocando como bombos.

Colocaram-no sentado na grande sala de frente.

Estava pálido e sorria para a irradiação do vulto de Gulnare.

Uma porta de ferro fechara-lhe o peito. Não podia mais falar. Já se haviam reunido os seus condenadores. Por que? Por que tinham vindo perturbar o enorme conclave?

Olhou melhor. Gulnare chorava num lenço agarrada a Rita. Havia uma bacia no chão. Carlos falava-lhe alto. Nãc' Era a mãe, pequenina, ressuscitada que o abraçava e fazia propaganda reacionária!

— Que aflição, meu filho! Que aflição!

Lá dentro ia uma dor infinita de tudo.

E a mãe chorava perguntando-lhe. — Se não houvesse Deus, filho, que nos restaria a nós, pobres sêres sem fôrça, na torrente monstruosa que vês?

Ele pesquisava o drama obscuro dela, da progenitora ignorada, esquecida, morta.

Uma efusão de lágrimas subiu, estalou-lhe nos olhos, nã garganta. Ele ajoelhou-se ao canto escuro de uma igreja escura.

Ampararam-no.

Tinham-lhe tirado a verônica com os dedos molhados, arrancando-lhe a pele aos poucos, dos olhos, do nariz, da boca.

Ele viu multidões revolucionárias, agitadas, confusas, longínquas.

E sentiu mais uma vez o degêlo sagrado.

O camarada Deus num imenso macacão veio sentar-se à sua cabeceira e falou-lhe declamatòriamente:

— Porque te nobilitei, dando-te a vontade livre, te rebelaste contra mim, renovaste, no pequeno cenário perdido de tua vida, a tragédia dos Arcanjos!

— Senhor, foi a primeira luta de classes. . .

— Os homens mesmos deliberam os seus infernos.

— Que é necessário fazer então?

— Sofrer.

— E depois?

— Serás conduzido entre sepulcros alados, verticais, até os primeiros degraus da eternidade conquistada!

Jorge olhou e viu a manhã destacada da terra.

Estava exausto, semimorto. A síncope tenaz e o delírio se tinham revezado nove vèzes durante a noite.

Acoçdara com Castro junto à cama. Rita fôra deitar-se trágica. Passara a noite insone ao seu lado, vendo-o morrer.

Durante o dia escuro, fizeram vir um médico que o auscultou demoradamente. A crise durou cinco dias. Estava salvo. A taquicardia fôra delibada.

Rompera-se nêle o abscesso da divindade.

Sentia que se despregara do seu cérebro qualquer coisa na doença. Estava chupado e sem fôrças. Mas deixara o seu mundo de absurdos.

Convalescia.  
Esperava a Mongol.

Mantinha na sua mão a mão enluvada da môça, agradecido dela ter vindo.

Ela perguntou enterrando-lhe os olhos nos olhos:

— É agora? Queres lutar?

— Quero.

— Não uma luta interior e desgraçada, num setor imaginário. Com uma arte doentia por desabafo.

— E o amor?

— Não nego que a nossa exaltação seja boa. Dá um preço enorme à vida. Amo-te, Jorge. Mas se parássemos nisso teríamos nojo de nós mesmos.

Tivera uma cura total, ao lado dela. Saíam, viajavam, conhecendo caminhos, cidadezinhas e pequenos hotéis e deixando por onde passavam manifestos vermelhos. A crise mental fôra debelada com a crise física. Viveram dias perfeitos. E uma tarde, corajosa e simples como viera, a môça agitadora partiu.

O amor não era mais para êle uma divagação de desocupado, um divertimento de classe.

Gulnare e Rita tinham desaparecido e com elas tôdas as referências artificiosas do passado.

Êle compreendia agora, no silêncio ativo do *atelier*, que tôda a sua vida tinha sido feita das aspirações e dos sofrimentos de uma subclasse, num reduzido ambiente semicolonial da América portuguesa.

Essa convicção o desenfeitava. O velho sentido bruxo e tórvo da arte desaparecera. Revia nêle mesmo e nas suas criações as torcidas íntimas, os desejos obscuros, os sonhos sexuais

e enfim as soluções estéticas e místicas da pequena burguesia. Que fôra afinal a sua vida senão o reflexo erótico e religioso de uma classe média de cidade industrial, nas flutuações do após-guerra? O exílio anarcóide e a psicose deísta depois da carnificina mundial do ano 14. Acuado no plano estético, êle fôra apenas um pequeno-burguês liberado e dramatizante nas malhas angustas do país feudal.

Declamara, fizera tolices trágicas. E acabaria em Deus ou num hospital se não se tivesse superado.

Jorge d'Alvelos criticava-se. Fôra preciso uma mulher para fazê-lo mudar, descobrir exatos caminhos revolucionários. Fizera-se nêle o processo mórbido de uma geração, desviada no cenário longínquo e colonial do Brasil, bestificada pelo recalque sexual que o feudalismo e a igreja mantinham, ignara e romântica, doentia, tarda e tímida.

Estava preparado decerto, por tôda a sua vida de revol-tado, a receber a semente. Mas se a Mongol não viesse, talvez sua existência não conhecesse nunca o sentido heróico de seu tempo. Conheceria por outros caminhos?

A sua adesão ao marxismo não dissimulava êsse lado apaixonado que êle punha em todos os devotamentos. Êle era assim, formara-se assim. Só assim se podia ter sinceramente agredido ao socialismo anti-romântico, calculado e construtor. Românticamente.

A realidade da luta se encarregaria de transformá-lo.

Pretendia melhorar, procurava agora, numa descoberta emotiva e sensacional, os ambientes que desprezara na sua cretina aristocracia de artista. Lentamente se lhe revelou, face-a-face, o mundo dividido em duas classes — a dos exploradores que êle tantas vêzes servira e a dos explorados que àqueles se engravavam numa luta de tôdas as horas, mantida pela incerteza, pela miséria e pela revolta.

Afinal tudo lhe aparecia bem nítido.

A religião e a arte eram tóxicos para as massas proletárias, para as massas pequeno-burguesas. Ele mesmo se envenenara dando à tragédia capitalista de Alma uma repercussão falsa e torturante, que o levava a tentar o suicídio no Palácio das Indústrias. Que tinha sido Mary Beatriz senão a pequeno-burguesa típica, literária e viajada?

Desfazia assim, despregava das paredes emboloradas do espírito, os velhos retratos queridos.

E experimentava um descanso enorme em compreender.

Sentia-se um homem como os outros. Pela primeira vez vira partir uma mulher que amava, sem montar teatralmente um mito cerebral. Descia de Sant'Ana tôdas as tardes. Através do antigo formador do Palácio das Indústrias, conseguira penetrar nos sindicatos operários. Auscultava assim pela primeira vez a massa ululante e confusa, agitada e desperta pelos golpes revolucionários que se sucediam no país.

Sentia-se ainda místico. Ia aos comícios como antigamente ia à missa. Mas o materialismo caminhava na salvação do seu ser humano. Suas pretensões eram mínimas. Sabia que os pequenos-burgueses, orientados para o marxismo como êle, por um acidente, só poderiam seguir a reboque do proletariado como antes tinham vivido nas águas do capitalismo.

Faltava-lhe isto — a perseguição política!

Prêso na praça pública emocional de um 1º de maio no Braz fôra solto depois de passar duas noites agitadas e insones com dez camaradas num cárcere sórdido.

Os amigos tinham intervido. Mas a repressão continuava. A Ordem Social que permitia a subversão ativa feita pelos grupos burgueses, aguçada na luta dos interesses imperialistas, que

permitia as organizações conspirativas regionais e a existência daninha dos grupos anarcóides, era um castelo montado contra o espectro de Marx e de Engels.

Um tira sinistro, avinhado, com uma bengala grossa na mão, procurara-o numa reunião dos Operários Gráficos.

Avisado, êle conseguira escapar pela escada, logo depois do homem sair. Queriam atirá-lo como agitador no presidio marítimo de uma ilha ou no exílio hostil de qualquer pôrto sul-americano.

Na noite rumorosa e comum de São Paulo, com rádios, altofalantes, ajuntamentos e sorvetes, êle caminhava perseguido. Esperava a tôda hora ser interpelado, prêso.

Parecia-lhe que todos sabiam a sua história.

Tomou na Praça João Mendes um bonde amarelo que descia para Santo Amaro.

O bonde sôbre sapatos de aço atravessou bairros adormecidos.

Havia chegado à vila, sem incidente. Seriam onze horas. Bilhares e bares abriam ainda portas mortas para o largo provinciano da igreja. Automóveis alinhavam-se a um canto.

Jorge aproximou-se instintivamente.

Um *chauffeur* baixotinho, quase prêto sob a casquete de couro e a capa, aproximou-se também.

— Boa-noite! Quer ir à Reprêsa?

— Não. Quero fugir.

Aquela confissão, brotada do subconsciente do artista, não espantou o homem.

— Estou às suas ordens.

- E para onde você me leva?
- Para a minha casa.
- Mas você não me conhece...
- Que é que tem? Eu trabalho tôda a noite. O senhor pode dormir na minha cama.
- Eu estou perseguido como comunista...
- Não faz mal.

O carro gasto, de molas guinchantes, a capota rasgada, onde o vento da noite barulhava, rodou por uma estrada acesa e deserta. Depois tudo escureceu. Passaram aglomerações de casas silentes.

Jorge recusara a oferta generosa.

O homem mal sabia o que êle era, por que fugia.

Tinha combinado então levá-lo na direção da Serra do Mar. Estariam em Santos pela madrugada. Lá tomaria rumo.

Arbustos gigantescos ganhavam em escada as alturas. Caminhos estreitos ladeavam, perdiam-se entre porteiras. O cheiro da mata excitava. Às vêzes um carro ofuscava a noite, passava na direção contrária.

Jorge ia dominado por uma emoção oposta ao ciclo que formara sua vida anterior. Voltara à efusão da infância, aos primeiros passos diretos, entusiásticos e líricos, numa eclosão final da sua consciência de lutador.

Quebrara-se o exílio que fazia dêle um apartado da vida, um escravo dos mitos corrosivos do amor, de Deus e da arte.

Só ao lado daquele homem pequenino, que fumava no volante, a caminho de miseráveis casas proletárias, onde êle seria abraçado, sem se indagar quem tinha sido, Jorge sentia, através do trabalhador, uma ligação secreta com a humanidade tumultuosa que construiria o futuro.

Longos anos atrás descera aquela serra ao lado de Alma, individualista, ciumento, odioso, numa roda de meninos bonitos e inúteis.

Depois fugira sem compreender como devia lutar contra o capitalismo que o perseguia, sem saber que a vida era um choque de classes.

Era outro homem o que procurava agora comunidades ilegais, prêso para sempre às cordas humanas da revolução social.

Descia na madrugada cheirosa. Um horizonte prático exaltava-o. A questão sexual, como predissera a Mongol, passara para um plano inferior, sem orgias de sentimentos, sem fantasmas e sem saudade.

Ele era apenas um trabalhador. E bastava isso para desencantar as suas antigas solidões.

Lembrou-se, com os seus olhos novos, da gente pobre da Ilha Verde. Quim João, Vitória Agonia. Iria revê-los.

As suas mais caras saudades, as suas roupas e malas, os seus retratos e os seus livros, deixara-os no *Clarim*. Talvez definitivamente. Talvez nunca mais pudesse buscá-los. No romantismo da sua primeira evasão política, supunha-se Aasverus.

Não tinha mais nada senão a roupa do corpo e as mãos para trabalhar.

Era um fugitivo.

Mas onde houvesse uma consciência revoltada, na luta contra a exploração do homem, abrir-se-lhe-ia sempre uma casa, uma célula da transformação do mundo.

Irmãs, irmãos, a família afinal, a família humana, jorrada nos mesmos anseios, êle a encontraria longe das trágicas convenções e das diferenças.

Poderia, assim, varar fronteiras, percorrer países de outra língua, passar continentes, cidades, granjas, matas e caminhos. Nunca seria um estrangeiro entre os condenados sociais e os oprimidos pelo capital.

Um encarvoado saci o conduzia. Para onde?

A voz do homem falou no escuro.

— Tudo gente que nem o senhor! Tem de tôda raça. Alemão, Lituano, Prêto, Argentino, Índio.

— Onde?

O *chauffeur* fêz com os ombros um gesto imenso.

— No mundo do sofrimento.



Este livro foi escrito de 1917 a 1921 e publicado em três volumes, espaçadamente, sob o título — *A Trilogia do Exílio*. Reedita-se hoje na sua forma literária primitiva.

---

Este livro foi impresso  
em Off-Set nas oficinas  
da Cia. Editora Fon-Fon  
e Seleta, sita à rua Pe-  
dro Alves, 60 — Centro  
— Rio de Janeiro —

---

mantelava a estrutura linear do romance aproveitando a gramática e a sintaxe do cinema: praticava a simultaneidade de cenas; exercia o processo contrapontístico, de Huxley, antes mesmo que dele se utilizasse o famoso autor inglês; fixava sinteticamente caracteres e psicologias; dava ao estilo funções inusitadas; retratava com verismo a conduta da classe dominante e as sufocadas revoltas, os surdos conflitos entre os poderosos e os que comem "a lama da vida".

Mário da Silva Brito na sua introdução a um tempo didática, crítica e historicamente documentada, demonstra que na trilogia *Os Condenados* já se encontram, em germe ou fermentação, os grandes temas que, em outras obras, Oswald iria tratar de maneira mais ampla e contundente. Correlacionando a vida do escritor e o mundo imaginário do ficcionista, o autor de *Diário Intemporal*, que conheceu intimamente o poeta de *Pau-Brasil*, consegue lastrear as raízes fortemente autobiográficas do tríptico, concluindo que é a transfiguração artística e catártica de drama existencial vivido pelo próprio Oswald. O romancista nesses livros já definitivamente incorporados ao patrimônio das letras em língua portuguesa — livros que são inalienável fortuna de nossa cultura — como que expulsa todos os seus fantasmas, liberta-se de suas confusões íntimas e do que aprendera fosse o mundo. E o Oswald que se utiliza do romance "como forma de explicar a vida e portanto de orientá-la", como, certa vez, definiu ao gênero.

Romance ao mesmo tempo precursor e permanente, *Os Condenados* narra dilacerantes histórias de amor que se desenrolam no cenário urbano e cosmopolita da cidade de S. Paulo. Poesia, realismo, dor, entrechoque de paixões e de temperamentos tormentosos, revolta e denúncia de injustiças, fazem desta obra leitura de intensa emoção por sua beleza literária e profundo significado humano.

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

## Os Condenados

— trilogia composta dos romances  
*Alma, A Estrela de Absinto e A Escada* —  
constitui o volume inicial das

OBRAS COMPLETAS DE  
OSWALD DE ANDRADE

— escritor responsável pelas profundas  
transformações ocorridas no plano da  
poesia e da prosa brasileiras  
através de obras precursoras,  
que instituíram ou insinuaram novos  
rumos e roteiros estéticos e sociais.

Em

## Os Condenados

a prostituta Alma, o cáften Mauro Glade,  
o velho Lucas, o telegrafista João do Carmo,  
o escultor Jorge d'Alvelos, entre outras  
personagens de rica substância humana,  
vivem pungente e comovedor drama existencial  
num romance que também fixa os vícios sociais  
da São Paulo urbana e cosmopolita, a amarga  
revolta dos que comem a lama da vida  
e os surdos conflitos entre poderosos e desvalidos.

---

MAIS UM LANÇAMENTO DE CATEGORIA DA  
**CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA**